

FÁBIO DA SILVA SOUSA

OPERÁRIOS E CAMPONESES. A repercussão da Revolução Mexicana na Imprensa Operária Brasileira (1910 – 1920)

ASSIS

2010

FÁBIO DA SILVA SOUSA

OPERÁRIOS E CAMPONESES. A repercussão da Revolução Mexicana na Imprensa Operária Brasileira (1910 – 1920)

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista para a obtenção do título de Mestre em História (Área de conhecimento: História e Sociedade).

Orientador: Carlos Alberto Sampaio Barbosa

ASSIS

2010

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sousa, Fábio da Silva
S729o Operários e camponeses. a repercussão da Revolução
Mexicana na imprensa operária brasileira (1910-1920) / Fábio
da Silva Sousa. – 2010.
186 f. : il.

Orientador: Carlos Alberto Sampaio Barbosa.
Dissertação (Mestrado)–Universidade Estadual Paulista,
Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2010.

1. México – História – Revolução, 1910-1920 2. Movimento
operário – Brasil 3. Anarquismo e anarquistas – Periódicos
mexicanos 4. Periódicos brasileiros 5. Cultura política I. Título

CDD 972.0816
335.83

*Dedico a Marli Rosa,
a verdadeira Revolução da minha vida*

*A minha família,
a minha Fortaleza da Solidão*

*E aos meus amigos e amigas
que já se foram*

Agradecimentos (e lembranças)

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP, agradeço o apoio e o investimento, que foram fundamentais em diversos aspectos para a concretização desse trabalho.

Ao Prof. Dr. Carlos Alberto Sampaio Barbosa, “Beto”. Além de professor e orientador, tornou-se um verdadeiro amigo. Sua leitura cuidadosa e crítica dos meus textos, o seu respeito, e, acima de tudo, as suas palavras de incentivo e de confiança no meu potencial como pesquisador foram decisivos para a realização desse trabalho e para a minha formação como historiador. Ao Beto, obrigado por tudo isso (e pelo café sem açúcar “buendiano” presente em nossas reuniões). Agradeço também à Daisy de Camargo, pelas conversas descontraídas e cheias de vida, pelos livros emprestados sobre o anarquismo e pelo auxílio na confecção da ficha catalográfica.

Aos professores do departamento de história da UNESP também devo muito: os momentos no interior da sala de aula e também fora dos muros da universidade foram importantes no tempo em que realizei a minha graduação e a pós em Assis. A esses profissionais credito o aumento de minha paixão pela História. Também gostaria de deixar registrada a minha gratidão ao Prof. Dr. José Luis Bendicho Beired pela sua leitura crítica do trabalho na banca de qualificação. Suas opiniões foram importantes por apontar aspectos da pesquisa, que foram melhorados, e por antever críticas acerca do meu trabalho. Ao Prof. Dr. Sérgio Augusto Queiroz Norte e Silva agradeço pelas verdadeiras aulas de liberdade, pelas indicações de leituras e pela colaboração entusiasmada também em minha banca de qualificação.

Aos funcionários dos centros de documentação onde realizei minhas pesquisas: no CEDEM, um agradecimento especial ao Luís, pela atenção, agilidade e profissionalismo com que fui atendido; às funcionárias do CEDAP agradeço por toda ajuda; e aos profissionais do AEL, muito obrigado pela simpatia e pelo auxílio nas diversas etapas da pesquisa.

Dedico um agradecimento especial aos participantes do projeto temático *Cultura e Política nas Américas: Circulação de Idéias e Configurações de Identidades (Séculos XIX e XX)*, pelas várias sextas-feiras de discussões e de troca de conhecimentos.

À Profa. Dra. Maria Helena Rolim Capelato agradeço pelas suas aulas da disciplina que cursei como aluno especial na USP, em 2008, e pelo interesse em participar da banca de defesa desse trabalho. É uma honra.

De minha viagem ao México nesse ano de 2010, gostaria de lembrar aqui do Prof. Dr. Álvaro Vázquez Mantecón, pelo curso ministrado em 2008 na UNESP e pelo convite para apresentar, na UAM, uma conferência sobre meu trabalho. Ao Prof. Dr. Guillermo Palacios agradeço pela atenção recebida em El Colegio de México, pelo interesse no projeto, e por ter me auxiliado nas pesquisas que realizei na biblioteca “Daniel Cósio Villegas”. À Profa. Dra. Regina Crespo, meu muito obrigado pelas orientações fornecidas sobre a hemeroteca da UNAM, e pela indicação de pesquisa na Casa Museo Benita Galeana. Por fim, agradeço a Alejandro de la Torre pelo intercâmbio de materiais e de informações sobre a trajetória do anarquismo no México. A todos vocês, *muchas gracias!*

Aos meus amigos e amigas: da época do cursinho (Roger); de minha época de graduação (André “Mestre”, Gunther, Camila, Ximiti, Potira, Bira, Suellen, Dilsão, James, Cássia, Thamiris, entre outros); e aos que conheci no período da pós (Valdir, Igor, Padreco, Itamar, Mirian, Barthon e “Carioca”). Ao “Seu” Luiz, pelos momentos “bukowskianos” no Extensão Universitário. À Natally Vieira, pelas conversas entusiasmadas sobre os nossos projetos.

À Marli Rosa, não há palavras para descrever como foi importante a sua presença na minha vida e na etapa de finalização da escrita dessa dissertação. Amiga, companheira, uma verdadeira rosa que nasceu em meu planeta, agradeço pelo amor, pela compreensão e por sua leitura atenciosa das diversas versões desse trabalho.

A minha família: minha mãe, Dona Eva, que lutou junto comigo em minha estadia em Assis, sua força é uma inspiração para mim; ao meu pai, “Seu” Sousa, pela alegria de viver e pela visão positiva da vida; às minhas irmãs Camila, a quem eu espero ter transmitido todos os meus acertos, e Kelly, que, mesmo distante, sempre está comigo; enfim, a todos, espero que perdoem os meus erros e que saibam que amo todos vocês, do fundo do meu coração.

A todos, muito obrigado!

*“O fantasma que se chama passado
é muito dado a falsificar o seu passaporte.
O passado tem um rosto, que é a superstição;
e uma máscara, que é a hipocrisia.
Denunciemo-lhes o rosto,
e arranquemo-lhes a máscara”.*

Victor Hugo, *Os Miseráveis*

Sumário

Lista de Figuras	09
Resumo	10
Abstract	11
Introdução	12
1. Anarquismo e imprensa libertária no movimento operário da Primeira República Brasileira	33
1.1. A luta dentro dos sindicatos: anarco-sindicalismo ou sindicalismo revolucionário?	46
1.2. A flor exótica no Brasil: construção de um mito de repressão	54
1.3. Idéias à prova de balas: a imprensa <i>dos e para</i> os operários	58
2. “ <i>Ecos das carabinas</i> ”: A Revolução Mexicana nas páginas da Imprensa Operária Brasileira de 1910 a 1920	65
2.1. Rede anarquista: revolução, solidariedade intercontinental e circulação de idéias	67
2.2. “ <i>Devemos seguir a Revolução!</i> ”: representações da Revolução Mexicana no imaginário político do movimento operário da Primeira República	97
2.3. Desenhos e palavras: imagens libertárias da Revolução Mexicana	126
3. O outro lado do Atlântico: impactos mundiais na leitura operária da Revolução Mexicana.....	147
Considerações finais	166
Fontes e Referências Bibliográficas	170
Anexos	181

Lista de figuras

- Figura 1** – Fotos ilustrativas da matéria referente à Revolução Mexicana publicada em *A Guerra Social*, n° 01, de 29/06/1911, p.02..... 68
- Figura 2** – Capa de *A Guerra Social*, n° 01, de 29/06/1911, p.01.....101
- Figura 3** – Página n° 04 da 122ª edição do *Regeneración*, de 13 de janeiro de 1913.....129
- Figura 4** – Página n° 05 da 122ª edição do *Regeneración*, de 13 de janeiro de 1913.....131
- Figura 5** – À esquerda temos o desenho original de *Regeneración*; à direita a versão alterada de *A Lanterna*.....134
- Figura 6** – À esquerda, a ilustração de *Regeneración*; à direita, de *A Lanterna*.....136
- Figura 7** – Ilustração da 1ª página da 122ª edição de *Regeneración*, publicada também em *O Paiz*.....138
- Figura 8** – Charge da capa do *Regeneración*, n° 130 de 01/03/1913.....144

SOUSA, Fábio da Silva. **OPERÁRIOS E CAMPONESES. A repercussão da Revolução Mexicana na imprensa operária brasileira (1910 – 1920)**. 2010. 186 f. Dissertação (em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Assis – SP.

Resumo

Essa dissertação tem como objetivo central analisar de que forma a Revolução Mexicana, eclodida no início do século XX, foi acompanhada pela Imprensa do Movimento Operário Brasileiro de orientação anarquista, no período de 1910 a 1920. Esse evento histórico foi o primeiro de apelo social acompanhado pelos trabalhadores operários da Primeira República do Brasil. Como fonte de pesquisa, utilizamos os periódicos *La Battaglia*, *A Guerra Social*, *A Vanguarda*, *A Voz do Trabalhador*, *Germinal!*, *Na Barricada* e *O Cosmopolita*. Descobrimos, por meio de uma leitura crítica das matérias publicadas nessas folhas, que o periódico *Regeneración*, folha oficial do Partido Liberal Mexicano, foi largamente utilizado pelos operários gráficos como fonte de informações acerca dos desdobramentos do processo revolucionário mexicano. Ao circular por uma rede de contatos intercontinental, o *Regeneración* foi bastante lido pelos círculos anarquistas da Europa e das Américas, e divulgou uma leitura radical e libertária da Revolução em curso no México. Ao trabalhar com esse processo de circulação de idéias e com tais folhas da imprensa operária, visamos compreender como a Revolução Mexicana foi interpretada pelo movimento operário, qual foi o seu impacto no imaginário político desse segmento social, e como se configurou essa rede de contato e de solidariedade intercontinental entre os anarquistas da Primeira República do Brasil para com os insurgentes do México revolucionário.

Palavras-chaves: México – História – Revolução, 1910-1920, Movimento operário – Brasil, Anarquismo e anarquistas – Periódicos mexicanos, Periódicos brasileiros, Cultura política.

Abstract

This thesis consists, mainly, of an analysis of how the Mexican Revolution, occurred in the beginning of the XXth Century, was followed, from 1910 to 1920, by the Brazilian Workers' Press, which had an anarchist orientation. This historical event was the first one with social appealing that was followed by the factory workers of the First Republic of Brazil. As research sources, it was selected the journals *La Battaglia*, *A Guerra Social*, *A Vanguarda*, *A Voz do Trabalhador*, *Germinal!*, *Na Barricada* and *O Cosmopolita*. It was concluded, based on a critical reading of the texts published on these periodicals, that the journal *Regeneración*, the official publication of the Mexican Liberal Party, was widely used by the press workers in Brazil as a source for new information on the Mexican revolutionary process. By circulating around an intercontinental network, the *Regeneración* was widely read by the anarchist circles in Europe and in the Americas, and it has also spread a radical and libertarian interpretation of the revolution that was taking place in Mexico. By working with this process of circulation of ideas and the periodicals of the Workers' Press, it was aimed to comprehend how the Mexican Revolution was interpreted by the factory workers' movement, what was its impact on the political imaginary of this social segment, and how this intercontinental network was built up and used by the anarchists of the First Republic of Brazil in order to help the rebels of the Revolutionary Mexican.

Key words: Mexico – History – Revolution, 1910-1920, Movement of Workers – Brazil, Anarchism and Anarchists – Mexican Journals, Brazilian Journals, Political Culture.

Introdução

*Todo livro de história digno desse nome
deveria comportar um capítulo ou [, caso se prefira],
inserida nos pontos de inflexão da exposição,
uma série de parágrafos que se intitulariam algo como:
“Como posso saber o que vou lhes dizer?” Estou
convencido de que, ao tornar o conhecimento dessas
confissões, inclusive os leitores que não são do ofício
experimentariam um verdadeiro prazer intelectual.
É o tudo pronto que espalha o gelo e o tédio.*
(Marc Bloch, Apologia da História, ou, O ofício de Historiador)

Escrever História é uma atividade árdua e, até certo momento, solitária. O tempo dedicado à leitura de livros, à pesquisa em arquivos e ao esforço em sintetizar toda essa atividade laborial em palavras requerem dedicação, vigor e, acima de tudo, afetividade por esse ofício. Uma pesquisa histórica não se origina do nada. Antes mesmo de entrarmos em bibliotecas ou em arquivos, devemos encontrar alguma problemática no campo historiográfico, ou seja, elaborar questões que mereçam ser respondidas. E somente na busca por tais respostas, por esse conhecimento, uma obra histórica pode ser efetivamente desenvolvida. Longe de *recuperar* momentos de eras passadas, nós, historiadores, escrevemos e reescrevemos continuamente a História, guiados por questões que o presente levanta. Nessa atividade de pesquisa, as fontes acabam se tornando essenciais em nossas buscas por respostas do passado; contudo, como demonstrado por Carlo Ginzburg, devemos ser cuidadosos quando nos deparamos com elas, evitando, ao máximo, uma sedução fetichista pelo documento: “As fontes não são nem janelas escancaradas, como acreditam os positivistas, nem muros que obstruem a visão, como pensam os cépticos: no máximo poderíamos compará-las a espelhos deformantes”¹. Para o historiador italiano, o documento de uma pesquisa histórica não apresenta respostas fáceis; contudo, também não são barreiras intransponíveis. O questionamento do documento, em nosso caso específico,

¹ GINZBURG, Carlo. *Relações de força: história, retórica, prova*. Trad. Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p.192.

os jornais pertencentes à categoria de imprensa operária, tornou-se uma ferramenta fundamental para o desenvolvimento de nossa pesquisa histórica.

A partir desses pressupostos teóricos, a presente dissertação objetiva investigar a repercussão da Revolução Mexicana na imprensa operária brasileira, tendo como baliza temporal o decênio de 1910 a 1920. Essa década selecionada corresponde ao período de início da Revolução do México, em novembro de 1910, até a Revolução Constitucionalista Liberal, em 20, que teve como fatos importantes a morte de Venustiano Carranza e a consolidação de uma classe dirigente advinda do Estado de Sonora, por meio da posse de Álvaro Obregón, em primeiro de dezembro do mesmo ano. A década de 1920 também representou o período de reconstrução nacional e marcou o fim dos combates armados das diversas facções mexicanas, resultados da morte de Emiliano Zapata em 1919 e da rendição de Francisco “Pancho” Villa. Esses eventos estabilizaram o Estado e definiram as características do México moderno ².

Em contraste com a historiografia tradicional, que, guiada por uma perspectiva eurocêntrica defende o término do século XIX em 1914, com o início da Primeira Guerra Mundial ³, para alguns intelectuais, o México possui uma cronologia distinta ⁴. Desta perspectiva, o século XX no México se iniciou quatro anos antes da eclosão do conflito bélico europeu, com a Revolução Mexicana:

No México, contudo, a mudança de século se dá em 1910. A belle époque mexicana termina com uma revolta contra um ditador decrépito, Porfirio Díaz, que aos olhos das classes médias modernizadoras e de alguns setores da pujante

² Cf. CAMÍN, Héctor Aguilar & MEYER, Lorenzo. *À Sombra da Revolução Mexicana: História Mexicana Contemporânea. 1910-1989*. Trad. Celso Mauro Paciornik. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

³ Essa perspectiva temporal foi bastante utilizada pelos historiadores René Remond e Eric J. Hobsbawm. Para mais detalhes consultar: RÉMOND, René. *O Século XX: de 1914 aos nossos dias*. Trad. Octavio Mendes Cajado. 15ª ed. São Paulo: Cultrix, 1997; HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914 – 1991*. Trad. Marcos Santarrita. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. Contudo, o próprio Hobsbawm realizou uma autocrítica dessa linha demarcatória no livro: _____. *O novo século: entrevista a Antonio Polito*. Trad. Allan Cameron & Cláudio Marcondes. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

⁴ Cf. CAMÍN, Héctor Aguilar & MEYER, Lorenzo. *À Sombra da Revolução Mexicana...*

América do Norte, já era um personagem obsoleto que se perpetuava no poder desde 1877.⁵

Dito isso, algumas características particulares da Revolução do México se manifestam no seu forte papel presente na sociedade mexicana, na sua mistificação, na disputa pela sua memória e história, e na sua forte herança mítica e discursiva.

Essa delimitação temporal também é relevante na história operária do Brasil. Os anos de 1910 a 20 correspondem à época de intensa circulação de periódicos e folhetins libertários, de organização e orientação política do movimento operário, que teve como ápice em nível nacional, a Greve Geral de 1917. Em concordância a esses fatos, Maria Nazareth Ferreira, em sua pesquisa, dividiu a história do movimento operário da Primeira República em cinco fases. A nossa periodização de investigação se encaixa na fase em que a estudiosa dos jornais operários denominou de *Resistência*, que abrange os anos de 1888 a 1919⁶.

Selecionados os jornais operários como fonte privilegiada de pesquisa, tem-se como determinante sondar a maneira pela qual o processo revolucionário mexicano foi registrado e interpretado pelo movimento operário brasileiro. Ressaltamos como relevante o fato de que a Revolução Mexicana foi o primeiro processo revolucionário de apelo social do século XX⁷ que o operariado brasileiro acompanhou no *calor do momento*, sendo que o segundo levante mais significativo, a Revolução Russa, ocorreu sete anos após a explosão revolucionária no México.

Apresentado esse quadro, algumas questões inicialmente guiaram a presente dissertação: Qual foi a postura do movimento operário brasileiro diante da Revolução Mexicana? Qual foi o seu impacto? Houve uma identificação entre os operários da

⁵ CURZIO, Leonardo. O México no século XX: da revolução à democratização. In: AGGIO, Alberto & LAHUERTA, Milton (Org). *Pensar o Século XX: Problemas políticos e história nacional na América Latina*. São Paulo: Editora Unesp, 2003. p.291.

⁶ FERREIRA, Maria Nazareth. *A Imprensa Operária no Brasil. 1880 – 1920*. Petrópolis: Vozes, 1978. p.33.

⁷ Essa marca social e pioneira da Revolução Mexicana foi destacada por Eric J. Hobsbawm “como um levante social importante, a primeira do gênero num país agrário do Terceiro Mundo [...]”. In: HOBSBAWM, Eric J. *A Era dos Impérios. 1875-1914*. Trad. Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p.396.

República do Brasil com os revolucionários do México? Existiu um apoio internacionalista à insurgência armada mexicana por parte dos indivíduos pertencentes ao operariado nacional? Não obstante, no desenvolvimento da pesquisa, algumas dessas interrogações foram elucidadas e, ao mesmo tempo, outras perguntas começaram a ser formuladas.

A relação entre a Revolução Mexicana e a imprensa gerou alguns estudos no Brasil. Importante autor do movimento anarquista brasileiro e português, Edgar Rodrigues⁸, em dois textos, realizou uma breve referência sobre à Revolução Mexicana em uma breve leitura do periódico libertário brasileiro *A Guerra Social* e publicações ácratas de Portugal, como *A Aurora* e *A Sementeira*. Rodrigues defende, nesses estudos, que a Revolução do México foi uma experiência que “qualquer que seja o cunho que lhe queiram dar os historiadores, jamais poderão apagar essa feição popular e libertária da revolução social mexicana [...]”⁹.

Essa edição de *A Guerra Social* citada por Rodrigues, nº 20, de 10 de abril de 1912, também aparece na obra pioneira de Maria Nazareth Ferreira sobre a origem e a trajetória da imprensa operária no Brasil. No espaço dedicado aos anexos de seu livro, a imagem do exemplar que a autora escolheu do periódico possui a seguinte matéria de capa: “A Revolução no México, Ela apenas começa – A terra para todos! --- Tal é o grito do povo revoltado”¹⁰. Apesar desse importante espaço dedicado pelo periódico à Revolução Mexicana, ao estampá-la como matéria de capa, julgamos relevante citar que, em seu trabalho, Ferreira realizou uma análise da atuação dos jornais operários diante da Primeira Guerra Mundial e da Revolução Russa, sem focar, no entanto, qualquer comentário sobre o processo revolucionário mexicano.

No campo historiográfico, temos o trabalho de Carlos Alberto Sampaio Barbosa. A partir de análise de diversos textos escritos pelo diplomata Manoel de Oliveira Lima acerca da Revolução do México, publicados no jornal *O Estado de S. Paulo*, *OESP*, bem como de

⁸ Recentemente falecido, Edgar Rodrigues, estudioso autodidata, produziu uma das mais extensas bibliografias sobre o movimento anarquista brasileiro. Mesmo que pese uma leitura crítica de seus escritos, é inquestionável a grande importância de suas obras como fonte documental para a história do anarquismo em língua portuguesa, tanto no Brasil como em Portugal.

⁹ RODRIGUES, Edgar. *Universo Ácrata. Volume 2*. Florianópolis: Insular, 1999. p.124.

¹⁰ FERREIRA, Maria Nazareth. *A Imprensa Operária no Brasil. 1880 – 1920...*

algumas matérias do periódico operário *A Voz do Trabalhador*, Barbosa enfatiza a diferença de enfoque produzida por essas folhas impressas. Segundo o autor, *A Voz do Trabalhador* criticou a cobertura do México Revolucionário realizado pelo OESP e rotulou-a de “burguesa”¹¹.

Uma contribuição recente foi realizada por Natally Vieira Dias, que, em sua dissertação, pesquisou jornais da grande imprensa¹² brasileira e argentina. A autora trabalhou com a repercussão da questão do Pan-Americanismo e da conjuntura diplomática do Pacto ABC no momento mais delicado da Revolução Mexicana, frente à crise decorrente da intervenção dos Estados Unidos no México em 1914¹³.

Por meio desse panorâmico itinerário bibliográfico, afirmamos que a problemática entre Revolução Mexicana e imprensa gerou diversas pesquisas. Contudo, ao delimitarmos essa relação do objeto (Revolução) e da fonte (periódicos operários) ao nosso tema de pesquisa, sustentamos que há uma lacuna de estudos a ser preenchida.

A análise de Edgar Rodrigues referente à leitura da imprensa e à postura do movimento operário brasileiro perante a Revolução Mexicana foi formulada a partir de apenas uma matéria publicada em *A Guerra Social*. Mesmo citando um breve trecho dessa matéria, ficamos com as seguintes questões: houve uma regularidade na publicação de matérias sobre a Revolução do México em números posteriores ao do exemplar citado? Caso tal questão tenha uma resposta afirmativa, essa postura de denominar a Revolução como um levante social se manteve ao longo dos outros números? Como os operários

¹¹ BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio. A repercussão da Revolução Mexicana na Imprensa Brasileira. In: *Patrimônio e Memória - Cedap*, v.2, n.1, 2006. Disponível em <<http://www.cedap.assis.unesp.br/patrimonio_e_memoria/patrimonio_e_memoria_v2.n1/carlos%20alberto%20sampaio%20barbosa.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2009.

¹² Nelson Werneck Sodré foi pioneiro em definir o conceito de *Grande Imprensa* como a de relações entre capitalismo e meios de comunicação. Recentemente, esse conceito foi atualizado e discutido por Tania Regina de Luca. Para mais detalhes, consultar: SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Maud, 1999; LUCA, Tania Regina de. A Grande Imprensa na Primeira Metade do Século XX. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de (Org). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p.149-175.

¹³ Cf. DIAS, Natally Vieira. *O MÉXICO COMO “LIÇÃO”. A Revolução Mexicana nos grandes jornais brasileiros e argentinos (1910-1915)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Minas Gerais: Minas Gerais, 2009.

responsáveis pela edição de tal publicação conseguiram as informações sobre o cotidiano da Revolução?

Em seu artigo, Barbosa afirmou que *A Voz do Trabalhador* procurou realizar uma cobertura da Revolução Mexicana contrária ao material publicado pela *grande imprensa*, em especial o *OESP*. A diferença entre as duas publicações não se restringia apenas ao enfoque do que era publicado sobre o mesmo assunto, pois “O jornal *Voz do Trabalhador*, ao contrário do *OESP*, não utilizou a rede de agências de notícias internacionais. Procurou estabelecer outras conexões alternativas como o intercâmbio entre publicações anarquistas”¹⁴. Como se constituíam essas conexões alternativas de informações utilizadas em *A Voz do Trabalhador*? A sua fonte de informação era a mesma de *A Guerra Social*? Além dessas duas publicações, outros periódicos operários do período compartilharam opiniões semelhantes sobre a Revolução do México?

Concomitante às questões expostas, Barbosa também enfatizou que “A repercussão da Revolução Mexicana no Brasil é tema pouco estudado entre nós”¹⁵. Dito isto, com o presente estudo, pretendemos preencher uma parte da lacuna dos estudos sobre tal tema em nosso campo historiográfico. Em outra perspectiva, além das referências que apresentamos dos trabalhos de Rodrigues e de Barbosa, há uma ausência de estudos sobre como os operários brasileiros da Primeira República sentiram e avaliaram o processo revolucionário do México. Tal questão se torna mais perene, uma vez que encontramos estudos alusivos ao impacto da Primeira Guerra Mundial e da Revolução Russa nos círculos do operariado brasileiro¹⁶. Reforça essa afirmação de ausência, o texto de Maria Luiza Tucci Carneiro.

¹⁴ BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio. A repercussão da Revolução Mexicana na Imprensa Brasileira... p.08

¹⁵ *Ibidem*. p.01.

¹⁶ Sustentamos tal afirmação por meio da consulta de 400 resumos publicados na 3ª edição do Catálogo de Resumos e Dissertações de Pesquisas no Acervo do Arquivo Edgard Leuenroth, de 2007. Principal acervo de pesquisa do país nos estudos de temas envolvendo a classe operária brasileira, o Arquivo Edgard Leuenroth (Centro de Pesquisa e Documentação Social), localizado na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), reúne, no catálogo consultado, todas as produções acadêmicas que, em grande ou pouca medida, utilizaram a documentação reunida no acervo. Esse grande centro de pesquisa leva o nome de Edgard Frederico Leuenroth (1881 – 1968), um dos principais militantes operários brasileiros do início do século XX. Leuenroth fundou diversas publicações operárias, como *A Terra Livre*, *A Folha do Povo*, *A Plebe*, etc., participou ativamente na grande greve de 1917, sempre se preocupou em preservar e divulgar a memória da classe operária e, assim, reuniu ao longo de sua vida diversas documentações, como jornais, panfletos, cartas, etc. Para mais detalhes sobre o acervo e a trajetória de Leuenroth, consultar o site: <http://www.ifch.unicamp.br/ael/> e a tese KHOURY, Yara Maria Aun. *Edgard Leuenroth: uma voz libertária*

Ao discorrer sobre os jornais anarquistas e comunistas no Brasil, a autora afirma que tais folhas operárias foram importantes por trazer notícias sobre os acontecimentos mundiais para esses indivíduos. Ao listar os fatos políticos internacionais acompanhados pelo movimento operário, a autora inicia com a Revolução Russa, porém deixa ausente qualquer referência ao México revolucionário¹⁷.

Contudo, quando esses dois fatos ímpares explodiram no *velho mundo*, a Revolução Mexicana já estava acontecendo, e entender como esse importante evento, no limiar de comemorar o seu centenário, foi registrado e lido pelos operários brasileiros da Primeira República é um desafio de pesquisa cuja justificativa de elucidação se faz necessária.

Antes de entrarmos em questões referentes à nossa fonte de pesquisa, os jornais operários, algumas considerações sobre o operariado nacional devem ser formuladas. Primeiramente, gostaríamos de esclarecer que nossa dissertação trabalhará com o impacto da Revolução Mexicana no Movimento Operário Brasileiro, sem empregar, no entanto, o sentido de Classe Operária. Existe uma dicotomia importante sobre esses dois conceitos que merece ser esclarecida.

O conceito de Classe Social, que somente deve ser utilizado em questões posteriores às revoluções democráticas burguesas do século XIX e à consolidação da sociedade capitalista, pode ser descrito como um agrupamento humano emergido das desigualdades existentes na sociedade industrial. Nesse sentido, podemos considerar a burguesia, que surgiu como uma força revolucionária, a primeira Classe Social histórica que, ao fixar-se no poder, foi revolucionária, mas que, posteriormente, tornou-se parte do *status quo*. Por esse seu papel dominante e pela desigualdade promovida pelo capitalismo, sobretudo após a consolidação da Revolução Industrial, temos o surgimento e a formação da antítese social da burguesia, que se configura na Classe Operária. A sua importância política foi detectada por Karl Marx e Friedrich Engels no mais significativo documento político de todos os

– *imprensa, memória e militância anarco-sindicalistas*. Tese (Doutorado em História Social). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1989.

¹⁷ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. O lugar do impresso revolucionário: dos porões aos arquivos policiais. In: DUTRA, Eliana de Freitas & MOLLIER, Jean-Yves (Org). *Política, Nação e Edição: o lugar dos impressos na construção da vida política no Brasil, Europa e Américas nos Séculos XVIII – XX*. São Paulo: Annablume, 2006. p.160.

tempos: o *Manifesto do Partido Comunista*, escrito entre dezembro de 1847 e janeiro de 1848. Logo em seu início, esse manifesto já afirmava que:

A história de todas as sociedades até agora tem sido a história das lutas de classe. Homem livre e escravo, patrício e plebeu, barão e servo, membro das corporações e aprendiz, em suma, opressores e oprimidos, estiveram em contraposição uns aos outros e envolvidos em uma luta ininterrupta, ora disfarçada, ora aberta, que terminou sempre com a transformação revolucionária da sociedade inteira ou com o declínio conjunto das classes em conflito.¹⁸

Nesse documento, Marx e Engels evidenciaram aqueles que seriam os principais sustentáculos teóricos (que geraram, posteriormente, diversas interpretações do Marxismo): que a história se desenvolve pelo embate entre as classes sociais e que, como resultado desse choque, a sociedade estaria se dividindo “[...] cada vez mais, em dois grandes campos inimigos, em duas grandes classes diretamente opostas: a burguesia e o proletariado”¹⁹. A literatura marxista sobre o conceito de Classe é bastante extensa, uma vez que este foi explorado a partir de uma variedade de enfoques por diversos intelectuais, dentre eles Max Weber, György Lukács, Rosa Luxemburgo, entre outros.

De maneira sucinta, o Marxismo possui uma filosofia histórica, na qual a Classe Social Proletária deixaria o Reino da Necessidade para o advento da era da Liberdade. Para Marx, a história humana estaria dividida em três estágios: o primeiro, de uma sociedade de pré-classe; seguida de uma sociedade de classe, representada pelo confronto entre a burguesia e o proletariado; e, com a vitória deste, chegaríamos à terceira fase, da sociedade sem classe, ou seja, o Comunismo. Nessa teoria, os indivíduos pertencentes a uma Classe Social, mais especificamente a Classe Operária, compartilhariam objetivos em comum, seriam homogêneos e, por meio dessa forte identificação, desenvolveriam uma consciência em comum que lhes permitiria lutar pela sua libertação social.

¹⁸ MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. Manifesto do Partido Comunista. In: _____/ COUTINHO, Carlos Nelson (et al.) REIS FILHO, Daniel Aarão (Org). *O Manifesto do Partido Comunista. 150 anos depois*. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998. p.08.

¹⁹ *Ibidem*.

Essa interpretação una e materialista do operariado se manteve firme até meados de 1960, quando mudanças no campo historiográfico impulsionaram releituras que acabaram redefinindo o conceito de Classe. É relevante citar que essa revisão histórica da base do Marxismo foi realizada principalmente por intelectuais militantes ingleses, entre eles, Eric J. Hobsbawm, E. P. Thompson e Raymond Williams, como uma reação às revelações realizadas pelo então dirigente soviético, Nikita Kruchev, no XX Congresso do Partido Comunista Soviético, em 1956, após a morte do seu antecessor, Joseph Stalin. Nesse polêmico congresso, Kruchev expôs ao mundo a existência dos campos de concentrações soviéticos, os Gulag`s, além de outras atividades repressoras do regime stalinista, o que abalou diversos militantes e intelectuais marxistas que tinham uma visão idealizada da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, URSS, e de tudo que o regime comunista soviético representava ²⁰. Em seu estudo clássico sobre o operariado inglês, Thompson, já no prefácio da obra, definiu que:

Por classe, entendo um fenômeno histórico que unifica uma série de acontecimentos díspares e aparentemente desconectados, tanto na matéria-prima da experiência como na consciência. Ressalto que é um fenômeno *histórico*. Não vejo a classe como uma “estrutura”, nem mesmo como uma “categoria”, mas como algo que ocorre definitivamente (e cuja ocorrência pode ser demonstrada) nas relações humanas. ²¹

Essa interpretação, para além da estrutura materialista no estudo da Classe Operária, também ecoou nos trabalhos de Raymond Williams. Para este autor, classe é um termo indefinido, e sua significação social foi construída a partir do século XVIII, e, a partir desse momento, foi dividido em classes superiores, inferiores, altas, intermediárias, entre outros, sendo que, de acordo com suas conclusões, o conceito de classe trabalhadora surge aproximadamente em 1815. Como modelo ilustrativo, Williams utiliza-se das divisões e da

²⁰ Cf. REIS FILHO, Daniel Aarão. *Uma Revolução Perdida: a história do socialismo soviético*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1997; HOBBSAWM, Eric J. *Era dos Extremos...* p.447-482.

²¹ THOMPSON, E. P. *A Formação da Classe Operária Inglesa. I – A árvore da liberdade*. Trad. Denise Bottmann. 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p.09.

estrutura social da Inglaterra do século XIX ²². Deixando de lado o papel dominante da economia nos estudos sociais, Williams enfatizou a importância de uma análise cultural em questões antes dominadas pelo materialismo histórico marxista, como a luta de classes e as relações de trabalho na sociedade:

O progresso da cultura depende do progresso das condições materiais para seu desenvolvimento; e, em particular, a organização social de qualquer período da história põe limites às possibilidades culturais desse período. Há, ao longo da história, entretanto, uma constante interação entre cultura e organização social. ²³

A historiografia brasileira não ficou alheia a essas alterações, de forma que a pluralidade da pesquisa histórica operária também emergiu em nossos meios acadêmicos, como demonstram Cláudio H. M. Batalha, Fernando Teixeira da Silva e Alexandre Fortes:

[...] Tendências atuais da historiografia têm-se voltado cada vez mais para a diversidade, a divisão e os conflitos internos à classe operária. Ao mesmo tempo, o espaço antes ocupado pela luta de classes passa a ser pontilhado pela estabilidade e pelo consenso sociais; no lugar das mudanças, teríamos as continuidades históricas; à consciência de classe, os resultados das pesquisas contrapõem despolitização e imersão na “mentalidade dominante”. A classe vem cedendo terreno para estudos lingüísticos, étnicos e culturais, entre outros, abrindo a história para trocas conceituais e abordagens transdisciplinares. O resultado é a ampliação do leque temático da história do trabalho, compondo um quadro multifacetado da vida dos trabalhadores. ²⁴

Elegida essa escala de análise, o movimento operário da Primeira República do Brasil, no decênio de 1910 a 20, teve sua orientação política guiada pelo anarquismo e pelo anarco-sindicalismo. Após a Revolução Russa de 1917 e a expansão do comunismo soviético, o anarquismo deixou de ser predominante como pensamento de ação entre os

²² WILLIAMS, Raymond. *Cultura e Sociedade (1780-1950)*. Trad. Leônidas H. B. Hegenberg (et al.). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969. p.17.

²³ *Ibidem*. p.281.

²⁴ BATALHA, Cláudio H. M. (et al.). *Culturas de Classe. Identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004. p.13.

operários militantes, o que acarretou uma cisão ideológica, inclusive com casos de violência física entre anarquistas e comunistas no movimento operário²⁵. No entanto, não nos dedicaremos a essa questão, pois a baliza temporal de nossa pesquisa não contempla tal período. Uma grande parcela da classe operária foi formada por militantes ácratas, que produziram jornais, organizaram greves, manifestações, entre outras atividades de contestação social. Por esse comprometimento político e pela sua organização, enquadrámos a parcela militante no conceito de movimento operário, como definido por Gian Mario Bravo:

A concepção do Movimento operário, tal como se foi desenvolvendo, no curso de quase dois séculos, nos países economicamente avançados de todo o mundo, se foi paulatinamente identificando como os conceitos de proletariado e de classe operária e hoje o Movimento operário pode ser definido como a expressão de todo o proletariado (de um determinado país, de uma região, etc.), numa certa época ou como a **expressão atuante e combativa, isto é, como o momento dinâmico da classe operária** (também, de um certo país, de uma região, etc.).²⁶

Caracterizada como uma expressão combativa no interior da classe social, encontramos uma unidade ideológica entre os indivíduos pertencentes à categoria de movimento operário. O operariado militante de orientação anarquista tem um papel bastante significativo em nossa dissertação, pois, empenhados em divulgar seus ideais políticos, foram responsáveis pela confecção de um dos mais significativos produtos culturais do operariado nacional: os jornais operários. Na definição de Cláudio Batalha:

Sem dúvida, a expressão mais visível da cultura operária nesse período foi a Imprensa Operária. Ela foi o principal instrumento de propaganda e debate,

²⁵ Cf. DULLES, John W. Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil (1900-1935)*. Trad. César Parreiras Horta. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

²⁶ BRAVO *Apud*. BOBBIO, Norberto (et al.). *Dicionário de Política*. Trad. Carmen C. Varriale (et al.). 3ª ed. Brasília: Editora de Brasília. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1991. Vol. 2 (L – Z). p.781 – Grifo nosso.

assumindo formas diversas: periódicos de correntes político-ideológicas [...]; jornais sindicais; publicações destinadas à classe operária em geral.²⁷

Segundo John W. Foster Dulles, a imprensa operária teve um enorme papel de propaganda na divulgação rápida e ágil de ideologia e informações entre o operariado²⁸. Isso a torna uma fonte documental essencial em estudos sobre a classe e o movimento operário, seja em suas expressões culturais, como foi trabalhado por Francisco Foot Hardman²⁹; seja na discussão sobre o conceito de gênero e a figura da mulher operária, como explorado por Margareth Rago e Hadassa Grossman³⁰; ou no imaginário das representações iconográficas, esmiuçadas por Daisy de Camargo em seu estudo sobre o periódico *A Plebe*³¹; entre outras temáticas.

Quando as palavras começaram a ser registradas em papel com o advento do impresso, o saber se tornou uma forma de poder. O ponto inicial dessa evolução deve-se em grande medida a Johannes Gutenberg, que, em meados de 1430 a 1440, criou o processo de impressão em estruturas móveis, a tipografia. Considerado o patriarca da imprensa, a invenção de Gutenberg estimulou, no continente europeu, uma grande circulação de livros, panfletos, folhas volantes, entre outros produtos impressos. Ler se tornou uma importante distinção social e as bibliotecas se consolidaram como símbolos de prestígio de seus proprietários³². Nessa sociedade moderna do conhecimento, com a consolidação progressiva do capitalismo, Walter Benjamin coloca o jornal como um instrumento fundamental no processo de ascensão da classe burguesa: “[...] verificamos que, com o

²⁷ BATALHA, Cláudio. *O movimento operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000. p.64.

²⁸ DULLES, John W. Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil (1900-1935)*... p.23.

²⁹ Cf. HARDMAN, Francisco Foot. *Nem Pátria, Nem Patrão! Memória operária, cultura e literatura no Brasil*. 3ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

³⁰ Cf. RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao lar. A Utopia da Cidade Disciplinar. Brasil: 1890 – 1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997; GROSSMAN, Hadassa. A imagem da mulher na imprensa de esquerda no Brasil, 1889 – 1922: uma exposição sumária. In: *Cadernos AEL. Anarquismo e Anarquistas*. Campinas: UNICAMP/IFCH, v. 8/9, 1998. p.69-86.

³¹ Cf. CAMARGO, Daisy de. *O teatro do medo: a encenação de um pesadelo nas imagens do periódico anarquista A Plebe*. Dissertação (Mestrado em História). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 1998.

³² C.f. CHARTIER, Roger. Textos, Impressão e Leitura. In: HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. Trad. Jefferson Luís Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p.211-238.

domínio da burguesia que, na ascensão do capitalismo, vai ter a imprensa como um dos seus instrumentos importantes...”³³. Com o acirramento das divisões sociais entre a burguesia e o proletariado, o conhecimento, a leitura e a informação também estavam em disputa e a criação de uma imprensa *dos e para* os operários representou uma reação contra esse domínio capitalista do saber.

Uma problemática bastante relevante caracteriza-se pela relação da imprensa operária com a opinião pública, um conceito essencial nas pesquisas com fontes impressas. Jean-Jacques Becker, ao definir e criar uma metodologia de trabalho sobre o tema, mostra a importância da opinião pública nos estudos históricos. De início, o autor afirma que o estudo da opinião pública gira em torno de duas direções ambíguas e quem se propõe a trabalhar com o referido conceito terá como questionamento principal perceber “[...] a maneira como os acontecimentos agem sobre a opinião pública, e a maneira como esta influi nos acontecimentos”³⁴. Continuando a caracterização, Becker apresenta ao leitor as duas formas de opinião pública teorizadas no início do século XX pelo intelectual alemão Wilhelm Bauer: a Estática e a Dinâmica. Resumidamente, a opinião pública estática está circunscrita no tempo de longa duração e basicamente é construída pelos costumes, hábitos, tradições, etc. Já a opinião pública dinâmica trabalha na temporalidade curta e como exemplos temos os acontecimentos de guerra ou revolução³⁵.

Becker, por meio do trabalho de Pierre Milza, também questiona se a opinião pública realmente existe ou se é apenas fabricada, e contrapõe o debate entre sociólogos, que recusam a pluralidade de opiniões, e dos historiadores, citando Jacques Ozouf, o qual defende “um fervilhamento de opiniões particulares”. Sendo “fabricada”, a opinião pública seria manipulada e condicionada. A manipulação caracteriza-se pela “tentativa de provocar de maneira artificial uma reação da opinião pública, divulgando uma notícia falsa, organizando um atentado”³⁶. Já o condicionamento seria dividido em dois níveis: o de curto prazo, que exemplificamos com o uso de propaganda, e Becker, com os regimes

³³ BENJAMIN, Walter. *Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política*. Trad. Maria Luz Moita (et al.). Lisboa: Relógio d'Água, 1992. p.33.

³⁴ BECKER, Jean-Jacques. A Opinião Pública. In: REMOND, René (Org). *Por uma História Política*. Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996. p.185.

³⁵ *Ibidem*. p.188.

³⁶ *Ibidem*. p.192.

totalitários; e o de longo prazo, definido como as convicções ideológicas determinadas de maneira tão profundas em certas sociedades que não são mais alteradas. Como ilustrativo dessa afirmação, o autor francês apresenta o estudo de Paul Bois sobre os camponeses da região de Sarthe, cuja vivência ideológica foi determinada na época da Revolução Francesa e continua presente em seus habitantes desde então. Ao tratar das fontes, Becker demonstra como os jornais impressos foram os principais meios de pesquisa sobre a opinião pública e afirma que “Durante muito tempo, estudar opinião pública consistia em ler jornais”³⁷.

Nesse ponto, ele também enfatiza a dificuldade de se trabalhar com jornais censurados e a necessidade de se recorrer a outras fontes de pesquisa, e, como exemplo, cita os “testemunhos de época”. Por fim, o autor conclui demonstrando a multiplicidade da opinião pública e afirma a sua importância no processo histórico, contudo, salienta também a dificuldade de mostrá-la nas pesquisas históricas. Mesmo com todas as dificuldades metodológicas apresentadas pelo texto de Becker, consideramos relevante reafirmar que a opinião pública é uma questão essencial em todas as investigações que recorrem aos impressos como fonte de pesquisa, afinal, muitos jornais se colocam como defensores e formadores daquela.

Maria Helena Rolim Capelato evidencia a contradição da concepção liberal de imprensa, a qual, representando o Quarto Poder, se afirma imparcial. A autora demonstra como os jornais da grande imprensa transformaram-se em instrumentos de poder político, ao vigiar os abusos dos governos e, ao mesmo tempo, tentar impedir uma formação de consciência advinda do próprio povo: “Os representantes dos jornais se definiam como orientadores, formadores e modeladores de opinião pública para controlar a capacidade de pressão da mesma”³⁸.

Nesse sentido, a imprensa operária diferencia-se da grande imprensa. Ao contrário das folhas que se afirmavam orientadas por uma postura liberal de informação, os jornais operários brasileiros do começo do século XX eram claramente políticos, sendo a grande

³⁷ *Ibidem.* p.195.

³⁸ CAPELATO, Maria Helena Rolim. O Controle da Opinião e os Limites da Liberdade: Imprensa Paulista (1920 – 1945). In: *Revista Brasileira de História*, São Paulo: ANPUH/Marco Zero, vol 12, nº 23/24, setembro 91 / agosto 92. p.64.

maioria de tendência anarquista, e faziam questão de expressar tal orientação ideológica em suas páginas. Essas folhas impressas também não possuíam interesses econômicos, o que era uma preocupação latente dos jornais enquadrados na categoria de grande imprensa. Apesar de interesses distintos, há uma aproximação entre essas duas formas de imprensa, uma vez que os jornais operários, mesmo sem assumir tal postura, formavam opiniões entre o operariado. Esses periódicos seduziam os seus leitores, ao denunciar a exploração capitalista da sociedade e defender uma alternativa de organização social, que no caso seria a implantação da sociedade anarquista. Além dos estudos de Becker e Capelato, utilizamos como metodologia de trabalho os instrumentos de análise propostos por José Luiz Braga, referentes à leitura de jornais, e de Tania Regina de Luca e René Barata Zicman, sobre os métodos a que o historiador deve recorrer no trabalho de pesquisa em periódicos ³⁹.

Em seu artigo, José Luiz Braga orienta que os pesquisadores de jornais devem realizar uma abordagem sociológica de suas fontes, para favorecer uma leitura mais aguda das matérias publicadas. A disposição espacial dentro dos jornais também deve ser levada em conta, pois o peso e a importância de uma notícia ou acontecimento podem ser medidos pelo local ocupado no impresso, tais como manchete, seções, colunas, etc. Braga também aponta como importante para o pesquisador a análise cuidadosa de dois conceitos presentes no jornal: o discurso e o campo estratégico. O discurso jornalístico é voltado ao público, porém é dirigido a uma pluralidade de leitores (aliados e adversários) e possibilita uma gama de leituras. Dito isto, o pesquisador deve dedicar especial atenção às estruturas dos textos publicados e ao espaço por eles ocupado. O campo estratégico é definido por Braga como as representações que o jornal constrói de si mesmo e como se configura a sua relação com os leitores. No caso da imprensa operária, essa análise é bastante importante, pois seus periódicos assumiram explicitamente posições políticas e ideológicas ⁴⁰.

³⁹ Cf. ZICMAN, René Barata. História através da imprensa – algumas considerações metodológicas. In: *Projeto História*, nº 4 (História e Historiografia). São Paulo: PUC, 1981.p.89-102; LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2003. p.111-153.

⁴⁰ Cf. BRAGA, José Luiz. Questões metodológicas na leitura de um jornal. In: PORTO, Sérgio Dayrell (Org). *O Jornal: da forma ao sentido*. Trad. Sérgio Grossi Porto. 2ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002. p.321-333.

Tania Regina de Luca e Reneé Zicman, em seus respectivos trabalhos, apresentam outras abordagens metodológicas. Primeiramente, ambas definem os conceitos de *História da Imprensa* e *História através da imprensa*. O primeiro caso é recorrente a quem objetiva realizar o percurso histórico de determinada publicação, elegendo-a como objeto de pesquisa. Já o segundo deve ser utilizado nas pesquisas que ambicionam explorar o registro ou a evolução de algum acontecimento no interior das páginas impressas. Pela proposta de nossa dissertação, trabalharemos com o conceito de *História através da imprensa*. Ao comentar o trabalho de Maria Nazareth Ferreira, já citado nessa introdução, de Luca também destacou o papel privilegiado dos jornais operários nas pesquisas referentes à História do Movimento Operário e definiu algumas características de sua materialidade, as quais julgamos relevantes expor:

[...] manejar folhas sem periodicidade ou número de páginas definidas, feitas não por profissionais, mas por militantes abnegados, por vezes redigidas em língua estrangeira, sobretudo italiano e espanhol, impressas em pequenas oficinas, no formato permitido pelo papel e máquinas disponíveis, sem receita publicitária e que, no mais das vezes, contava com subscrição dos próprios leitores para sobreviver.⁴¹

Essas peculiaridades apresentadas pela autora são importantes para demonstrar as diferenças na confecção e produção das folhas operárias em comparação com as publicações da grande imprensa. Zicman, em outra passagem de seu texto, por meio das palavras de Pierre Albert, define três conceitos importantes na metodologia do uso da imprensa: o pesquisador deve trabalhar com o “atrás”, que equivale a tudo o que contribui na realização de cada notícia publicada e intervém no seu controle; o “dentro”, que são as características formais e internas de cada folha; e a “frente” do jornal, que se caracteriza pelo seu público leitor⁴². Todas essas ferramentas metodológicas apresentadas foram importantes para conceituar as características distintas e elucidar os desafios apresentados pelos jornais operários trabalhados em nossa pesquisa.

⁴¹ LUCA, Tania Regina de. *História dos, nos e por meio dos periódicos...* p.119.

⁴² ZICMAN, Reneé Barata. *História através da imprensa...* p.92.

Enfrentadas as dificuldades de pesquisa com periódicos, selecionamos as publicações pelo seu papel na história da imprensa operária e pela sua disponibilidade de acesso em centros de pesquisas. Esse segundo critério foi bastante significativo na escolha das fontes, pois, como já discorreu Michel de Certeau no clássico *A Operação Historiográfica*, o lugar social de uma obra histórica, definido como a sua instituição de origem e os locais de pesquisa, é essencial por guiar diversas etapas de uma investigação historiográfica⁴³. A pesquisa dos periódicos foi realizada nos seguintes locais: Centro de Documentação e Memória da Universidade Estadual Paulista, CEDEM, localizado na cidade de São Paulo; Acervo do Centro de Apoio à Documentação e Pesquisa, CEDAP, localizado na Universidade Estadual Paulista, UNESP, Faculdade de Ciências e Letras, campus de Assis; e o Arquivo Edgar Leuenroth – Centro de Pesquisa e Documentação Social, AEL, pertencente à Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP.

Nos primeiros passos do projeto, inicialmente selecionamos sete periódicos operários a serem pesquisados: *La Battaglia*, *A Plebe* e *A Lanterna*, de São Paulo; *A Guerra Social* e *A Voz do trabalhador*, do Rio de Janeiro; *A Semana Social*, publicada em Maceió, Alagoas; e, finalizando a lista, o mexicano *Regeneración*. Dessas folhas, de antemão já sabíamos que poderíamos encontrar matérias sobre a Revolução Mexicana em *A Guerra Social*, *A Voz do Trabalhador* e, obviamente, no *Regeneración*. No decorrer da pesquisa, selecionamos outros periódicos que não apareceram inicialmente em nossa lista inicial, a saber: do Rio de Janeiro, *A Vanguarda*; de São Paulo, o *Germinal!*, *Na Barricada*, *O Cosmopolita* e *Alba Rossa*; do Rio Grande do Sul, *A Luta*; e, de Recife, outra publicação denominada *A Vanguarda*. Dessa lista levantada, algumas publicações ficaram de fora de nossa pesquisa, pois não encontramos em suas páginas nenhuma matéria ou referência sobre a Revolução Mexicana.

Da relação inicial de nosso projeto, saíram *A Plebe* e *A Semana Social*. Das publicações listadas posteriormente para a pesquisa, não foi possível trabalhar com o *Alba Rossa*, *A Luta* e *A Vanguarda* de Recife, já que também não encontramos matérias sobre o nosso tema em suas páginas. Por fim, encontramos material sobre o México Revolucionário

⁴³ Cf. CERTEAU, Michel de. *A Operação Historiográfica*. In: _____. *A Escrita da História*. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.p.65-119.

nos seguintes periódicos operários: *La Battaglia*, *A Lanterna*, *A Guerra Social*, *A Voz do trabalhador*, *A Vanguarda* (do Rio de Janeiro), *Germinal!*, *Na Barricada*, *O Cosmopolita* e *Regeneración*. Apesar de nosso foco ser os jornais operários publicados na Primeira República do Brasil, a inclusão do *Regeneración*⁴⁴ contribuiu em muito para com nessa pesquisa. Como será demonstrado ao longo dessa dissertação, muitos jornais operários do Brasil, entre o período de 1911 a 13, utilizaram o *Regeneración* como fonte de informações sobre a Revolução Mexicana. Ao comparar as matérias originais oriundas dessa publicação com as suas respectivas traduções e adaptações publicadas nos periódicos brasileiros estudados, tivemos a oportunidade de ter acesso ao material originalmente lido pelos editores militantes e, assim, analisar como eles repassaram as informações e como construíram sua leitura da Revolução Mexicana em suas respectivas publicações libertárias.

Além disso, a leitura tornou-se uma questão bastante latente ao longo dessa pesquisa, sendo que os conceitos de *apropriação, prática e representação*, formulados por Roger Chartier ao definir algumas características da História Cultural, e seus métodos de pesquisa das práticas de leituras foram bastante úteis ao tentarmos entender em profundidade como os informes e as notícias sobre o México revolucionário foram lidos e publicados pelos operários em suas folhas no Brasil republicano⁴⁵.

Com isso, ao investigarmos a prática de uma leitura *apropriada* pelo movimento operário brasileiro, foi possível entender como a *prática* da Revolução Mexicana foi *representada* entre esses trabalhadores militantes.

Antes de encerrarmos essa introdução, mais uma questão merece ser esclarecida. Os jornais operários que investigamos foram publicados no eixo Rio de Janeiro-São Paulo, o que pode suscitar algumas críticas à nomenclatura “Imprensa Operária Brasileira”, utilizada nessa dissertação. Estamos cientes de novos campos de estudos sobre a imprensa, o movimento e a classe operária em outras regiões, e, como exemplo, citamos os trabalhos de

⁴⁴ Tivemos acesso a todos os números publicados do *Regeneración*, através do Archivo Electrónico Ricardo Flores Magón. Além do periódico do Partido Liberal Mexicano, esse site também disponibiliza as correspondências, as poesias e as obras literárias do revolucionário mexicano: <http://www.archivomagon.net/Inicio.html>.

⁴⁵ Cf. CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre prática e representações*. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1988; _____ (Org). *Práticas da Leitura*. Trad. Cristiane Nascimento. 2ª ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

Adelaide Gonçalves sobre a imprensa operária no Ceará⁴⁶. Concordamos com esses novos estudos e defendemos que a história operária brasileira seja mais abrangente, nacional, descentralizada, e que não se limite ao eixo Rio-São Paulo. Porém, pesquisamos jornais de outras regiões, como de Alagoas, Rio Grande do Sul e Pernambuco, e, como já expusemos, eles não foram trabalhados em nossa pesquisa, porque não trouxeram em seus textos nenhuma referência à Revolução Mexicana.

A nossa escolha de fontes foi guiada pelo próprio objetivo da pesquisa e por informações fornecidas pelos periódicos consultados, tendo em conta que o nosso trabalho está centrado no discurso dos jornais operários. Uma análise do discurso dos textos tipográficos é bastante relevante, pois a partir dela torna-se “possível reconstruir os modos de racionalidade que regulam práticas e ações, os códigos que regem as relações sociais no bairro, na oficina, no botequim, as relações entre homens e mulheres”⁴⁷. Esse campo de estudo é bastante relevante no caso de pesquisas que utilizam os periódicos como fonte de pesquisa, uma vez que o sentido de suas palavras ultrapassa as páginas em que estas foram impressas, como demonstra Bethania Sampaio Corrêa Mariani:

A análise do discurso jornalístico se faz importante e necessária já que este, enquanto prática social, funciona em várias dimensões temporais simultaneamente: *capta*, *transforma* e *divulga* acontecimentos, opiniões e idéias da atualidade – ou seja, lê o presente – ao mesmo tempo em que *organiza* um futuro – as possíveis conseqüências desses fatos do presente – e, assim, *legítima*, enquanto passado – memória – a leitura desses mesmos fatos do presente, no futuro.⁴⁸

Ademais, no contato com as fontes, percebemos que, imbuídos pelo internacionalismo do pensamento anarquista, esses militantes não se viam como paulistas,

⁴⁶ Cf. GONÇALVES, Adelaide. & SILVA, Jorge E. *A imprensa libertária no Ceará, 1908-1922*. São Paulo, Imaginário, 2000.

⁴⁷ BOUTIER, Jean & JULIA, Dominique (Org). *Passados recompostos: campos e canteiros da história*. Trad. Marcella Montana e Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Editora UFRJ: Editora FGV, 1998. p.49.

⁴⁸ MARIANI, Bethania Sampaio Corrêa. Os primórdios da imprensa no Brasil (ou: de como o discurso jornalístico constrói memória). In: ORLANDI, Eni Puccinelli (Org). *Discurso Fundador: A formação do país e a construção da identidade nacional*. 2^a ed. Campinas: Pontes, 2001. p.33.

cariocas ou cearenses. Não houve um discurso de divisões regionais em sua identificação com o outro. Esses operários se consideravam irmãos, companheiros e defendiam a visão de uma sociedade sem fronteiras em seus textos escritos. Por essas características, ressaltamos que as fontes que pesquisamos, mesmo provenientes dos dois pólos industriais mais desenvolvidos da Primeira República, na década de 1910 a 20, possuem um discurso homogêneo, com o qual o operariado engajado nacional se identificou, sendo que essa identificação ultrapassou até as fronteiras do Estado nacional.

Com base no quadro metodológico e de análise exposto nas páginas anteriores, essa dissertação está dividida em três capítulos. No primeiro, apresentamos uma breve trajetória do anarquismo no Brasil, desde o período monárquico até a Primeira República. Além do desenvolvimento da doutrina ácrata, realizamos uma reflexão sobre a questão do anarquismo e do anarco-sindicalismo na República, discorremos sobre a concepção de flor exótica, teoria muito utilizada nos estudos historiográficos clássicos sobre os militantes anarquistas, e sobre algumas características dos títulos operários investigados nessa dissertação.

O segundo capítulo é dedicado à análise das matérias sobre a Revolução Mexicana publicadas nas folhas operárias. Para a confecção desse capítulo, distribuímos as matérias pesquisadas em três tópicos: no primeiro, trabalhamos com a rede de contato anarquista intercontinental, e mostramos como a idéia de uma Revolução libertária no México circulou entre as Américas e a Europa, bem como de que maneira os militantes operários da Primeira República do Brasil, imbuídos da solidariedade internacional anarquista, apoiaram os revolucionários mexicanos. Na sequência, discorremos sobre a representação da Revolução Mexicana no universo operário e anarquista no segundo decênio do século XX. Muitas questões do período estiveram presentes na leitura realizada por esses militantes sobre o processo revolucionário mexicano, a qual acabou representando um processo de reflexão sobre a sua unidade e a sua resistência à oligarquia republicana. No terceiro e último tópico, analisaremos como as imagens da Revolução do México, originárias de uma edição especial do *Regeneración* circularam e foram recebidas pela imprensa operária. Política e cultura se fundem nesse tópico. Na descrição do material das fontes, algumas palavras e sentenças aparecerão com a grafia da época ou com alguns erros gramaticais.

Não alteramos tais palavras, pois resolvemos ser fidedignos ao máximo à maneira pela qual elas estão registradas nos periódicos pesquisados.

No terceiro e último capítulo, analisamos de que modo a percepção e a recepção da Revolução Mexicana sofreram influências de diversos eventos internacionais do período, tais como o debate realizado por anarquistas franceses acerca do processo revolucionário mexicano, a Primeira Grande Guerra e a Revolução Russa. Nesse mundo de transformações, mostraremos como o movimento operário da Primeira República se posicionou e como foi a sua leitura sobre o México revolucionário.

1. Anarquismo e imprensa libertária no movimento operário da Primeira República Brasileira

*A rebelião revelava-se num olhar,
 numa inflexão da voz;
 no máximo, num cochicho ocasional.
 Mas os proles, se de algum modo
 adquirissem consciência de seu poderio,
 não precisariam conspirar.
 Bastava-lhes levantarem-se e sacudir-se,
 como um cavalo sacode as moscas.
 Não se revoltarão enquanto
 não se tornarem conscientes,
 e não se tornarão conscientes
 enquanto não se rebelarem.
 (George Orwell, 1984)*

Quando as carabinas soaram no México, por meio de uma dramática revolução que no decênio de 1910 a 20 vitimou cerca de 1 milhão de pessoas ⁴⁹, no Brasil, nesse mesmo período, as doutrinas anarquistas, representadas pela sua vertente anarco-sindicalista, estiveram presentes na organização do movimento operário e foram determinantes na orientação ideológica dos periódicos produzidos por esse seguimento combativo do interior da classe operária nos primeiros anos do século XX. Nesse contexto, os informes sobre a Revolução Mexicana na imprensa operária brasileira foram publicados por indivíduos envolvidos no ideal ácrata e que tinham nas folhas libertárias o seu principal veículo de informação, engajamento, orientação cultural e questionamento da sociedade republicana brasileira e da burguesia em escala mundial. No interior das páginas de tais periódicos, tanto as informações políticas quanto as culturais foram publicadas sob a perspectiva do anarquismo, que guiou e orientou o sentido de leitura de tais textos. Sendo a Anarquia peremptória na leitura que o movimento operário brasileiro realizou sobre a Revolução do

⁴⁹ Esse número referente à totalidade das vítimas da Revolução Mexicana foi apresentado por Pablo González Casanova e Marco Antonio Villa nos respectivos textos: GONZÁLEZ CASANOVA, Pablo. México: la dinámica de una revolución agrária y “semicapitalista”. In: PETRAS, James & ZEITLIN, Maurice. *América Latina: ¿reforma o revolución?*. Buenos Aires: Editorial Tiempo Contemporáneo, 1970. p.416; VILLA, Marco Antonio. *A Revolução Mexicana (1910-1940)*. São Paulo: Editora Ática S.A, 1993. p.08.

México, torna-se relevante elucidar como foi constituída essa ideologia adversária do Estado burguês, sua formação e seu desenvolvimento na sociedade brasileira.

O anarquismo no Brasil se desenvolveu nos primeiros anos do governo republicano, instaurado em 1889. Contudo, no período monárquico já encontramos algumas referências sobre ao conceito anárquico. Palco de diversas revoltas populares, o período regencial foi repleto de tentativas insurgentes, que José Murilo de Carvalho equacionou em dois blocos. O primeiro compreende o período da abdicação de D. Pedro I, ocorrida em 1831, e da promulgação do Ato adicional, quatro anos depois de tal acontecimento. O segundo bloco abarcaria o ano de 1835 até o período do Segundo Reinado, em 1849⁵⁰. Mesmo sem objetivos libertários, algumas dessas revoltas foram descritas pela imprensa monárquica do período como atividades encabeçadas por indivíduos anarquistas que visavam instaurar o caos no Reino, o que, obviamente, eclipsou as reivindicações sociais presentes em muitas dessas rebeliões. Essa conotação negativa da palavra e do significado de ser anarquista foi explorada pela imprensa monárquica como uma estratégia discursiva de deslegitimar tais revoltadas perante a opinião pública. Vale ressaltar que em meados do século XX, quando o anarquismo brasileiro estava em seu período de formação, algumas dessas revoltas foram reivindicadas pelos militantes anarquistas como antecessoras do movimento ácrata. Essa prática de reivindicação foi importante na construção de um passado de revolta e de insatisfação do povo brasileiro, pois foi possível criar uma tradição e uma memória de lutas que, até o contemporâneo, podem ser encontradas em publicações libertárias atuais⁵¹.

⁵⁰ O Ato Adicional de 1834, aprovado pela Lei nº 16 de 12 de agosto, em seus 32 artigos, estabeleceu algumas mudanças significativas no Império, principalmente no que se referia ao Capítulo V da Constituição de 1824, ao definir as atribuições dos Conselhos Gerais de Província. Esse ato extinguiu os Conselhos Gerais das províncias e criou, em seu lugar, as assembléias legislativas provinciais com poderes para legislar sobre economia, justiça, educação, entre outros. Além disso, a cidade do Rio de Janeiro foi transformada em Município Neutro, desmembrado da Província do Rio de Janeiro, que passou a ter a sede do governo em Niterói. Desse grupo inicial de revoltas populares, destacamos: a Setembrizada e a Novembrizada, ocorridas em Recife no ano de 1831 e protagonizadas pela Tropa; e a Revolta dos Malês, insurgida por escravos islâmicos em Salvador, no ano de 1835. O segundo bloco de revoltas se iniciou um ano depois da instituição do Ato adicional e perdurou até o Segundo Reinado, em 1849. Desse período, destacamos: a Cabanagem, ocorrida na região do Pará por camponeses, índios e escravos, com duração de cinco anos, de 1835 até 40; a Revolução Farroupilha, no Rio Grande do Sul, protagonizada por estancieiros e charqueadores, de 1835 até 45; a Sabinada, em Salvador, de 1837 até 38, com a participação de Tropa e do povo; e a Balaiada, ocorrida em Maranhão, de 1838 até 41, protagonizada por proprietários, camponeses e escravos. In: CARVALHO, José Murilo de. *A construção da Ordem e Teatro das Sombras*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Relume-Dumará, 1996. p.231.

⁵¹ Para Hobsbawm, a tradição pode ser “inventada”, sendo regulada por regras, que constituem um conjunto de práticas simbólicas. Nesse sentido, por meio de diversas práticas discursivas e simbólicas, os anarquistas

Como exemplo, Edgar Rodrigues cita que o geógrafo anarquista francês Élisée Reclus, em sua passagem ao Brasil no ano de 1893, descreveu os eventos da Cabanagem como uma “Guerra Social de Escravos contra senhores, de pobres contra ricos”⁵².

Além dessas tentativas insurrecionais, a palavra anarquia também foi empregada pejorativamente na descrição dos opositores da ordem imperial. Segundo Emília Viotti da Costa, essa denominação foi utilizada em diversas ocasiões por José Bonifácio em suas críticas contra os “democratas”, as “sedições demagógicas”, as “sociedades secretas regidas por princípios carbonários” e sobre qualquer oposição à Monarquia⁵³, sendo que é significativo ressaltar que os abolicionistas foram acusados de serem adeptos do anarquismo.

Essa representação negativa e de caos utilizada em relação ao termo anarquia pela imprensa monárquica e por personalidades importantes do regime imperial esteve associada à radicalização que o ideal libertário sofreu na Europa em meados do século XIX. Nesse período, o pensamento anarquista foi retomado, discutido e reestruturado por Pierre-Joseph Proudhon⁵⁴. Em seus estudos, a Anarquia recebeu uma interpretação moderna e se adequou às novas questões sociais resultantes da Revolução Industrial. Encontramos em sua obra mais conhecida, *O que é a propriedade?*, publicada em 1840, um vilipêndio à propriedade privada, sustentado no argumento de que a exploração da força de trabalho de um semelhante era um roubo e que cada pessoa deveria gerir os seus próprios meios de produção, conforme suas necessidades. Os ideais de Proudhon influenciaram diversas organizações de trabalhadores em todo o mundo industrial e contribuíram para a formação dos movimentos sindicais mais expressivos da Europa, situados em países como Espanha, França, Itália e Rússia. Seus escritos atraíram diversos teóricos revolucionários europeus,

construíram uma tradição de revolta na história do povo brasileiro. In: HOBBSBAWM, Eric J. Introdução: A invenção das tradições. In: _____ & RANGER, Terence (Org). *A invenção das tradições*. Trad. Celina Cardim Cavalcante. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. p.09.

⁵² RECLUS *Apud* RODRIGUES, Edgar. *Socialismo e Sindicalismo no Brasil. 1675-1913*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1969. p.25. Sobre a Cabanagem, ver: FREITAS, Décio. *A Miserável Revolução das Classes Infames*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2005.

⁵³ COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia a República. Momentos decisivos*. 8ª ed. ver. ampl. São Paulo: Editora Unesp, 2007. p.81-82.

⁵⁴ Nascido em 1809 e falecido em 1865, Proudhon, tipógrafo e autodidata, é considerado o primeiro indivíduo a se autoproclamar anarquista e que propôs uma sociedade libertária fundamentada no mutualismo e na cooperação em associações de a influência do Estado. Cf. TRINDADE, Francisco. *O Essencial Proudhon*. São Paulo: Imaginário, 2001.

dentre eles, Karl Marx e Mikhail Bakunin, sendo que este último acabou se tornando uma espécie de discípulo. Proudhon participou dos primeiros debates realizados pela Associação Internacional dos Trabalhadores, AIT, organização fundada em 1864, na qual expôs e fortaleceu as suas convicções. Com as contradições do mundo industrial e o início da organização do proletariado, o ideal anarquista cresceu e, de um pensamento filosófico, tornou-se uma doutrina de ação revolucionária que teve como principal opositor ideológico entre os trabalhadores industriais, a filosofia elaborada por Karl Marx.

Nesse contexto, uma análise densa dos debates entre o comunismo de Marx e o anarquismo de Proudhon e Bakunin revela duas concepções de combate e negação da ordem capitalista que tinha na força humana das fábricas, ou seja, no proletariado, o seu principal protagonista. De maneira bastante sucinta, ambos almejavam uma Revolução das classes subalternas que resultaria na destruição do Estado, no entanto sua principal diferença estava em como atingir tal objetivo. Para Marx, esse fim seria alcançado por etapas, primeiramente, com uma ditadura do proletariado, que aos poucos substituiria o Estado por uma organização de bases comunais. Ao passo que para a doutrina anarquista de Proudhon e Bakunin não existiria essa fase intermediária e o Estado já deveria ser eliminado no processo revolucionário.

Enquanto debatiam sobre essas alternativas revolucionárias, esses três defensores do proletariado industrial foram surpreendidos pelas barricadas que se ergueram em Paris, que colocaram as suas teorias em prática e cuja repercussão foi importante para o imaginário do movimento anarquista e comunista em escala mundial. A experiência proletária da Comuna de Paris produziu diversas imagens – dentre elas podemos destacar as alegorias do povo unido, marchando, e as barricadas erguidas em várias ruas – que foram incorporadas na literatura de cunho revolucionário e utilizadas como exemplo tanto para anarquistas como para socialistas e comunistas ao redor do mundo. Pela primeira vez, a classe operária idealizada no *Manifesto do Partido Comunista* havia tomado o controle do seu destino e tentava colocar em prática o que antes eram apenas palavras e teorias.

A repercussão das notícias da Comuna de Paris ⁵⁵ na Monarquia lusitana do *Novo Mundo* também foi significativa para o desenvolvimento da interpretação negativa sobre o conceito de anarquia. Como demonstrado por Alexandre Samis, mesmo sem nenhum registro oficial do desembarque de *communard's* no Brasil, houve na imprensa oficial e na corte um intenso temor sobre uma eventual chegada desses revolucionários:

No Brasil, os ecos do movimento popular francês não se circunscreveram à imprensa; no parlamento, as notícias sobre o possível desembarque de *communards* justificaram as mais diversas especulações sobre o fato. Os políticos mais conservadores chegaram mesmo a proferir discursos com ornatos barrocos sobre o tema, e a necessidade de repatriação dos implicados nos acontecimentos de Paris, caso estes realmente ousassem pisar em território brasileiro. ⁵⁶

Nesse contexto, mesmo antes da formação de indivíduos que se intitulassem libertários, a idéia do que seria um anarquista e o seu significado deturpado, associado ao caos e à baderna, já estavam presentes no Brasil desde seu período monárquico.

Uma característica importante dos primórdios do pensamento libertário brasileiro foi o desenvolvimento de diversas colônias agrícolas. Apesar da imagem negativa que a palavra anarquia exerceu sobre o período monárquico, como já demonstrado acima, uma

⁵⁵ Com duração de 72 dias, de 18 de março a 28 de maio de 1871, a Comuna que se ergueu em Paris foi uma reação aos desdobramentos da Guerra Franco-Prussiana (1870 – 71), cuja vitória da Prússia comandada por Otto Von Bismarck sobre a França de Napoleão III, impôs a este uma série de medidas polêmicas, como a cessão de parte de seu território, o pagamento de enormes indenizações e a ocupação do território francês por tropas prussianas. A repercussão dessas medidas resultou em um colapso político da França, acirrou o conflito entre os grupos sociais e políticos e que resultou na proclamação de um governo autônomo na capital, Paris, em março de 1871. Era o nascimento da Comuna. Tomado o controle da capital francesa, os *communard's* – denominação utilizada para descrever os membros e apoiadores da Comuna – colocaram em prática, diversas diretrizes da AIT, como a extinção do trabalho noturno, a redução de jornada laborial, e tentaram implantar a autogestão nas fábricas, experiência que não alcançou os resultados desejados. A reação à Comuna não se fez por esperar e foi extremamente violenta. Louis Adolphe Thiers, presidente da República francesa instaurada após a Guerra Franco-Prussiana, uniu forças com Bismarck e deflagrou uma ofensiva bélica contra os *communard's* que durou sete dias, no que ficou conhecido como *semana trágica*. O saldo de mortes e execuções chegou à quantidade de 20 mil pessoas; além disso, muitos sobreviventes acabaram sendo deportados para a região da Guiana. Para mais detalhes, ver: COSTA, Sílvio. *Comuna de Paris: o proletariado toma o céu de assalto*. São Paulo: Anita Garibaldi; Goiânia: Editora UCG, 1998; GONZALES, Horácio. *A Comuna de Paris*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

⁵⁶ SAMIS, Alexandre. Pavilhão Negro sobre Pátria Oliva: Sindicalismo e Anarquismo no Brasil. In: COLOMBO, Eduardo (et al.). *História do movimento operário revolucionário*. Trad. Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Imaginário; São Caetano do Sul: IMES, Observatório de Políticas Sociais, 2004. p.128.

das últimas ações de D. Pedro II foi conceder terras que mais tarde se tornariam colônias libertárias. Essa postura do então Imperador perante os anarquistas foi comentada por Edgar Rodrigues, que vai além em suas conclusões:

D. Pedro II, durante seu reinado, jamais perseguiu ou ordenou a prisão de anarquistas, não temia as suas idéias, lia os seus livros e doou terras aos libertários que quiseram lançar-se ao cultivo das mesmas, por meios coletivos e anárquicos. Suas doações isentas de quaisquer impostos, a grupos anarquistas, são por demais conhecidas. A fundação da Colônia Cecília, entre outras atestam o seu alto nível liberal.⁵⁷

No entanto, afirmar uma eventual postura simpática do antigo Imperador aos anarquistas torna-se uma questão discutível. Apesar de Dom Pedro II ter a sua imagem associada à Ilustração e em alguns momentos ser considerado um homem à frente de seu tempo, sua a Monarquia foi sustentada pela escravidão africana, o que demonstra o limite social e a contradição de seu regime. Contudo, fica evidente que a relação dos adeptos das doutrinas ácratas com a República foi muito mais conturbada e violenta em comparação com o regime monárquico. Talvez, um dos fatores que possam explicar essa diferenciação esteja na estruturação do próprio movimento revolucionário operário, que se desenvolveu com mais intensidade no regime republicano, quando representou um perigo real à ordem estabelecida, do que propriamente como resultado de numa atitude “liberal” de D. Pedro II. Não obstante, essas colônias agrícolas foram importantes na experiência do anarquismo brasileiro. Entre elas, podemos citar a de Guararema - fundada por Artur Campagnoli no ano de 1888 em São Paulo - e a Colônia Cecília - idealizada pelo engenheiro agrônomo e ex-militante da AIT, Giovanni Rossi, na região do Paraná -, que resistiu de 1890 até 94⁵⁸.

Antes da proclamação da República, o mundo do trabalho no Brasil já estava em processo de alteração em sua estrutura. Verena Stolcke demonstra que o trabalhador imigrante já havia se tornado uma opção rentável antes da abolição da escravidão, ocorrida

⁵⁷ RODRIGUES, Edgar. *Socialismo e Sindicalismo no Brasil...* p.36.

⁵⁸ Para mais detalhes sobre a trajetória de Giovanni Rossi e da Colônia Cecília, ver: MELLO NETO, Candido de. *O anarquismo experimental de Giovanni Rossi (de pogio al mare a Colônia Cecília)*. Ponta Grossa: Editora da UEPG, 1997.

em 1888, e que o trabalhador livre chegou a coexistir com os escravos ⁵⁹. Encontramos nessa nova estruturação social e econômica a constituição de um mercado de trabalho livre, a introdução de mão-de-obra assalariada e o acirramento das diferenças sociais, que foram importantes na constituição da classe e do movimento operário na Primeira República.

A República de 1889 trazia em sua proclamação a promessa de uma nova era para a sociedade brasileira. Ângela Marquez da Costa e Lilia Moritz Schwarcz demonstram que nesse período “o Brasil entrava no século XX tão confiante como as demais nações”, e a República representava a modernidade que deixava de lado a “letargia da monarquia” e a “barbárie da escravidão”. Todavia, apesar dessa imagem de otimismo e progresso, esse período também foi repleto de contradições e conflitos sociais. O massacre do movimento de Canudos (1893 – 1897) - liderado por Antonio Conselheiro -, a Revolta da Vacina (1904) e a política do “Bota Abaixo” - realizada pelo então prefeito da cidade do Rio de Janeiro, Francisco Pereira Passos (1902-1906) - são alguns exemplos de que a *modernidade* e a *belle époque* não foram vivenciadas por toda a população brasileira ⁶⁰.

O processo de industrialização foi significativo em acirrar essas contradições. O Rio de Janeiro, então capital federal, foi palco de diversas crises políticas e econômicas. A especulação financeira e o aumento da inflação resultante do encilhamento – a malfadada política de incentivo industrial criada por Rui Barbosa – atingiram a população de baixa renda, com a elevação exorbitante do custo de vida. Ao descrever esse quadro social, Nicolau Sevcenko relata que o recém-formado operariado da capital federal se encontrava desprotegido diante da opressão e da precariedade social, sendo que o seu labor prolongado e a sua remuneração exígua incentivaram sua organização face a essa realidade:

Situação que significaria um acréscimo intolerável ao regime já por demais opressivo que pesava sobre os grupos operários: “Não há cidade no mundo em que o trabalho dos operários seja mais prolongado e árduo que no Rio de Janeiro”, afirmaria um jornalista condeído. [...] Surgiram daí os primeiros estímulos para as organizações populares e

⁵⁹ STOLCKE, Verena. *Cafecultura: homens, mulheres e capital (1850-1980)*. São Paulo: Brasiliense, 1986. p.18.

⁶⁰ COSTA, Ângela Marquez da & SCHWARCZ, Lilia Mortiz. *1890-1914: no tempo das certezas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p.12-27.

operárias, que se dedicavam a pressionar o governo central, através de *meetings* (sempre no Largo de São Francisco) e comissões, e os industriais, através de greves. Surgiram os primeiros Centros e Associações de Resistência, preconizando a ação sindical, formando-se paralelamente os primeiros partidos operários.⁶¹

Contrastando com o Rio de Janeiro, que teve na sua formação operária a participação de mulatos, negros, portugueses e imigrantes, em São Paulo, foram os trabalhadores estrangeiros que engrossaram a classe social fabril. Utilizados como mão-de-obra nos cafezais e posteriormente nas nascentes indústrias, os imigrantes italianos foram predominantes na formação da classe e do movimento operário de São Paulo. O incentivo do governo paulista foi tão intenso à chegada desses trabalhadores que Thomas Holloway relata, em seu estudo sobre a imigração italiana, que o governo brasileiro forneceu até intérpretes aos trabalhadores que desembarcavam com a esperança de melhorar suas condições de vida⁶². Contudo, antes que essas contradições ficassem evidentes, a classe operária compartilhou do otimismo e do discurso de uma vida melhor, simbolizado pelo regime republicano:

O jornal *A Voz do Povo*, também do Rio de Janeiro, cuja publicação foi iniciada menos de dois meses após a proclamação da República, referiu-se a uma nova era para o operário brasileiro trazida pelo novo regime, comparável à que foi aberta pela Revolução de 1789.⁶³

A classe operária da Primeira República brasileira se formou entre diversos conceitos, os quais, pela sua diversidade, Cláudio Batalha classifica como “constelações” de correntes ideológicas⁶⁴. Dentre essa pluralidade, apontamos o Socialismo, o Positivismo e o Anarquismo como as ideologias que mais circularam entre o operariado. Todavia,

⁶¹ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão. Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p.74.

⁶² HOLLOWAY, Thomas H. *Imigrantes para o café: café e sociedade em São Paulo, 1886-1934*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. p.86-87.

⁶³ CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p.12.

⁶⁴ BATALHA, Cláudio. *O movimento operário na Primeira República...* p.08.

apesar dessas ramificações doutrinárias, existe um consenso na historiografia do tema em considerar o anarquismo preemptório na formação ideológica do movimento operário da Primeira República. Podemos considerar as duas primeiras décadas do século XX o período de auge do pensamento ácrata nos círculos operários brasileiros, conforme caracterizado por Ângela de Castro Gomes:

[...] é inegável que de 1906 a 1919/20 foram os anarquistas os maiores responsáveis pelo novo tom que caracterizou o perfil e a atuação dos setores organizados do movimento operário [...] quer em termos de formulações doutrinárias, quer em termos de influência nas associações operárias ⁶⁵.

Antes desse período apontado por Gomes, a corrente Socialista, até a primeira década do século XX, obteve uma grande recepção por parte dos operários do Brasil republicano. Desde os anos de 1890, houve várias tentativas de organização de um partido operário, e tais esforços resultaram na organização do Primeiro Congresso Socialista Brasileiro, sediado no Rio de Janeiro, em 1892. Nesse mesmo ano, foi fundada no Rio Grande do Sul a União do Trabalho, e, em Santos, o médico socialista Silvério Fontes criou, em 1889, um círculo de estudos socialistas que desenvolveu uma intensa atividade de propaganda entre os trabalhadores do porto. Em 1895, essa agremiação passou a se denominar Centro Socialista de Santos e editou, durante o período de um ano, o jornal *A Questão Social*, que, em seu número de inauguração, já expunha as necessidades de organização e contestação que deveriam ser empregadas pelo movimento operário:

Apresenta-se na arena jornalística *A Questão Social*, defendendo uma causa justa – a reivindicação dos direitos do proletariado. [...] Entre nós, as condições atuais não nos permitem encarar o socialismo como medida que se imponha por uma agitação revolucionária. Desfraldando a bandeira do coletivismo reformista, *A Questão Social*, sem paixões, que considera antagônicas à idéia de progresso, a lutar tenazmente pra que sejam mais rápidos os efeitos do movimento evolucionista científico, que deve dar em resultado a nova organização da

⁶⁵ GOMES, Ângela de Castro. *A Invenção do Trabalhismo*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994. p.65.

Sociedade. Pro maiores que sejam as preocupações dos excessivamente tímidos e as apreensões dos privilegiados, a repercussão no Brasil das idéias que agitam no velho mundo há de ser fatal, a bem dos interesses gerais da coletividade.⁶⁶

Além do título sugestivo, esse editorial considera as contradições sociais da República para com os operários como um problema a ser resolvido mediante a organização da classe trabalhadora. A idéia de progresso, tão alusivo ao discurso de consolidação do regime republicano, mostra-se, para esse segmento social, incompatível com a crença de evolução científica e de melhoria da qualidade de vida, que deveriam ser resultantes do processo de consolidação da *modernidade*. Essa adesão inicial dos operários ao conceito de progresso não foi uma característica sumariamente da República brasileira. Guiado pelo discurso da racionalidade, socialistas e anarquistas acreditavam que o domínio da ciência e as mudanças nas técnicas de trabalho, entre outros fatores, seriam essenciais para que os indivíduos convivessem com mais liberdade em seu meio social.

A Questão Social também formulou em suas páginas os limites de atuação dos socialistas na seguinte passagem: “Entre nós, as condições atuais não nos permitem encarar o socialismo como medida que se imponha por uma agitação revolucionária”. Sendo contrários a um embate radical contra o Estado, os socialistas acreditavam no reformismo social, nas reivindicações por meio da luta parlamentar e na negociação entre operários e patrões no interior das fábricas para atingir os seus objetivos. Alguns partidos foram formados, imbuídos nessa corrente reformista, contudo, essas associações políticas não tiveram uma longa duração em sua trajetória na vida política da Primeira República. Desses partidos, situados em sua maioria na capital federal, podemos citar os criados por Gustavo de Lacerda e Luiz França e Silva como os mais atuantes do período. Lacerda, além do partido, também editou o jornal *A Voz do Povo*, e França e Silva foi o responsável pelo periódico *Eco Popular*⁶⁷. Ambos os periódicos foram porta-vozes de seus idealizadores e de seus partidos.

⁶⁶ A Questão Social, “Editorial”. n° 01. 15/09/1895, pág.01.

⁶⁷ MORAES FILHO, Evaristo de. *O socialismo brasileiro*. Brasília: Câmara dos Deputados/UNB, 1981.p.17.

Como esses partidos e suas respectivas folhas oficiais tiveram uma curta duração, não dispomos de material para medir a sua atuação no meio operário, porém rastreamos o impacto do pensamento socialista na organização de dois congressos: o primeiro foi realizado em 1892, no Rio de Janeiro, com pequena repercussão, e o segundo, com sede em São Paulo, ocorreu em 1902 e contou com a participação de 50 delegados. Ao contrário do seu antecessor, o Segundo Congresso Socialista Brasileiro repercutiu com mais intensidade, tanto que os seus cinco dias de realização – de 28 de maio a 01 de junho – foram acompanhados pelo jornal *OESP*, que nesse momento dedicava uma atenção especial à classe trabalhadora⁶⁸. Tal encontro ocorreu no final do governo de Campos Sales, quando a questão social da era republicana já havia se tornado um problema latente na sociedade.

O governo de Campos Sales substituiu a política dos militares “jacobinos”, que haviam derrocado a monarquia, e inaugurou a “política dos governadores”, que se resumiu em apoios aos grupos dominantes aliados ao governo federal de cada Estado. A oligarquia cafeeira paulista obteve diversos privilégios baseados nessa estrutura política e com a elite de Minas-Gerais comandaram a política da Primeira República. Nesse acordo, a cadeira presidencial foi ocupada alternadamente por representantes de São Paulo, do Partido Republicano Paulista, PRP, e do Partido Republicano Mineiro, PRM. Tal hegemonia findou-se em 1930 com o golpe de estado orquestrado por Getúlio Vargas. Nesse extenso período, tal dominação política teve um intervalo no governo de Hermes Rodrigues da Fonseca, que durou de novembro de 1910 até 14 e ficou marcado pela aliança entre o Rio Grande do Sul e os militares. O controle bipolar entre o PRP e o PRM voltou à cena com o seu sucessor, Wenceslau Brás, que governou de 1914 a 18.

Nessa sociedade oligárquica, excludente e de grande concentração latifundiária, o movimento operário radicalizou as suas propostas de resistência, e o anarco-sindicalismo – que trabalharemos com mais densidade adiante – foi ganhando adesão entre os trabalhadores politizados. Se a pluralidade ideológica continuava presente no interior da classe operária, quando focamos a nossa visão para o interior do movimento articulado e militante da classe, percebemos que o anarquismo e sua vertente sindicalista, ambos

⁶⁸ CAPELATO, Maria Helena & PRADO, Maria Ligia. *O Bravo Matutino (imprensa e ideologia no jornal “O Estado de S. Paulo”)*. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1980. p.XV.

sustentados em um discurso de alternativa política e violenta de transformação do Estado, foram ganhando mais adeptos nas fábricas, nas assembleias e nas agremiações formadas pelos operários industriais. Os limites de consolidação do Socialismo na Primeira República já foram detectados em 1908 por Antônio Piccarolo, reformista e fundador do importante jornal socialista *Avanti!*:

Indivíduos vindos da Europa, especialmente da Itália, trazendo consigo a convicção e o ideal socialista, procuraram transplantá-los no Brasil, fundando um partido socialista brasileiro. Parece perfeitamente ocioso dizer que estas tentativas encontraram sorte por completo negativa, tendo a semente caído em terreno impreparado e contrário a todo desenvolvimento socialista.⁶⁹

Com a exclusão social oriunda da política oligárquica paulista e mineira, a crença de uma reforma política com a participação dos trabalhadores e de sua representação enquanto força política e legal, anseios esses defendidos pelo Socialismo, foi caindo em descrédito pelos trabalhadores engajados que encontraram, no discurso anarquista e nas suas propostas radicais de reivindicações, novos mecanismos de resistência. Assim, a formação de uma nova identidade estabelecida com anarquistas nas Américas e na Europa, constituiu uma *Cultura Política* de orientação libertária.

Definido por Serge Bernstein como um fenômeno de múltiplos parâmetros que auxilia na compreensão da complexidade do comportamento social humano, o conceito de Cultura Política é importante para a compreensão de como as pessoas, no seu individual ou no coletivo, compartilham e assumem decisões políticas. Apesar de conceituar sempre no singular, Bernstein afirma que há diversas formas de Cultura Política. É nesse sentido plural que utilizaremos aqui o conceito de Cultura Política Libertária. Na presente dissertação, afirmamos que a ideologia anarquista, mesmo com suas diferenças, foi compartilhada por diversos indivíduos e coletivos nas Américas e na Europa, o que a torna uma Cultura Política de afinidade entre os militantes que não aceitaram e que lutaram contra a sociedade capitalista em seus respectivos países. Para Bernstein, alguns elementos

⁶⁹ PICCAROLO *Apud* MORAES FILHO, Evaristo de. *O socialismo brasileiro...* p.17.

comuns, que formariam um conjunto homogêneo, são essenciais na definição de uma Cultura Política: “[...] um discurso codificado em que o vocabulário utilizado, as palavras-chaves, as fórmulas repetitivas são portadoras de significação, enquanto ritos e símbolos desempenham ao nível do gesto e da representação visual, o mesmo papel significante”.⁷⁰

Críticos ao sentimento nacionalista, considerado como um artifício utilizado pelos governantes para controlar os indivíduos na sociedade, no anarquismo existe uma leitura intensa de uma pátria libertária onde as diferenças culturais, religiosas, e sociais seriam anuladas em uma sociedade de relações horizontais⁷¹. No interior desse imaginário social, os anarquistas criaram um calendário político comum. Ao celebrar alguns desses marcos, como a Comuna de Paris, o Primeiro de Maio ou o fuzilamento do educador espanhol Francisco Ferrer y Guardia, os libertários acreditavam que estavam lutando contra o *esquecimento* que o Estado poderia promover sobre esses exemplos de resistência históricos do movimento operário. Não importando o local de sua origem, tais eventos foram considerados partes integrantes de um mesmo universo social anarquista, que estava construindo uma história e uma memória única. Sobre tais questões, Alejandro de La Torre discorre sobre essa importância para os libertários em realizar comemorações distintas das datas oficiais celebradas pelo Estado:

En lo que respecta al imaginario político anarquista, las representaciones simbólicas del tiempo (que cobran sentido en una escala internacional) se consolidaron, en parte, gracias a la puesta en práctica de un calendario militante cuya finalidad era elaborar una memoria colectiva de los oprimidos, los parias de

⁷⁰ BERSTEIN, Serge. A Cultura Política. In: RIOUX, Jean-Pierre & SIRINELLI, Jean-François. *Para uma História Cultural*. Trad. Ana Moura. Lisboa: Editorial Estampa, 1998. p.351.

⁷¹ Essa crítica dos anarquistas ao nacionalismo já apareceu na obra *Enquiry Concerning Political Justice*, de William Godwin, publicado em meio à Revolução Francesa, no ano de 1793, e considerada a primeira obra sistemática das doutrinas anarquistas. Em seus escritos, Godwin colocou o Estado como inimigo da liberdade a que todos teriam o direito de usufruir e afirma que o sentimento nacionalista não é uma característica humana, e sim um artifício utilizado pelo governo para controlar os indivíduos na sociedade. Esse repúdio ao nacionalismo e a crença em um internacionalismo universal e humano tornaram-se a base da literatura libertária que seria produzida desde então. Consultar: JOLL, James. *Anarquistas e Anarquismos*. Trad. Manuel Vitorino Dias Duarte. Lisboa: Publicações Don Quixote (Universidade Moderna), 1969. p.34; WOODCOCK, George. *Os Grandes Escritos Anarquistas*. Trad. Júlia Tettamanzi e Betina Becker. Porto Alegre: L&PM, 1981. p.14; BOBBIO, Norberto (et al.). *Dicionário de Política. Vol. 1 (A – K)*... p.23-29. Em outra perspectiva, essa leitura encontra nuances com Benedict Anderson, em sua afirmação de que a nação é uma comunidade política imaginada. Consultar: ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

la tierra, los trabajadores, los revolucionarios, los hombres y mujeres con ímpetu libertario; un calendario que ponía en el centro de la idea del tiempo la liberación de la humanidad de todos los yugos autoritarios: el poder del Estado, la dominación espiritual de las religiones y la opresión del sistema capitalista.⁷²

Ao lado dessas manifestações políticas, houve também a criação de uma cultura libertária, com a publicação de diversos romances, como a novela social *Regeneração*, de Manuel de Mendonça; além de *Ideólogos* e *Os Emancipados*, do médico Fábio Luz. A fundação da Universidade Popular, UP, em 1904, no Rio de Janeiro, que contou com a participação de diversos intelectuais, como Elísio de Carvalho, Martins Fontes, Evaristo de Moraes, Rocha Pombo, José Veríssimo, entre outras personalidades, foi outra iniciativa que representa a preocupação dos simpatizantes dos ideais libertários em atuar não apenas nas fábricas e sindicatos, como também na educação e na cultura da sociedade. Ressaltamos, nesse caso, que nem todos os participantes da UP eram adeptos dos ideais libertários, mas estiveram envolvidos em sua fundação e trajetória pela sua proposta radical de educação inspirados pelas concepções pedagógicas da obra *La Escuela Moderna*, de Francisco Ferrer Y Guardia.

Nesse panorama, duas características *sui generis* da classe e do movimento operário brasileiro devem ser tratadas com destaque: primeiramente, a relação entre anarquismo, anarco-sindicalismo e sindicalismo revolucionário; e, por fim, o conceito de flor exótica.

1.1. A luta dentro dos sindicatos: anarco-sindicalismo ou sindicalismo revolucionário?

A consolidação da Revolução Industrial modificou as relações de trabalho, e as fábricas se tornaram o principal ambiente de convívio dos indivíduos da classe operária, que, pela sua longa carga horária, passavam mais tempo no labor industrial do que em companhia de suas famílias. Nesse campo de intensas relações, patrões e empregados disputavam o controle das fábricas. Na concepção dos anarquistas, caberia aos operários a

⁷² DE LA TORRE. *Apud.* ORDUÑA, Miguel & DE LA TORRE, Alejandro. *Cultura política de los trabajadores (siglos XIX y XX). Prácticas y Representaciones. Trabajo y lucha de clases.* México: Universidad Autónoma de México, 2008. p.308.

direção e a administração do trabalho fabril, uma vez que os mesmos eram os responsáveis pela produção das fábricas. O anarco-sindicalismo foi uma reação aos desafios desse universo industrial:

No fim do século XIX, uma geração profundamente envolvida em atividades sindicais desenvolveu a teoria do anarco-sindicalismo, que afirmava que as oficinas controladas pelo sindicato eram locais onde os homens podiam aprender a organizar a produção de mercadorias e serviços ⁷³.

Produções historiográficas clássicas afirmam que a corrente anarco-sindicalista esteve à frente da organização do movimento operário brasileiro, principalmente nos pólos industriais mais desenvolvidos da República: Rio de Janeiro e São Paulo. Essa tese foi recentemente questionada por Edilene Toledo, que, em sua pesquisa, procura demonstrar que a atuação sindical paulista da Primeira República foi orientada pelo sindicalismo revolucionário:

Anarquismo, anarco-sindicalismo e sindicalismo revolucionário confundiram-se na história e na historiografia. Mas creio que este trabalho demonstra que o movimento operário em São Paulo na Primeira República foi muito mais sindicalista revolucionário que anarquista ⁷⁴.

Apesar de sua pesquisa estar centrada em São Paulo e na experiência da Federação Operária de São Paulo, FOSP, Toledo aplica essa visão crítica, ainda que indiretamente, a toda produção historiográfica referente às organizações sindicais da Primeira República brasileira.

⁷³ WOODCOCK, George. *Os Grandes Escritos Anarquistas...* p.23.

⁷⁴ TOLEDO, Edilene. *Anarquismo e sindicalismo revolucionário. Trabalhadores e militantes em São Paulo na Primeira República*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.p.122.

A fim de adentrarmos essa discussão, lembremos que o sindicalismo revolucionário surgiu na França, em fins do século XIX, e se caracteriza como uma teoria de luta que privilegia os sindicatos como o ponto central de combate e reivindicações da classe operária. Suas semelhanças com o anarco-sindicalismo são voltadas à questão das práticas de resistência, como o incentivo à greve geral e ao boicote ⁷⁵. Contudo, quando analisado por outro ângulo, encontramos no sindicalismo revolucionário uma defesa da negociação patronal e de atividades parlamentares também consideradas como mecanismos de resistência, o que é totalmente antagônico com as propostas do anarco-sindicalismo. A crítica da participação de anarquistas em organizações sindicais teve o respaldo de Errico Malatesta, que, em suas reflexões sobre a questão, afirma:

Os sindicatos não adotem um programa anarquista e que sejam compostos só por anarquistas, neste caso, eles seriam inúteis, porque seriam a repetição dos agrupamentos anarquistas, e não teriam mais a qualidade que os torna tão caros aos anarquistas, ou seja, a de ser um campo de propaganda hoje, e um meio, amanhã, de levar a massa a rua e fazê-la assumir o controle da posse das riquezas e da organização da produção para a coletividade. ⁷⁶

Na concepção de Malatesta, o advento de uma nova sociedade, baseada no anarquismo, somente seria possível com a destruição de todas as estruturas da sociedade moderna capitalista. Os sindicatos militantes, mesmo com o seu potencial revolucionário, estariam presos às estruturas do capitalismo, e suas formas de contrapor-se à dominação capitalista, como a greve geral, somente conseguiriam resultados temporários. Além de não acreditar nos sindicatos, Malatesta também era descrente do potencial libertário da classe e do próprio movimento operário:

⁷⁵ Como exemplo dessa proximidade de métodos de resistência, o verbete anarco-sindicalismo, presente no *Petit Lexique Philosophique de L'Anarchisme*, de Daniel Colson, recebeu a seguinte descrição: “Anarcho-syndicalisme (voir *action directe, minorités agissantes, mouvement, grand soir et greve générale*).” In: COLSON, Daniel. *Petit Lexique Philosophique de L'Anarchisme. De Proudhon à Deleuze*. Paris: Librairie Générale Française, 2001. p.31.

⁷⁶ MALATESTA, Errico. *Escritos Revolucionários*. Trad. Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Imaginário, 1989. p.122.

Seria uma ilusão funesta acreditar, como muitos o fazem, que o movimento operário resultará por si mesmo, em virtude de sua própria natureza, em tal revolução. Bem ao contrário: todos movimentos fundados sobre interesses materiais e imediatos... tendem fatalmente a se adaptar às circunstâncias, engendram o espírito conservador, o temor pelas mudanças naqueles que conseguem obter melhorias.⁷⁷

A estratégia revolucionária anarquista elaborada por Malatesta defendia que os sindicatos deveriam ser utilizados apenas como meio de propagação do ideal libertário, pois o anarquista italiano tinha a crença de que os operários estariam mais próximos dos burgueses do que da liberdade se defendessem seus interesses econômicos, como a redução da jornada de trabalho e do aumento salarial. O embate de suas teorias críticas ao sindicalismo ocorreu no Congresso Anarquista de 1907, realizado de 24 a 31 de agosto de 1907, em Amsterdan. Nesse encontro, Malatesta foi defrontado por Pierre Monatte, militante filiado à Confédération Générale du Travail, CGT, defensor da tese de que os sindicatos seriam um espaço vital, em que os trabalhadores poderiam se organizar e combater o sistema capitalista. Em meio a essa polêmica, e apesar da opinião contrária de muitos anarquistas, o Congresso concluiu que “as idéias de anarquia e de organização, longe de serem incompatíveis, como às vezes têm-se alegado, de fato se complementam e se esclarecem reciprocamente”⁷⁸. Mesmo tendo as suas teses rejeitadas, Malatesta continuou colaborando com outras organizações anarquistas, entre elas, a União Sindical Italiana.

Voltando à questão levantada por Toledo, quais seriam os motivos que teriam levado a essa “confusão” historiográfica sobre as táticas das ações sindicais dos operários apontada em seu trabalho? No esforço de elucidarmos essa questão, cabe um levantamento do primeiro grande encontro dos militantes operários, que resultou na criação do Congresso da Confederação Operária Brasileira, COB.

A fundação da COB representou uma necessidade de união ideológica e de tática de resistência do movimento operário brasileiro e foi realizado de 15 a 20 de abril de 1906 no

⁷⁷ *Ibidem.* p.86.

⁷⁸ WOODCOCK, George. *História das Idéias e Movimentos Anarquistas. Vol.2. O Movimento.* Trad. Júlia Tettamanzi (et al.). Porto Alegre: L&PM, 1984.p.39.

Centro Galego, localizado na então capital da República, Rio de Janeiro. Como principal meta, os participantes da COB deveriam formular diretrizes e orientações a serem seguidas pelas organizações operárias espalhadas pelo Brasil. O alcance pretendido por essa organização foi contestado por Cláudio Batalha: “Em termos práticos, a COB contou apenas com a estrutura da Federação Operária do Rio de Janeiro, sem ter uma efetiva organização própria, nem tampouco uma dimensão nacional”⁷⁹.

Se para Batalha a COB não teve um alcance tão expressivo nas organizações operárias, Alexandre Samis, por sua vez, diverge dessa leitura por meio da afirmação de que esse encontro contou com a participação de 43 delegados de várias partes do Brasil, que representaram 28 associações industriais⁸⁰. No entanto, mesmo com a sua estrutura fixada na capital federal, como de fato apontado por Batalha, as resoluções da COB repercutiram em diversas organizações operárias espalhadas pelo Brasil, conforme defendido por Samis. Reforça essa afirmação o fato de que Toledo, mesmo estudando especificamente o mundo industrial de São Paulo, utilizou-se das resoluções do Congresso da COB em sua defesa da influência do sindicalismo revolucionário nas redes de afinidades do operariado militante:

Os defensores do sindicalismo revolucionário sempre exprimiram atitudes de luta de classes e estabeleceram objetivos revolucionários. Segundo eles, os interesses de classe eram inconciliáveis e o conflito entre as classes constituía um dado objetivo do qual não se podia escapar, como observamos nesse trecho das resoluções do I Congresso Operário Brasileiro, realizado em 1906: “O operariado, agrupando-se em sociedades de resistência, afirma por esse simples fato a existência de uma luta de classes, que ele não criou, mas que se vê forçado a aceitar”.

Essa insistência na luta de classes é um dos aspectos que afastam o sindicalismo revolucionário do anarquismo. O conceito de luta de classes presente no sindicalismo revolucionário é, sem dúvida, inspirado na idéia marxista de luta de classes.⁸¹

⁷⁹ BATALHA, Cláudio. *O movimento operário na Primeira República...* p.20.

⁸⁰ SAMIS, Alexandre. *Pavilhão Negro sobre Pátria Oliva: Sindicalismo e Anarquismo no Brasil...* p.135.

⁸¹ TOLEDO, Edilene. *Anarquismo e sindicalismo revolucionário...* p.66.

Os delegados da COB basearam suas elaborações finais inspirados na Carta de Amiens ⁸², firmada no Congresso da CGT realizado na França, também no ano de 1906, e adotaram o sindicalismo revolucionário como a base teórica de funcionamento da Confederação Operária Brasileira, fundada em 1908. Nesse ponto, encontramos na historiografia do tema um consenso sobre a importância do sindicalismo revolucionário na organização dos operários da República. A divergência encontra-se na interpretação do próprio conceito de sindicalismo revolucionário e na sua prática nas lutas operárias no Brasil. Em sua leitura, Toledo separa o sindicalismo revolucionário do anarco-sindicalismo, nesse momento inicial de organização do movimento operário brasileiro. Novamente, Samis, em outro texto, entra em divergência com essa interpretação:

Era muito natural que os anarquistas do Brasil, assim como em outras partes do continente, adotassem esta identidade sindical. Principalmente porque, nos princípios do modelo francês, nada se encontrava em desacordo com a metodologia dos libertários, foi, sem grande dificuldade, que a bandeira da greve geral insurrecional ocupou simbioticamente o imaginário do operariado organizado na Primeira República.

Percebemos que para os anarquistas ou “anarco-sindicalistas” não havia rigor distintivo entre as categorias. Os libertários, com muita frequência, apresentavam-se como sindicalistas revolucionários alheios, aparentemente, às singularidades das propostas. E, exatamente na senda do sindicalismo, é que as idéias dos anarquistas ganharam substância prática. Foi no meio sindical que os “operários-ilustrados” escreveram panfletos, livros, memoriais e pequenas teses nas quais o sindicalismo operava a mediação entre a ação e a teoria [...] ⁸³

Em sua interpretação, Samis afirma que as teorias anarco-sindicalistas dos militantes operários brasileiros encontraram ressonância com as propostas de organização estrutural promovidas pelo sindicalismo revolucionário. Se o segundo método, isto é, o sindicalismo revolucionário, foi importante para fundamentar as bases de organização sindical entre os trabalhadores industriais em um momento inicial, o primeiro método de

⁸² Esse documento da CGT pregou a autonomia política do movimento operário, fosse de posições de esquerda ou de direita. A influência dos anarquistas começou a declinar por volta de 1908 e o reformismo nacionalista acabou ganhando mais espaço dentro da CGT. Ver: WOODCOCK, George. *História das Idéias e Movimentos Anarquistas*. Vol.2... p.99.

⁸³ SAMIS, Alexandre. *Clevelândia: Anarquismo, sindicalismo e repressão política no Brasil*. São Paulo: Imaginário, 2002.p.55.

luta, a saber, o anarco-sindicalismo, foi importante para a dinâmica de resistência elaborada pelos militantes filiados aos sindicatos e pelos anarco-sindicalistas à frente de diversas greves e manifestações que sacudiram a Primeira República.

Na escala de movimento operário, outras correntes ideológicas, como o Socialismo, o Reformismo e o Positivismo, estiveram presentes com mais densidade nos primeiros anos do século XX. A partir do final da primeira década, no decênio de 1910 a 20, período que abrange essa dissertação, o anarquismo e o anarco-sindicalismo foram predominantes e fundamentais enquanto difusores de uma identidade coletiva que uniu os trabalhadores que militavam nas fábricas, que participavam de greves e que produziam as folhas operárias. Como exemplo, no Segundo Congresso Operário, realizado de 08 a 13 de setembro de 1913, no Rio de Janeiro, os participantes aprovaram resoluções mais próximas às propostas do anarco-sindicalismo, em detrimento das medidas inspiradas no sindicalismo revolucionário do Congresso de 1906⁸⁴.

Os adeptos de outras tendências revolucionárias do seio do movimento operário brasileiro no alvorecer do século anterior não desenvolveram as suas alternativas de resistência no mesmo nível do anarco-sindicalismo. Nos sindicatos, como apontado por Toledo, houve uma diversidade de participação operária, graças, em grande parte, às diretrizes do sindicalismo revolucionário, que, em certa medida, anulava as diferenças ideológicas do operariado combatente⁸⁵. Contudo, ressaltamos que dentro dessa estrutura plural, o anarco-sindicalismo foi a doutrina de embate que mais se desenvolveu no interior dos sindicatos. Se ela não foi homogênea, foi predominante. Voltando à questão levantada, a “confusão” historiográfica criticada por Toledo é fruto da junção dos termos, anarco-sindicalismo e sindicalismo revolucionário, os quais, ao menos na prática cotidiana, representavam igualmente, para os militantes fabris da Primeira República, sinônimos de resistência.

Todavia, apesar dessa dinâmica *sui generis* no Brasil e de alguns pontos em comum encontrados em suas propostas, sindicalismo revolucionário e anarco-sindicalismo não

⁸⁴ RODRIGUES, Edgar. *Socialismo e Sindicalismo no Brasil...* p.332.

⁸⁵ TOLEDO, Edilene. *Anarquismo e sindicalismo revolucionário...* p.53.

devem ser confundidos como uma mesma coisa ⁸⁶. Em outros países, a diferença entre esses dois conceitos promoveu cisões no interior do movimento operário. Como exemplo, segundo José Luis Bendicho Beired, na Argentina, o antagonismo entre o sindicalismo revolucionário e o anarquismo sindical levou a uma disputa de orientação ideológica, que resultou na desistência dos libertários ácratas em continuarem participando da Federação Operária Regional Argentina, FORA, ocorrida no IX Congresso da entidade em meados de 1915:

[...] No congresso, os sindicalistas aprovaram resoluções frontalmente contrárias aos anarquistas. Esse incidente fez com que os anarquistas saíssem da federação e criassem uma outra FORA, que defendesse os princípios e as conquistas do comunismo anárquico [...] A dificuldade de os sindicatos das duas correntes se unificarem radicava-se na diferença de concepções que cada uma tinha a respeito do movimento sindical. Os socialistas, que fundaram seu partido na Argentina em 1896, encaravam os sindicatos e federações operárias como estruturas que deveriam atuar subordinadamente à atividade partidário-parlamentar, enquanto os anarquistas desprezavam qualquer forma de ação que penetrasse no âmbito da política constitucional. ⁸⁷

Essa elevada disputa não aconteceu no movimento operário brasileiro. O maior embate ideológico enfrentado pelos anarquistas do Brasil ocorreu no final de 1920, com o advento do marxismo-leninismo de orientação soviética.

O sindicalismo revolucionário, quando incorporado aos sindicatos industriais do Brasil da Primeira República, teve uma interpretação e uma leitura particular, sem entrar em choque com os seguidores do anarco-sindicalismo, que encontraram na estrutura de organização sindical o espaço ideal para aglutinar e espalhar sua doutrina radical de combate. O declínio de outras correntes ideológicas no seio do movimento operário, como, por exemplo, o Socialismo, favoreceu a criação desse ambiente favorável à organização dos

⁸⁶ Nesse caso, discordamos da afirmação de Cristina Hebling Campos de que o sindicalismo revolucionário foi uma ramificação do anarquismo. In: CAMPOS, Cristina Hebling. *O Sonhar Libertário. (Movimento Operário nos Anos de 1917 a 1921)*. Campinas: Pontes/Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1988. p.14.

⁸⁷ BEIRED, José Luis Bendicho. *Movimento operário argentino. Das origens ao peronismo (1890-1946)*. São Paulo: Editora Brasiliense S.A, 1984. p.14.

libertários anarco-sindicalistas, o que não aconteceu no interior dos sindicatos de algumas outras nacionalidades, vide o caso de Argentina e França. Isso demonstra que, apesar de sua intensa circulação, as idéias se estabelecem de maneira diferente em cada realidade social e que, portanto, essas particularidades requerem atenção especial quando olhamos para o passado.

1.2. A flor exótica no Brasil: construção de um mito de repressão

A participação de italianos e de outros imigrantes na difusão da doutrina anarquista no Brasil é inegável, contudo, esse papel não deve ser encarado de maneira hegemônica. Há uma literatura sobre a formação da classe operária brasileira que interpreta como fundamental o papel do imigrante para a organização militante. Na historiografia clássica do tema, essa influência européia recebeu a denominação de *planta exótica*, que explicaria a origem estrangeira do proletariado e da conseqüente introdução e hegemonia da corrente anarquista no início da República brasileira.

Para Nelson Werneck Sodré, o proletário brasileiro era recrutado no campo e o seu contato com trabalhadores imigrantes europeus foi significativo, pois os mesmos trouxeram consigo uma grande experiência de consciência de classe, resultado de sua vivência com o pensamento anarquista, que, segundo seus estudos, estava mais difundido entre os imigrantes italianos, espanhóis e portugueses ⁸⁸. Seguindo a mesma linha teórica, Maria Nazareth Ferreira afirmou que o advento do operário imigrante iniciou o processo de politização do proletário brasileiro, sendo o principal veículo de difusão de seus ideais sociais a criação e a circulação dos jornais operários, com efetiva participação de intelectuais engajados:

Assim, os inúmeros jornais aparecidos por iniciativa dos intelectuais foram armas importantes, que levaram as idéias à discussão, criaram o hábito de leitura e prepararam o terreno para o surgimento da imprensa operária na virada do século,

⁸⁸ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil...* p.313.

que com a participação dos operários imigrantes, em outra conjuntura, iriam produzir os primeiros frutos da luta social.⁸⁹

No entanto, cabe ressaltar que esse mito da *flor exótica* foi resultado das sínteses sociológicas da década de 1960. Novos estudos referentes ao operariado do Brasil surgiram a partir da década seguinte, com a proposta de discutir o que havia sido produzido pela historiografia até aquele momento. Para Cláudio Batalha, essa renovação foi resultado do acesso a documentos ainda não pesquisados e, também, de uma mudança no campo historiográfico, cujas análises tradicionais e economicamente estruturalistas cederam lugar a estudos referentes à história cultural e pesquisas voltadas à questão do indivíduo, em detrimento dos grupos sociais⁹⁰. Como exemplo pioneiro do início dessa crítica, temos Edgard Carone, que afirma em sua pesquisa, que as particularidades do movimento operário brasileiro estariam na desigualdade do seu desenvolvimento regional e na sua cronologia de acontecimentos:

Se quisermos usar de uma metáfora, podemos dizer que o movimento operário vem ao Brasil “empacotado”: nada é original, nada é sui-generis. [...] No entanto, nenhum processo se faz somente no sentido mecânico. Se quisermos usar de outra metáfora, podemos dizer que o movimento operário brasileiro reflete como um “espelho” a realidade da Europa, mas, como todo espelho reflete a imagem deformada, podemos dizer que é outro o indivíduo devolvido pelo espelho. O mesmo precisa ser dito sobre a nossa experiência proletária, que se modela pela sua matriz, mas que reflete grau e ritmo de desenvolvimento particulares, reflexo das condições do subdesenvolvimento da nossa sociedade.⁹¹

Para Carone, deve-se estudar a dinâmica interna do operariado brasileiro e perceber as peculiaridades desse grupo social, não aceitando a interpretação estruturalista clássica de que a gênese de sua formação política consciente desenvolveu-se apenas com a difusão da

⁸⁹ FERREIRA, Maria Nazareth. *A Imprensa Operária no Brasil. 1880 – 1920...* p.46.

⁹⁰ BATALHA, Cláudio. Formação da classe operária e projetos de identidade coletiva. In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Orgs.). *O tempo do liberalismo excludente: da proclamação da República à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 1, 2003. p.163-189.

⁹¹ CARONE, Edgard. *Movimento Operário no Brasil (1877-1944)*. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1979. p.05.

anarquia trazida por imigrantes do outro lado do atlântico. Reforçando essa afirmação, estudos dedicados ao campo da imigração, realizados por Michael Hall e Paulo Sérgio Pinheiro, demonstraram que muitos imigrantes europeus vinham de zonas rurais e não tiveram participação política em seus países de origem, tendo contato pela primeira vez com o anarquismo e com organizações operárias no Brasil ⁹². Essa tese é bastante ressaltada por Batalha, segundo o qual nem todos os imigrantes vindos da Itália viam-se como italianos, pois muitos se consideravam “vênetos, lombardos, napolitanos e calabreses” ⁹³.

Além disso, essa heterogeneidade estava presente nos próprios brasileiros fabris do período, o que nos leva a concluir que a interpretação clássica de que a politização do operariado do Brasil e seu contato com o anarquismo aconteceram exclusivamente pelo desembarque de imigrantes europeus é questionável, pois o processo em questão não foi simples ou homogêneo, como bem ressaltado por Rodrigo Rosa da Silva: “[...] ao se traçar um perfil da classe operária brasileira deve-se considerar a multiplicidade de origens étnicas, a grande diversidade de culturas e línguas que compunham essa classe durante as primeiras décadas do século XX” ⁹⁴.

Segundo esse autor, a teoria da *planta exótica* foi criada pelas autoridades brasileiras que acusavam os imigrantes de serem *agitadores estrangeiros*, e, com base nesses argumentos xenófobos, o Estado e os empresários do período encontraram uma justificativa para incrementar uma intensa política de repressão que recaiu sobre o movimento operário. O alvo em especial eram os imigrantes expulsos do país, o que, para Paulo Sérgio Pinheiro, foi uma maneira de “quebrar” a espinha dorsal do movimento operário nacional ⁹⁵. O governo de Floriano Peixoto (1891-94) inaugurou esse método, com a expulsão de 76 estrangeiros acusados de sedição. Segundo o levantamento realizado

⁹² HALL & PINHEIRO *Apud*. BATALHA, Cláudio. A Historiografia da Classe Operária no Brasil: Trajetória e Tendências. In: FREITAS, Marcos Cezar (Org.). *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. 4^a ed. São Paulo: Contexto, 2001. p.150.

⁹³ BATALHA, Cláudio. *O movimento operário na Primeira República...* p.07.

⁹⁴ SILVA, Rodrigo Rosa da. *Imprimindo a Resistência: A Imprensa Anarquista e a Repressão Política em São Paulo (1930-1940)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP): Campinas, 2005. p.11.

⁹⁵ PINHEIRO, Paulo Sérgio. Transição Política e Não-Estado de Direito na República. In: SACHS, Ignacy; WILHEN, Jorge & PINHEIRO, Paulo Sérgio (Org). *Brasil: um século de transformações*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p.271.

por Carvalho, desse período, de 36 crimes políticos, 19 foram considerados pelas autoridades como frutos de delitos ácratas⁹⁶.

A definição de estrangeiros como agitadores sociais foi decisiva na criação, em 07 de janeiro de 1907, da Lei de nº 1.641, apelidada de *Lei Adolfo Gordo*, que determinava a expulsão de operários imigrantes envolvidos em greves ou em outras manifestações públicas. Essa mesma lei foi depois utilizada na primeira fase do governo de Getúlio Vargas, na repressão e expulsão de estrangeiros ligados a atividades políticas de propaganda do comunismo. Abaixo, seguem alguns trechos da referida lei:

Faço saber que o Congresso Nacional decretou e eu sanciono a seguinte resolução:

Art. 1. O estrangeiro que por qualquer motivo comprometer a segurança nacional ou a tranqüilidade pública pode ser expulso de parte ou de todo o território nacional.

Art. 2. São também causas bastantes para a expulsão:

1a) a condenação ou processo pelos tribunais estrangeiros por crimes ou delitos de natureza comum;

2a) duas condenações, pelo menos, pelos tribunais brasileiros, por crimes ou delitos de natureza comum;

3a) a vagabundagem, a mendicidade e o lenocínio competentemente verificados.

Art. 4. O Poder Executivo pode impedir a entrada no território da República a todo estrangeiro, cujos antecedentes autorizem incluí-lo entre aqueles a que se referem os arts. 1o e 2o.⁹⁷

Protestos, reivindicações e organizações políticas foram considerados atividades “comprometedoras da segurança nacional” e “delitos de natureza comum”. Para encerrar, destacamos abaixo um trecho de um relatório do diplomata italiano Cariatí, em sua estadia no Brasil, datado de agosto de 1903 e endereçado ao Ministro das Relações Exteriores da Itália, no qual é relatada uma conversa com o chanceler brasileiro do período, o Barão do Rio Branco, sobre as ações proletárias na cidade de São Paulo com a “identificação” de quem estaria no comando desses eventos:

⁹⁶ CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi...* p.24.

⁹⁷ A versão on-line dessa lei pode ser encontrada no seguinte endereço eletrônico: <<http://recollectionbooks.com/bleed/ArchiveMirror/ArquivoDeHist%F3riaSocialEdgarRodrigues/Lei%20Adolfo%20Gordo.htm>. Acesso em 17 jul. 09>.

Nesta cidade onde pelo menos um terço da população é italiana, os anarquistas têm vários órgãos periódicos de publicidade e é também aí que se imprimem com maior frequência os opúsculos de propaganda e os folhetos e libelos subversivos que não são distribuídos somente entre os operários do Brasil mas também são enviados em relevante quantidade a outros centros de imigração italiana.⁹⁸

Ao atribuir as reivindicações do proletariado ao estrangeiro militante, as autoridades da República brasileira buscavam encobrir os problemas sociais, pois os classificava como “caso de polícia”. Dessa forma, as autoridades também deslegitimavam o movimento operário, afirmando que os trabalhadores nacionais estavam sendo manipulados por elementos estrangeiros que trouxeram o anarquismo da Europa e tentaram implantá-lo na Primeira República brasileira. Na declaração do diplomata italiano, fica evidente a preocupação das autoridades com o principal canal de comunicação dos militantes das fábricas: os jornais da imprensa operária.

1.3. Idéias à prova de balas: a imprensa *dos e para* os operários

A confecção de uma imprensa *da e para* o movimento operário possibilitou a consolidação de uma identidade em comum e a circulação de informações, idéias e concepções de mundo, o que constituiu um campo de afinidades e relações em todos os níveis para tais indivíduos. No Brasil republicano, encontramos uma grande quantidade irregular de títulos provenientes do movimento operário. Ao pesquisar esses impressos, Maria Nazareth Ferreira contabilizou um total de 343 títulos de jornais operários no território brasileiro entre o século XIX e as primeiras décadas do XX⁹⁹. Contudo, apesar dessa enorme quantidade, muitas publicações não passaram do primeiro número, sendo que a irregularidade da manutenção de alguns títulos e da distribuição foi consequência de

⁹⁸ CARIATI Apud PINHEIRO, Paulo Sérgio & HALL, Michael M. *A Classe Operária no Brasil. 1889-1930. Documentos Vol.II. Condições de vida e de trabalho, relações com os Empresários e o Estado*. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 1981. p.244.

⁹⁹ FERREIRA, Maria Nazareth. *A Imprensa Operária no Brasil. 1880 – 1920...* p.89.

dificuldades financeiras e perseguições decorrentes de investidas policiais ¹⁰⁰. Essas folhas também apresentaram uma materialidade própria, fruto de seus limites econômicos e de seu próprio objetivo informativo. Os títulos trabalhados nessa dissertação, *La Battaglia*, *A Lanterna*, *A Guerra Social*, *A Voz do trabalhador*, *A Vanguarda*, *Germinal!*, *Na Barricada*, *O Cosmopolita* e o mexicano *Regeneración*, possuem algumas características similares em sua materialidade. A maioria dessas folhas operárias foram editadas em quatro páginas, sendo que a última era reservada a pequenos anúncios de propaganda, pedidos de assinatura, venda de livros, entre outros. A primeira página apresentava informações de destaque e as centrais traziam uma variedade de notícias, tanto políticas quanto culturais, incluindo contos, poesias e charges. Contudo, ressaltamos que praticamente todos os textos foram escritos sob a ótica anarquista.

O estilo da linguagem dessas folhas se destacava pela apologia ao ideal anárquico e por um grande uso de termos adjetivos. Esse uso excessivo de uma linguagem de propaganda social e enfática ao anarquismo, para atingir o *coração* e *mente* de seus leitores, é característico dos impressos operários, como nos revela Maurice Mouillaud: “O jornal militante substitui à polifonia, de tal maneira que a sua voz é escutada em todos os níveis, o que pode causar uma certa redundância” ¹⁰¹. Os editores militantes responsáveis pelas confecções dessas folhas, os operários gráficos, representavam uma categoria intelectualizada dentro da classe e do movimento operário. No Brasil, houve uma diversidade política no interior dos gráficos, o que fica evidente pela dinâmica de seus principais sindicatos e agremiações. No entanto, os militantes intelectualizados, como Edgar Leuenroth, Astrojildo Pereira ou Oresti Ristori, possuíam como principal motivação para seus escritos a proliferação das doutrinas anarquistas, até o seu limite, entre os operários da Primeira República. Contudo, para quem era destinado esse jornalismo político e militante?

Retomando a metodologia de Zicman, apresentada na introdução, e trabalhando com a *frente* dos jornais operários, percebemos que os responsáveis por essas folhas tinham como ambição escrever para militantes ou para indivíduos que, por meio da leitura dessas

¹⁰⁰ *Ibidem*. p.104-105.

¹⁰¹ MOUILLAUD, Maurice. Posturas do Leitor. In: PORTO, Sérgio Dayrell (Org). *O Jornal: da forma ao sentido*. Trad. Sérgio Grossi Porto. 2^a ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002. p.185.

folhas, se unissem a sua causa revolucionária. Em certa medida, esses jornais pertencentes à categoria de imprensa operária almejavam *converter* em anarquista quem tivesse contato com o seu conteúdo. Em razão desse objetivo, novamente destacamos o uso excessivo de um estilo adjetivo, repetitivo, doutrinário e de propaganda em cada palavra ou parágrafo do que era impresso. Alguns artigos publicados nesses jornais procuraram controlar a conduta do que seria um anarquista ideal, condenando as reuniões em botequins e o consumo de bebidas alcoólicas, dentro de um discurso de que tais atividades eram perda de tempo e desviavam a atenção do que seria o foco central do militante operário: discutir as suas mazelas e se preparar para a Revolução.

Se essa era a personificação do leitor ideal, ficamos impossibilitados de medir os resultados de sua recepção, pois trabalhamos com uma fonte clandestina que circulava no subterrâneo do campo social da ordem estabelecida. Nesse ponto, começam a surgir as diferenças entre o *Regeneración* e os demais jornais operários do Brasil. A publicação anarquista mexicana publicava em suas páginas a sua tiragem, o balanço financeiro de vendas de exemplares avulsos e assinaturas, e praticamente todos os seus textos eram assinados. Já no Brasil, o anonimato foi uma forma de resistência. Não tivemos acesso a informações sobre a circulação dos jornais trabalhados nessa pesquisa, nem ao seu fluxo de caixa, e foram raras as matérias que apresentaram assinaturas. E, quando tal identificação era realizada, em muitos casos os autores utilizavam iniciais ou pseudônimos. Por essa característica, tais folhas não possuíam um controle rigoroso que nos permitisse estabelecer a sua distribuição nos círculos operários. Todavia, essa ausência quantitativa em nossa pesquisa não afetou os objetivos que pretendíamos alcançar, pois, em concordância com algumas considerações elaboradas por Robert Darnton em sua investigação sobre os livros proibidos no período pré-revolucionário francês: “Saber quantos exemplares de livros circulavam, nada diz de seguro sobre a maneira como circulavam as idéias e como era a sua disseminação pela leitura de cada leitor”¹⁰².

Enfrentando essas dificuldades, conseguimos traçar alguns pontos da trajetória dos jornais trabalhados nessa dissertação.

¹⁰² DARNTON, Robert. *Edição e sedição. O universo da literatura clandestina no século XVIII*. Trad. Myriam Campello. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.192.

Escrito em italiano e português, o periódico *La Battaglia* foi fundado em 1901, em São Paulo, por Gigi Damiani, Oresti Ristori e Rodolfo Felipe. Com uma intensa trajetória nos círculos operários, em 1912 mudou de nome para *La Barricata*, que foi publicado até agosto de 1913, chegando a ter uma distribuição de 5.000 cópias ¹⁰³. Essa mudança não ficou apenas no título da folha operária, pois houve também uma transformação no discurso e na estratégia empreendida pelo seu principal redator, Gigi Damiani. Luigi Biondi apontou, em seu estudo, que o *La Battaglia* se empenhou ativamente em campanhas anticlericais e de apoio à educação racionalista da Escola Moderna idealizada pelo educador espanhol anarquista Francisco Ferrer y Guardia. Essa mudança de estratégia foi resultado de uma aproximação mais intensa de Damiani com a questão da luta de classes e dos embates nos locais de trabalhos fabris do operariado paulista ¹⁰⁴. Após essa mudança, o *La Barricata* não publicou nenhuma nota sobre a Revolução do México. O *La Battaglia* publicou 15 textos referentes à Revolução Mexicana, da edição 307, de 28 de maio de 1911, até o n° 361, publicado em 21 de julho de 1912.

Outra publicação de destaque no movimento operário foi *A lanterna*, fundado em 1901, por Benjamin Mota. Circulou até 1916 e, após uma interrupção, voltou a ser publicado em 1933, até outubro de 1935 ¹⁰⁵. Apesar de esse periódico ter enfrentado diversas irregularidades de circulação, publicou um total de 293 edições durante sua existência. Em 1909, Edgard Leuenroth assumiu sua direção e participou de um dos casos mais polêmicos envolvendo essa publicação ácrata. *A lanterna*, que se intitulava uma *folha anticlerical e de combate*, entrou em choque com a Igreja Católica ao denunciar o desaparecimento de Idalina de Oliveira. Conhecido como *Caso Idalina*, a órfã Idalina de Oliveira teria sido estuprada e assassinada no orfanato Cristóvão Colombo, de controle da Igreja Católica; e *A lanterna* procurou exercer uma enorme pressão pública para a

¹⁰³ FERREIRA, Maria Nazareth. *A Imprensa Operária no Brasil. 1880 – 1920...* p.92.

¹⁰⁴ BIONDI, Luigi. Na construção de uma biografia anarquista: os anos de Gigi Damiani no Brasil. In: DEMINICIS, Rafael Borges & REIS FILHO, Daniel Aarão (Org). *História do Anarquismo no Brasil (Volume 1)*. Niterói: EdUFF: Rio de Janeiro: MAUAD, 2006. p.165.

¹⁰⁵ RODRIGUES, Edgar. *Pequena História da Imprensa Social no Brasil*. Florianópolis: Insular, 1997. p.40.

resolução do fato e punição dos dirigentes clericais da instituição ¹⁰⁶. *A Lanterna* publicou 13 textos, uma charge e um desenho alterado referente à Revolução do México.

A Voz do Trabalhador circulou de 1908 a 1915 e foi publicação oficial da COB. Em virtude dessa ligação com a COB, esse foi o único periódico que se posicionou como de tendência do sindicalismo-revolucionário. Dirigido pelo gráfico Manuel Moscoso, tal folha operária ficou com a função de centralizar as diversas publicações operárias que circulavam no período – o que não aconteceu em grande medida pela descentralização do movimento anarquista brasileiro –, e em 1912 chegou à tiragem de 4.000 exemplares ¹⁰⁷. Podemos afirmar que *A Voz do Trabalhador* circulou em duas fases. A primeira corresponde ao período de julho de 1908 (quando saiu o primeiro número) até a edição 21, publicada em dezembro de 1909. O segundo corresponde ao período de janeiro de 1913, edição 22, até junho de 1915, quando saiu o último exemplar o de nº 71. Possivelmente, essa lacuna de três anos entre os números 21 e 22 foi consequência da perseguição policial e das dificuldades financeiras que, conforme citado anteriormente, sempre foram um empecilho para a manutenção de uma regularidade na publicação de jornais pertencentes à imprensa operária ¹⁰⁸. As matérias referentes à Revolução Mexicana foram impressas no ano de 1913 e uma em agosto de 1914, constituindo um total de seis notas informativas e uma matéria. É relevante ressaltarmos que esse periódico estava fora de circulação quando a Revolução Mexicana eclodiu em 1910 e nos anos de 1911 e 12, quando a imprensa operária do Brasil republicano acompanhou com mais intensidade os desdobramentos desse evento, como será mostrado no capítulo seguinte.

O periódico *A Guerra Social* possuiu uma dinâmica distinta e foi fundado a partir de um grupo homônimo do Rio de Janeiro. Sua administração ficou a cargo de João Arzua e contou com a colaboração de diversos militantes anarquistas do período, como Astrojildo Pereira, Carlos Dias, Gigi Damiani, entre outros. Ultrapassando a região da capital federal, esse periódico libertário manteve ligação com o movimento anarquista do Rio Grande do

¹⁰⁶ Para detalhes sobre esse caso, ver: SOUZA, Wlaumir Doniseti de. *Anarquismo, Estado e Pastoral do imigrante: Das disputas ideológicas pelo imigrante aos limites da ordem: o caso Idalina*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

¹⁰⁷ FERREIRA, Maria Nazareth. *A Imprensa Operária no Brasil. 1880 – 1920...* p.104.

¹⁰⁸ *Ibidem*.

Sul, por meio de troca de correspondência entre Polidório Santos e R. Fred Gayer. No estrangeiro, recebeu contribuições de Neno Vasco, de Portugal; José Cordeiro, da Inglaterra; Ernesto Herrera, do Uruguai; e Manuel Moscovó, que escrevia da Argentina. De 1911 a 1912 publicou 32 números ¹⁰⁹. *A Guerra Social* foi o periódico que mais publicou matérias sobre o México revolucionário, perfazendo 21 textos, desde a sua primeira edição, de 29 de junho de 1911, até o último número localizado, ed. 32, de outubro de 1912.

Outro jornal operário de trajetória peculiar, *O Germinal!*, publicou 20 números e uma edição especial, ao longo do ano de 1913. Sua redação e administração ficaram a cargo de Florentino de Carvalho e Rodolfo Felipe. Como uma estratégia de dividir os custos de impressão, *O Germinal!* dividiu o seu espaço com o *La Barricata*, que havia substituído o *La Battaglia*. Esses dois títulos dividiram o tradicional espaço de quatro páginas e cada um foi impresso em dois lados ¹¹⁰. *O Germinal!* publicou duas matérias sobre a Revolução Mexicana.

O Cosmopolita foi publicado no período de 1916 a 1918, e, contrastando com os outros periódicos operários, apesar do seu conteúdo anarquista, se apresentava como o “Orgam dos Empregados em Hoteis, Restaurantes, Cafés, bars e classes conjeneres”. Após a formação do Partido Comunista do Brasil, esse periódico retornou às ruas com o título de *Voz Cosmopolita*, e, a partir de 1922 até meados da década de 30, ultrapassou 100 edições publicadas ¹¹¹. Em 1918, divulgou duas matérias sobre os desdobramentos revolucionários no México.

Dispomos de poucas informações sobre *A Vanguarda* e *Na Barricada*.

A Vanguarda foi título de cinco periódicos operários publicados de 1910 a 1920. Na presente dissertação, utilizamos um título produzido no Rio de Janeiro que, de maio a setembro de 1911, publicou vinte números. Localizamos nesse periódico uma matéria sobre a Revolução Mexicana.

¹⁰⁹ RODRIGUES, Edgar. *Pequena História da Imprensa Social no Brasil...* p.289.

¹¹⁰ *Ibidem.* p.65.

¹¹¹ *Ibidem.* p.104.

O *Na Barricada* também foi publicado na então capital federal e teve a sua direção a cargo de Orlando Corrêa Lopes. Entre os anos de 1915 e 1916, publicou 24 números e dedicou, no total, quatro matérias voltadas ao processo revolucionário mexicano.

Por fim, a nossa lista de fontes termina com o periódico mexicano *Regeneración*. Publicação oficial do Partido Liberal Mexicano, PLM, o jornal *Regeneración* foi fundado em agosto de 1900, pelos irmãos Ricardo e Jesús Flores Magón, na Cidade do México. Publicado até meados de 1918, teve um papel bastante significativo na divulgação de ideais anarquistas e anarco-sindicalistas no período revolucionário mexicano. Chegou a ter 30.000 exemplares distribuídos e, como consequência da intensa perseguição política imposta aos seus editores, durante anos foi editado nos Estados Unidos ¹¹².

Esses foram os periódicos que trouxeram a Revolução Mexicana para o movimento operário da Primeira República do Brasil. Uma Revolução inesperada, que representou para os anarquistas da mais jovem República das Américas as aspirações de sua visão de mundo e de alternativa para sua realidade social.

Cabe agora apresentar como aconteceu esse processo.

¹¹² Cf. BARTRA, Armando. (Prólogo, recopilación y notas). *Regeneración (1900-1918). La corriente más radical de la Revolución de 1910 a través de su periódico de combate*. México: Ediciones Era S.A., 1977.

2. “Ecos das carabinas”: A Revolução Mexicana nas páginas da Imprensa Operária Brasileira de 1910 a 1920

*Aparentemente negativa, já que nada se cria,
a revolta é profundamente positiva, porque revela
aquilo que no homem deve ser defendido.*

[...]

Eu me revolto, logo existimos.
(Albert Camus, O homem revoltado)

O anarquismo teve grande visibilidade no final do Século XIX até meados de 1930, nos desdobramentos dramáticos da Guerra Civil Espanhola. Todavia, mesmo após a derrota das forças populares e republicanas espanholas diante das falanges comandadas pelo general Francisco Franco, o ideal anárquico sobreviveu em comitês, manifestações artísticas, protestos esporádicos, entre outras atividades. Contudo, nunca mais obteve aquela força representativa que impulsionou milhares de indivíduos por todo o mundo e que tinham nas palavras Revolução e Liberdade o seu ideal de vida.

Em seu período áureo, a Anarquia, quando despida de toda a sua aura romântica, representou uma alternativa real e concreta de oposição ao Capitalismo. Como rivais, além do capitalismo, o anarquismo encontrou no marxismo-leninismo, após a repercussão da Revolução Bolchevique de 1917, um contraponto de alternativa social e radical de resistência para a classe operária. Os embates entre os defensores desses dois conceitos revolucionários trouxeram consequências políticas, sociais e culturais que guiaram a conduta e a organização do movimento operário em diversas regiões do globo.

Como exemplo desse embate, ao refletir sobre os acontecimentos franceses de maio de 1968, em um escrito datado do ano seguinte, Eric Hobsbawm afirmou que estava surpreso sobre o interesse dos jovens pelo anarquismo, que em sua concepção era uma ideologia datada e ultrapassada: “Poder-se-ia dizer que o anarquismo desapareceu com os

reis e os imperadores a quem seus militantes tão freqüentemente tentaram assassinar”¹¹³. Acentuando suas críticas, o historiador marxista inglês define o pensamento anarquista como uma ideologia emocional, guiada por sonhos e ilusões, com incapacidade de enxergar a realidade e sem nenhum atrativo intelectual para os seus militantes.

Algumas ressalvas sobre essas críticas de Hobsbawm merecem ser expostas. O ideal anárquico foi e, com os limites já expostos, continua sendo uma corrente doutrinária de contestação ao *status quo* do capitalismo moderno. Detentor de um leque de ramificações, o anarquismo não possui um modelo único de organização.

Essa doutrina ideológica teve uma leitura radical realizada por Mikhail Bakunin, cuja práxis estava centralizada em atividades coletivas no trabalho e na produção; em outra vertente, Max Stirner teorizou sobre o individualismo puro dos anarquistas; uma interpretação científica foi elaborada por Piotr Kropotkin na obra *Auxílio mútuo*; e por sua vez, Errico Malatesta percorreu sobre as bases organizativas dos militantes anarquistas com outros setores de apelo social, criticando o individualismo e a prática do anarco-sindicalismo, fundamental na organização do movimento operário no continente americano e discutido no capítulo anterior. Diante desse quadro, desqualificar o ideal anarquista como uma ideologia que prima o emocional em detrimento do lado intelectual de seus simpatizantes, sem bases organizativas ou de ação, é uma crítica que não se sustenta.

A Revolução Mexicana eclodiu numa época em que o ideal da Anarquia representou uma alternativa de contraponto social aos regimes políticos das Américas e da Europa.

Adeptos do ideal libertário, os indivíduos e as diversas organizações anarquistas desses dois continentes criaram uma rede de comunicação e de solidariedade internacional libertária, constituída pela troca de correspondências, jornais, panfletos, e também pelo contato com militantes imigrantes de outras partes do globo. Essa estrutura de comunicação política e cultural foi essencial para a divulgação e circulação de uma leitura libertária da Revolução do México.

¹¹³ HOBBSAWM, Eric J. *Revolucionários: ensaios contemporâneos*. Trad. João Carlos Vítor Garcia e Adelângela Saggioro Garcia. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003. p.90.

2.1. Rede anarquista: revolução, solidariedade internacional e circulação de idéias

A rede de afinidade que uniu os libertários do *Novo* e do *Velho Mundo* praticamente não possui registros materiais de seu funcionamento, pois o anonimato das atividades desses militantes foi uma prática de resistência contra a opressão do Estado. Todavia, quando investigamos como a Revolução Mexicana repercutiu entre esses militantes libertários, conseguimos construir algumas características dessa rede invisível. Começamos pelos periódicos dos trabalhadores da Primeira República brasileira.

As primeiras informações sobre a Revolução do México foram publicadas em junho de 1911 nos seguintes periódicos operários: *La Battaglia*, *A Vanguarda*, *A Guerra Social* e *A Lanterna*.

O *La Battaglia* publicou dois textos sobre a questão revolucionária mexicana. O primeiro foi assinado pelos membros da Junta Organizadora do Partido Liberal Mexicano – Ricardo Flores Magón, Antônio P. Araújo, Librado Rivera, Anselmo L. Figueroa e Enrique Flores Magón –, com o título “I rivoluzionari del Messico. Al Lavoratori di tutto il mondo”. O segundo é de autoria de Giami Gimida, intitulado “Per i rivoluzionari messicani”. No primeiro texto, encontramos as afirmações de que a Revolução em curso no México era de caráter social e que estava sendo guiada por operários e revolucionários libertários. Por sua vez, o artigo de Gimida, que será trabalhado mais adiante, reforça as afirmações do primeiro texto ¹¹⁴.

A Vanguarda, seguindo o exemplo do *La Battaglia*, também cedeu espaço para a Revolução do México em suas páginas, e publicou alguns trechos de um manifesto cuja autoria foi atribuída ao “povo mexicano” e destinado aos “trabalhadores do mundo inteiro”:

O povo mexicano, que neste momento sustenta uma luta heroica e grandiosa contra os tyrannos que o exploram e escravizam, acabam de dirigir aos trabalhadores do mundo inteiro um longo e vibrante manifesto, no qual explicam

¹¹⁴ *La Battaglia*, “I rivoluzionari del Messico. Al Lavoratori di tutto il mondo” e “Per i rivoluzionari messicani”. nº 308. 04/06/1911, pág.03. Tradução nossa.

que o seu generoso e condoreiro movimento não tem os mesquinhos fins políticos de que os exploradores da boa fé lançam mão para galgar o poder.¹¹⁵

Diferentemente dessas duas publicações, *A Guerra Social* dedicou um espaço de destaque ao processo revolucionário mexicano já em sua capa de estréia. Percebemos, então, que essa folha deu mais publicidade nesse primeiro momento à Revolução Mexicana, em comparação com os outros periódicos analisados, ao ter colocado a chamada desse acontecimento em sua capa. Essa afirmação ganha mais consistência quando analisamos o interior da edição. Duas matérias sobre o processo revolucionário mexicano foram publicadas na segunda página. A primeira com o título “Em marcha para a Anarquia”, ilustrada por uma foto exibindo combatentes montados em cavalos, seguida da legenda “Grupo de revolucionários” e novamente assinada pela Junta Organizadora do PLM. A segunda matéria, “A Revolução em marcha”, sem autoria, também é acompanhada de uma imagem - uma foto de rebeldes com carabinas em punho, mirando - e com a legenda “Revolucionários atirando”, como pode ser visualizado abaixo:

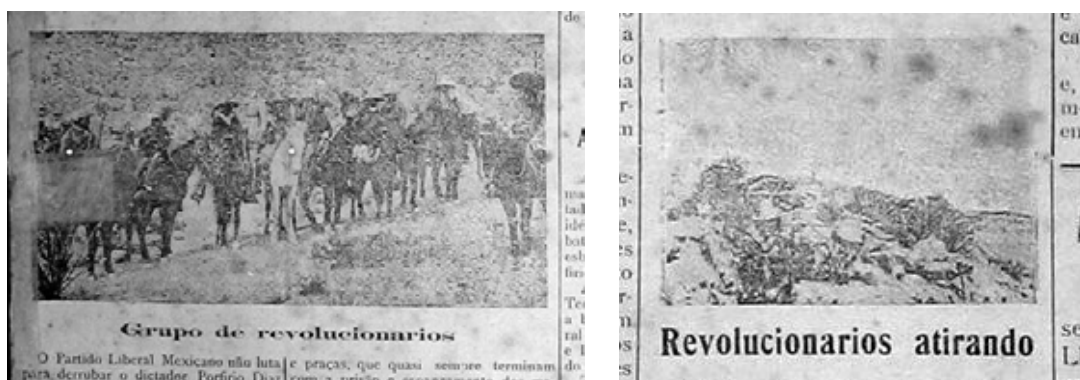


Fig. 1 – Fotos ilustrativas das duas matérias sobre a Revolução Mexicana, publicadas em *A Guerra Social*, nº 01, de 29/06/1911, p.02

¹¹⁵ A Vanguarda, “Revolução Mexicana”. nº 06. 10/06/1911, pág.03.

Além das fotos, o conteúdo das matérias contém um discurso empolgante do processo revolucionário mexicano, perceptível na descrição apresentada logo abaixo do sugestivo título “Em marcha para a Anarquia”:

O manifesto dos revolucionários. – Os tyranos do povo são por elles justicados – As forças leaes são dizimadas e postas em debandada – Os quartéis, repartições do governo e os archivos públicos são reduzidos a cinzas – Os revolucionários apossam-se das propriedades e depósitos, entregando as terras e os instrumentos de trabalho ao povo, distribuindo-lhe também as mercadorias.¹¹⁶

Além dessa apresentação esfuziante, ao longo do artigo encontramos relatos de combates realizados em diversas regiões do México, com uma narrativa heróica, que ressalta a coragem e o desejo de lutar dos revolucionários, as quais compensariam a sua inferioridade numérica: “Os rebeldes, então, lutaram com tanto valor que dos duzentos e cinquenta federaes nem se quer a metade se salvou, ficando os de outra parte feridos ou mortos no campo da peleja. As perdas dos rebeldes foram somente de dois mortos e um ferido”¹¹⁷.

Expostas as primeiras matérias acima, percebemos, ao analisar os periódicos operários, uma linguagem similar entre eles, ao apresentar a Revolução Mexicana em suas páginas. Além disso, ao compararmos três textos dessas publicações – a saber: “I rivoluzionari del Messico. Al Lavoratori di tutto il mondo” do *La Battaglia*; o manifesto citado em partes pelo *A Vanguarda*; e “Em marcha para a Anarquia”, de *A Guerra Social* - constatamos que, apesar de títulos diferentes, possuem um conteúdo similar e são traduções diretas e livres¹¹⁸ do texto “MANIFIESTO A los Trabajadores de Todo el Mundo”, publicado na primeira página da 32ª edição do *Regeneración*, de 08 de abril de 1911. Abaixo, alguns trechos do original desse manifesto:

¹¹⁶ A Guerra Social, “A Revolução em marcha”. nº 1. 29/06/1911, pág.02.

¹¹⁷ *Ibidem*.

¹¹⁸ As traduções diretas foram utilizadas, integralmente, em português e italiano, respectivamente nos textos de *A Guerra Social*, e do *La Battaglia*. Já o periódico *A Vanguarda* realizou uma tradução livre de partes do manifesto originário do *Regeneración*.

COMPAÑEROS: Hace un poco más de cuatro meses que la Bandera Roja del proletariado flamea en los campos de batalla de México sostenida por trabajadores emancipados cuyas aspiraciones se compendian en este sublime grito de guerra: ¡TIERRA Y LIBERTAD!

[...] Estos revolucionarios están representados por la Junta Organizadora del Partido Liberal Mexicano [...] cuyo órgano oficial, “Regeneración”, explica con claridad sus tendencias.

El Partido Liberal Mexicano no lucha por derribar al Dictador Porfirio Díaz para poner en su lugar á un nuevo tirano. El Partido Liberal Mexicano toma parte en la actual insurrección con el deliberado y firme propósito de expropiar la tierra y los útiles de trabajo para entregarlos al pueblo, esto es, á todos y cada uno de los habitantes de México, sin distinción de sexo.

[...] se encuentra igualmente con las armas en la mano outro partido: el Anti-reeleccionista, cuyo jefe, Francisco I. Madero, es un millonario que ha visto aumentar su fabulosa fortuna con el sudor y con las lágrimas de los peones de sus haciendas.¹¹⁹

O anticlerical *A Lanterna* não realizou uma tradução desse manifesto em sua primeira matéria sobre a Revolução Mexicana. Contudo, quando colocados lado a lado, encontramos semelhanças em ambos os textos, no tocante às críticas sobre a ascensão de Madero, a sua campanha de opressão aos membros do PLM e ao mérito dos liberais radicais na derrocada de Porfirio Díaz:

O grande tyranno Porfírio Dias já tombou. Francisco Madero, o grande feudatário, senhor de immensas extensões de terras, onde explora vilmente os seus colomnos, sujeitos a um regimen de tyrannia, este candidato ao lugar de Dias agita-se na sua furiosa ambição ao poder. Já mandou prender e fuzilar diversos membros do Partido Liberal, o verdadeiro partido do povo, que valentemente desthronou a grande fera.

Os revolucionários continuam entretanto, na sua luta grandiosa, a qual todos os amantes da liberdade devem apoiar com entusiasmo.¹²⁰

Conforme exposto no artigo “Movimiento de solidaridad”, escrito por Ricardo Flores Magón e publicado na primeira página da edição 32, o manifesto do PLM teve

¹¹⁹ Regeneración, “MANIFIESTO. A los trabajadores de Todo el Mundo”. n.º 32. 08/04/1911, pág.01.

¹²⁰ A Lanterna, “A Revolução Mexicana”. n.º 90. 10/06/1911, pág. 03.

traduções para diversas línguas, sendo que a tradução para o português provavelmente foi utilizada na primeira edição de *A Guerra Social*.

El Manifiesto que publicamos en este número de REGENERACIÓN está siendo traducido al francés, al alemán y al italiano, de manera que por lo pronto, circulará en cinco importantes idiomas y tenemos la esperanza de que será traducido al hebreo, al ruso, **al portugués** y á otros muchos idiomas por nuestros camaradas de todo el mundo.¹²¹

O Manifesto do PLM, além de reivindicar um caráter social, libertário e internacionalista para a Revolução do México, reforça a tese de que a classe operária mundial deveria se espelhar no exemplo mexicano para implantar a agitação social em suas respectivas sociedades. As traduções para diversos idiomas, conforme citado por Flores Magón, mostra a ampla influência do *Regeneración* em divulgar uma leitura libertária da Revolução Mexicana, não apenas para os periódicos operários da República do Brasil.

O *Regeneración* circulou e foi lido por diversos militantes ácratas organizados em núcleos e organizações anarco-sindicalistas no continente americano e europeu. Além do Brasil, encontramos essa relação em Cuba, Uruguai e Argentina; e no velho continente, os libertários da Espanha e França acompanharam com avidez a cobertura realizada pelos magonistas¹²² sobre o estalar do México revolucionário.

Os anarquistas instalados em Cuba leram com grande interesse os informes da Revolução Mexicana que foram impressas no *Regeneración* e o intercâmbio de notícias foi estabelecido entre o órgão oficial do PLM e o periódico sindicalista de tendência anarquista *¡Tierra!*. Editado por anarquistas cubanos e imigrantes de Andaluzia, Espanha, *¡Tierra!* construiu uma enorme rede de intercâmbios com outros jornais libertários de língua

¹²¹ *Regeneración*, “Movimiento de Solidaridad”. n° 32. 08/04/1911, pág.01- Grifo nosso.

¹²² O termo magonista refere-se ao sobrenome de Ricardo Flores Magón e começou a ser utilizado por todos os seguidores do intelectual ácrata mexicano. Em sua pesquisa, Ricardo Esparza Valdivia afirma que, a partir de 1905, os membros da Junta Organizadora del Partido Liberal Mexicano começaram a serem chamados de magonistas por sugestão do próprio Ricardo Flores Magón. In: ESPARZA VALDIVIA, Ricardo Cuauhtémoc. *El fenómeno magonista en México y Estados Unidos: 1905-1908*. Zacatecas: Universidad Autónoma de Zacatecas, 2000. p.15.

espanhola. Alejandro de La Torre ¹²³ conseguiu traçar alguns títulos que mantiveram contato com essa folha anarquista cubana: *El Despertar*, *La Questione Sociale y Germinal*, de Paterson, *Revolución*, de Los Angeles, EUA; *Tierra y Libertad*, de Madrid, Espanha; *La Revista Blanca* e *El Corsario*, de Barcelona, Espanha; *La Protesta*, de Buenos Aires, Argentina; e *Tiempos Nuevos*, de Montevidéo, Uruguai. O primeiro contato de *¡Tierra!* com o *Regeneración* ocorreu depois da fundação do PLM, em 1906. Para De La Torre, Cuba foi um ponto importante de distribuição do *Regeneración* e de divulgação, entre os anarquistas do continente americano, dessa leitura libertária da Revolução Mexicana. Da Califórnia, os membros do PLM enviavam pelo correio alguns exemplares camuflados do *Regeneración*, com destino a Havana, e de lá, *¡Tierra!* publicava algumas informações sobre a situação mexicana em suas páginas e também redistribuía a folha anarquista mexicana para a Espanha e outros países da América Latina.

Essa ligação intensa de Cuba com o México também foi detectada por Pablo Yankelevich, que atribuiu à ilha do Caribe um papel importante no desenrolar da Revolução que derrubou Porfirio Díaz: “Porfiristas y revolucionarios de todas las facciones se pasearon por las calles de Habana. Al punto que no resulta exagerado afirmar que en páginas de la prensa cubana está escrito un capítulo del México revolucionario” ¹²⁴.

Simetricamente ao círculo libertário cubano, o movimento anarquista argentino também estabeleceu contato com o PLM em 1906. Em outro texto, Yankelevich demonstrou que os libertários do periódico *La Protesta* apoiaram o PLM nos primeiros anos da Revolução Mexicana, contudo, após 1914, com a intervenção dos *marines* estadunidenses em Vera Cruz e a mediação do Pacto do ABC – com participação de Argentina, Brasil e Chile – ocorreu uma mudança nessa postura: “Hacia 1914 la geografía política de la Revolución mexicana adquirió tal complejidad, que ciertos líderes anarquistas

¹²³ Anotações da apresentação oral da comunicação “*Redes de prensa libertaria: El anarquismo de Cuba y sus conexiones con la prensa ácrata internacional a principios del siglo XX*”, de Alejandro de la Torre, em 25 de março de 2010, no VIII Coloquio de Historia Contemporánea, realizado na Dirección de Estudios Históricos, em Tlalpan, México.

¹²⁴ YANKELEVICH, Pablo. *La revolución mexicana en América Latina. Intereses políticos e itinerarios intelectuales*. México: Instituto Mora, 2003. p.21.

comenzaron a dudar de la capacidad del PLM para encauzarla”¹²⁵. Essa crítica, realizada pelos editores anarquistas de *La Protesta*, sobre se o que estava publicado no *Regeneración* representava a realidade dos desdobramentos da Revolução se acentuou após o surgimento dos *Batallones Rojos*, colunas formadas por uma parcela significativa do proletariado mexicano, que combateram as tropas de Pancho Villa e as forças de Emiliano Zapata em 1914 e que foram importantes na vitória das forças Constitucionalistas comandadas por Venustiano Carranza¹²⁶. Convictos de que o PLM não estava mais no comando da Revolução Mexicana, após os informes vitoriosos da Revolução Bolchevique de 1917, o fluxo de informações e de solidariedade dos anarquistas argentinos para com o PLM declinou irreversivelmente.

Os libertários uruguaios também leram com avidez as avaliações de Ricardo Flores Magón sobre o processo revolucionário mexicano. Segundo Carlos M. Rama, o contato entre anarquistas uruguaios e mexicanos data de bem antes da Revolução Mexicana. Entre os anos de 1872 e 77, houve uma intensa troca de correspondências entre as seções uruguaias e mexicanas de *La Asociación Internacional de Los Trabajadores* e o contato com o *Regeneración* ocorreu um ano após a fundação do PLM, em 1907, como foi no caso de Cuba e Argentina. A repercussão da leitura magonista sobre o processo revolucionário mexicano gerou um debate entre os socialistas e os anarquistas uruguaios. O *El Socialista*, folha oficial do Partido Socialista do Uruguai, publicou diversas matérias críticas sobre o caráter radical da Revolução do México, enquanto os anarquistas, por meio da publicação *Tiempos Nuevos*, apoiaram o PLM, com manifestações e arrecadação de fundos, os quais foram enviados à Junta Organizadora do Partido Liberal, sediada em Los Angeles. Esse apoio foi tão intenso que, em 14 de agosto de 1914, Ricardo Flores Magón escreveu uma carta, endereçada a *Tiempos Nuevos*, agradecendo o apoio dos anarquistas de Montevideú ao Partido Liberal¹²⁷. Após a extinção do *Regeneración*, em 1918, a imprensa anarquista

¹²⁵ _____ . Los magonistas en La Protesta. Lecturas rioplatenses del anarquismo en México, 1906-1929. In: *Estudios de Historia Moderna y Contemporánea de Mexico*. México: Instituto de Investigaciones Históricas/Universidad Nacional Autónoma de México, Volumen 19, 1999. p.60.

¹²⁶ Para detalhes sobre os *Batallones Rojos* consultar: CLARK, Marjorie Ruth. *La organización obrera en México*. México: Ediciones ERA, S.A. 1979; MEYER, Jean. Los obreros en la Revolución Mexicana: Los “Batallones Rojos”. In: *Historia Mexicana*. México: El Colegio de Mexico, Vol. XXI, nº 01, julio-septiembre 1971. p.1-37.

¹²⁷ RAMA, Carlos M. La Revolución Mexicana en el Uruguay. In: *Historia Mexicana*. México: El Colegio de Mexico, Vol. VII, nº 02, Octubre-Diciembre 1957. p.171.

do Uruguai, principalmente nas páginas do periódico *La Batalla*, continuou publicando notícias do México até meados de 1919, tendo como fonte de informações as correspondências que lhes foram enviadas pelo general zapatista Jenaro Amezcua, que naquele momento estava vivendo em Havana, Cuba ¹²⁸.

A partir de 1914, com o declínio da circulação do *Regeneración*, alguns números do *La Batalla* foram utilizados como fonte de informações sobre a Revolução Mexicana pelo periódico carioca *O Cosmopolita* em duas edições, numa demonstração de que os operários do Brasil não liam apenas a publicação oficial do PLM na busca de informações sobre o processo revolucionário mexicano:

Da *Batalla* de Montevideo:

Provavelmente, será para muitos uma novidade saber que no México, continua a revolução; pois é verdade, apesar de terem decorrido sete anos apoz a queda do tirano Porfirio Diaz e de ezistir atualmente um Prezidente que se chama Carranza.
¹²⁹

[...]

E <<La Batalla>> comenta:

<<Para nós, os anarquistas, todo movimento que, tenda a destruir os privilejios, contará sempre com a nossa simpathia, com o nosso apoio, porque não acreditamos que temos de esperar pelo rezultado duma luta --- cujos meios são afines aos nossos --- para nos decidirmos contra ou a favor.¹³⁰

Acompanhando a trajetória da Revolução Mexicana pelas páginas do *Regeneración*, encontramos essa rede de informações libertárias nos círculos anarquistas do França e Espanha. Os operários anarquistas franceses acompanharam o desenrolar do processo revolucionário mexicano pelas páginas dos periódicos *Libertarie* e *Temps Nouveaux*. Com uma dinâmica diferente, na Espanha foram os operários libertários dos periódicos *Tierra y Libertad*, *Solidariedad Obrera* e *Reivindicación* que, além de acompanhar as notícias, criaram uma estrutura de solidariedade ao *Regeneración* e ao PLM.

¹²⁸ Em sua clássica biografia sobre Emiliano Zapata, John Womack Jr. descreve Amezcua como um importante agente de publicidade e propaganda do líder da facção zapatista. Ver: WOMACK JR. John. *Zapata y La Revolución Mexicana*. México: Siglo XXI Editores. S.A., 1969. p.310.

¹²⁹ O *Cosmopolita*, “A revolução no México”. n° 25. 15/01/1918, pág. 02.

¹³⁰ O *Cosmopolita*, “AINDA A REVOLUÇÃO SOCIAL NO MÉXICO. Oito anos de luta!”. n° 37. 27/07/1918, pág. 02.

Em sua investigação sobre a presença magonista na imprensa operária espanhola, Joaquín Beltrán Dengra demonstra que a propaganda de repúdio a Porfirio Díaz, empregada pelo *Regeneración*, foi tão intensa que o antigo ditador não conseguiu desembarcar na Espanha em sua viagem de exílio, após a queda mediante os acontecimentos do México revolucionário em 1911:

A finales de junio de 1911, *Tierra y Libertad* dio a conocer la actitud hostil de los obreros de Vigo para con El ex presidente mexicano Porfirio Díaz, que no lo dejaron desembarcar en esa ciudad (había previsto estar algunas horas), y tuvo que continuar su viaje a Francia, y de allí trasladarse a un pequeño pueblo de Suiza, que es donde se exilio.¹³¹

Os anarquistas em torno do *Tierra y Libertad* e os anarco-sindicalistas de *Solidaridad Obrera* se empenharam em campanhas de apoio financeiro ao PLM e, no período de 1911 a 1913, arrecadaram 3,695.42 pesetas, que foram enviadas para Los Angeles. A interrupção desse apoio ocorreu após a análise dos libertários espanhóis de que os magonistas não estavam mais no comando do processo revolucionário mexicano, avaliação semelhante à realizada pelos ácratas argentinos.

Os jornais operários da Primeira República do Brasil também estiveram presentes nessa rede intercontinental de informações, através da trajetória de circulação do *Regeneración*. Em 1911, o órgão oficial do PLM era enviado camuflado para a América do Sul, e vale ressaltar que, nesse período, o serviço postal era estruturado por meio das viagens de navios que transportavam malotes de cartas e cartões-postais. Em nossa hipótese, a folha dos irmãos Flores Magón chegava aos principais portos da República brasileira - Rio de Janeiro, e São Paulo - principalmente em Santos, e sua leitura ficava centralizada nessas regiões, dificilmente sendo distribuída no restante do país. Reforça essa hipótese o fato de termos localizado informações sobre a Revolução Mexicana nos

¹³¹ DENGRA, Joaquín Beltrán. La opinión sobre la Revolución mexicana (1911-1917) en la prensa anarquista española. In: *Espiral, Estudios sobre Estado y Sociedad*. Vol.XIV n°41. Universidad de Guadalajara: Centro Universitario de Ciencias Sociales y Humanidad. Enero/Abril de 2008. p.177.

periódicos operários editados nessas duas cidades. Contudo, a leitura dos operários do Brasil não ficou centralizada apenas no *Regeneración*, como demonstraremos abaixo.

Com um grande espaço de destaque em sua capa, o nº 321 do *La Battaglia* publicou a matéria “IL MESSICO IN FIAMME”, e, em seu conteúdo, fica evidente que a utilização de outras fontes impressas era uma forma empregada pelos operários, a fim de se manterem atualizados e informados sobre a Revolução Mexicana:

[...] Já não é apenas *Regeneración*, o órgão oficial do comitê revolucionário de Los Angeles (Califórnia) ou *¡Tierra!* De Cuba, que descreve a amplitude do movimento de insurgência no México, mas também os jornais da classe média *Los Angeles Tribune*, o *Correio da Tarde*, de Mazatlan, *El Diario*, *El Tiempo*, *El País*, México, *El Imparcial*, *El Paso del Norte*, e muitos outros que dão como o geral insurreição no país.

[...]

O órgão maderista, *El Diario*, lança um grito de alarme na virada tomada pelos eventos. Descrevem o Verão de Guerrero, inundadas por fortes colunas de anarquistas (foragidos), que derrotaram as autoridades, invadiram tribunais, arquivos, tudo expropriado em benefício do povo da terra, e concluí que hoje o México é um vulcão, em cujas brechas dele está prestes a precipitar um novo governo.

A falta de espaço evita um extenso relatório dos acontecimentos em curso naquele país glorioso que lança em primeiro lugar no mundo, o fatídico e verdadeiro grito de liberdade, agitando os bastões sobre as antigas tiranias que morrem nas labaredas vermelhas e chamejantes da anarquia.

Para os nossos bravos camaradas, para os intrépidos pioneiros da nova civilização, a nossa saudação fraterna e felicidades a um triunfo final e completo.

¹³²

Nessa matéria de capa, o *La Battaglia* faz referência a várias publicações: o jornal anarquista *¡Tierra!* e diversos periódicos caracterizados de “burgueses”, entre os quais, o estadunidense *Los Angeles Tribune*, os mexicanos *El Correo de la Tarde*, *El Diáριο* e *El Tiempo*. Com exceção do *¡Tierra!*, que, pela sua postura ideológica, possivelmente foi enviado aos editores do *La Battaglia* pela rede de contatos ácrata, dificilmente os operários responsáveis pelo periódico bilingue de São Paulo tiveram contato direto com essas outras folhas da “classe média”. Localizamos, no entanto, referências a esses mesmos jornais e ao seu conteúdo em outra publicação libertária: a “sezione italiana” do *Regeneración*.

¹³² *La Battaglia*, “IL MESSICO IN FIAMME”. nº 321. 10/09/1911, pág.01. Tradução nossa.

Impresso em italiano e editado entre julho e outubro de 1911, essa “sezione italiana” do *Regeneración* possuiu 16 números, e teve como redator o artista anarquista italiano Ludovico Caminita ¹³³. Emigrado aos Estados Unidos em 1902, Caminita instalou-se na cidade de Paterson, localizada no Estado de New Jersey, e logo se filiou à organização anarco-sindicalista Industrial Workers of the World, IWW ¹³⁴, na qual possivelmente estabeleceu seus primeiros contatos com Ricardo Flores Magón. A versão impressa de Caminita, apesar de homônima, diferenciou-se do seu *gêmeo gráfico mexicano*, publicando pequenas notas informativas, no mesmo modelo das agências internacionais de notícias e opiniões de outras publicações, como o *El Diáριο*, *L. A. Tribune*, *L' Imparcial*, entre outros. Além de editar essa versão, Caminita também ilustrou diversas edições do *Regeneración* de Flores Magón.

Concluimos, portanto, que o *La Battaglia* utilizou alguns trechos do artigo “Movimento Sociale Internazionale” - assinado pela anarquista Rosa Mendez e publicado na 6ª edição italiana do *Regeneración*, de 19 de agosto de 1911 ¹³⁵ - em sua matéria de capa “IL MESSICO IN FIAMME”, sendo que tal artigo foi a fonte principal de informações sobre o conteúdo das matérias dos jornais “burgueses”, e não estes propriamente.

Os eventuais leitores da matéria de capa do *La Battaglia* se depararam com a descrição de um “México em chamas” [!], com deserções de tropas federais, união de indígenas com o proletariado, e o avanço da Revolução pelo restante do território mexicano, para destacar algumas imagens discursivas que esse periódico procurou transmitir. Por meio desse texto, temos a sensação de que a Revolução do México estava sendo conduzida sob a “bandeira rubro negra do anarquismo”, novamente guiada pelo lema

¹³³ Para uma trajetória sobre Caminita, ver: ANTLIFF, Allan. *Anarchist Modernism: art, politics and the first American avant-grade*. Chicago: The University of Chicago Press, 2001. p.194.

¹³⁴ Fundado em 1905, no mesmo ano do PLM, a IWW foi bastante influente na formação dos libertários mexicanos exilados nos Estados Unidos, como discorre James Joll: “A experiência da IWW. transformou-se numa lenda militante, influenciava alguns sindicatos estrangeiros por breve período – especialmente no México, onde os operários mexicanos que tinham experiência dos métodos da IWW. regressaram, juntando-se aos anarquistas que, nos anos da Revolução Mexicana, tinham aprendido, em Espanha, a prática anarco-sindicalista”. In: JOLL, James. *Anarquistas e Anarquismos...* p.261.

¹³⁵ Essa mesma edição em italiano do *Regeneración* publicou, em sua segunda página, um artigo intitulado “Brasile”, assinado por João Candido, o marinheiro que liderou o movimento que ficou conhecido como a Revolta da Chibata no final do governo republicano brasileiro de Nilo Peçanha, em novembro de 1910. Nesse artigo, o *Almirante Negro*, como ficou conhecido Cândido, teceu severas críticas à exploração que a República brasileira realizava sobre os imigrantes, principalmente os de origem italiana.

do PLM, “Terra e Liberdade”. Destacamos também dessa matéria a preocupação do *La Battaglia* em legitimar as informações divulgadas sobre os acontecimentos mexicanos, por meio da referência a diversas publicações, até mesmo as opositoras do grupo dos magonistas, que registraram em suas páginas notícias semelhantes dos percalços do México revolucionário.

A *Guerra Social* também utilizou outros periódicos em seus informes sobre a Revolução Mexicana. Em sua 16ª edição, essa folha operária do Rio de Janeiro publicou um texto do anarquista cubano Fernando Tarrida del Marmol ¹³⁶. Esse longo artigo – que analisaremos no terceiro capítulo dessa dissertação – foi retirado do periódico libertário francês *Les Temps Nouveaux*, do final do mês de janeiro. Nele, Tarrida del Marmol critica a censura e a confusão de notícias dos jornais estadunidenses que, em determinadas matérias, noticiou a morte de Emiliano Zapata, para depois afirmar que o mesmo havia derrotado o governo federal mexicano em batalhas acirradas. Ainda segundo o escritor anarquista, as motivações dessa orientação editorial dos jornais estadunidenses foram desvendadas pela militante ácrata Voltairine de Cleyre, em uma série de artigos publicados no jornal operário *Mother Earth*. Infelizmente, Marmol não explicitou o conteúdo desses artigos assinados por Cleyre.

Essa matéria assinada por Marmol não ficou restrita apenas ao periódico operário carioca. Na edição de nº 19, em uma pequena nota publicada na capa, *A Guerra Social* denunciou que esse mesmo artigo foi publicado nas páginas do jornal *Gazeta de notícias*, que, ao contrário do periódico operário, não creditou a autoria do texto. Abaixo, segue a denúncia:

O MÉXICO EM REVOLUÇÃO

Quarta-feira passada a <<Gazeta de Notícias>> publicou, sob o título acima, informações para o seu público, copiadas textualmente do artigo de

¹³⁶ Nascido em 1861 em Cuba, Tarrida del Marmol recebeu prestígio nos meios libertários ao desenvolver a teoria do “Anarquismo sem adjetivos”, defendendo uma união de todas as formas de conceituação anarquista (mutualista, individualista, anarco-sindicalista, entre outros) como o principal pilar de estabelecimento de uma sociedade ácrata. Faleceu refugiado em Londres, em 1915. Ver: ESENWEIN, George Richard. *Anarchist ideology and the working-class movement in Spain. 1868-1898*. Berkeley and Los Angeles, California: University of California Press, Ltda. 1989.p.135.

Tarrida del Marmol, que nós traduzíramos e estampámos na <<Guerra Social>> de 13 do mez passado. Copiou... e mais nada! Nem ao menos o nome do autor...

O rapazes aí da <<Gazeta>>!-- Olhem que isso, positivamente, não é sério...¹³⁷

Fica evidente, nessa nota, que os operários de *A Guerra Social* também liam os jornais da grande imprensa, não se restringindo apenas aos periódicos libertários. Ressaltamos que a leitura dessas folhas de grande circulação foi realizada de maneira crítica, uma vez que os redatores libertários procuravam trechos ou lacunas para serem atacados, enquanto seu olhar para os periódicos libertários foi diametralmente oposto, já que compartilhavam as mesmas concepções sociais, utilizaram esses periódicos para reforçar as opiniões publicadas em seus jornais. Destacamos o interesse dos editores de *A Gazeta de notícias* em utilizar na íntegra – semelhante aos jornais da imprensa operária – uma matéria sobre a Revolução Mexicana original de um periódico libertário europeu¹³⁸, pois demonstra que a circulação das folhas libertárias estrangeiras não ficou restrita apenas aos círculos de anarquistas no Brasil. Se os libertários se preocupavam com o que era publicado pela grande imprensa, porque não supor que o mesmo não acontecia de maneira inversa?

Outra matéria de *A Guerra Social* nos fornece subsídios para reforçar a hipótese da diversidade de leitura empreendida pelos seus operários. Em sua 12ª edição, essa folha de combate publicou um artigo assinado por C.L.¹³⁹ intitulado “A Revolução no México”. Diferente das outras edições, essa matéria utilizou como fonte notas provenientes do jornal

¹³⁷ *A Guerra Social*, “O MÉXICO EM REVOLUÇÃO”. nº 19. 04/04/1912, pág.01.

¹³⁸ Dias realizou uma análise dessa matéria sobre o ponto-de-vista de *A Gazeta de Notícias* sobre a Revolução Mexicana. Para mais detalhes, tanto dessa matéria quanto da trajetória dessa folha, ver: DIAS, Natally Vieira. *O MÉXICO COMO “LIÇÃO”*... p.41-44; 108-109.

¹³⁹ Em todas as matérias levantadas sobre a Revolução Mexicana publicadas nos jornais operários brasileiros foram raros os assinados. No caso de *A Guerra Social*, CL assinou esse e outros textos sobre a Revolução do México. Apenas com essa sigla ficamos impossibilitados de esclarecer a identidade do autor dessas matérias. Contudo, C.L. poderiam ser as iniciais do nome de Orlando Corrêa Lopes. Engenheiro e anarquista, Corrêa Lopes foi bastante atuante no movimento anarquista e operário no Rio de Janeiro, onde era publicado o periódico *A Guerra Social*, tendo sido também editor do *Na Barricada*, que publicou algumas matérias sobre o processo revolucionário mexicano. O nome de Corrêa Lopes também apareceu em algumas notas publicadas dentro do *Regeneración*, sobre a repercussão da Revolução no Brasil.

*O Correio da manhã*¹⁴⁰: “<<México, 2 – (Havas) – Reina a crença geral de que o governo se acha em presença de uma grave crise. O presidente Madero e o gabinete ministerial admitem que a revolta zapatistas é uma ameaça para o governo>>”¹⁴¹. Encontramos mais algumas referências na 15ª edição, de 06 de março de 1912:

No nosso numero de 10 de Fevereiro, com o titulo – *A Revolução no México* – puzemos os nossos leitores e camaradas ao corrente dos auspiciozos acontecimentos que se desenvolvam nesse paiz. O movimento comunista ganha terreno todos os dias e já os jornais burguezes não podem mais ocultar a gravidade da situação. **Uma folha carioca de grande circulação** publicou a respeito o seguinte telegrama:

<<Washington, 21 – *Havas* – As notícias hoje recebidas dão como em completa anarquia (no sentido impróprio e burguez do vocábulo) aquele paiz. Os rebeldes estão senhores de muitas cidades, etc.¹⁴²

Mesmo sem citar diretamente sua fonte, acreditamos que o telegrama reproduzido em *A Guerra Social* foi retirado novamente de *O Correio da manhã*, na afirmação de que a nota da agência Havas foi originalmente publicada em “Uma folha carioca de grande circulação”. Ao nos aprofundarmos na trajetória e nos objetivos editoriais assumidos pela folha de Edmund Bittencourt, torna-se compreensível o seu uso pelos operários do periódico libertário carioca. Ao longo de sua existência, *O Correio da manhã* assumiu opiniões críticas e sempre promoveu alterações em suas páginas, apoiou uma greve operária ao publicar uma carta dos revoltosos contra a polícia e o exército em 1903¹⁴³, fez campanhas de oposição ao governo republicano em diversas ocasiões, e teve seu fundador, Bittencourt, encarcerado durante a revolta da vacina¹⁴⁴. Essa postura diferenciada reforça nossa hipótese de que essa folha de grande circulação foi lida e ocasionalmente usada como

¹⁴⁰ Fundado no Rio de Janeiro em 1901 por Edmund Bittencourt, *O Correio da Manhã* aproximou-se das camadas menos favorecidas da sociedade, e, se afirmando como um *jornal de opinião*, procurou se diferenciar de outros grandes jornais do começo do século XX, pois “não tinha compromissos com agremiações ou figuras políticas [...]”. In : LUCA, Tania Regina de. *A Grande Imprensa na Primeira Metade do Século XX...* p.162-163. *O Correio da Manhã* foi publicado até 1974, e acabou sendo fechado pela repressão promovida pelo regime ditatorial brasileiro, por meio da prisão de sua proprietária e de seus principais redatores.

¹⁴¹ *A Guerra Social*, “A Revolução no México”. nº 12. 10/02/1912, pág.03

¹⁴² *A Guerra Social*, “México”. nº 15. 06/03/1912, pág.02. Grifo nosso.

¹⁴³ SAMIS, Alexandre. *Clevelândia: Anarquismo, sindicalismo e repressão política no Brasil...* p.110.

¹⁴⁴ VITORINO, Arthur José Renda. *Máquinas e operários. Mudança técnica e sindicalismo gráfico (São Paulo e Rio de Janeiro, 1858-1912)*. São Paulo: Annablume: FAPESP, 2000. p.54.

fonte nos jornais operários. Também atentamos ao fato de que, para os militantes ácratas, era muito importante que uma grande publicação, direcionada a um público diferente dos círculos anarquistas, compartilhasse de suas opiniões, pois isso reforçaria as denúncias sociais que sempre estiveram presentes nas páginas das publicações da imprensa operária.

Algumas matérias de destaque sobre o México revolucionário publicadas em *A Guerra Social* tiveram como principal fonte de informações outras publicações anarquistas estrangeiras, como foi o caso da matéria de capa da edição de nº 20, publicada com a seguinte chamada: “A Revolução no México – Ela apenas começa – A terra para todos! --- Tal é o grito do povo revoltado”¹⁴⁵.

O texto praticamente preenche todo o espaço de capa da publicação operária brasileira e foi assinado novamente por C.L. Dividido em diversas colunas, no início já somos informados que parte do material publicado foi traduzido do periódico francês *Libertaire*. Nas primeiras linhas, o *Libertaire* colocou-se como o único órgão impresso da França imbuído da tarefa de publicar notícias sobre o México, no desejo de responder à seguinte questão de seus leitores militantes: “Em que pé está a Revolução mexicana?”:

Com estes títulos publicou o *Libertarie*, o seguinte artigo que traduzimos para a *Guerra Social*:

Em que pé está a revolução mexicana? perguntam os camaradas anciozamente todas as semanas, quando abrem o *Libertarie*, o unico jornal, em França, que tomou por dever informar todos os acontecimentos que se dezenrolam ha mais de seis mezes no México.

[...]

Com os últimos números da *Regeneración*, o admirável orgam anarquista que tanto tem feito já pela cauza de um dos povos mais oprimidos da terra, um grande maço de quotidianos do México acabamos de receber, assim como os últimos números da *Era Nova*, de Paterson (Estados Unidos) que não tem cessado, com *Cultura Obrera*, de secundar vigorozamente a *Regeneración*.

¹⁴⁶

¹⁴⁵ A *Guerra Social*, “A Revolução no México” nº 20. 10/04/1912, pág.01. Conforme exposto em nossa introdução, esse exemplar foi citado nos textos de Edgar Rodrigues e no livro de Maria Nazareth Ferreira.

¹⁴⁶ A *Guerra Social*, “A Revolução no México”. nº 20. 10/04/1912, pág.01.

Em outra matéria de capa, da edição de nº 21, *A Guerra Social* publicou com o título destacado em negrito **“A Revolução Mexicana. Escritores autorizados afirmam, como nós, que a Revolução Mexicana, constituiu o mais belo movimento expropriador conhecido até aqui”**¹⁴⁷. Essa reportagem impressa de *A Guerra Social* foi montada a partir de três fontes distintas, tendo como “escritores autorizados”: Aristides Pratelle, Luigi Molinari e Ricardo Flores Magón.

Assinada por Pratelle, a primeira parte da matéria - retirada do *Libertaire*, que, por sua vez, utilizou como fonte o *Despertar*, publicado em Genebra - consiste do penúltimo capítulo de um estudo sobre o período do governo de Porfirio Díaz, descrito como um “Nero mexicano”. O texto seguinte, assinado por Molinari, foi publicado originalmente na revista *Università Popolare*, de Milão, e o artigo de Ricardo Flores Magón foi retirado do *Regeneración*. Atentamos para o fato de que essas matérias originárias de fontes impressas distintas foram publicadas integralmente na folha libertária do Rio de Janeiro. Ao realizar esse processo, os operários de *A Guerra Social* compartilharam da tese desses autores e procuraram transmiti-las aos seus leitores.

Com um conteúdo diversificado, o *La Battaglia* publicou um material diferente sobre o México revolucionário. Infelizmente, o exemplar consultado está deteriorado em diversas partes e não foi possível precisar o número e o dia de publicação do periódico. A matéria sobre a Revolução Mexicana também apresenta algumas rasuras, principalmente nas laterais e no título. Dito isso, nesse extenso material do periódico libertário de São Paulo, destacamos um trecho de uma carta redigida pelo Dr. John Creaghe. Médico e anarquista, Creaghe frequentemente é associado ao movimento anarquista inglês e argentino, onde sempre esteve envolvido em propagandas libertárias, manifestações, fundações de organizações, etc. Sua ligação com a Revolução Mexicana se iniciou por meio de uma viagem, realizada da Argentina com destino a Los Angeles. Abaixo, destacamos alguns trechos da matéria sobre seu relato de viagem:

¹⁴⁷ *A Guerra Social*, “A Revolução Mexicana”. nº 21. 24/04/1912, pág.01.

O companheiro Dr. John Creaghe, velho e ousado militante, apesar da idade tardia, meses atrás saiu de Lujan (Argentina) e atingiu as fronteiras do México. De lá, ele escreveu para os companheiros da América do Sul, confirmando a realidade do movimento comunista agrário e da sua importância.

Vejamos a carta:

<<Companheiros,

Eu acredito no dever de trazer para ao vosso conhecimento a minha opinião sobre o atual movimento do México, uma opinião de quem teve a oportunidade de forma-la com conhecimento dos fatos.

Parti de Lujan, Argentina, em setembro do ano passado, com destino a Los Angeles, Califórnia, e passei através do México, onde, sabíamos que havia um movimento revolucionário de caráter econômico, apesar do triunfo do partido político liderado por Francisco Madero.

Sobre isso já havíamos lido no REGENERACIÓN, mas, entretanto, eu duvidava se era realmente verdade aquilo que li e quando fui para a capital do México, eu não sabia da importância do movimento organizado por Emiliano Zapata e pela agitação provocada pelos nossos colegas do REGENERACIÓN.

Estava na capital do México sem poder receber informações pelos nossos companheiros, mas a partir da leitura dos jornais burgueses, creio que a importância do movimento mexicano aumenta a cada dia. Nos últimos dias no México, jornais burgueses, de alguns estados ou províncias, queixaram-se do conjunto da população, velhos, jovens, mulheres e crianças, que se tornaram zapatistas. Hoje eu vi um jornal católico e burguês do México <<El Tiempo>> estimando que Zapata, denominado como o Atila do Sul, é responsável por cerca de três milhões de membros>>. ¹⁴⁸

Depois dessa experiência no México, Creaghe uniu-se ao PLM na Califórnia e participou ativamente de suas ações nos Estados Unidos. Uma vez que Creaghe foi considerado uma testemunha da realidade mexicana, apontamos a publicação de seu relato pelo *La Battaglia* como uma maneira de legitimar, em suas páginas, tudo o que o *Regeneración* e outras publicações libertárias redigiram sobre o México até aquele momento. Afinal, tratava-se de um documento de um indivíduo que esteve em solo mexicano, presenciando todo o turbilhão revolucionário com seus olhos. Segundo o relato, houve uma dificuldade de circulação do *Regeneración* no território mexicano em seu momento revolucionário, de tal forma que o autor foi obrigado a recorrer aos jornais burgueses para se manter informado. Também destacamos a maneira como Zapata foi retratado por esses periódicos, recebendo a alcunha de “Átila do Sul”. De acordo com o estudo de Carlos Alberto Sampaio Barbosa, Zapata recebeu essa denominação negativa

¹⁴⁸ La Battaglia, “A Revolução Mexicana [...] Uma carta de Creaghe aos companheiros da América do Sul”. nº 7. 7/03/1912, pág.02. Tradução nossa.

pelo *El Imparcial*, em 20 de junho de 1911, chegando ao ápice com o livro de H.H. Dunn¹⁴⁹.

Outro trecho interessante do relato foi o temor, descrito por Creaghe, do jornal *El Tiempo*, que teria informado que Zapata tinha em seu comando três milhões de membros. Não obstante, cabe ressaltar que Creaghe, pelo seu posicionamento ideológico e pela sua simpatia a Flores Magón e ao PLM, realizou uma leitura tendenciosa da realidade mexicana, o que não desqualifica o seu relato, mas revela que o mesmo serviu para fins políticos e ideológicos quando foi escrito e publicado.

Essa rede de contatos anarquistas intercontinental não foi apenas importante para a circulação de uma leitura libertária da Revolução Mexicana realizada nos artigos do *Regeneración* e compartilhada pelos círculos anarquistas das Américas e da Europa. Houve também uma articulação de apoio aos revolucionários do México, empreendida por ácratas de vários países que compartilhavam a orientação ideológica dos membros do PLM.

Para o movimento operário brasileiro do segundo decênio do século XX, a Revolução Mexicana, em seus primeiros anos, representou um desafio não apenas de análise, mas também de solidariedade intercontinental. Os jornais anarquistas editados pelos militantes ácratas não ficaram apenas publicando informações sobre o México. Os revolucionários que combatiam nas terras mexicanas, ocasionalmente receberam a denominação de “nossos irmãos” nas páginas das folhas operárias, o que interpretamos como um esforço de identificação dos militantes brasileiros para com os mexicanos. Com base nessa relação identitária, houve, apesar de toda a limitação estrutural, um apoio aos revolucionários no México pelos militantes residentes no Brasil republicano.

Localizamos o primeiro esboço dessa solidariedade na primeira referência à Revolução do México presente nas páginas operárias do Brasil. Publicada no *La Battaglia*, trata-se de uma pequena nota registrada no espaço dedicado à divulgação de classificados, na última página, convidando simpatizantes com o objetivo de se reunirem a fim de discutir a situação do México. Eis a nota:

¹⁴⁹ BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio. *A fotografia a serviço de Clio: uma interpretação da História Visual da Revolução Mexicana (1900 – 1940)*. São Paulo: Editora Unesp, 2006. p.103.

“Comitê Pró-revolucionários Mexicanos”

Invítase a todos los compañeros à la reunión que tendrá lugar el domingo 28 del ete. à las 3 de la tarde en le sitio que se designará por médio de los diários de esta localidad.

En dicha reunion se resolverá nuestra actitud frente ao movimento revolucionário de México. EL COMITÉ.¹⁵⁰

Alguns pontos desse convite chamam atenção: primeiramente, não houve uma divulgação do endereço da eventual reunião; e, em segundo, a data da chamada desse encontro foi agendada para o dia “28 deste”, ou seja, no mesmo dia em que o referido exemplar saiu às ruas. A nota também foi publicada em espanhol, o que é um ponto interessante, pois, as matérias do *La Battaglia* sempre foram redigidas em italiano e português. Não obstante, a formação de um comitê de apoio à Revolução foi significativa, pois demonstra que, além de apenas informar, houve uma articulação de apoio entre os militantes operários do Brasil, por meio da imprensa anarquista, para com os revolucionários do México. Todavia, mesmo sem dados concretos dessa reunião, acreditamos que a organização deste comitê repercutiu no movimento operário brasileiro, como atesta o trecho a seguir, do artigo “A revolução mexicana”, publicado em *A Vanguarda*:

Na impossibilidade de dar na integra o referido manifesto, por absoluta falta de espaço, limitamo-nos a transcrever a parte mais importante que nelle encontramos esperando que os trabalhadores do Rio de Janeiro, a exemplo do que fizeram os de S. Paulo, que já constituíram um comitê para auxiliar a Revolução, não fechem os ouvidos ao apello dos valentes companheiros, que a estas horas, com as armas nas mãos, defendem no campo de batalha a liberdade de todos.

[...] Sabemos que os libertários do Rio de Janeiro estão constituindo também aqui um *comitê* para angariar recursos em favor dos revolucionários mexicanos. Enquanto, porém, o *comitê* não estiver organizado, todo e qualquer auxílio que os trabalhadores quizerem prestar a causa dos operários mexicanos poderão ser enviados para esta redacção, a Ulysses Martins, ou para a Federação Operaria, a rua General Câmara, nº 335, ao companheiro Demetrio Miñana.¹⁵¹

¹⁵⁰ La Battaglia, “Comitê Pró-revolucionários Mexicanos”. nº307. 28/05/1911, pág.04. Tradução nossa.

¹⁵¹ A Vanguarda, “Revolução Mexicana”. nº 06. 10/06/1911, pág.03.

Nos trechos selecionados, os operários de *A Vanguarda* incentivaram a organização de um comitê de apoio aos revolucionários mexicanos por parte dos operários do Rio de Janeiro, seguindo o exemplo dos seus companheiros de São Paulo. Mesmo com poucos detalhes dessa matéria, afirmamos que esse comitê paulista citado em *A Vanguarda* é o mesmo divulgado pelo *La Battaglia*. No esforço de também articular um apoio à Revolução que acontecia naquele momento, o periódico carioca ofereceu sua redação para receber subscrições que seriam remetidas aos revolucionários mexicanos.

Na diferenciação da criação de um comitê de apoio à Revolução Mexicana, houve um ponto de divergência na formação da classe e do movimento operário no Rio de Janeiro e em São Paulo, nos primeiros anos do século XX. Acompanhando a gênese desse grupo social nos dois pólos industriais da Primeira República, houve uma dificuldade de inserção dos indivíduos pertencentes ao operariado situado na capital federal, que contou em suas fileiras com mulatos, negros e ex-escravos, enquanto que, na cidade paulistana, os imigrantes foram predominantes entre os trabalhadores nas fábricas. Essa dicotomia em sua origem foi importante na orientação da postura e na práxis do movimento operário de cada cidade, que teve características distintas, como demonstra Sérgio Augusto Queiroz Norte:

As práticas histórico-sociais dos libertários em São Paulo foram forjadas num contexto de amplo pluralismo e inserção social, que permitiu a recusa do monopólio do discurso político e partia do princípio da diversidade constitutiva do pensamento libertário, enquanto que no Rio de Janeiro grupos anarquistas de menor inserção social e mais marcados por uma relativa ortodoxia, apresentaram um tom mais filosófico e doutrinário.¹⁵²

Essa distinção entre os anarquistas do Rio de Janeiro e de São Paulo fica evidente na postura de apoio à Revolução Mexicana e aos membros do PLM, empregada por cada periódico. Em *La Battaglia*, encontramos, por sua vez, a divulgação de formação de um

¹⁵² NORTE, Sérgio Augusto Queiroz. *Contra Leviatã, Contra a História. A travessia do deserto: mitos, literatura e imprensa anarquista no Brasil – 1945-1968*. Tese (Doutorado em História). Universidade de São Paulo: São Paulo, 1994. p.97.

comitê de solidariedade, que representa a articulação de apoio dos anarquistas de São Paulo para a Revolução Mexicana, enquanto *A Vanguarda*, do Rio de Janeiro, solicita que os libertários da capital federal também realizem um apoio mais efetivo, tal qual seus companheiros da cidade industrial paulistana.

Portador de uma carta original escrita por Emma Goldman ¹⁵³, datada de 28 de novembro de 1911, Edgar Rodrigues afirma que a anarquista russa encarregou Neno Vasco, pseudônimo de Gregório Nazianzeno Moreira de Queirós e Vasconcelos ¹⁵⁴, de ser o representante brasileiro no apoio internacional aos revolucionários mexicanos ¹⁵⁵. Temos, abaixo, alguns trechos da referida carta:

Meu Camarada:

Tenho em meu poder a sua carta e também o dinheiro enviado em dólares, os quais serão remetidos aos nossos camaradas mexicanos.

Você não pode imaginar o que significará para eles. Não somente por causa do dinheiro, o que eles necessitam muito, mas também por causa da Solidariedade que os camaradas do Brasil têm demonstrado.

[...]

Fraternalmente
Emma Goldman
(28 de novembro de 1911) ¹⁵⁶

Neno Vasco retornou para Portugal em 1911, em virtude do estabelecimento da República em sua antiga terra natal, que coincidiu com o período de radicalização da

¹⁵³ Nascida na província de Kovno, Rússia, em 27 de junho de 1868, Emma Goldman foi uma das mais respeitáveis militantes do movimento anarquista mundial. Emigrou para os Estados Unidos em 1886, acompanhou as lutas operárias pelas oito horas de trabalho, e teve uma influência peremptória na adesão de Ricardo Flores Magón ao pensamento anarquista. Mais detalhes, consultar: DRINNON, Richard. *Rebel in Paradise. A Biography of Emma Goldman*. Chicago: University of Chicago Press, 1961.

¹⁵⁴ Formado em direito, Neno Vasco emigrou para o Brasil em 1901, juntou-se a seu pai, e, uma vez estabelecido em São Paulo, entrou em contato com anarquistas, entre eles, Benjamim Mota e Ricardo Gonçalves. Vasco participou do periódico *O Amigo do Povo*, que iniciou a sua circulação em 1902, e, em 1911, regressou a Portugal, de onde continuou com sua militância anarquista e, como correspondente internacional, colaborou com a imprensa anarquista brasileira. In: RODRIGUES, Edgar. *Os Libertários*. Rio de Janeiro: VJR – Editores Associados, 1993. p.93.

¹⁵⁵ _____. Neno Vasco, Emma Goldman, a Revolução Mexicana de 1910 e a tese de Pietro Ferrua. In: *VERVE: Revista Semestral do NU-SOL – Núcleo de Sociabilidade Libertária/Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, PUC-SP*. nº11 (abril de 2007). São Paulo: o Programa, 2007. p.133.

¹⁵⁶ _____. *Universo Ácrata...* p.130.

Revolução Mexicana. Contudo, Vasco assumiu o papel que lhe foi indicado por Emma Goldman: recebia as subscrições do Brasil e enviava à Junta Organizadora do PLM, estabelecida em Los Angeles. Nas publicações dos auxílios recebidos dos grupos anarquistas e simpatizantes, da Europa e da América Latina, encontramos uma referência dessa atuação de Neno Vasco – na nota erroneamente grifado como “Nemo Bosco” – na 50ª edição do *Regeneración*:

El compañero Gabriel Sánchez, de San Paulo, Brasil, en carta fechada en esa el día 5 del mes pasado, nos comunica que se han abierto varias listas de subscripción a favor de los luchadores mexicanos y que ya nos hicieron su primer envío por conducto del compañero Nemo Bosco, de Portugal.¹⁵⁷

O apoio de Emma Goldman nesses primeiros anos da Revolução Mexicana foi importante na divulgação e na legitimação, entre militantes ácratas em escala mundial, da Revolução vivenciada no México como uma insurgência libertária, conduzida pelo PLM, em especial, por Ricardo Flores Magón. Muitos dos recursos obtidos por Flores Magón foram conseguidos mediante diversas campanhas realizadas por Goldman, que foram acompanhadas pelos operários brasileiros:

A camarada Emma Goldman realizou uma conferencia em Los Angeles (California), na qual se recolheu bastante dinheiro para a Revolução. Prometeu mais a brilhante oradora anarquista abrir uma subscrição na sua revista *Mater e Earth* e realizar uma serie de conferencias nas principaes cidades norteamericanas em beneficio da Revolução e da sua propaganda¹⁵⁸.

Por meio da intensa propaganda de apoio destinado ao PLM e, conseqüentemente, ao caráter libertário da Revolução Mexicana, que percorreu essa rede de contatos

¹⁵⁷ *Regeneración*, “Notas de Solidaridad”. n.º 50. 12/08/1911, pág.03.

¹⁵⁸ *A Guerra Social*, “A Revolução Social no México”. n.º 3. 02/08/1911, pág.02.

intercontinental, os operários do Brasil também se viram imbuídos a participar desse gesto de solidariedade internacional ácrata.

A maioria das listas de subscrições abertas na Primeira República do Brasil foi publicada em diversas edições de *A Lanterna*, ao longo do ano de 1911 e nos primeiros anos de 1912. O jornal anti-clerical de São Paulo também consta da lista de publicações estrangeiras recebidas pelo *Regeneración*, o que demonstra o vínculo estabelecido entre essas duas publicações libertárias, sendo que *A Lanterna* foi o periódico que mais intensamente realizou campanhas financeiras a favor do PLM, que, na perspectiva dos operários, seria o orientador do processo revolucionário mexicano. Logo em sua primeira matéria sobre a Revolução Mexicana, *A Lanterna* divulgou, em uma seção intitulada “Pró-revolucionários”, uma lista de subscrição destinada aos revolucionários do México. Abaixo, seguem alguns trechos desse material:

Para auxiliar os revolucionários na grandiosa luta em que estão empenhados, está aberta uma subscrição em nossas columnas. Começamos hoje a publicar as quantias já recebidas:

Lista conseguida na reunião realizada na sede de Associação Feminina:

Grupo de Solidariedade Internacional

[...] Lista a cargo do companheiro Fernandes, do Piracicaba:

[...] Quantia enviada pelo Grupo Germinal, de Niteroy, que continua com uma lista aberta, 50\$000.

Total geral, 192\$000.

A Lanterna destinou aos bravos revolucionarios mexicanos a parte que lhe couber da festa que se deverá realizar no dia 17 do corrente no Salão Germânia.

Os bilhetes para esta festa continuam a disposição dos amigos em nossa redacção.

As pessos que estejam de accordo com os fins da revolução mexicanana e queiram auxilia-la, poderão enviar os seus donativos para o Grupo de Solidariedade Internacional, Caixa do Correio, 208, S. Paulo.

Pelo Comitê Pró-Revolucionarios Mexicanos será hoje feita a primeira remessa de dinheiro (200\$000) para o Comitê Revolucionário.¹⁵⁹

Fica evidente que, pelo menos nesse momento inicial, houve uma articulação maior promovida pelo *A Lanterna* no apoio aos revolucionários mexicanos, como a organização de festas com a finalidade de arrecadar fundos, a divulgação de um “Grupo de

¹⁵⁹ *A Lanterna*, “A Revolução Mexicana”. n.º 90. 10/06/1911, pág. 03.

Solidariedade Internacional” de São Paulo, além do contato com outro grupo militante, do Rio, batizado de “Germinal”. No final da matéria, encontramos uma referência ao “Comitê Pró-Revolucionários Mexicanos”, o mesmo grupo de apoio divulgado pelo *La Battaglia*. Tal organização, segundo o texto, ficou incumbida da tarefa de enviar 200\$00 (mil-réis) a outro “Comitê Revolucionário”, que as edições posteriores revelaram se tratar da Junta Organizadora do PLM. As subscrições promovidas pelo *A Lanterna* continuaram intensivamente ao longo de 1911 e no primeiro semestre do ano subseqüente.

As listas publicadas em *A Lanterna* variavam muito, e, devido ao estado ilegível de alguns exemplares, não tivemos condições de detalhar a totalidade de mil-réis arrecadados nessas subscrições. Mesmo com tal limitação, conseguimos traçar alguns padrões de como funcionaram essas listas: as subscrições de apoio aos revolucionários do México circulavam em diversas cidades de São Paulo, como Piracicaba e Santos. Em São Paulo, a arrecadação era realizada no Salão Germânia, ponto de reunião e encontro de diversos militantes operários, e as quantias de outras localidades eram remetidas à redação do periódico libertário paulistano ou ao Comitê de Solidariedade Internacional: “As pessoas que desejarem distribuir o manifesto dos revolucionários, dirijam um pedido ao Grupo de Solidariedade Internacional, Caixa Posta, 208, S.Paulo”¹⁶⁰.

Pelas listas publicadas, o ano de 1911 representou o período de maior intensidade no apoio aos revolucionários mexicanos e também foi o período de maior atividade do PLM no curso da Revolução do México, quando *A Lanterna* arrecadava, em cada campanha, de 400\$000 a 600\$000 mil-réis¹⁶¹. Contudo, esses valores foram diminuindo e, em 1912, as notas publicadas referentes às listas de apoio já davam mostras de que não possuíam a mesma força apresentada no ano anterior:

¹⁶⁰ *A Lanterna*, “A revolução mexicana”. n° 96. 22/07/1911, pág. 03.

¹⁶¹ Realizamos essa afirmação com base nos valores que encontramos divulgados no periódico libertário analisado. Em 17/06/1911 foi publicada a arrecadação de 431\$500; em 01/07/1911, 556\$800; em 22/07/1911, 583\$100; e em agosto de 1911, foi anunciada a arrecadação de 602\$200. Esses valores encontram-se nas páginas de *A Lanterna*, publicadas nessas datas, sempre na 3ª página.

Regeneración, que é o órgão com um pesado *déficit* devido á necessidade de fazer enormes tiragens para serem distribuídas pelo povo do México.

Attendendo a um apello recebido do Comité do Partido, o companheiro Feliciano Chans resolveu abrir uma subscrição em favor do citado jornal, iniciando-a com a quantia de 25\$000.

Todas as pessoas que queiram prestar o seu auxilio á grande causa dos revolucionários mexicanos podem dirigir-se ao mencionado companheiro, no largo de S. Bento, no automóvel 418, ou na rua Oriente, 113 e também á nossa redacção.¹⁶²

A partir de 1912, *A Lanterna* publicou poucas listas de arrecadação, em comparação com as atividades desenvolvidas em 1911. Feliciano Chans, mencionado na nota, foi o responsável para a campanha de apoio aos revolucionários do México, representados pelo PLM e pelo *Regeneración*. Além do trecho acima, Chans, realizou mais duas subscrições, uma no valor de 80\$000 e outra de 120\$500, converteu esses valores em dólares e os enviou diretamente ao Comitê do PLM em Los Angeles¹⁶³. Fica evidente, no material publicado nessa época, um declínio do auxílio prestado pelos militantes brasileiros ao PLM. Primeiramente, se Chans enviava o valor diretamente aos magonistas de Los Angeles, já não havia o intercâmbio que antes era realizado com Neno Vasco em Portugal; e, em segundo lugar, torna-se perceptível a redução dos valores conseguidos em prol dos revolucionários mexicanos, pois, em 1911, cada arrecadação girava em torno de 400\$000 a 600\$000 mil-réis, como já mencionado, enquanto que no ano posterior, esse mesmo pedido de auxilio não chegava a 130\$000 mil-réis.

O periódico *A Guerra Social* também realizou uma breve campanha em favor do *Regeneración* e dos membros do PLM, publicando um pedido de ajuda também no ano de 1912, assinado novamente por C.L.:

¹⁶² A Lanterna, “A revolução mexicana”. n.º 130. 16/03/1912, pág. 02.

¹⁶³ O valor de 80\$000 mil-réis foi registrado na 132ª ed. de A Lanterna, de 30/03/1912, enquanto a outra quantia, de 120\$500, foi publicada na 136ª ed. datada de 27/04/1912, na 3ª página: “A subscrição iniciada pelo companheiro Feliciano Chans em favor dos valentes revolucionários mexicanos foi encerrada com a quantia de 120\$500, que já foram remetidos em moeda americana (39 dollars) ao Comité do Partido Liberal Mexicano, o orientador da revolução comunista-agraria cada vez mais intensa no Mexico”.

“Regeneración,, está a morrer

A propaganda da *Regeneración* triunfa por assim dizer em toda linha. Ardente, cheio de fé, de entusiasmo comunicativo, superiormente redijido em duas línguas, este admirável orgam revolucionário, de um gênero único nos anais da imprensa, pode estar orgulhoso de sua obra.

Ora, é neste momento que a *Regeneración* está ameaçada de desaparecer. Ela sucumbe debaixo de dívidas ocasionadas pelas grandes despesas que comportam expedições de 20.000 exemplares. Si a solidariedade pela bela causa mexicana não se manifesta por uma grande remessa de dinheiro, a admirável folha de combate deixará de existir. Até a presente data as subscrições – as da Europa principalmente – tem sido insuficientes.

Não vai isto mudar? É preciso que sim absolutamente, camaradas revolucionários de todos os paizes.¹⁶⁴

Apesar dos apelos publicados em diversas edições do *Regeneración* por Ricardo Flores Magón, que foram traduzidos e divulgados por C.L., a crise financeira da publicação do PLM aumentava constantemente a partir do ano de 1912¹⁶⁵. O único dado disponível que localizamos em *A Guerra Social* sobre o efeito desse pedido de auxílio financeiro foi publicado na última página da 30ª edição, de 05 de outubro de 1912, na qual é detalhada uma subscrição realizada em Piracicaba, onde foi obtida a quantia de 14 mil-réis em apoio ao *Regeneración*. O espaço de tempo de publicação desse pedido de ajuda pelo periódico operário brasileiro – abril – até a realização desse ato de apoio aos membros do Partido Liberal – outubro – é bastante significativo para visualizarmos as dificuldades do movimento operário brasileiro em organizar ações de apoio aos revolucionários mexicanos. Nessa lista foram arrecadados 14\$000 mil-réis, destinados “aos camaradas da *Regeneración*, de Los Angeles”¹⁶⁶.

Essa foi a última subscrição de apoio ao México revolucionário que localizamos em nosso mapeamento de pesquisa, e podemos afirmar que a quantia arrecadada foi muito inferior às somas obtidas nas campanhas anteriores promovidas pelo *A Lanterna*. Além desse auxílio financeiro, localizamos também, no ano de 1911, a divulgação da organização de atos em prol dos revolucionários do México, tendo Rio de Janeiro, São Paulo e

¹⁶⁴ A Guerra Social, “Regeneración,, está a morrer”. n.º 20. 10/04/1912, pág.01.

¹⁶⁵ Cf. BARTRA, Armando. (Prólogo, recopilación y notas). *Regeneración (1900-1918)*...

¹⁶⁶ A Guerra Social, “Revolução Mexicana”. n.º 30. 05/10/1912, pág.04.

principalmente Santos como cenários de manifestações ¹⁶⁷. Não encontramos no jornal anti-clerical relato algum sobre tais manifestações, com exceção de Santos, que organizou outro ato, meses depois: “Em Santos realizou-se, no domingo passado, um concorrido comício de solidariedade com os revolucionários. Os manifestantes percorreram diversas ruas, falando alguns oradores”. ¹⁶⁸

Ao utilizarem excessivamente o *Regeneración* para acompanhar os desdobramentos revolucionários do México, em cada edição publicada, os periódicos operários do Brasil republicano fundiram as imagens de Flores Magón e do PLM com a da própria Revolução do México. Nesse sentido, os ataques empreendidos aos editores do *Regeneración* foram interpretados como uma ofensiva à Revolução Mexicana. E o apoio aos liberais e magonistas foi considerado por esses editores ácratas como um incentivo à Revolução.

Esse sentimento de solidariedade ao PLM pelos operários do Brasil fica evidente na denúncia, publicada em *A Guerra Social*, das prisões de Ricardo e Enrique Flores Magón, Librado Rivera e Anselmo L. Figueroa, em junho de 1911 ¹⁶⁹:

Falta de notícias – Devido á perseguição que está sofrendo o comitê do Partido Liberal Mexicano, cuja sede está em Los Angeles, Estados Unidos. As autoridades deste paiz assaltaram a redação do *Regeneración*, o órgão dos revolucionários, destruindo tudo que encontrou e prendendo todos os membros do comitê.

Ricardo Flores Magón e Librado Rivera foram postos em liberdade sob a fiança de 5.000 e 2.500 dollars respectivamente. Pelas últimas notícias sabe-se que Flores Magón foi novamente preso. ¹⁷⁰

¹⁶⁷ Como publicado em *A Lanterna*, ed^a 91, de 17/06/1911, página 03: “No Rio será realizado amanhã um comício de solidariedade com os revolucionários. Em Santos está sendo preparado um outro e em S. Paulo também”.

¹⁶⁸ *A Lanterna*, “A revolução mexicana”. n° 98. 05/08/1911, pág. 03.

¹⁶⁹ A citada invasão da redação do *Regeneración* ocorreu no dia 14 de junho de 1911 e resultou nas prisões de Ricardo e Enrique Flores Magón, Librado Rivera e Anselmo L. Figueroa. Esse acontecimento esteve ligado à primeira cisão no interior do PLM. Juan Sarabia, antigo membro do partido, acompanhado de Jesús Flores Magón, que, juntamente com seu irmão Ricardo, fundou o *Regeneración* em 1900, apoiaram o governo de Francisco Madero. No dia 13 de junho de 1911, Sarabia e Jesús se encontraram com os antigos companheiros, incumbidos, por Madero, a selar um acordo de paz que, no entanto, foi rechaçado pela Junta Organizadora do PLM. Ricardo Flores Magón e Librado Rivera ficaram pouco tempo na prisão, e Anselmo L. Figueroa e Enrique Flores Magón só foram libertados em setembro do mesmo ano sob a fiança de 2.500 dólares de cada um. Ver: SANTILLÁN, Diego Abad de. *Ricardo Flores Magón. O apóstolo da Revolução Mexicana*. Trad. Jaguanharõ. São Paulo/Rio de Janeiro: Achiamé/Faísca/FARJ, 2006. p.97-101.

¹⁷⁰ *A Guerra Social*, “A Revolução Social no Mexico”. n° 4. 20/08/1911, pág.02.

Esse episódio também recebeu a atenção do *A Lanterna*, que publicou uma nota informativa sobre a libertação de Ricardo Flores Magón e Librado Rivera. Destacamos dessa nota o seguinte trecho: “Por todos os Estados Unidos realizam-se grandiosos comícios de protestos contra as prisões dos membros do comité”¹⁷¹. Essa informação é bastante vaga e percebemos que o periódico operário brasileiro procurou direcionar o seu sentido de leitura ao utilizar o termo “grandioso” para retratar os supostos protestos em apoio ao PLM e também ao afirmar que tais manifestações ocorreram por “todos os Estados Unidos”. No entanto, nesse período, não houve uma unanimidade de apoio aos magonistas nos Estados Unidos, pois, além da grande perseguição que os anarquistas sofreram nesse período, os socialistas estadunidenses apoiaram com entusiasmo a corrente maderista¹⁷².

Encontramos outro exemplo dessa solidariedade internacional em *A Voz do Trabalhador*, publicado na edição de 1º de maio de 1913, que informou aos seus leitores que o Centro de Estudos Sociais Germinal – grifado na nota como “Jerminal” –, do Rio de Janeiro, organizou um abaixo assinado contra a detenção dos principais membros do PLM:

O Centro de Estudos Sociais, desta cidade, o Grupo Operário de Estudos Sociais “Jerminal”, de Niterói, resolveram, nas suas última reuniões, enviar ao presidente da Republica Norte-Americana o seguinte protesto contra a detenção, no cárcere de Mac Neil Island, dos camaradas Ricardo e Enrique Flores Magón, Anselmo Figueroa e Librado Rivera:

“Nós abaixo assinados, depois de completa investigação no caso do encarceramento dos membros da Junta do Partido Liberal Mexicano, e em consequencia ficaremos convencidos de que se cometeu perjuria pelas testemunhas do governo dos Estados Unidos, exjimos a liberdade de Ricardo Flores Magón, Enrique Flores Magón, Librado Rivera e Anselmo L. Figueroa, que atualmente estão na Penitenciaria de Mac Meil Island, sofrendo uma condenação injusta.”

Este protesto, redjido em inglez, foi assinado por todas as pessoas presentes a ambas reuniões.¹⁷³

¹⁷¹ *A Lanterna*, “A Revolução Mexicana”. n.º 94. 05/08/1911, pág. 03.

¹⁷² PADILHA, Salvador Hernández. *El magonismo: historia de una pasión libertaria 1900-1922*. México: Ediciones Era S.A., 1984. p.156.

¹⁷³ *A Voz do Trabalhador*, “A Revolução Mexicana”. n.º 30. 01/05/1913, pág.03.

A segunda detenção dos irmãos Flores Magón e de seus companheiros foi deferida em 25 de junho de 1912, pelo processo da prisão de 14 de junho de 1911. Os militantes mexicanos foram condenados a 23 meses de prisão na penitenciária da ilha de McNeil, localizada no estado de Washington. Apesar das dificuldades, o *Regeneración*, que nesse momento tinha como principal redator Antonio de P. Araújo, impulsionou uma campanha pela liberdade de seus companheiros e contou com o apoio de diversos militantes e companheiros, de Emma Goldman aos editores de *A Voz do Trabalhador*. Contudo, apesar desse esforço, a pena foi cumprida, e os quatro militantes foram postos em liberdade no mês de janeiro de 1914, porém, a consequência da detenção foi sentida meses depois por Anselmo L. Figueroa, que veio a falecer em junho devido às sequelas adquiridas no período de encarceramento ¹⁷⁴. O abaixo assinado articulado pelos operários do periódico oficial da COB chegou ao conhecimento da Junta Organizadora do PLM, que publicou essa ação na 151ª edição do *Regeneración*:

“La Voz del Trabajador” de Rio de Janeiro, Brasil, da cuenta de los mítines que tuvieron el Centro de Estudios Sociales de la capital y el Grupo Operario de Estudios Sociales “Germinal,” de Niterói, y en los cuales se redactaron protestas al presidente de los Estados Unidos de Norte América contra la prisión de los camaradas Ricardo y Enrique Flores Magón, Librado Rivera y Anselmo L. Figueroa.” ¹⁷⁵

Entretanto, *A Voz do Trabalhador* não foi o único periódico operário brasileiro referenciado no *Regeneración*. Em algumas edições, a folha oficial do PLM publicou uma seção intitulada “Movimiento de Solidaridad”, na qual Ricardo Flores Magón realizava um balanço das publicações que recebia e de eventuais apoios internacionais. Nessa seção, encontramos algumas referências às subscrições realizadas em *A Lanterna* e à forma com que *A Guerra Social* estava noticiando o desenrolar da Revolução Mexicana. Abaixo, segue uma descrição de como Flores Magón interpretou o periódico operário do Rio de Janeiro:

¹⁷⁴ SANTILLÁN, Diego Abad de. *Ricardo Flores Magón. O apóstolo da Revolução Mexicana...* p.106.

¹⁷⁵ *Regeneración*, “Revisando la Prensa”. nº 151. 26/07/1913, pág.03.

- “A Guerra Social”, de Rio de Janeiro, Brasil, explica con claridad el carácter económico del movimiento de los proletarios mexicanos, terminando su brillante exposición con las siguientes líneas: “El dictador y todo el régimen que él sustenta tendrán que ser barridos por la tempestad social actual si los revolucionarios de todos los países ayudan á los heroicos mexicanos. ¡Esta es la ocasión de que afirmen su solidaridad internacional y su fe en la revolución!”¹⁷⁶

As notas anteriores demonstram que, nessa intensa rede intercontinental de trocas de impressos, alguns jornais da imprensa operária brasileira também circulavam e realizavam o caminho inverso, pois conseguiram ultrapassar as fronteiras nacionais e ser lidos pelos mexicanos liberais exilados nos EUA.

De acordo com o exposto, os jornais operários da Primeira República publicaram diversas matérias focadas na Revolução Mexicana, utilizando principalmente o material do *Regeneración* e de outras publicações de cunho anarquistas, com destaque para as folhas libertárias da Europa. Por sua vez, estas, como o *Libertaire*, também utilizaram o *Regeneración* como fonte de informações sobre o processo revolucionário mexicano. No interior desse circuito de remessa de jornais libertários, possível por meio dos serviços postais da época, existiu uma triangulação intercontinental impressa. A folha do PLM saía dos EUA, com destino à Europa e à América Latina, configurando um canal de mobilização política intercontinental. A leitura de que o processo revolucionário mexicano era uma insurgência de tendências libertárias, realizado pelo *Regeneración*, circulou pela rede anarquista, encontrou afinidade entre os militantes ácratas do *Velho e Novo Mundo*, e foi importante na divulgação e no apoio dessa idéia radical sobre o México revolucionário.

Todavia, no caso do Brasil, devemos levar em conta que, nesses anos iniciais, os operários praticamente não questionaram o conteúdo das matérias publicadas nas páginas do *Regeneración*. Essas simples reproduções de notícias envoltas numa excessiva adjetivação nos revelam um desconhecimento da realidade mexicana pelos militantes brasileiros e uma confiabilidade extrema no que era publicado nas páginas da folha oficial do PLM. Por meio dessa rede de contatos, os militantes operários republicanos do Brasil também participaram do apoio recebido por Flores Magón e pelo PLM nos primeiros anos

¹⁷⁶ *Regeneración*, “Movimiento de Solidaridad”. n° 84. 06/04/1912, pág.03.

da Revolução Mexicana. Enquanto os jornais operários do Rio de Janeiro, com destaque para *A Guerra Social*, publicavam mais informações sobre o processo revolucionário mexicano e até algumas críticas realizadas por outros militantes referentes à atuação do PLM, os militantes de São Paulo, em especial os indivíduos que estavam em torno de *A Lanterna*, realizaram uma campanha de arrecadação de fundos a favor dos liberais magonistas, o que demonstra uma diferença na atuação do movimento operário dessas duas cidades em relação a tal evento internacional. Contudo, ao nos aproximarmos de uma análise mais particular, podemos afirmar que a Revolução do México também foi interpretada de uma forma distinta pelas publicações ácratas, as quais, a cada notícia impressa referente a essa explosão revolucionária, encontraram e construíram um modelo de resposta aos problemas e às questões levantadas pelas contradições sociais da jovem República do Brasil.

2.2. “Devemos seguir a Revolução!”: representações da Revolução Mexicana no imaginário político do movimento operário da Primeira República

O conceito de uma explosão revolucionária protagonizada pelas classes subalternas foi e continua sendo um tema bastante abordado e referenciado na literatura militante anarquista. Para os adeptos das doutrinas ácratas o significado do termo Revolução e a sua menção remetem aos eventos franceses de 1789. Como analisado por Hannah Arendt, a França revolucionária difundiu imagens e uma interpretação para as Revoluções que ficaram gravadas no imaginário dos movimentos políticos e de contestação social a partir do século XIX: “Quando pensamos em revolução, ainda pensamos quase automaticamente em termos dessas imagens, nascidas naqueles anos – em termos da *torrent révolutionnaire* [...]”¹⁷⁷. Essa simbologia mencionada pela autora se configura na imagem e no discurso de que os indivíduos explorados poderiam mudar o seu destino e que não estavam mais submetidos a uma situação miserável originária de uma providência divina. Nessa perspectiva, para os movimentos políticos e sociais ocorridos a partir do século XIX, a

¹⁷⁷ ARENDT, Hannah. *Da Revolução*. Trad. Fernando Dídimo Vieira. São Paulo/Brasília: Editora Ática/UNB, 1988. p.39.

pobreza poderia ser dissipada, a exploração aniquilada e a ordem social, na qual a burguesia capitalista dominava o povo, poderia ser invertida:

A questão social só começou a desempenhar um papel revolucionário quando, na Idade Moderna, e não antes, os homens começaram a duvidar que a pobreza fosse inerente à condição humana, a duvidar que a distinção entre os poucos que, por circunstâncias, força ou fraude, conseguiram libertar-se dos grilhões da pobreza, e a miserável multidão dos trabalhadores, fosse inevitável e eterna.¹⁷⁸

Simultâneo a esse anseio de mudanças sociais, tanto anarquistas quanto comunistas interpretaram as revoluções surgidas após 1789 como herdeiras do “verdadeiro” espírito da França revolucionária¹⁷⁹. Essa leitura do imaginário libertário foi realizada por Proudhon, que, segundo Arendt, desenvolveu o conceito da *révolution en permanence*, no qual não existiriam revoluções, e sim uma única e perpétua, que se repetiria continuamente até que a Liberdade fosse alcançada por toda a humanidade¹⁸⁰. Mergulhados nessa perspectiva, para o movimento operário e anarquista da Primeira República, a Revolução Mexicana, acima de suas especificidades, seria resultado dessa inevitabilidade histórica da trajetória humana, e representou uma alternativa política aos seus problemas sociais. Percebemos algumas características desse sentido de leitura na primeira edição de *A Guerra Social*.

A folha do Rio de Janeiro, como já demonstramos, foi o periódico operário que mais cedeu espaço para a Revolução do México em suas páginas. Chama a atenção a sua edição de estréia, ilustrada com a seguinte manchete: “A REVOLUÇÃO SOCIAL no México”. Abaixo do título, os operários publicaram um editorial anônimo de apresentação dessa folha de combate, cujos trechos destacamos a seguir:

¹⁷⁸ *Ibidem.* p.18.

¹⁷⁹ A Conspiração dos Iguais, idealizada por Gracchus Babeuf em 1796, “tornou-se um modelo ao qual todos os revolucionários posteriores se sentiram obrigados a prestar homenagem” e foi considerada por Kropotkin, Karl Marx e Rosa Luxemburgo como o ideal “autêntico” e derrotado da Revolução Francesa. Marx também afirmou que essa Conspiração representou o Primeiro Partido Comunista do mundo. *In.* JOLL, James. *Anarquistas e Anarquismos...* p.51.

¹⁸⁰ *Ibidem.* p.41.

A Guerra Social vem combater toda a forma de autoridade, de exploração, de fanatismo religioso.

Combatemos pela anarquia e como anarquistas queremos a socialização da propriedade, sendo em sciencia materialistas, deterministas em philosophia e atheos em religião.

[...]

Nas fabricas, milhares de homens se aniquilam produzindo um conforto de que carezem, nos campos e nas minas uma outra multidão definha embrutecida pelo labor eterno, sem a coragem de se rebelar contra a tyrannia que lhes mantêm com sua miseria e resignação.

[...]

A expropriação da burguezia é um acto de justiça, porque a riqueza que ella detém nas suas garras é o resultado da exploração do esforço quotidiano do trabalhador.

A terra e os instrumentos de trabalho devem pertencer a todos e a cada um dos membros da comunidade humana.

[...]

Trabalhadores! povo! o vós todos que soffreis as consequencias desta sociedade feita de tyrannia e de exploração! vinde á revolução! Nella só tereis a perder os farrapos que vos cobrem e a conquistar uma vida plena e feliz!¹⁸¹

O editorial acima denuncia algumas mazelas sociais enfrentadas pelos operários no governo de Hermes da Fonseca. Antes de adentrarmos nessas críticas, algumas interpretações sobre esse período são oportunas de serem mencionadas.

Segundo Clodoaldo Bueno, o governo de Hermes da Fonseca pode ser considerado como a “era de ouro” do governo republicano. Nesse período, o produto agregado teve um crescimento superior de 4% ao ano, as exportações de borracha aumentaram, houve um investimento na criação de portos e ferrovias, e os preços conseguiram ficar estáveis¹⁸².

Em outra perspectiva de análise, Cláudio Batalha afirma que, em meio a sua campanha presidencial, Hermes da Fonseca foi o primeiro candidato que mencionou a existência de um problema social vivenciado pela classe operária. Nesse período foi criado o Escritório de Propaganda dos Sindicatos e Cooperativas no Ministério da Agricultura e foram implantadas as vilas operárias Marechal Hermes e Orsina da Fonseca, ambas no subúrbio da capital federal¹⁸³. Apesar dessas iniciativas e da prosperidade econômica, os operários não tinham nenhuma lei que garantisse os seus direitos. As jornadas de trabalho

¹⁸¹ A Guerra Social, “Surgindo para o Anarquismo”. n° 1. 29/06/1911, pág.01.

¹⁸² BUENO, Clodoaldo. *Política Externa da Primeira República: os anos de apogeu (1902 a 1918)*. São Paulo: Paz e Terra, 2003. p.92.

¹⁸³ BATALHA, Cláudio. *O movimento operário na Primeira República...* p.44.

poderiam chegar a 17 horas ininterruptas, os salários eram baixos, não existia nenhum esboço de plano de prevenção de acidentes, e era inexistente qualquer política diferenciada no emprego de mulheres e crianças nas fábricas. Nesse cenário, *A Guerra Social* denunciava em sua primeira coluna que “Nas fabricas, milhares de homens se aniquilam produzindo um conforto de que carezem,” e que os explorados não possuíam “a coragem de se rebelar contra a tyrannia que lhes mantêm com sua miseria e resignação”.

A fim de aprofundarmos nossa análise, convém lembrarmos que a metodologia proposta por José Luiz Braga quanto à disposição espacial de registro das matérias nas folhas, mencionada na introdução dessa dissertação, nos fornece um suporte interessante para elucidarmos o sentido da leitura estratégica construída na primeira edição de *A Guerra Social* ao noticiar a Revolução do México.

Na sua página de abertura, nos deparamos com a manchete em negrito “A REVOLUÇÃO SOCIAL no México” e, logo abaixo do título, segue o editorial “Surgindo para o Anarquismo”. Com exceção do título, nessa página não há mais nenhuma referência à Revolução Mexicana, cujos artigos se encontram no interior do periódico. Em uma leitura rápida, fica a sensação de que o editorial de apresentação mencionaria algo sobre o México revolucionário, o que não acontece. À direita, encontra-se o artigo anônimo “A Pantomia Política”, onde os editores dessa folha operária, tecem críticas aos defensores da campanha civilista¹⁸⁴, afirma que tanto os políticos civis quanto os militares, quando chegam ao poder, procedem da mesma forma: exploram o povo. E, no centro dessa página, nos deparamos com a ilustração “Cortando o mal pela raiz”, anônima, onde um homem nu, empunhando um machado com a palavra “Anarquismo”, está prestes a cortar uma árvore sem folhas – ou seja, morta – representada por todas as características que os libertários combateram em seus editoriais da sociedade republicana do Brasil: autoridade, iniquidade, moral, entre outros termos diversos:

¹⁸⁴ A campanha civilista, que recebeu essa denominação em referência ao termo civil – foi uma reação ao governo de Hermes da Fonseca, que representou para muitos políticos e intelectuais, uma retomada dos militares na direção política da nação, como nos primeiros anos da República. Por esse texto de *A Guerra Social*, os operários anarquistas não estavam do lado dos civilistas e nem dos militares. Em sua leitura social da República, havia uma terceira alternativa: a Revolução.

estaria “Surgindo” para o universo anarquista da Primeira República do Brasil. Em termos iconográficos, essa mensagem da Revolução e do Anarquismo é uma contraposição a “Pantomia política” do Brasil, representado pelo “Hermismo e Civilismo”, que também seria a árvore morta, que o ser humano, com o machado da Anarquia, estaria prestes a cortar.

O editorial de estréia termina como uma espécie de convocação: “Trabalhadores! povo! o vós todos que soffreis as consequencias desta sociedade feita de tyrannia e de exploração! **vinde á revolução!** Nella só tereis a perder os farrapos que vos cobrem e a conquistar uma vida plena e feliz!”¹⁸⁵. Ao convidar os trabalhadores e o povo à Revolução, os operários procuraram transmitir a mensagem de que o processo revolucionário mexicano deveria ser um exemplo a ser seguido por aqueles que estavam sendo explorados nas fábricas e no campo. No interior do periódico, essa mensagem ganha uma densidade maior, pelo título recebido da matéria referente à Revolução Mexicana: “Em marcha para a Anarquia”. Conforme colocado no início do presente capítulo, tal texto, cujos trechos seguem abaixo, é uma tradução direta do “MANIFESTO A los Trabajadores de Todo el Mundo” do *Regeneración*:

Companheiros: Vai para quatro mezes que a bandeira vermelha do proletariado flameja nos campos de batalha no México, sustentada por operários emancipados, cujas aspirações se compendiam neste sublime grito de guerra: *Terra e Liberdade*.

[...]

Esta luta formidável das duas classes no México é o primeiro acto da grande tragedia universal que, bem depressa, terá por scenario a superfície de todo o planeta e cujo acto final será o triumpho da formula generosa: **Liberdade, Igualdade, Fraternidade**, que as revoluções politicas da burguezia não poderam crystalizar em factos porque não se atreveram a fazer em pedaços a espinha dorsal da tyrannia: capitalismo e autoritarismo.

Companheiros de todo mundo: a solução do Problema Social esta nas mãos dos desherdados de toda a terra, pois somente exige a pratica duma grande virtude: a *Solidariedade*.¹⁸⁶

¹⁸⁵ A Guerra Social, “Surgindo para o Anarquismo”. nº 1. 29/06/1911, pág.01 – Grifo nosso.

¹⁸⁶ A Guerra Social, “Em marcha para a Anarquia”. nº 1. 29/06/1911, pág.02 – Grifo nosso.

Na tradução acima, a explosão revolucionária mexicana é interpretada como um primeiro passo de uma Revolução que se espalharia em escala mundial, retomando os lemas da França de 1789: Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Esse sentido de leitura é construído a partir do discurso de que os valores universais de igualdade podem ser retomados, contudo, para que esse ideal seja alcançado, os explorados devem ao menos criar um sentimento de revolta para se rebelarem. Se para os editores anarquistas de *A Guerra Social* os trabalhadores da Primeira República não possuíam “a coragem de se rebelar contra a tyrannia que lhes mantêm com sua miseria e resignação”, a Revolução em curso no México serviria de exemplo para uma mudança nessa postura apática e de aceitação de tal quadro social. Em outro trecho, torna-se relevante demonstrarmos como o PLM e Francisco Madero foram apresentados nesse periódico:

Estes revolucionarios estão representados pela Junta Organizadora do Partido Liberal Mexicano.

[...]

O Partido Liberal Mexicano não luta para derrubar o dictador Porfirio Díaz e pôr em seu lugar um novo tyranno. O partido Liberal Mexicano toma parte na actual insurreição com o deliberado e firme propósito de **expropriar a terra e os utensílios de trabalho para os entregar ao povo**, isto é, a todos e a cada um dos habitantes do México, sem distinção de sexo.

Pois bem: encontra-se igualmente com as armas na mão um outro partido: o Anti-reeleccionista, cujo chefe, Francisco Madero, é um milionario que tem visto augmentar a sua fabulosa fortuna com o suor e com as lagrimas dos colonos de suas fazendas. Este partido luta para tornar <<effectivo>> o **direito de votar** e fundar, em summa, uma republica burgueza, como a dos Estados Unidos.

¹⁸⁷

Quando esse texto foi publicado em *A Guerra Social*, *La Battaglia* e *A Vanguarda*, Francisco Madero havia sido vitorioso em seu objetivo, ao entrar triunfante na cidade do México, seguido por mais de cem mil pessoas, em 07 de junho de 1911 ¹⁸⁸. Todavia, quando esse documento foi publicado originalmente pelo *Regeneración* em abril de 1911, Porfirio Díaz ainda estava no poder e não tinha plena consciência da gravidade dos acontecimentos e do enfraquecimento que as tropas federais estavam sofrendo a cada

¹⁸⁷ *Ibidem.*- Grifo nosso.

¹⁸⁸ CAMÍN, Héctor Aguilar & MEYER, Lorenzo. *À Sombra da Revolução Mexicana...* p.38.

derrota diante das forças revolucionárias. Por utilizar o *Regeneración* como o principal canal de informações sobre a Revolução Mexicana, os jornais operários publicaram textos com dois meses de atraso, que provavelmente corresponde ao tempo de trajeto que os exemplares da publicação oficial do PLM demoravam em seu percurso postal até chegar aos portos da República do Brasil.

Em meio a essa conjuntura, a Revolução Mexicana estava dividida entre duas tendências de mudanças político-sociais: uma, de via democrática e política, defendida por Francisco Madero; e outra, de via revolucionária, social e econômica, encabeçada pelo PLM. Dessas duas vias de disputa política, a estratégia revolucionária de Francisco Madero gozava de uma imensa popularidade no México e conseguiu atingir uma visibilidade que espantou até mesmo o autor do Plano de São Luis Potosí. Ao caracterizar, por meio desse manifesto, que a Revolução Mexicana era uma insurgência guiada por operários anarquistas e libertários, representados pelo PLM e orientada pelo conteúdo do periódico *Regeneración*, Ricardo Flores Magón e seus companheiros tinham como objetivo atacar, por meio das palavras, esse grande apoio que a proposta revolucionária maderista recebia entre os insurgentes mexicanos. Dessa forma, o PLM, além de criticar a moral de Madero, nivelou-o socialmente a Porfirio Díaz. Ademais, os integrantes do PLM almejavam sair vitoriosos da disputa política em torno de qual seria a estratégia revolucionária que guiaria a Revolução Mexicana.

Apesar de distante, esse embate no interior do processo revolucionário do México trouxe algumas reflexões para o operariado militante brasileiro nesse período. A proposta do PLM divulgada no manifesto, isto é, de que estavam conduzindo a Revolução para “expropriar a terra e os utensílios de trabalho para os entregar ao povo”, representou uma alternativa revolucionária para os trabalhadores explorados, conforme colocado em *A Guerra Social*. Se no México a Revolução estava sendo conduzida por esse objetivo, o mesmo deveria ser feito na República brasileira. Na perspectiva dos trabalhadores militantes, a expropriação se configurava no processo mais justo de horizontalidade social, pois quem trabalhasse seria o detentor de sua mercadoria. No caso mais específico do conceito anarco-sindicalista, essa ação representava os anseios de que as fábricas deveriam

ficar no controle dos trabalhadores industriais. E, no campo, a produção agrícola e as terras ficariam para os trabalhadores rurais, como uma forma de resistência ao latifúndio.

Em outra vertente política, Francisco Madero e o seu partido Anti-reelecionista representou o antagonismo desse projeto revolucionário. O *Apóstolo da Revolução* – denominação com que Madero ficou popularmente conhecido – foi apresentado no periódico operário como um latifundiário que construiu a sua fortuna explorando os trabalhadores de suas terras. Essa imagem das características de Madero encontra ressonâncias na oligarquia republicana, que, nesse período, foi composta pelos “coronéis”, “barões do café” e grandes proprietários de terras que comandavam a política e a economia da nação. O direito ao voto, que foi a plataforma de reivindicação do movimento maderista, também recebeu uma descrição crítica na folha operária, na afirmação de que o único resultado do sufrágio universal seria a consolidação de uma República burguesa, no mesmo modelo da sociedade estadunidense e brasileira. Na concepção social dos anarquistas, o voto, principal instrumento dos regimes democráticos, é considerado uma farsa, como demonstra Bakunin:

O que nós afirmamos é que o sufrágio universal, considerado isoladamente e agindo numa sociedade baseada na desigualdade econômica e social, nunca será para o povo senão um chamariz; que, da parte dos democratas burgueses, nunca será senão uma odiosa mentira, o instrumento mais seguro para consolidar, com uma aparência de liberalismo e de justiça, em detrimento dos interesses e da liberdade populares, a eterna dominação das classes exploradoras e possuidoras.
189

O sistema democrático da Primeira República, para os operários anarquistas, foi um exemplo concreto desse controle realizado pela classe burguesa sobre o povo, como descrita acima por Bakunin. A legislação eleitoral desse período não permitia que os menores de 21 anos, as mulheres, os analfabetos, os soldados, os religiosos e os estrangeiros tivessem direito ao voto, o que excluía cerca de 80% da população: “os

¹⁸⁹. BAKUNIN, Mikhail (et al.). *Os anarquistas e as eleições*. Trad. Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Editora Imaginário, 2000. p.63.

representantes do povo não representavam ninguém, os representados não existiam, o ato de votar era uma operação de capangagem”¹⁹⁰. Além disso, antes da eclosão da Revolução Mexicana, a democracia do Brasil estava sobre o domínio de São Paulo e Minas Gerais, o que anulava completamente o discurso de participação popular do sufrágio universal, e, mesmo com a interrupção dessa bipolaridade na era de Hermes da Fonseca, no seu governo foi muito comum o “voto de cabresto”, determinado pelos coronéis, que utilizavam da violência para que os eleitores situados em seu “curral eleitoral” votassem em seus respectivos candidatos. Nessa estrutura social de exclusão do povo, o voto representava para os operários anarquistas o sustentáculo do sistema de dominação democrático-burguesa. Madero representava a democracia e o sufrágio, como se fosse uma imagem da oligarquia republicana, e, nesse sentido, um inimigo dos anarquistas do Brasil. Encontramos esse discurso também no *La Battaglia*, no artigo “Per i rivoluzionari messicani”, assinado por Giami Gimida. Nesse texto, Gimida reforçou essa especificidade social e libertária da Revolução Mexicana, reivindicou o apoio de todos os operários militantes aos revolucionários do México e também teceu críticas a Francisco Madero, denunciando a sua concupiscência e denegrindo a sua imagem ao afirmar que tanto ele quanto Porfirio Díaz apresentavam mais semelhanças do que diferenças¹⁹¹. Essa postura editorial continuou, e, em outra edição, o *La Battaglia* publicou mais uma extensa matéria anônima sobre o México revolucionário, intitulada “La Rivoluzione Sociale nel Messico”, que em suas primeiras linhas destaca a fragilidade do governo de Madero após sua posse presidencial, como conferimos abaixo:

Madero há firmado a paz, mas o povo mexicano continua a guerra contra o privilégio ao grito de Terra e Liberdade! A vitória ecoa na vasta área da Baixa Califórnia, oferecendo aos trabalhadores os seus próprios meios de sustento, do Rio Colorado até as margens do Oceano Pacífico.

A imprensa burguesa se cala diante desses importantes eventos, que marcam o início de uma nova história e de uma nova civilização.

Nós daremos uma sucinta resumida dos últimos acontecimentos ocorridos no mês de maio, particularmente do REGENERACIÓN, nº 39, o periódico da Revolução mexicana.¹⁹²

¹⁹⁰ CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi...* p.85-89.

¹⁹¹ *La Battaglia*, “Per i rivoluzionari messicani”. nº 308. 04/06/1911, pág.02. Tradução nossa.

¹⁹² *La Battaglia*, “La Rivoluzione Sociale nel Messico”. nº 313. 10/07/1911, pág.04. Tradução nossa.

Os responsáveis da publicação operária brasileira utilizaram as informações da matéria “Paz firmada pero no hecha”, escrita por Enrique Flores Magón. Organizada em notas, a matéria original do *Regeneración* resume os combates ocorridos em cada região do Estado mexicano. Estruturalmente, essa seção, publicada sempre na segunda página das edições da folha magonista, se assemelha com as notas internacionais publicadas pelos jornais de grande circulação da República brasileira, como no *OESP*, que montava sua seção com notas provenientes das agências internacionais de notícias. Outra particularidade que destacamos desse trecho de *La Battaglia* encontra-se na afirmação de que “A vitória ecoa na vasta área da Baixa Califórnia...”, epicentro das atividades do PLM durante a Revolução Mexicana. Em julho de 1911, os liberais já estavam derrotados em sua campanha na região da Baixa Califórnia ¹⁹³, e essa informação publicada está totalmente desatualizada, novamente, devido ao atraso de dois meses no recebimento do *Regeneración*. Percebemos também uma crítica dirigida aos jornais liberais de grande circulação sobre sua cobertura dos acontecimentos do México, sendo que essa apreciação desfavorável tornou-se uma constante. A campanha da Baixa Califórnia também recebeu uma atenção especial em *A Lanterna*:

[...] Uma grande parte das cidades do norte mexicano já está em mãos do povo, seguindo as phalanges revolucionarias em caminho do México, capital da Republica.

¹⁹³ Inspirados pelo momento revolucionário e motivados com a organização sindicalista estadunidense IWW, membros do PLM invadiram, em janeiro de 1911, a região da Baixa Califórnia, localizada no norte da nação mexicana, onde foram derrotados e executados seis meses após a investida. Em fevereiro, Madero encarcerou Prisciliano G. Silva – experiente líder liberal e aliado dos irmãos Flores Magón – com a acusação de que o mesmo não o havia reconhecido como “presidente provisório” do México. A partir desse fato, as relações entre os liberais maderistas e os liberais simpáticos ao PLM começaram a se deteriorar paulatinamente e a campanha empreendida por Ricardo Flores Magón nessa região foi desastrosa. Primeiramente, houve uma intensa divulgação de diversas acusações: de que o PLM tinha como objetivo separar a Baixa Califórnia do México e anexá-la aos Estados Unidos, e até mesmo que Flores Magón seria o “vice-presidente” de Francisco Madero. Esses boatos aos poucos foram enfraquecendo os revolucionários ligados ao PLM. Muitos se uniram a Madero, depois da renúncia de Porfirio Díaz em 24 de maio de 1911, e os que se mantiveram fiéis ao PLM foram derrotados e mortos pela campanha bélica empreendida por Madero no final do mês de junho, como demonstra Salvador Hernández Padilha: “Hacia finales de junio de 1911, las fuerzas militares del PLM en Baja California estaban prácticamente liquidadas [...] las tropas maderistas en Baja California aprehendían y ejecutaban ‘a razón de cinco o seis por día’ a los guerrilleros del PLM”. In: PADILHA, Salvador Hernández. *El magonismo: historia de una pasión libertaria 1900-1922...* p.163.

Os telegrammas dos grandes diários nada dizem, porque isso não convém a Madero, o pretendente ao lugar de Díaz. É esse candidato a tyranno quem fornece às agencias telegraphicas as noticias que são transmitidas para o estrangeiro. Para isso dispõe de muitos milhões, arrancados à miseria do povo.

As noticias até agora só se occuparam dos movimentos e das victorias das tropas maderistas e, no entanto, tudo quanto lá se fez foi quasi que exclusivamente obra das forças do Partido Liberal Mexicano, **o partido do povo**, que não luta por ambicionar o poder.¹⁹⁴

[...]

Na Baixa Califórnia os revolucionários já dominam inteiramente – Por todos os jornaes de propaganda – está apparecendo um manifesto em que os revolucionários convidam o povo emancipado de outros paizes a partir para aquelle e tomar conta das terras restituídas a humanidade, onde todos poderão viver uma vida livre e feliz, livre de tyrannos e dos exploradores.¹⁹⁵

Nas matérias publicadas sobre a Revolução Mexicana nos jornais operários do Brasil, o PLM foi considerado um modelo ideal de organização libertária que, como na citação acima, recebeu a alcunha de “partido do povo” que não luta pelo poder, ou seja, seria o verdadeiro representante dos despossuídos no México. Para o movimento operário do Brasil, a cada leitura realizada do *Regeneración* e de outros periódicos libertários, fortalecia a mensagem de que o PLM estava na orientação do processo revolucionário mexicano e que sairia vitorioso de seu embate físico e ideológico contra as forças maderistas.

Se, nessa leitura da Revolução do México, Francisco Madero possuía as mesmas características da oligarquia republicana e os excluídos haviam-se erguidos em armas contra os seus algozes, na perspectiva dos operários dessas folhas, por que o mesmo exemplo não poderia acontecer no Brasil? Mergulhados na certeza de que uma Revolução na República poderia explodir, com o exemplo do México, alguns jornais operários procuraram incentivar essa inspiração em diversos textos, como bem explicitado pelo *A Voz do Trabalhador*:

O proletário do Brazil deve seguir o exemplo do proletário do Mexico.
Devemos secundál-os nesta batalha deciziva. Preparemo-nos trabalhadores! É

¹⁹⁴ A Lanterna, “A Revolução Mexicana”. n.º 91. 17/06/1911, pág. 03 – Grifo nosso.

¹⁹⁵ A Lanterna, “A Revolução Mexicana”. n.º 94. 08/07/1911, pág. 03.

chegada a hora da libertação! A Historia nos aponta o caminho a trilhar. Trilhemol-o, que a vitória será nossa. Quem caminha com a Historia caminha com a Razão e caminha para a Vitória...¹⁹⁶

Apesar do apelo de solidariedade, também publicado em outros títulos operários, e da interpretação de que a Revolução seria um caminho racional para a evolução humana, o operariado do Brasil não se insurgiu em armas ao exemplo do México. No momento em que *A Voz do Trabalhador* publicou a nota acima, a classe operária da Primeira República não estava articulada em uma corrente única de ação. Em novembro de 1912 foi realizado o 4º Congresso Operário Brasileiro, no Rio de Janeiro. Esse encontro aconteceu no Palácio Monroe, sede do Senado Federal, e foi incentivado pelo filho do então presidente, Mario Hermes. De caráter reformista, tal evento ratificou a criação de um Partido político com participação da Classe Operária, estipulou o limite de oito horas de trabalho, a obrigatoriedade do descanso semanal, indenização para vítimas de acidentes de trabalho, além de uma diferenciação para o emprego de mulheres e crianças nas fábricas¹⁹⁷. Cabe ressaltar que tais propostas já eram reivindicadas pelo movimento operário e que esse congresso foi realizado após diversas greves ocorridas ao longo do ano de 1912, com ênfase para a paralisação eclodida em Juiz de Fora no mês de agosto e que atingiu uma enorme proporção de participantes. Nas resoluções desse encontro, temos a proposta de um caminho ordenado que a classe operária deveria trilhar, a fim de alcançar seus objetivos de melhoria de trabalho, o que seria feito, portanto, pela via legal. Porém, nesse ambiente dividido, qual caminho deveria ser seguido? O da Revolução, a exemplo do México, ou da organização político partidária? Essa discussão sobre a orientação da classe operária pelo movimento anarquista recebeu um tratamento especial em *A Guerra Social*, que decidiu realizar a seguinte enquete:

A convulsão em que se debate, no momento, o proletariado universal, toma um caráter iniludível de luta decisiva. A agitação crescente das classes trabalhadoras preocupa a atenção do mundo, alarmando profundamente os

¹⁹⁶ *A Voz do Trabalhador*, “México”. n° 27. 15/03/1913, pág.04 – Grifo nosso.

¹⁹⁷ BATALHA, Cláudio. *O movimento operário na Primeira República...* p.47.

uzurpadores da riqueza comum, os quais já não sabem e não podem ocultar a apreensão que o movimento reivindicador lhes cauza.

[...] cá na America, estamos assistindo a esse grande movimento do México, de orientação francamente expropriadora e libertaria.

[...]

A época caracteriza perfeitamente as vésperas duma grande revolução.

Ora, o trabalhador do Brazil não póde conservar-se indiferente a esse estado de couzas. Efetivamente, sente-se a necessidade de agir. E, apesar da apatia geral, uma certa corrente nesse sentido se manifesta, aqui e acolá. No Rio, principalmente, como centro que é de vida industrial maior e mais intenso do paiz, nota-se, prezentemente, um certo movimento de reorganização operaria.

Entretanto, nós temos observado uma tal ou qual дезorientação, ao que parece, herdada de anteriores movimentos.

Daí, a idéia desta <<enquête>>. Organizamos as perguntas de maneira a abranjer, com as respostas que vierem, as faces da questão. Cremos assim contribuir para que o proletariado desta terra se coloque definitiva e sériamente, ao lado do proletariado das outras partes do mundo, no preparo e na organização de forças para a revolução que na historia marcará o começo da era do homem livre sobre á terra livre.

O questionário é o que se segue:

1ª Qual a sua opinião a respeito do movimento operado até aqui pelo proletariado do Brazil?

2ª Quais as cauzas da apatia que se nota, no momento atual, no seio das classes trabalhadoras do Brazil?

3ª Que orientação devem seguir essas classes no sentido duma ação pratica e eficaz na luta contra o Capital?

4ª Que espécie de relações deve manter o proletariado deste paiz para com o proletariado de outros paizes?

No próximo numero publicaremos a resposta do camarada Santos Barboza.¹⁹⁸

Muitos intelectuais e operários responderam a esse questionário, o qual foi publicado em *A Guerra Social* até o seu último número. Entre os respondentes, temos: Carlos Dias, Albano Candido Gonçalves, Pilades Grassini, Amaro Porto, Honoré Cemeli, Antonio Espiridião, Edgar Leuenroth, Passos Cunha, Paulo Jurema e Santos Barboza. Não temos como apresentar nessa dissertação as elucidações de cada um desses indivíduos, contudo, encontramos algumas similaridades em suas respostas: praticamente todos apontaram uma *desorganização* na classe operária e elegeram a carestia e as associações de ajudas mútuas como desorientadores de um sentimento de revolta que deveria emergir dos explorados; o esporte, a bebida e o carnaval também foram considerados elementos desviantes da conscientização da classe operária; e, em quase todas as respostas, foi defendida uma maior aproximação com o movimento operário internacional, o que, na

¹⁹⁸ A Guerra Social, “O momento operario”. nº 19. 03/04/1912, pág.02.

prática, já estava em curso, ao menos no que tange ao apoio aos revolucionários mexicanos pela rede anarquista, como demonstramos anteriormente.

Algumas dessas respostas foram impressas depois das matérias sobre a Revolução Mexicana, o que, como efeito de sentido, fez perdurar a mensagem de que o operariado nacional deveria seguir o exemplo do México em armas, ficando implícita uma crítica à via democrática. Essa estratégia torna-se evidente na última edição, a de nº 32, de 26 de outubro de 1912, na qual *A Guerra Social* publicou a coluna “o povo mexicano exige com as armas na mão a sua liberdade economica. Quando se decidirão os outros povos imital-o?” e, ao lado, as respostas de Passos Cunha à enquete da folha libertária.

A Voz do Trabalhador também utilizou as matérias sobre a Revolução Mexicana para criticar a ausência de uma postura radical no movimento operário do Brasil logo em sua primeira nota sobre tal acontecimento:

Segue por diante, cada vez mais firme e mais forte, o movimento revolucionário que os nossos irmãos, os proletários mexicanos, vêm sustentando, ha dous anos, contra a burguezia exploradora e prepotente daquele territorio.

Com um caráter francamente expropriador, esse movimento merece toda a simpatia e toda a solidariedade dos homens livres.

Os trabalhadores que nas montanhas do México plantaram a rubra bandeira da reivindicação, ao grito de *Terra e Liberdade*, estão dando um alto exemplo de corajem e decizão aos trabalhadores de todo o mundo e muito especialmente aos da America, a nós todos que nestas terras fartas, nestas terras jenerosas vivemos a vida ruim da escravidão, quando a feracidade assombroza deste solo virjem aí está aos nossos olhos, lembrando o nosso direito e oferecendo-se-nos, promissora!

E agora, que a intervenção da governança dos Estados Unidos (de acordo com a do Brazil e da Arjentina, segundo notícias últimas) se anuncia como certa, agora é que nos apresenta a oportunidade de cumprir-nos o nosso dever, **auxiliando aqueles nossos irmãos, e si não confirmando a obra deles, ao menos protestando e impedindo a premeditada intervenção.**¹⁹⁹

De início, a nota confirma as alusões libertárias da Revolução Mexicana na descrição de um movimento de “proletários mexicanos” que, com a “bandeira rubra”, estavam lutando pela “Terra e Liberdade” dos trabalhadores e camponeses do México. A

¹⁹⁹ *A Voz do Trabalhador*, “Em outros paizes. México”. nº 24. 01/02/1913, Pág.03 – Grifo nosso.

nota realiza, assim, um esforço de identificação entre os operários do Brasil e os revolucionários mexicanos, por meio da referência “nossos irmãos”. O temor de uma possível intervenção dos EUA ao México é denunciado; ademais, a nota ainda convoca a uma tomada de atitude por parte dos militantes brasileiros, sobre essa situação, exigindo ao menos protestos em defesa dos revolucionários mexicanos. Por que a folha operária em sua matéria exigiu tal articulação por parte dos militantes operários do Brasil? Numa leitura cuidadosa desse trecho do artigo, os editores de *A Voz do Trabalhador* criticaram uma possível postura apática dos anarquistas do Brasil perante a situação do México, pois, ao exigir que os mesmos “ao menos” protestem, fica a mensagem de que essa atitude é o mínimo que esses militantes deveriam fazer em apoio aos revolucionários mexicanos.

As propostas do congresso reformista patrocinado pelo filho de Hermes da Fonseca não surtiram o efeito esperado, principalmente no tocante à criação de um Partido dos operários, idealização que não saiu do papel. Como se fosse uma resposta às críticas realizadas pelos jornais operários e a partir da necessidade de uma orientação ideológica no interior do movimento operariado, foi realizado o 2º Congresso Operário Brasileiro, na sede do Centro Cosmopolita, de 08 a 13 de setembro de 1913.

As nomenclaturas desses encontros demonstram que houve uma disputa de quem seria o representante dos trabalhadores da Primeira República. Ao denominar o seu congresso como o quarto, Mario Hermes procurou identificar esse evento como o sucessor dos Congressos Socialistas de 1892 e 1902, e do Congresso Operário Brasileiro de 1906. Já o evento de 1913, ao se denominar como segundo, os seus organizadores colocaram-se como herdeiros do congresso de 1906, excluindo os dois congressos anteriores de orientação socialista. O 2º Congresso contou com a participação de duas federações estaduais, cinco locais, 52 sindicatos, sendo que o número total de delegados foi de 117 representantes²⁰⁰. Com uma postura radical, os delegados desse encontro decidiram aderir ao anarco-sindicalismo e abandonaram, portanto, o sindicalismo revolucionário e qualquer forma de resistência que fosse realizada por práticas reformistas, como assinala John W. Foster Dulles:

²⁰⁰ RODRIGUES, Edgar. *Socialismo e Sindicalismo no Brasil...* p.323.

[...] O Congresso decidiu as associações beneficentes que não concordassem com os métodos de “ação direta” não deveriam ser admitidas no sistema federativo da COB [...] Quanto à organização interna dos sindicatos, o Segundo Congresso Operário “aconselhava vivamente” os operários a abolirem dos estatutos qualquer vestígio das “fórmulas burocráticas e coercitivas” e a rejeitarem “qualquer determinação que fira a autonomia individual dos associados ou conceda posição de chefia a qualquer deles”.²⁰¹

No que concerne ao nosso tema de pesquisa, torna-se difícil mensurar como as resoluções desse Congresso repercutiram, pois, em setembro de 1913, *A Lanterna* e *A Voz do Trabalhador*, que eram os únicos jornais operários em circulação nesse período e que haviam dedicado espaço ao processo revolucionário mexicano em edições anteriores, não publicaram nenhuma matéria referente ao México. Contudo, ficamos com a impressão que não houve uma mudança drástica na postura do movimento operário, ao menos no tocante à Revolução Mexicana. Em 1915, ao discutir os efeitos do Pacto A.B.C. – que exploraremos com mais densidade no capítulo seguinte – em um texto anônimo, o *Na Barricada* manteve o tom crítico sobre a apatia dos excluídos da República brasileira em comparação aos mexicanos:

No México há um povo que, cansado de ser espoliado e tyrannizado, levanta-se de armas em punho á conquistar sua liberdade; **bello exemplo de um povo que ao menos demonstra ter dignidade e não se agachar como um cão diante os senhores, a espera dos restos do banquete, tal qual o povo brasileiro.**²⁰²

Em uma outra questão, a Revolução Mexicana trouxe para os operários militantes a discussão sobre a distribuição de terras, quando a imprensa operária imprimiu informações sobre os camponeses insurgentes e sobre Emiliano Zapata e seu “comunismo primitivo”.

²⁰¹ DULLES, John W. Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil...* p.33.

²⁰² Na Barricada, “A INTERVENÇÃO NO MÉXICO”. nº 11. 19/08/1915, pág.02 – Grifo nosso.

A imprensa anarquista do Rio de Janeiro e de São Paulo representou a Revolução Mexicana, em seus anos pioneiros, como uma insurgência protagonizada por operários libertários. A percepção inicial desse processo revolucionário, que estava acontecendo em um país praticamente desconhecido pelos militantes no Brasil, não se deveu apenas às leituras do *Regeneración*, mas também ao ineditismo que o México de 1910 trouxe aos defensores e propagandistas do conceito de Revolução. A Revolução Mexicana foi de fato o primeiro acontecimento revolucionário acompanhado pelas folhas libertárias, e, no imaginário de uma grande porcentagem dos anarquistas da República, o modelo de protestos sociais teria como características barricadas erguidas com operários unidos e guiados por cânticos anarquistas. Uma visão apressada afirmaria que houve uma ingenuidade na interpretação realizada pelos anarquistas do Brasil; outrossim, atribuímos como definidores dessa formulação dois fatores: primeiramente, a experiência revolucionária mais conhecida nos círculos anarquistas brasileiros nesse período foi a mítica Comuna de Paris, até então, não havia ocorrido outra revolução com características de apelo social presenciada pelo movimento operário do Brasil. Em segundo lugar, na literatura de protesto consumida por esses militantes, as Revoluções estariam nas mãos do proletariado e eclodiria no mundo urbano. Contudo, a turbulência do México trouxe um protagonista diferente para os processos sociais: os camponeses.

Essa questão esteve presente nas páginas de *A Guerra Social*, em dois artigos publicados nos meses de março e abril de 1912. A primeira matéria possui o título de “México: Uma Revolução Agrária!” e foi dividida em duas partes: a primeira consiste de uma reprodução integral de um texto do periódico francês *Libertaire*; e, a segunda, uma análise com base nesse material, realizada por C.L. Na parte dedicada ao material publicado originalmente no jornal libertário francês, encontramos uma defesa de que a Revolução no México estava sendo guiada pela luta da terra e que tal anseio estaria acima dos interesses políticos da massa camponesa, que compunha as forças das tropas das diversas facções atuantes no território mexicano naquele período. Ou seja, os camponeses uniam-se a Zapata, ao general Reyes ou a Vasquez Gómez, motivados pelo desejo da terra, em detrimento das ambições políticas de cada general revolucionário. Abaixo, conferimos esse ponto-de-vista:

Si a revolução mexicana oferece aos nossos olhos um poderoso interesse, é porque é de ordem quasi exclusivamente econômica, porque a política também quasi que nele não entra.

Todos os revoltados da hora presente lutam pela posse da terra. Que eles marchem sob a flâmula vermelha dos nossos camaradas ou sob a, igualmente vermelha, de Emiliano Zapata; que eles combatam, sob o nome de reyistas e de vasquistas, com um general Reyes ou um general Vasquez Gomez á frente, os revolucionários só tem um fito: reaver as terras que lhes foram arrancadas para cultivar-as em comum, em seu único proveito e não para gozo dos seus exploradores tão sómente.

Com efeito, estes dous novos aspirantes á ditadura não lograram sublevar populações inteiras sinão prometendo-lhes restituir-lhes as suas terras, e Madero também não se elevou ao poder sinão por este meio igualmente.

É evidente que estes pretendentes mentem ignominiosamente, como mentira Madero. Porém os camponeses mexicanos, instruídos pela traição deste ultimo, não são mais o juguete de um Reyes ou de um Gomez. Si eles o seguem, não é sinão para aproveitar os seus recursos em dinheiro, armas e munições e de maneira nenhuma para os elevar á Presidencia.²⁰³

No argumento construído pelo periódico francês e traduzido pela folha operária brasileira, os integrantes anônimos dos exércitos revolucionários, os camponeses mexicanos, não eram manipulados e também não estavam preocupados com as aspirações políticas do general Reyes e de Vázquez Gomez. A única preocupação dessa massa que se elevou em armas estava na recuperação de suas terras que outrora lhe foram usurpadas. O autor anônimo do artigo também afirmou que Madero aproveitou-se desse desejo dos camponeses para angariar apoio e, em seguida, os traindo, não lhes restituiu as terras reivindicadas após ter se sentado na cadeira presidencial mexicana. Contudo, se a união desses numerosos combatentes com Reyes e Vázquez Gomez só foi realizada para tirar proveito dos seus recursos materiais, como defende o artigo, o mesmo não pode ser dito sobre Emiliano Zapata. O artigo diferencia Zapata dos outros líderes sublevados, e enfatiza e funde sua imagem com a de uma bandeira vermelha, em um esforço simbólico de unir o líder do Exército Libertador do Sul com os ideais ácratas. Mesmo não realizando uma crítica direta, esse artigo reforça a imagem de que a massa camponesa participante da Revolução Mexicana era desprovida de qualquer tipo de consciência política. Analisando esse material, C.L. criticou abertamente o que denominou de “indiferença” dos libertários

²⁰³ A Guerra Social, “México: Uma Revolução Agrária!”. n.º 17. 20/03/1912, pág.02.

franceses ao México revolucionário: “Como compreender-se que sem tal movimento encontre tanta indiferença nos meios revolucionários franceses?”²⁰⁴.

No texto “Conclusão”, publicado um mês depois em *A Guerra Social*, Ricardo Flores Magón criticou as classes operárias da Europa e dos Estados Unidos, defendendo o comunismo “sem consciência”, mas prático e sincero dos camponeses mexicanos:

Sem dúvida estes camponeses, estes índios em revolta são pela maior parte iletrados (80 por cento dizem: em suma não mais que na Itália meridional; em França, mesmo, conta-se mais de um milhão) [...] Sem dúvida eles não são comunistas sinão por tradição, por instinto, e muitas vezes trazem sob a camiza *suja* um crucifixo de latão. Porém este instinto vale mais do que uma cultura de acadêmicos. Os acadêmicos, algumas raríssimas unidades postas á parte, não farão nunca Revolução. E sem ir tão longe em intelectualismo, a tendência da classe européia e americana não é a do *emburguezamento*? Uma aristocracia operaria muito numeroza não se está formando sob nossos olhos?²⁰⁵

Nesses dois artigos apresentados, os camponeses insurgentes no México foram inicialmente caracterizados por alguns intelectuais ácratas franceses como uma “massa apolítica”, cuja repercussão obrigou que Flores Magón os defendesse, afirmando que mesmo sem “consciência política” eles praticavam uma variante do comunismo almejado pelos libertários. No esforço de construir essa imagem do revolucionário camponês, Flores Magón buscou insistentemente legitimar a Revolução que estava ocorrendo no México, afirmando que, por detrás do desejo de terra, havia um inconsciente projeto político de estabelecimento de uma sociedade auto-gestionária e anárquica. Para o principal colunista do *Regeneración*, era vital defender a cada momento essa tendência libertária popular da Revolução Mexicana, pois somente assim seria possível angariar o apoio de militantes internacionais.

Para uma melhor compreensão dessa querela, torna-se necessário ressaltar que alguns intelectuais, com destaque para Karl Marx, não cogitavam nenhum ímpeto

²⁰⁴ *Ibidem*.

²⁰⁵ *A Guerra Social*, “A Revolução Mexicana”. nº 21. 24/04/1912, pág.01.

revolucionário da parte da classe camponesa. Contudo, mesmo essa descrença não foi unânime entre os teóricos das Revoluções, e, como demonstra Sérgio Augusto Queiroz Norte, Bakunin já havia desenvolvido uma percepção do potencial desses indivíduos:

Em sua análise dos movimentos sociais, Bakunin já caracterizava os camponeses como uma força importante na sua estratégia revolucionária, que está não somente fundamentada no movimento operário, como também no lumpen-proletariado e no campesinato²⁰⁶.

Os escritos de Bakunin foram um importante sustentáculo na formação da Anarquia em diversas sociedades, contudo, pelo menos entre alguns intelectuais libertários franceses, os camponeses mexicanos não se enquadravam nessa definição esboçada pelo autor de *Deus e o Estado*.

Por mais que os jornais operários ocupassem as suas páginas com os problemas sociais do mundo urbano, na Primeira República predominou o trabalho no campo. Segundo o censo de 1920, 69,7% dos trabalhadores ativos dedicava-se à agricultura, 16,5% ao setor de serviços, e 13,8% ao trabalho industrial. A concentração latifundiária foi intensa nesse período, principalmente com a criação da Lei de Terras, em 1850, que incentivava a propriedade privada e barrava os imigrantes de se tornarem proprietários. Devemos levar em conta que a terra era símbolo e instrumento de poder dos oligarcas e dos grandes fazendeiros, que comandavam com mão-de-ferro as suas propriedades, explorando os trabalhadores do campo²⁰⁷. Todavia, mesmo sem receber destaque, a questão da terra esteve indiretamente presente nos jornais operários, como demonstra esse texto de Zeferino Oliva, publicado em *Germinal!*:

Povo: ouve-me! Eu sou um rebelado contra a presente sociedade, violenta e exploradora, a qual se mantêm pela tua tolerância, filha da profunda ingenuidade que te deprime.

²⁰⁶ NORTE, Sergio Augusto Queiroz. *Bakunin. Sangue, suor e barricadas*. Campinas: Papyrus, 1988. p.40.

²⁰⁷ STOLCKE, Verena. *Cafecultura: homens, mulheres e capital (1850-1980)*... p.42.

Por tanto ouve-me. Libertate dos **dominadores da terra**, porque são eles os que te reduzem a miséria.²⁰⁸

Ao criticar, em alguns artigos, a concentração latifundiária e publicar matérias sobre a Revolução Mexicana, os jornais operários realizavam uma leitura crítica da exploração do campo na Primeira República. De certa forma, esses operários estavam atacando indiretamente a realidade do campo do Brasil, por meio da propaganda da luta pela terra que estava em curso no México revolucionário. Consciente dos anseios dos camponeses revolucionários mexicanos, a cada publicação, Ricardo Flores Magón foi dedicando mais espaço a estes e ao problema da distribuição de terras, como podemos conferir em um texto publicado integralmente em *A Guerra Social*, intitulado “A Revolução Mexicana: Um meio fácil de resolver o problema agrário”, originário do francês *Libertaire*. Nesse texto, o principal redator do *Regeneración* continuou com sua defesa do caráter social da Revolução Mexicana, que estava sendo questionado pelos anarquistas franceses, e criticou um artigo de Alfredo Gonzalez, publicado no jornal *A Voz de Juarez*, em 12 de dezembro de 1911. Flores Magón qualificou a solução apresentada por Alfredo Gonzalez como “burguesa”, pois este defendeu que a repartição de terras fosse concedida para um número determinados de indivíduos, que teriam em seu controle uma certa quantidade de hectares. Atacando as diversas alternativas que o governo recorreria para resolver esse problema, Flores Magón desqualificou as propostas de Alfredo Gonzalez e concluiu que somente a desapropriação da terra poderia promover justiça à população mexicana, não havendo “outro remédio possível” para resolver essa questão:

A melhor solução é a que propõe o Partido liberal mexicano: a tomada de posse da terra, repelindo o direito de propriedade individual, e igualmente a tomada de posse dos instrumentos agrícolas, a terra, e a ferramenta sendo considerados como propriedade comum das populações que efetuam a desapropriação. E isto não se pode realizar sinão pela violência.

Não há outro remédio possível.²⁰⁹

²⁰⁸ Germinal!, “Povo libertate!”. nº 04. 06/04/1913, Pág.03 – Grifo nosso.

²⁰⁹ A Guerra Social, “A Revolução Mexicana: Um meio fácil de resolver o problema agrário”. nº 18. 27/03/1912, pág.02.

Em um olhar atento, fica perceptível o esforço de Flores Magón de aproximar-se das práticas insurgentes dos camponeses e conferir um papel de vanguarda ao PLM. Se a massa revolucionária tinha como principal objetivo a luta pela terra, o PLM seria o portador da melhor solução para que esse desejo fosse alcançado, com a tomada de controle das terras e dos instrumentos agrícolas. No encerramento do texto, o autor justificou a violência que assolou o México naquele período por meio da ênfase na ausência de alternativas aos revolucionários. Com a publicação integral desse texto, afirmamos que os operários de *A Guerra Social* estavam em concordância com essa análise esboçada dos camponeses pelo intelectual anarquista mexicano.

Emiliano Zapata, por sua vez, foi apresentado em *A Guerra Social*, *A Lanterna* e *La Battaglia* como um general de fibra, irredutível no caráter e em seu objetivo revolucionário, isto é, a luta pela expropriação das terras. Realizando um contraponto com a imprensa operária, o *OESP* retratou as forças zapatistas utilizando um tom depreciativo e considerando-as responsáveis pela “barbárie” no México, como comprovamos na nota intitulada “A Revolução do México”: “Reina a anarquia em todo o México. Os revoltosos estão senhores de varias cidades. Os jornaes noticiam que em um combate hontem travado perto de [...] 1.100 revoltosos tiveram 37 mortos e a guarda rural onze mortos e nove feridos”²¹⁰. Emiliano Zapata e seus camponeses do Sul foram retratados como violentos e responsáveis por supostas atrocidades contra inocentes:

Durante semana passada, nas localidades ocupadas pelos rebeldes, registraram-se quarenta suicídios de mulheres, em consequência dos maus tratos a que as sujeitavam os insurrectos. Os cônsules, nos relatórios dirigidos aos governos dos seus paizes, dizem que os revolucionários têm-se portado como verdadeiros bandidos, saqueando e incendiando a maior parte das casas do bairro commercial.²¹¹

²¹⁰ O Estado de S. Paulo, “A Revolução no México”. nº 12.120, 22/02/1912, pág.03.

²¹¹ O Estado de S. Paulo, “As atrocidades e violencia dos rebeldes”. nº 12.614, 02/07/1913, pág.02.

Como exposto anteriormente, essa violência foi justificada por Ricardo Flores Magón e, o que foi execrado pelo *OESP*, nos jornais operários foi retratado como uma qualidade dos revolucionários no México.

Essa associação dos zapatistas com a violência ficou tão forte nos jornais operários que *A Guerra Social* publicou um trecho, originário do periódico *Aurora*, sobre um suposto diálogo entre o líder do Exército Libertador do Sul e Ramon Castro, agente do governo maderista, que teria sido enviado para tentar selar um acordo de paz. Abaixo, segue o final desse diálogo:

_ Afinal, que devo dizer ao Sr. Presidente?
 _ Diga-lhe, respondeu Emiliano Zapata, que vá fujindo, si quiser, para Havana; do contrario pode ir contando os dias. Dentro de um mez estarei no estado de México, pois que se está organizando mais um exército de vinte mil homens, e havemos de tomar tudo isso, até Chapultepec: derrubaremos o poder e conquistaremos a terra, o pão e a liberdade. É isto o que deve dizer a Madero e aos seus acólitos.>>²¹²

Nesse diálogo, supostamente ocorrido, a força revolucionária de Zapata foi destacada, pois, além de ameaçar ofensivamente o governo de Madero, também teria prometido ocupar o Palácio de Chapultepec, importante símbolo do imaginário mexicano²¹³. Ao traduzir essas concepções de Flores Magón e do PLM referentes à ferocidade camponesa e de Zapata, os jornais operários do Brasil compactuaram com a tese de que o emprego da violência pelos revolucionários foi uma prática justa. A violência nas doutrinas anarquistas somente é aceita quando utilizada como defesa ou reação às imposições do regime combatido. Em outras palavras, quanto mais violenta a repressão, mais violenta será a reação dos oprimidos: “Limitam-se os anarquistas ao emprego da violência para a destruição do regime da mesma violência, que os esmaga; mas de modo algum concebem a

²¹² *A Guerra Social*, “México”. n.º 15. 06/03/1912, pág.02.

²¹³ Abrigando atualmente o Museu Nacional de História do México, o Palácio de Chapultepec foi um dos últimos redutos de resistência na conquista espanhola e também onde os “niños héroes” – cadetes menores de idade – resistiram até a morte contra as tropas estadunidenses nas campanhas bélicas promovidas em setembro de 1847. Para mais detalhes, ver: VASCONCELOS, Camilo de Mello. *Imagens da Revolução Mexicana. O Museu Nacional de História do México (1940-1982)*. São Paulo: Alameda, 2007. p.39.

organização de uma nova sociedade pela fôrça”²¹⁴. Essa justificativa da violência esteve presente no imaginário político dos anarquistas do Brasil e foi a leitura condutora da interpretação que muitos periódicos operários realizaram do processo revolucionário mexicano. Para reforçar essa afirmação, torna-se relevante uma análise do artigo de Isidoro Lois, publicado no *Germinal!*:

Podem os jornalistas mercenários entoar inos de triunfo ao tigre que fuzilou a <<Madero>> revelando aos <<zapatistas>> essa tarefa benéfica; podem os escravos, os vendidos, os castrados chorar a morte do traidor do plano de Potossi; podem os conservadores, os governamentais, os inimigos da redenção humana, dar expansão as suas iras impotentes pedindo angustiados pela intervenção do bandoleirismo de Norte-America e pedirem gritando a morte dos redentores; a Revolução continuará a sua marcha impetuosa, o sangue correrá a torrentes, as propriedades serão queimadas, os burgueses seguirão o caminho traçado pela sua torpeza os presidentes cairão banhados no próprio sangue, os esbirros serão despedaçados pela força da combinação da nitro-glicerina e os trabalhadores humildes até hontem continuarão expropriando e matando todos os que tratem de impedir a marcha triunfal da Revolução.

Nada, nada dixerá os valorosos mexicanos que romperam, com leonina valentia, contra tudo o que representa legalismo e se lançaram à contenda heroica, tendo por armas unicamente os dentes e as unhas; porem, erguendo a redentora divisa de <<Terra e Liberdade,>> tomaram a expropriação como meio de emancipação, tendo como fim a socialização de todas as riquezas em favor de todos os habitantes da terra.²¹⁵

A morte de Francisco Madero, consequência dos eventos da *Dezена Trágica*, foi apresentada nessa matéria ao lado do receio de uma intervenção dos EUA no México, e, Isidoro Lois, na exaltação de sua escrita, afirma que a Revolução continuará e que os camponeses revolucionários não se entregarão. Chama a atenção quando o autor descreveu que Madero foi fuzilado por um *tigre*²¹⁶, não domou e foi devorado pela *fera*

²¹⁴ Palavras do militante libertário Luis Bertoni, publicadas na antologia de textos ácratas organizado por Edgar Leuenroth. In: LEUENROTH, Edgar. *Anarquismo. Roteiro da Libertação Social. Antologia de Doutrina. Crítica-História-Infomações*. 2ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro: CCS/Achiamé, 2007. p.59.

²¹⁵ *Germinal!*, “A Revolução mexicana”. nº 15. 29/06/1913, pág.01.

²¹⁶ Essa metáfora do tigre descrito no jornal operário é interessante, pois, encontra ressonâncias em uma declaração de Porfirio Díaz. Ao descreverem sobre o processo de destituição de Díaz, Héctor Aguilar Camín e Lorenzo Meyer, afirmam que, no momento de sua partida, o ex-ditador havia prognosticado o caos que estava para se abater em sua antiga terra: “No dia seguinte embarcou no navio Ypiranga, em Veracruz, a caminho de seu exílio final. Em algum ponto da estrada para a última fronteira mexicana que cruzaria, seus olhos se encheram de lágrimas, como se tornara habitual, e ele resumiu numa frase a realidade do México em armas

revolucionária. A violência é retratada como a única alternativa reservada aos revolucionários para atingir os seus objetivos, construindo um cenário em que o mundo burguês cairia diante do derramamento de sangue e da destruição pelas chamas da Revolução. Por essa perspectiva anarquista, o caos reina no México revolucionário como o único caminho de emancipação dos explorados.

A comoção provocada pela execução de Madero também foi criticada por Lois. Aqueles que lamentaram a morte do *Apóstolo da Revolução* foram descritos como “escravos”, “vendidos” e “castrados”; enquanto do outro lado, Victoriano Huerta era ovacionado por “jornalistas mercenários”, que tentavam ludibriar os camponeses zapatistas. Nesse cenário posterior à *Dezена Trágica*, o autor valoriza apenas os revolucionários, descritos como possuidores de uma “leonina valentia”.

Além de *Germinal!*, o periódico *A Voz do Trabalhador* também noticiou os eventos da *Dezена Trágica* em suas páginas:

Si a intenção dos jenerais politicantes do México foi distrair, com o recente motim militar, o povo trabalhador da luta que este vem sustentando, ha mais de dous anos, contra todas as fórmias políticas de exploração, enganaram-se quadradamente os tais jenerais. A Revolução caminha... e quer queiram, quer não, caminha... e quer queiram, ela só terá fim no dia em que estiverem por terra, definitivamente, todos os representantes do rejimen autoritário. Os nossos irmãos mexicanos, pela voz do seu poeta, já decidiram: *Viver para ser livre, ou morrer para deixar de ser escravo.*²¹⁷

Os editores de *A Voz do Trabalhador* divulgaram a *Dezена Trágica* como um motim militar que não conseguiria frear o processo da Revolução, pois os verdadeiros revolucionários não poderiam se deixar enganar pelo exército. A crítica aos militares foi um tema de constante debate nos círculos operários do Brasil. Contudo, em 1913, essa querela se intensificou nas páginas da imprensa operária da época. Entre os motivos de exacerbação

que o havia derrubado: **‘Libertaram um tigre’**”. In: CAMÍN, Héctor Aguilar & MEYER, Lorenzo. *À Sombra da Revolução Mexicana: História Mexicana Contemporânea. 1910-1989...* p.37 – Grifo nosso.

²¹⁷ *A Voz do Trabalhador*, “México”. n° 27. 15/03/1913, pág.04. Essa matéria foi uma tradução livre do texto “¡A la Lucha!”, publicado na segunda página da edição de n° 130 do *Regeneración*.

em torno dessa questão, apontamos dois: um de ordem internacional e outro nacional. O movimento operário anarquista do Brasil acompanhou com grande interesse, em debates nos jornais operários, as campanhas anti-militares e anti-armamentistas, realizadas pelos anarquistas da França e da Espanha. Convém recordar que a rede de contatos libertária dos ácratas brasileiros com os europeus foi mais intensa nesses dois países. Na República, no momento em que essa nota fora publicada, o governo de Hermes da Fonseca reforçou a obrigatoriedade do serviço militar, efetivada em 1916, em decorrência da Primeira Grande Guerra, o que gerou diversos protestos na imprensa operária. Nessa perspectiva, por mais que Madero tenha sido vilipendiado em diversos artigos referentes à Revolução Mexicana, para os operários do Brasil sua execução não foi saudada com entusiasmo, pois seus carrascos foram os militares, e não os revolucionários.

Voltando à descrição do “comunismo primitivo”, Ricardo Flores Magón justifica a religiosidade dos camponeses revolucionários e até mesmo defende essa sua particularidade, e, em contraste, critica o academicismo dos intelectuais ácratas. Retomemos um trecho dessa crítica de Flores Magón, traduzida e publicada nas páginas de *A Guerra Social*: “Sem dúvida eles não são comunistas sinão por tradição, por instinto, e muitas vezes trazem sob a camiza *suja* um crucifixo de latão. Porém este instinto vale mais do que uma cultura de acadêmicos”²¹⁸.

Uma vez que o anarquismo considera a religião, ao lado da burguesia capitalista, um dos pilares de dominação da sociedade, a argumentação de Flores Magón poderia ser considerada contraditória, vinda de um intelectual ácrata. Contudo, no trecho destacado, o instinto comunista dos camponeses revolucionários foi tratado com mais ênfase em comparação com sua religiosidade. No parágrafo seguinte do texto, o líder do PLM enfatiza que uma educação de propaganda anarquista libertaria os indivíduos dessa crença:

Deixai estes primitivos, estes seres rudes, incultos – não, ajudai-os, antes – ajudai-os a desembaraçar-se dos seus amos, e vereis a si a propaganda anarquista (nem Deus nem amo) em breve os levará a desembaraçar-se dos seus parasitas de roupa; vereis a si a educação geral começada pelos nossos camaradas não dará

²¹⁸ A Guerra Social, “A Revolução Mexicana”. n° 21. 24/04/1912, pág.01.

em breve frutos mais belos e mais sãos do que não tem dado o anarquismo, no conjunto, em nossos meios cultivados, porém bem mais corrompidos!²¹⁹

Pela leitura de Flores Magón, por mais que possam ser considerados primitivos, os camponeses insurgentes possuíam um potencial ao anarquismo muito mais puro do que os intelectuais libertários. Ao traduzir e publicar esse texto em suas páginas, os operários de *A Guerra Social* compartilharam da perspectiva elaborada pelo principal redator do *Regeneración*. A questão da devoção dos indivíduos nas insurgências sociais torna-se interessante, pois, em outubro do mesmo ano, estourou um levante de caráter religioso no sul do Brasil, que ficou conhecido como A Guerra do Contestado.

De maneira sucinta, o conflito do Contestado ocorreu numa área de disputa entre os Estados do Paraná e de Santa Catarina, e envolveu cerca de 20 mil camponeses, encerrando-se em agosto de 1916. A disputa pela terra foi uma das principais razões que originaram esse levante. Em 1908, o governo federal concedeu à empresa estadunidense Brazil Railway Company uma faixa de 30 quilômetros de largura para a construção de uma estrada que ligaria São Paulo ao Rio Grande do Sul. Com o apoio da elite oligárquica, os coronéis da região expulsaram diversas famílias que já estavam instaladas na região, gerando muito desemprego e uma situação de revolta entre os sertanejos, que perderam o direito de suas terras de outrora. Nesse ambiente de miséria, surgiu um líder espiritual de nome José Maria, que pregava a criação de um mundo novo, regido pelas leis de Deus, onde todos viveriam em paz, com prosperidade, justiça e terras para trabalhar. Com essa mensagem messiânica, José Maria reuniu ao seu redor milhares de seguidores, principalmente os camponeses que perderam suas terras. Preocupados com sua popularidade e suas mensagens de repúdio à ordem republicana, os coronéis e o governo articularam uma campanha repressiva e enviaram policiais e soldados com a missão de reprimir o beato e seus seguidores. Os camponeses seguidores de José Maria resistiram com

²¹⁹ *Ibidem*.

espingardas de caça, facões e até enxadas, e a campanha terminou apenas em 1916, com a derrota dos camponeses pelas forças oficiais ²²⁰.

Praticamente ignorado pela imprensa da época, que no momento estava polarizada no conflito mundial europeu, desse levante não há dados para precisar o número de mortos, que pode ter sido em torno de 10.000 pessoas. Se a grande imprensa praticamente se silenciou sobre o Contestado, a mesma observação deve ser realizada em relação aos jornais operários. Em sua pesquisa sobre o assunto, Gallo afirma que a imprensa operária tratou os camponeses do Contestado como fanáticos religiosos:

No rol dos formuladores da explicação do fanatismo como sendo a base dos movimentos sociais milenarista-messiânico não se encontravam, entretanto, apenas as elites urbanas do Brasil do início do século, mas também aqueles que, na época, por uma “afinidade eletiva”, supostamente compactuariam com a causa dos rebeldes sertanejos. Os jornais operários, nos escassos artigos publicados sobre o assunto, trataram a Guerra do Contestado como fatalidade a inspirar nada, além de sentimento de piedade. ²²¹

Tal interpretação formulada pelos operários anarquistas foi bastante questionada por Gallo, pois os sertanejos foram descritos por esses jornais como ignorantes, infelizes e incultos. Ao enquadrá-los com tais características, os anarquistas editores da República não perceberam a crítica, o apelo social e a consciência política desses trabalhadores religiosos, como destaca a autora: “os caboclos eram uma classe mais politizada, sobretudo no que tange a uma crítica às instituições burguesas das mais variadas naturezas” ²²². Se a religiosidade não se chocava com o potencial revolucionário dos camponeses mexicanos, os trabalhadores rurais da Guerra do Contestado não receberam o mesmo tratamento, sendo considerados fanáticos dignos apenas de um sentimento de pena por parte dos libertários esclarecidos.

²²⁰ Os dados históricos desse evento foram obtidos a partir de: AURAS, Marli. *A Guerra do Contestado: a organização da irmandade cabocla*. Florianópolis: Cortez, 1984; GALLO, Ivone Cecília D'Ávila. *O Contestado – O sonho do milênio igualitário*. Campinas: Editora Unicamp, 1999.

²²¹ GALLO, Ivone Cecília D'Ávila. *O Contestado – O sonho do milênio igualitário...* p.22.

²²² *Ibidem*. p.23.

Salta aos olhos a dura crítica dos operários sobre esse levante no sul do país, pois apesar de a Revolução Mexicana e a Guerra do Contestado serem eventos *sui generis*, a questão da luta da terra, explorada em diversas matérias publicadas nos jornais da imprensa operária referente ao México revolucionário, foi ignorada no caso do Contestado, cujos protagonistas, na perspectiva dos militantes fabris, não possuíam o potencial revolucionário e o “comunismo primitivo” dos camponeses mexicanos.

As representações da Revolução Mexicana no imaginário operário não se restringiram apenas aos textos impressos dos jornais sociais. As imagens e uma linguagem de contestação social também foram compartilhadas, através de uma Cultura Política, por esses indivíduos críticos da democracia republicana do Brasil, em sua leitura do período revolucionário do México, como exploraremos a seguir.

2.3. Desenhos e palavras: imagens libertárias da Revolução Mexicana

Ao lado da escrita militante, cujo léxico foi caracterizado por mensagens de mudança social e de oposição ao Estado, as folhas libertárias também publicaram diversos desenhos e imagens carregadas de alegorias revolucionárias e com enfoque nas doutrinas anarquistas. Em tais representações iconográficas, esses artistas anarquistas sempre representaram o Estado, a Polícia e a Igreja em desenhos sombrios, constantemente carregados de referências à morte ou à exploração do capitalista sobre o trabalhador operário. Em outras imagens, a Revolução foi representada em alegorias harmônicas, em muitos casos caracterizados pela figura feminina, com grilhões arrebatados, empunhando bandeiras ou cavalgando rumo à liberdade. Para os operários das folhas libertárias do Brasil republicano, foi importante a difusão de imagens, pois muitos dos seus pretendidos leitores eram analfabetos ou semi-alfabetizados, e os desenhos tinham a vantagem de serem rapidamente assimilados pelos mesmos e de, assim, transmitirem com mais agilidade as mensagens presentes nos textos de propaganda libertária, como bem analisado por Raquel de Azevedo em seu estudo sobre as ilustrações presentes nas publicações anarquistas do Brasil:

A função das ilustrações, à primeira vista, parecia ser a de fornecer um atrativo, especialmente para o trabalhador semi-alfabetizado ou para o analfabeto que usufruía dessa imprensa em leituras coletivas nos sindicatos ou associações de bairros. Algumas vezes a ilustração não apresentava vinculação com os temas dos artigos que a circundavam, possuindo, porém, estrita unidade com o ideário anarquista. É justamente nessa correspondência que parece-nos residir a função das imagens gráficas veiculadas: não funcionando apenas como ilustração complementar ao discurso verbal, mas também como uma outra linguagem para a expressão dos mesmos ideais que permeavam a ação libertária.²²³

Essas produções artísticas, das quais, nesse espaço, serão focadas charges e ilustrações, foram utilizadas como uma propaganda das doutrinas anarquistas. Os ácratas não foram pioneiros em utilizar a arte para fins políticos. Segundo Toby Clark, alguns indícios desse uso da arte na política podem ser localizados em manifestações artísticas no período do Império Romano, com as celebrações arquitetônicas para a glorificação das vitórias das guerras; e na Idade Média, com as representações cristãs largamente difundidas pelos eclesiásticos. Contudo, foi na Revolução Francesa que o uso da arte como propaganda política forneceu as características bases, que foram utilizadas posteriormente por anarquistas, comunistas, e nos regimes autoritários²²⁴. Em sua descrição, Sani define a propaganda como “um esforço consciente e sistemático destinado a influenciar as opiniões e ações de um certo público ou de uma sociedade total”²²⁵. Em seu uso político, Sani, assim como Clark, aponta os eventos franceses de 1789 como irradiadores da instrumentalização política da propaganda, pois “está no maior relevo que, a partir da Revolução Francesa, vem sendo dado à ideologia como premissa ou justificação da ação [...]”²²⁶. Nesse sentido, a difusão da imprensa também foi considerada pelo pesquisador como fundamental na circulação de idéias e mensagens, por meio dessa forma propagandística.

²²³ AZEVEDO, Raquel de. *A Resistência Anarquista. Uma questão de identidade (1927 – 1937)*. São Paulo: Arquivo do Estado/Imprensa Oficial do Estado, 2002. p.170.

²²⁴ CLARK, Toby. *Arte y propaganda en el siglo XX. La imagen política en la era de la cultura de masas*. Trad. Isabel Balsinde. Madrid/España: Ediciones AKAL S.A., 2000. p.7-10.

²²⁵ SANI *Apud*. BOBBIO, Norberto (et al.). *Dicionário de Política...* p.1018.

²²⁶ *Ibidem*. p.1019.

O uso político da propaganda foi analisado por Maria Helena Rolim Capelato, em sua pesquisa sobre a política cultural dos regimes de Getúlio Vargas no período do Estado Novo (1937-1945) e de Juan Domingo Perón (1946-1955). Na definição de Capelato:

A propaganda política vale-se de idéias e conceitos, mas o transforma em imagens e símbolos; os marcos da cultura são também incorporados ao imaginário que é transmitido pelos meios de comunicação. A referência básica da propaganda é a sedução, elemento de ordem emocional de grande eficácia na atração das massas. Nesse terreno em que política e cultura se mesclam com idéias, imagens e símbolos, define-se o objeto da propaganda política como um estudo de representações políticas. Tal perspectiva de análise relaciona-se diretamente com o estudo dos imaginários sociais, que constituem uma categoria das representações coletivas.²²⁷

Ao publicar diversas charges em suas edições, os jornais da imprensa operária da Primeira República também realizaram uma propaganda política em suas páginas. Em algumas edições, o *Regeneración* também se utilizou de imagens e desenhos artísticos para expressar a representação do processo revolucionário mexicano e as suas críticas à sociedade capitalista. Dessas edições, uma em especial se destacou, principalmente pela qualidade da sua arte: a de nº 122, que foi bem aceita pelos editores militantes do Brasil, sendo que o periódico *A Voz do Trabalhador* anunciou inclusive a venda de alguns exemplares dessa edição especial:

Regeneración, o denodado, o extraordinario periodico orientador da Revolução mexicana, publicou a 1º de janeiro um numero especial, em 8 pajinas de ecelente papel assetinado, nutrido de valente colaboração literária e artística. Firmin Sagrista, o querido artista do lápis, compoz um dezenho especial aluzivo á revolução dos trabalhadores mexicanos. É um trabalho belíssimo, que ocupa duas pájinas do jornal.
[...]
É um numero magnífico, que recomendamos calorozamente.
Encontram-se alguns exemplares á venda, nesta redação, ao preço de 500 réis o exemplar.²²⁸

²²⁷ CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Multidões em Cena. Propaganda Política no Varguismo e no Peronismo*. 2ª ed. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p.39.

²²⁸ *A Voz do Trabalhador*, “México”, ed. nº 25. 15/02/1913, Pág.03.

Artista libertário espanhol, Fermín Sagristá ²²⁹ colaborou em muitas edições do periódico anarquista *Tierra Y Libertad*, e foi lembrado por Edgar Leuenroth em um comício realizado em 13 de outubro de 1911, no Largo de São Francisco, São Paulo, em homenagem ao segundo ano da morte do educador Francisco Ferrer y Guardia ²³⁰. O desenho central realizado por Sagristá e “aluzivo à revolução dos trabalhadores mexicanos” é bastante relevante e representa o significado que a Revolução Mexicana possuía para os membros do PLM e que foi ao encontro do imaginário político dos militantes operários do Brasil. Abaixo, segue a primeira página da ilustração:



Fig. 03 - Página nº 04 da 122ª edição do *Regeneración*, de 13 de janeiro de 1913

²²⁹ “**Sagristá, Fermín.** A veces Sagristá. Dibujante, condenado tras la Semana Trágica (1909) a nueve años por tres litografías a la memoria de Ferrer. En 1927 vivía en Gracia y donó un cuadro por presos sociales. Colabora con ilustraciones en publicaciones anarquistas: *Almanaque de Tierra y Libertad* en 1912, *Floreal* (1928), *La Huelga General* (1903), *El Productor*, *Revista Única* (1928), *Tierra y Libertad*.” In: IÑIGUEZ, Miguel. *Esbozo de una Enciclopedia histórica del anarquismo español*. Fundación de Estudios Libertarios Anselmo Lorenzo, 2001. p.542.

²³⁰ A oratória de Leuenroth nesse evento sobre Sagristá foi em repúdio à condenação de doze anos de prisão do artista anarquista. In: HARDMAN, Francisco Foot. *Nem Pátria, Nem Patrão!...* p.83.

Na figura 03, detectamos algumas informações interessantes. Na parte superior do desenho, em quadros separados, temos a figura de Piotr Kropotkin (na legenda como Pedro Kropotkine). Ao seu lado direito, encontram-se os retratos desenhados do patriarca do anarquismo espanhol, Anselmo Lorenzo, e do intelectual Tarrida del Mármol, importante defensor de Flores Magón e do caráter libertário da Revolução Mexicana. Do lado esquerdo, temos os rostos dos anarquistas italianos Enrique Malatesta e Carlos Malato. Abaixo, encontra-se o retrato da Junta Organizadora do PLM. Ressaltamos que Ricardo Flores Magón ficou logo abaixo da caricatura de Kropotkin, tendo ao seu lado direito as imagens do seu irmão Enrique e de Antonio de P. Araújo, e, do seu lado esquerdo, os desenhos de Librado Rivera e de Anselmo L. Figueroa. O livro aberto, que fica atrás dos retratos da parte superior do desenho, possui frases soltas, mas bastante alusivas ao anarquismo, como *La Conquista del Pan* (considerado o principal livro escrito por Kropotkin e leitura fundamental da filosofia libertária)²³¹, *El proletariado Militante*, *El pueblo*, entre outras.

A disposição dos personagens desenhados é bastante significativa. Pela ilustração, podemos afirmar que Ricardo Flores Magón assumiu um papel de líder, razão que explica a posição do seu retrato no centro e logo abaixo da imagem de Kropotkin, o que passa a mensagem visual de que o dirigente do PLM seria o herdeiro do anarquista russo, ao exercer uma posição peremptória na orientação da Revolução em curso no México. Esse atributo de prócere conferido ao principal redator do *Regeneración* contrasta com o conceito iconoclasta das doutrinas anarquistas, e biógrafos de Ricardo Flores Magón, como Diego Abad de Santillán, defendem que o mesmo sempre rejeitou essa qualificação que o diferenciava em comparação aos outros revolucionários liberais.

²³¹ *A Conquista do Pão*, escrito por Kropotkin em 1862, foi essencial na conversão de diversos indivíduos ao anarquismo. No México, essa obra influenciou muito Ricardo Flores Magón, enquanto no Brasil, Florentino de Carvalho e Astrojildo Pereira, personalidades importantes das lutas operárias do Rio de Janeiro e São Paulo, se tornaram anarquistas após o contato com esse livro. In: COCKCROFT, James D. *Precursores intelectuales de la Revolución Mexicana (1900-1913)*. México: Siglo Veintiuno editores S.A., 1971.p.99; RODRIGUES, Edgar. *Socialismo e Sindicalismo no Brasil...* p.267.

A segunda parte da ilustração de Fermín Sagristá, a seguir, reforça tais representações artísticas dos dirigentes do PLM:

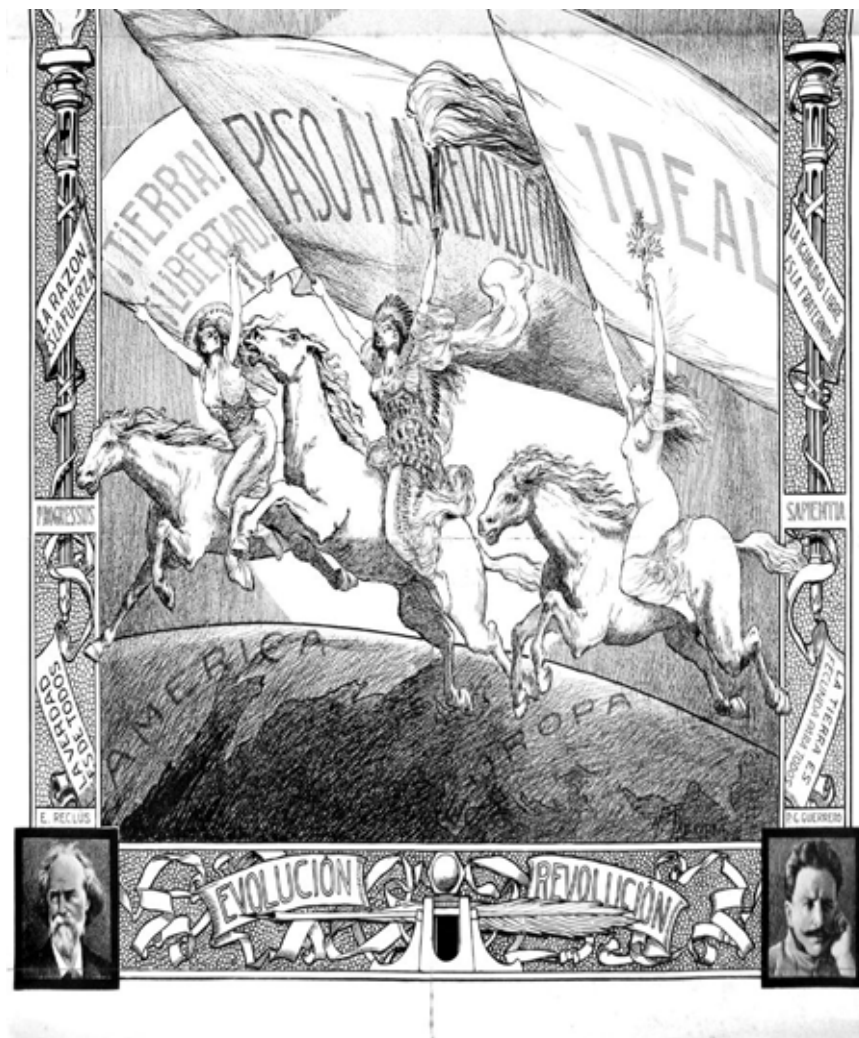


Fig. 04 - Página nº 05 da 122ª edição do *Regeneración*, de 13 de janeiro de 1913

As três amazonas na ilustração acima representam o conceito revolucionário formulado pelos magonistas para a Revolução Mexicana. A primeira empunha uma bandeira com o lema do PLM, “¡TIERRA Y LIBERTAD!”, e, com a mão direita, segura uma corrente rompida. A segunda, com trajes indígenas, empunha uma bandeira com os

dizeres “Paso à La Revolución”, e, com o braço direito, segura uma tocha. Finalizando, a terceira, empunha uma bandeira onde se lê a palavra “Ideal”, segura um ramo de oliveira com o braço direito, e, em contraste com as outras personagens, está praticamente desnuda. Ressaltamos que as três personagens femininas estão com o olhar para cima, voltado as suas bandeiras, o que indica a confiança nas três mensagens expressas, de que tais frases seriam guias dessa cavalgada revolucionária. Ao olharmos o desenho das amazonas da esquerda para a direita, ficamos diante da representação sequencial do conceito de evolução social, segundo a tese defendida pelos libertários liberais mexicanos. Primeiramente, os oprimidos deveriam tomar consciência da sua exploração, quebrar os grilhões aos quais estavam acorrentados, e seguir para a transformação social, obtida somente por meio da Revolução, ou seja, da chama; e, finalmente, com o encerramento do processo de destruição da antiga ordem social, uma nova comunidade se ergueria, por meio da paz, do apoio mútuo e do retorno às relações comunais.

Esses três estágios estão bem representados simbolicamente no desenho. A **corrente** representa a escravidão humana. A **chama** ou o **fogo** representa a purificação, como definido do verbete do dicionário de símbolos: “[...] o fogo, na qualidade de elemento que queima e consome, é também símbolo de purificação e de regeneração. Reencontra-se, pois, o aspecto positivo da destruição: nova inversão do símbolo”²³². E no ramo de **oliveira**, encontramos a simbologia da “paz, fecundidade, purificação, força, vitória e recompensa”²³³, que, no desenho, representa o fim do ciclo revolucionário com o advento de um novo mundo, planejado e justo.

A cavalgada, da Europa em direção à América, representa a circulação do anarquismo, que guiaria essa transformação e que teve suas bases formuladas no *Velho Mundo*, sendo depois transportado para o *Novo Mundo*, o continente americano, da Revolução Mexicana. Na moldura da parte inferior do desenho, essa mensagem fica bem explícita, pois, envolta em adornos e entre as fotos de E. Reclus e P.G. Guerrero²³⁴, temos

²³² CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos. Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Trad. Vera Costa e Silva (et al.). 24ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009. p.442.

²³³ *Ibidem*. p.656.

²³⁴ Élisée Reclus foi um importante geógrafo francês cujos livros tiveram bastante influência no desenvolvimento da filosofia libertária dos magonistas do PLM. O poeta Práxedes G. Guerrero, um dos mais

as palavras “Evolución” e “Revolución”. Ou seja, a evolução só viria por meio da revolução, e o México estaria na fase da segunda amazona, em chamas e lutando para alcançar o nirvana do “Ideal” anárquico.

Unidas, as duas páginas desenhadas por Fermín Sagristá formam um quadro, cuja moldura possui diversas imagens de conotação ao anarquismo, como os retratos de Bakunin, E. Ibsen²³⁵, na parte superior, e de Reclus e Guerrero, na parte inferior. Além dos retratos, as laterais também apresentam frases libertárias, como “La igualdad libre es la fraternidad”, “La tierra es fecunda para todos”, “Las razon es la fuerza” e “la verdade es de todos”.

Encontramos uma versão dessa imagem na capa do periódico *A Plebe*, nº 22, de 29 de abril de 1933. Ao analisar tal imagem, Raquel de Azevedo destaca a figura feminina do desenho, usando como base o estudo de Maurice Agulhon sobre a Marianne da República francesa, “tendo a alegoria feminina o papel de Representação ora da República ou da Nação, ora da Liberdade ou da Revolução, causando conflitos, especialmente no estabelecimento dos símbolos oficiais”²³⁶.

No entanto, na ilustração originalmente publicada no *Regeneración*, as amazonas representam o devir de uma nova sociedade que seria estabelecida no México após a Revolução. Nessa perspectiva, as figuras femininas cavalgando não formam uma alegoria da imagem da República, e sim do nascimento de uma nova ordem, anarquista. Já na cópia utilizada em *A Plebe*, temos uma leitura diferente para esta mesma imagem do *Regeneración*, pois, em seu contexto histórico, no início da década de 1930, os regimes autoritários (fascismo, nazismo e comunismo soviético) estavam disputando e expandindo a sua influência por diversas sociedades do globo. Nesse quadro mundial, a democracia,

importantes companheiros de Ricardo Flores Magón, editou diversos periódicos anti-porfiristas, como *Alba Roja* (1905), *Revolución* (1908) e *Punto Rojo* (1909). Faleceu na região de Chihuahua, em 30 de dezembro de 1910, em plena campanha armada do PLM.

²³⁵ Henrik Ibsen foi um dramaturgo norueguês, cuja produção literária enquadra-se na categoria de realismo moderno. Apesar de não se considerar anarquista, Ibsen participou de diversos coletivos socialistas na Noruega e também colaborou em alguns jornais operários. Sua produção literária aborda diversas questões sociais.

²³⁶ AZEVEDO, Raquel de. *A Resistência Anarquista. Uma questão de identidade (1927 – 1937)*... p.223.

anteriormente criticada, para alguns anarquistas da década de 1930 era o que mais se aproximava da liberdade, em comparação com os regimes autoritários ²³⁷.

Da mesma forma que *A Plebe*, os responsáveis pelo *A Lanterna* utilizaram uma variação desse desenho na quarta e última página de sua 289ª edição, de primeiro de maio de 1916.



Fig. 05 – À esquerda temos o desenho original de *Regeneración*; à direita, a versão alterada de *A Lanterna*

²³⁷ Essa discussão está presente no estudo de Margareth Rago sobre a anarquista Luce Fabbri. “Segundo Luce, desmistificar a democracia era importante especialmente no período compreendido entre 1870 e 1914, ponto de partida do “pesadelo totalitário”. Depois, com a guerra, a Revolução Russa e o fascismo, a democracia, que havia sido uma conquista das classes inferiores a partir de 1789, foi atacada pelos poderosos. Caminhou-se para a dominação de um Estado tecnoburocrático no mundo europeu e no soviético”. In: RAGO, Margareth. *Entre a história e a liberdade. Luce Fabbri e o anarquismo contemporâneo*. São Paulo: Editora UNESP, 2001.p.295.

Colocadas lado a lado, ficam mais perceptíveis as diferenças entre as duas ilustrações. Mesmo partindo de diversos aspectos do trabalho de Fermín Sagristá, o periódico operário brasileiro, em sua representação do Primeiro de Maio, apresenta modificações significativas. No desenho da publicação anti-clerical, foi mantida a imagem superior, com os retratos de Piotr Kropotkin, Enrique Malatesta, Carlos Malato, Anselmo Lorenzo e Tarrida del Mármol. A figura do livro detrás desses personagens se manteve, contudo, as suas palavras na ilustração original foram alteradas para: “A emancipação dos trabalhadores há de ser obra da acção direta dos próprios trabalhadores” e “TRABALHADORES! Sois pequenos porque estais de joelhos. Levantai-vos, pois!”. As molduras laterais também foram modificadas e receberam, em *A Lanterna*, a imagem de outras personalidades importantes da trajetória da doutrina anarquista, como F. Salvochea, C. Cafiero, P. Gori, Sebastián Faure, Ferrer e Jean Grave. Na moldura inferior, as palavras “Evolución” e “Revolución” foram traduzidas e colocadas nas laterais, e em seu lugar original foram escritas as frases “Bem estar e liberdade para todos” e “O homem livre sobre a terra livre”, e no meio delas, temos o retrato da *communard* Louise Michel. Nas extremidades inferiores foi mantida a imagem de Reclus, e P.G. Guerrero foi substituído por Bakunin. O desenho do centro foi também substituído e os retratos da Junta Organizadora do PLM e da cavalgada revolucionária cederam lugar a uma figura feminina, na qual vislumbramos uma mulher segurando uma tocha, em cima de diversos escombros, onde se destaca a palavra “Ley”.

Ao modificar o centro do desenho e substituir P.G. Guerrero por Bakunin, *A Lanterna* anulou todas as referências à Revolução Mexicana presentes no desenho original. Compreender as razões que motivaram esse encobrimento por parte dos operários da publicação anarquista da República brasileira pode suscitar mais questões do que respostas. Todavia, a ilustração foi publicada em *A Lanterna* no ano de 1916. Nesse período, a Revolução do México estava distante das publicações da imprensa operária do Brasil e a questão internacional, na qual se debatiam os militantes anarquistas, estava centrada na repercussão da Primeira Guerra Mundial.

A Lanterna utilizou outro desenho da edição 122 do *Regeneración*. A publicação oficial do PLM publicou na 7ª página a charge intitulada “El Capitalismo Ayudado por la

Ignorancia Religiosa” (Fig. 06), com a imagem de um padre e de um capitalista montados em cima de um trabalhador camponês e, na ponta direita superior, um corvo, representando a morte que se aproximava. A mensagem transmitida pela imagem foi de que o povo, na figura do camponês, tinha sua fé explorada tanto pela Igreja quanto pelo Capitalismo²³⁸. Com raríssimas exceções, os anarquistas sempre foram críticos das religiões, interpretadas pelos mesmos como uma manipulação da ignorância das pessoas por parte das instituições clericais.

Desde o seu primeiro número, *A Lanterna* se sobressaiu pelos seus ataques ao clero e a toda forma de manifestação religiosa, e pode, assim, ser considerado mais como uma publicação anti-clerical do que propriamente libertária. Essa charge original do *Regeneración* enquadra-se nas posições políticas da publicação operária brasileira, que a estampou em sua capa com o título “A situação do povo do México... e de toda a parte”. Abaixo da charge, segue um pequeno texto: “É esta a missão do padre: Embrutecer o povo com as suas intrugices, para que ele se submeta ao domínio da exploração do seu patrão – o Capitalismo”²³⁹.



Fig. 06 – À esquerda, a ilustração de *Regeneración*; à direita, de *A Lanterna*

²³⁸ *Regeneración*. n.º 122. 01/01/1913, pág.07.

²³⁹ *A Lanterna*. n.º 181. 08/03/1913, pág. 01.

Como na imagem analisada anteriormente, essa charge presente nas páginas de *A Lanterna* não possui nenhuma referência à Revolução Mexicana. Inclusive, isso fica evidente no título, quando é afirmado que a exploração do clero e do capital sobre o povo não é uma exclusividade da sociedade mexicana, mas também de outras realidades.

Tais ilustrações, quando copiadas para as páginas de *A Lanterna* e *A Plebe*, passaram por um processo de alteração e releitura, que resultou na perda do seu sentido original ao serem utilizadas na representação específica elaborada por cada periódico, na comemoração do Primeiro de Maio e no embate contra os regimes autoritários da década de 1930. O interesse pelo México e pela sua Revolução, a partir de 1913, gradualmente foi perdendo espaço entre os operários da imprensa operária brasileira, e as suas referências e mensagens foram alteradas ou apagadas.

Não foram apenas os periódicos operários que utilizaram os desenhos dessa edição especial da publicação do PLM em suas páginas. A publicação ilustrada *O Gato* também usou o desenho anti-clerical (Fig. 06) em uma de suas edições, o que é referenciado no próprio *Regeneración*: “‘O Gato’, periódico de caricaturas de Rio de Janeiro, República del Brasil, reproduce la caricatura ‘Las verdaderas causas de la miseria en México’ que apareció en uno de los números anteriores de REGENERACIÓN”²⁴⁰. Nessa mesma matéria, outra publicação brasileira é citada, ao utilizar outro desenho desse número, a saber, o periódico *O Paiz*: “‘O Paiz,’ uno de los más importantes periódicos burgueses del Brasil, reproduce la caricatura que representa el Jardín Zoológico Mexicano y la cual fue dibujada especialmente para REGENERACIÓN por el compañero italiano Ludovico Caminita”²⁴¹.

²⁴⁰ *Regeneración*, “Revisando la Prensa”. nº 143. 31/05/1913, pág.02.

²⁴¹ *Ibidem*. p.01.

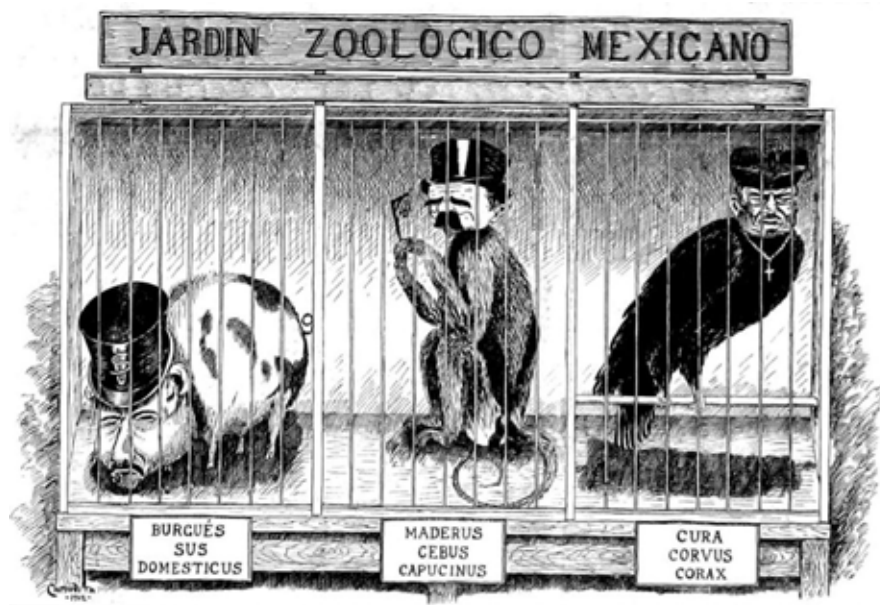


Fig. 07 - Ilustração da primeira página da 122ª edição do *Regeneración*, publicada também em *O Paiz*

A imagem reproduzida em *O Paiz* (Fig. 07) representa a burguesia na figura de um **porco**, Francisco Madero na de um **macaco**, e o clero na de um **corvo**. Esses três animais também possuem uma simbologia consonante com a leitura da sociedade realizada pelos anarquistas.

Em sua definição simbólica, o porco “é geralmente o símbolo das tendências obscuras, sob todas as suas formas, da ignorância, da gula, da luxúria e do egoísmo”²⁴², e essas características do animal suíno se encaixam na *visão* dos ácratas sobre a burguesia em nível mundial.

O macaco possui diversas correntes interpretativas. Entre os tibetanos, ele é considerado um símbolo sagrado, e, entre os maias e astecas, havia a crença de que as

²⁴² CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos. Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números...* p.734.

peças nascidas sobre o seu signo seriam talentosas e possuiriam dons artísticos ²⁴³. Contudo, na psicanálise, o macaco possui atributos divergentes:

Quando um macaco aparece nos sonhos, a psicanálise vê, primeiramente, uma imagem de indecência, de lascívia, de agitação, de insolência e de vaidade; vê também um efeito de irritação que vem da semelhança entre o macaco e o homem, o *ancestral peludo*, a *caricatura* do ego, brutal, cúpida e lasciva; o macaco do sonho é a imagem desprezível do que o homem deve evitar em si mesmo. ²⁴⁴

O macaco com a fisionomia de Madero representa essa leitura apresentada pela psicanálise ²⁴⁵. O animal símio também pode representar a imitação superficial, uma cópia ou paródia. A crítica a Madero parece se dirigir a uma idéia de falsidade, um “macaquear”, uma atitude política sem base social. Ou seja, na crítica dos magonistas, mudar para permanecer o *status quo* da realidade mexicana.

Além das qualidades depreciativas que o animal recebeu nessa interpretação como destacado acima, vale ressaltar que a psicanálise teve o seu ápice de popularidade em 1910, após grande repercussão da obra *A interpretação dos Sonhos*, de Sigmund Freud, publicado em 1900. Pelos seus sustentáculos teóricos fundamentados na racionalidade e na ciência, a teoria psicanalítica pode ter circulado entre os militantes anarquistas. A figura do macaco apareceu em outro artigo de teor anarquista, publicado em abril de 1913, no *Germinal!*. O texto, de autoria de Florentino de Carvalho, se configura em uma crítica ácida à cobertura de diversos jornais burgueses do Brasil sobre a questão operária:

²⁴³ *Ibidem*. p.574.

²⁴⁴ *Ibidem*. p.576.

²⁴⁵ Essa interpretação não ficou restrita a Francisco Madero nas charges publicadas no *Regeneración*. Na 2ª página da edição de nº 192, de 13 de junho de 1914, Pancho Villa é representado na figura de um macaco dançante, pedindo dinheiro com um sombrero de ponta-cabeça onde está escrito “Carrancismo”. Ao seu lado, Venustiano Carranza também está representado como um macaco, segurando um bastão com os dizeres “leyes agrárias”. Ambos estão acorrentados a uma caixa de música, com as palavras “Promesas Agrarias. De Wilson a los mexicanos”, sendo tocado por um personagem representando o folclórico “Tio Sam”. Esse desenho satírico representa perfeitamente a tese, elaborada pelos membros do PLM, de que Pancho Villa e Venustiano Carranza não passavam de marionetes dos EUA.

Não costumamos considerar com pontos de admiração as incoerências tão comuns entre a imprensa burguesa, porque, sendo uma instituição que faz parte da indústria e do comércio, tem que ser máquina para toda obra, objeto de todo negócio.

O que é interessante, e provoca ironia é o tinte de seriedade que afecta dar às suas campanhas, sempre realizadas em nome da verdade, da justiça, da moral, da pátria, da civilização.

A sua actuação na questão operaria e social tem sido de mistificação e de silêncio, depois de haver esgotado todo seu repertorio de calunias e de insultos.

[...]

É este o elevado critério e a vastíssima ilustração dos jornalistas da imprensa diária brasileira, jornalistas que se adaptam perfeitamente ao conceito que em outros povos tem os reacionários brasileiros, sintetizado na seguinte expressão: - Macacos! ²⁴⁶

Tanto o desenho de Madero metamorfoseado pelo lápis de Caminita quanto os jornalistas vilipendiados por Florentino de Carvalho – que copiam as notícias internacionais dos jornais burgueses sem elaborar alguma crítica – possuem as características descritas pela psicanálise sobre o animal símio: de que o macaco, resumidamente, é uma imagem distorcida do ser humano.

No caso do corvo, encontramos também uma variedade de interpretações. Na China e no Japão, essa ave é considerada o símbolo de ordem social; na mitologia maia o mensageiro do deus do trovão e do raio; e na mitologia escandinava, dois corvos representam o princípio de criação ²⁴⁷. A sua interpretação negativa começou a ser construída com a sedentarização, com o desenvolvimento da agricultura e, novamente, com a psicanálise: “Consideram-no, com efeito, nos sonhos, como uma figura de mau agouro, ligada ao temor da desgraça. É a ave negra dos românticos, planando por sobre os campos de batalha a fim de se cevar na carne dos cadáveres” ²⁴⁸. Ao colocar o clero metamorfoseado como um corvo (Fig. 07) – os padres possuem roupas pretas, que no caso do desenho, faz um alusão visual perfeita ao corpo da ave – o jornal passa a mensagem de que eles são devoradores da humanidade, que usam o céu, a crença e a religião para enganar e exaurir ao máximo suas vítimas, deixando-as apenas como carcaça para o seu deleite.

²⁴⁶ Germinal!, “MACACOS!”. nº 05. 13/04/1913, pág.01.

²⁴⁷ *Ibidem.* p.596.

²⁴⁸ *Ibidem.* p.295.

Encontramos comentários de periódicos brasileiros no número 144 do *Regeneración*, que publicou em suas páginas dois artigos: um de autoria de Orlando Correa Lopes, originalmente extraído da edição de *A Tarde*, e outro de *A Voz do Trabalhador*, publicado na edição n° 27, de 15 de março de 1913. Ao traduzir e publicar esses dois artigos para o idioma espanhol, o *Regeneración* usou a mesma metodologia das publicações anarquistas brasileiras dos anos 1911 e 12, referente à Revolução Mexicana, que foi a de transportar na íntegra o conteúdo original de outra publicação para as suas páginas. A edição seguinte do jornal operário mexicano também reservou um espaço de destaque ao Brasil:

**Regeneración
En el Brasil.**

Noticias que llegan de la lejana como extensa República del Brasil, nos hacen saber que el número especial de REGENERACIÓN causo un espléndido éxito em Rio de Janeiro, capital de la República.

La prensa burguesa sin excepción, todos los grandes periódicos y rotativos, se refirieron á REGENERACIÓN y reprodujeron todos los gravados del número especial.

“A Tarde,” “A Época,” “O Paiz,” “O Gato” y demás periódicos burgueses, lucieron las caricaturas y dibujos de nuestros compañeros, los artistas y demás, y dieron á conocer graficamente al pueblo brasilero las causas de la Revolución Social en México.

Los diarios burgueses publicaron excelentes artículos, sobre el movimiento económico que envuelve á México. Su signatário, el periodista brasilero Orlando Correio Lopes, que demuestra conocer á fondo el asunto, dá causas, origen, historia y probable resultado de la Revolución Anarquista em México, e ilustra por completo á la sociedad brasilera sobre las tendências de la Anarquía. Indudablemente, que esos artículos, altamente justicieros para la Revolución Mexicana, haber hecho considerable propaganda al movimiento revolucionario em el Brasil.

La popularización de la Revolución Mexicana em dicho pais, há de ayudar mucho á la emancipación del continente. El Brasil es mas extenso em territorio que los Estados Unidos, y su población, mucho mayor que la de México. Rio de Janeiro, puerto de mar y capital de la República, es una de las ciudades mas bellas de la América.²⁴⁹

Essa matéria apresenta o olhar de fora dos liberais revolucionários mexicanos acerca do Brasil e exalta aquelas que seriam suas características ideais de promoção de uma

²⁴⁹ Regeneración, “Regeneración. En el Brasil”. n° 144. 07/06/1913, pág.03.

explosão revolucionária: sua extensão territorial, maior que a dos EUA, e seu número superior de habitantes, em comparação com a nação mexicana. Na leitura dos editores do *Regeneración*, a Revolução Mexicana se propagaria pela República brasileira e forneceria as bases de uma eclosão de transformação social sob o comando dos militantes anarquistas. Evidencia-se nessa perspectiva, uma imagem parcial e otimista da ex-colônia portuguesa do novo mundo. Não há registro de nenhuma visita de algum membro do PLM no Brasil. Assim como os militantes ácratas do Rio de Janeiro e de São Paulo, que olharam o México por meio das páginas do *Regeneración*, os liberais mexicanos também construíram a sua visão do Brasil por meio dos periódicos da imprensa operária e burguesa. Esse entusiasmo dos editores da publicação oficial do PLM foi sedimentado pela grande circulação que essa edição especial do *Regeneración* obteve nos meios impressos do Brasil republicano, cujas imagens foram utilizadas em algumas publicações operárias, burguesas e culturais. Contudo, como demonstramos em nossa análise sobre os desenhos publicados em *A Lanterna*, cujas referências sobre o México revolucionário foram alteradas ou apagadas, a circulação e a leitura do *Regeneración* não garante que o seu conteúdo era assimilado e aceito pelos eventuais leitores dessa publicação, limitação essa percebida por Alan Knight:

La gente aceptaba o leía *Regeneración*, *faut de mieux*. Por sí solo, esto constituía un logro para los liberales, aunque sería erróneo inferir que cada lector de *Regeneración* fuera un activista incondicional del PLM y una prueba viviente de la penetrante influencia liberal²⁵⁰.

O mesmo pode ser dito sobre a Primeira República. A utilização dos desenhos dessa edição nas folhas burguesas, caso de *O Paiz*, não significa que essa publicação estava de acordo com a ideologia e a propaganda presentes nas páginas do *Regeneración*. Essas ilustrações circularam com mais liberdade do que as palavras, uma vez que elas ampliavam as possibilidades de releituras e de modificações de sua mensagem original.

²⁵⁰ KNIGHT, Alan. *La Revolución Mexicana. Del porfiriato al nuevo régimen constitucional. Volumen I. Porfiristas, liberales y campesinos*. Trad. Luis Cortez Bargalló. México: Editorial Grijalbo, S.A. de C.V., 1996. p.73.

Com dinâmicas diferentes, encontramos, entre os militantes ácratas de maneira geral, um repertório de linguagem semelhante em seus manifestos, panfletos, atas de reuniões e periódicos, entre outros produtos escritos, com alusões afetivas, empolgantes e adjetivas às palavras Anarquia, Socialismo e Comunismo. Além disso, é comum encontrarmos contestações em relação aos termos Estado, Governo, Capitalismo e Igreja, sempre considerados os responsáveis pela miséria da sociedade e da exploração humana. Nesse sentido, os anarquistas de cada país criaram um discurso semelhante e utilizaram um mesmo léxico revolucionário para expressar suas idéias e contrapor-se à ordem estabelecida em suas realidades sociais.

Juntamente com a linguagem, também percebemos um compartilhamento de símbolos e imagens que ajudaram na definição de suas identidades políticas. Assim, o capitalista ou o padre eram constantemente representados como indivíduos de formas grotescas, opulentas, envoltos na riqueza; o operário ou trabalhador urbano eram representados em situações de humilhação ou de exploração. Símbolos, como a bandeira rubro-negra ou a mulher que trazia em seu ventre a gestação de um novo amanhecer foram impressos em periódicos anarquistas espalhados ao redor do mundo. Ressaltamos que esses símbolos também foram utilizados por libertários europeus e estadunidenses, o que nos permite pensar numa Cultura Política Libertária além do Brasil e México, unindo militantes ácratas de diversas sociedades industriais. Adversário do nacionalismo e do Estado, o anarquismo apresenta uma leitura intensa de uma pátria libertária onde as diferenças culturais, religiosas, e sociais seriam anuladas na sociedade de relações horizontais que surgiria após uma Revolução.

No repertório linguístico dos anarquistas, localizamos essa leitura em comum na matéria “México es un Ciclón Revolucionario”, publicado no nº 130 do *Regeneración* e que serviu de base para a matéria sobre a Revolução Mexicana impresso na 27ª ed. de *A Voz do Trabalhador*. Na primeira página da publicação do PLM, encontramos a seguinte charge:



Fig. 08 - Charge da capa do *Regeneración*, nº 130 de 01/03/1913

No desenho, originalmente publicado no *The Tribune*, de Los Angeles, há a figura de um camponês observando a fumaça que se ergue pelos escombros, oriunda de batalhas, provavelmente, uma representação dos confrontos da *Dezена Trágica* na capital mexicana. Das nuvens aparecem os nomes de Madero, Huerta e Díaz com as siglas de “Gov’T” – destacamos como o nome de Huerta está praticamente encoberto pela fumaça – possivelmente uma referência a “Government Tyranny” (tirania governamental). Para o peão escravizado, preso por uma bola de aço com a palavra “peonage”²⁵¹, e para a outra personagem, uma mulher que nem sequer está atenta ao que ocorre abaixo, não há esperança de justiça e de liberdade em qualquer regime político estatal guiado pelos três que desejam dominá-lo. Como descreve a legenda “¡Todo ha sido cambiado! Pero la situación de los trabajadores caundo...?”, em suma, o desenho procura representar a

²⁵¹ O termo “peonage” possui um significado interessante, pois, de acordo com o dicionário *Longman*, designa trabalhadores mexicanos ou sul-americanos, que laboram em uma condição semi-escrava para pagar dívidas. Vale ressaltar, que essa charge foi originalmente publicada em um periódico estadunidense, o *The Tribune*. In: LONGMAN. *Dictionary of Contemporary English*. 3ª ed. Essex, England: Longman Dictionaries, 1995.p.1047.

mensagem de que a mudança deve vir de baixo, pelo povo, senão essa exploração demonstrada pelo homem preso a uma bola de aço, praticamente um escravo, não cessará, seja com Madero, Huerta ou Díaz sentados na cadeira presidencial do México.

O significado metafórico da Revolução é descrito no título como um ciclone, fenômeno da natureza, incontrolável, devastador e contínuo ²⁵². Ricardo Flores Magón e seus companheiros foram leitores do geógrafo anarquista francês Eliséé Reclus – sua obra *Evolução e Revolução* fora vendida em diversas edições do *Regeneración* – e não é surpreendente entender que essa naturalização da Revolução Mexicana expressa nas páginas da publicação do Partido Liberal foi tributária da obra de Reclus, que eventualmente utilizou-se de características vulcânicas ao descrever insurgências revolucionárias sociais ²⁵³. Esse estilo literário de associar revoluções com a força devastadora da natureza não ficou restrita aos ácratas mexicanos.

Os anarquistas da Primeira República brasileira também utilizaram em suas metáforas a fusão de fenômenos da natureza, em sua face mais destrutiva, com a sua visão de como deveriam ser os processos revolucionários. Essa linguagem foi muito utilizada em contos libertários, impressos nos jornais operários, e em obras literárias publicadas de maneira independente, que receberam o nome de “romance social” ²⁵⁴. Desses romances publicados na mais recente República do continente latino-americano, destacamos a obra *Vulcões*, de autoria de Avelino Fóscolo, publicado em 1920 ²⁵⁵. Ao contar a história das irmãs Clara e Carmen, essa obra ataca os processos eleitorais e o próprio significado do

²⁵² Não foi apenas o *Regeneración* que se referiu à Revolução Mexicana como uma força demolidora da natureza. Outros trabalhos também utilizaram metáforas similares para descrever esse momento da história mexicana, como exemplo, Mariano Azuela “La revolucion es el huracán, y el hombre que se entrega a ela no es ya el hombre, es la miserable hoja seca arrebatada por el vendaval”. In: AZUELA, Mariano. *Los de Abajo. Novela de la Revolución Mexicana*. México: Fondo de Cultura Económica, 1989. p.63. Anita Brenner, que originalmente batizou o seu livro com o título “The Wind That Swept Mexico” – “O vento que arrasou o México” – foi traduzido em uma edição mexicana como “La Revolucion em blanco y negro” no ano de 1985. Recentemente, foi publicada uma terceira edição no México com a tradução correta do título original para o espanhol. Ver: BRENNER, Anita. *El Viento que barrió a México. História de la Revolución Mexicana, 1910-1942*. 3ª ed. Trad. María Dolores de la Peña. México: Gobierno del Estado de Aguascalientes (et al.), 2009.

²⁵³ HARDMAN, Francisco Foot. *Nem Pátria, Nem Patrão!...* p.261.

²⁵⁴ Uma mostra interessante da produção dos escritores anarquistas pode ser encontrada em: PRADO, Antonio Arnoni & HARDMAN, Francisco Foot (Org). *Contos Anarquistas. Antologia da prosa libertária no Brasil (1901-1935)*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

²⁵⁵ Avelino Fóscolo nasceu em 1864 e morreu em 1944. Farmacêutico, jornalista e dramaturgo, Fóscolo é considerado o pioneiro da produção da imprensa operária e libertária de Minas Gerais. Além de *Vulcões*, publicou outros romances, e foi um dos organizadores do teatro social. In: *Ibidem*. p.126.

conceito de família na sociedade burguesa, e sua narrativa envolve todas as personagens em um ambiente de manipulação e hipocrisia, condenado a explodir igual a um vulcão, como demonstra o crítico literário Fábio Lucas ²⁵⁶, em sua análise desse romance:

A própria palavra “vulcões” é utilizada para designar um sintoma da sociedade, que carrega consigo um complexo de contradições, uma efervescência capaz de conduzir a uma explosão.

Nas falas e reflexões, costumam-se invocar os vulcões sobre os quais estão assentados os protagonistas na sua conduta burguesa e na inconsciência dos males em que se baseiam seus valores e objetivos. ²⁵⁷

Para concluir essa circulação literária apresentada, *A Guerra Social*, na capa de sua 26ª edição, publicou um conto de autoria de Ricardo Flores Magón, intitulado “O Soldado”. Consequência da repercussão da Primeira Grande Guerra e da mobilização política e cultural dos anarquistas em repúdio a esse conflito bélico, o médico anarquista Fábio Lopes dos Santos Luz publicou em *Na Barricada*, em 1915, um folhetim em diversos capítulos batizado de “O Soldado”. Mesmo diferentes, o conteúdo do conto de Flores Magón e o de Fábio Luz são convergentes: enquanto os soldados alienados se matam uns aos outros, os poderosos, os gananciosos, continuam em suas poltronas observando a selvageria, o massacre e o banho de sangue entre os miseráveis. Para ambos, a guerra e a violência só devem ser empregadas para derrubar os patrões e alterar a pirâmide social de exploração capitalista.

Além de utilizar características políticas e culturais provenientes da leitura magonista da Revolução Mexicana, os operários da Primeira República também foram influenciados, em diferentes níveis, por outros eventos mundiais que definiram o século XX, em sua leitura sobre o México em armas.

²⁵⁶ “Fábio Lucas é crítico e professor aposentado da Universidade Federal de Minas Gerais e autor, entre outros trabalhos, dos livros *O caráter social da literatura brasileira* (Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1970) e *Razão e emoção literária* (São Paulo, Duas Cidades, 1982)”. In: PRADO, Antonio Arnoni (Org). *Libertários no Brasil. Memória, Lutas, Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1986.p.307.

²⁵⁷ *Ibidem*. p.119.

3. O outro lado do Atlântico: impactos mundiais na leitura operária da Revolução Mexicana

*Bem unidos façamos
Desta luta a final
De uma terra sem amos
A Internacional*
(versos finais do hino
da Internacional)

As interpretações da Revolução Mexicana estiveram alicerçadas em vários conceitos, como o positivismo, o liberalismo e o anarquismo. Esse evento definidor do México moderno ecoou, repercutiu e foi acompanhado em diversos países por meio do principal veículo de comunicação de massa do início do século XX: os jornais impressos. Nesse manancial de idéias modernas, os desdobramentos do processo revolucionário do México sofreram uma pluralidade de interpretação no exterior. Nos meios informativos do *Velho Mundo*, a leitura desse acontecimento atrelou-se a outros eventos de impacto mundial.

Em alguns países europeus, os periódicos da *grande imprensa* noticiaram a Revolução do México como consequência da política imperialista do governo dos Estados Unidos para o continente americano. Essa leitura foi muito difundida na Espanha, que ainda estava se recuperando da perda da colônia cubana em 1898²⁵⁸. Outro exemplo não restrito à opinião pública sevilhana encontra-se na cobertura realizada pela grande imprensa francesa. Além de manter uma similaridade de interpretação sobre a participação estadunidense na Revolução do México, o advento da Primeira Grande Guerra também teve papel relevante ao guiar um olhar etnocêntrico sobre esse evento. Alguns diários da França publicaram editoriais acusando a Alemanha de tentar fomentar um conflito entre EUA e

²⁵⁸ Cf. SOLER, Rosario Sevilha. *La Revolución Mexicana y La Opinión Pública Española. La prensa sevilhana frente al proceso de insurrección*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2005.

México, com o objetivo de mudar o foco do conflito europeu para a Revolução Mexicana²⁵⁹.

No continente americano, as notícias sobre o México revolucionário também chegaram ancoradas em diversas posturas ideológicas. Na Argentina, Pablo Yankelevich²⁶⁰ demonstrou como os desdobramentos revolucionários do México influenciaram o intelectual Manuel Ugarte, que utilizou diversos jornais de larga escala para iniciar uma campanha contra o imperialismo estadunidense. Essa postura crítica também foi realizada pelo jornal *La Nación*, que, segundo a pesquisa de Dias, passou aos seus leitores que a Revolução Mexicana foi um evento manipulado pelos EUA e sustentado por interesses financeiros²⁶¹.

Na República brasileira, o *OESP* também realizou uma cobertura tendenciosa do processo revolucionário mexicano. Essa postura ficou mais intrínseca em diversos artigos assinados pelo diplomata Oliveira Lima, que, por meio da análise dos desdobramentos da Revolução, elevou a sua defesa da Monarquia e a crítica ao modelo republicano de governo, como conclui Carlos Alberto Sampaio Barbosa:

Se pudéssemos fazer um resumo de sua visão sobre a história do México a partir desses artigos, segundo ele, este país passou por diversas etapas políticas, primeiro um período de caos para logo depois cair no despotismo do regime porfirista. Tais considerações sobre esse país reforçavam seu posicionamento favorável à monarquia brasileira, responsável no seu ponto de vista pela unidade nacional. Enquanto que as interpretações negativas com relação à América Hispânica em geral e ao México em particular demonstrariam a anarquia, fruto dos regimes republicanos.²⁶²

²⁵⁹ COVO, Jacqueline. La prensa en La Historiografía Mexicana. In: *Historia Mexicana*. México: El Colegio de Mexico, Vol. XLII, nº 03, Enero-Marzo 1993. p.705.

²⁶⁰ YANKELEVICH, Pablo. *La revolución mexicana en América Latina. Intereses políticos e itinerarios intelectuales...* p.23-43.

²⁶¹ DIAS, Natally Vieira. *O MÉXICO COMO “LIÇÃO”...* p.154.

²⁶² BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio. A repercussão da Revolução Mexicana na Imprensa Brasileira... p.07.

Ressaltamos que essa linha editorial do jornal de Júlio de Mesquita não foi homogênea em relação ao México, tendo sido bastante favorável ao período inicial da Revolução, no momento em que Francisco Madero parecia estar no controle desse processo, tendo como grande motivador um discurso ideológico de instauração de uma política democrática em terras mexicanas ²⁶³.

Essa pluralidade de análise também esteve presente nos círculos anarquistas e resultou em um ataque ideológico de alguns libertários franceses contra Flores Magón e o PLM. Na imprensa operária brasileira, essa discussão apareceu indiretamente em um artigo assinado pelo anarquista cubano, Tarrida del Mármol, publicado em *A Guerra Social* e citado no segundo capítulo do presente trabalho. Abaixo, seguem alguns trechos da matéria:

[...] Os jornais mexicanos, por seu lado, contentam-se, si são ministeriais, de tratar Magon e Zapata de bandidos e de dar uma importancia minima ao movimento. Pelo contrario, os órgãos reyistas ou católicos, como o <<Imparcial>> e o <<Paiz>>, desejosos de crear embaraços ao novo rejimen liberal, exageram sistematicamente todas as notícias, e dão a um barulho qualquer proporções de um levante popular, e a uma escaramuça as dimensões de uma grande batalha. Estes exageros são comentados com <<gusto>> por Magón no seu valente órgão <<Regeneración>>. Sem duvida, pode-se-lhe exprobar, porém não com muita agrura (é preciso) atender às circunstancias) e não esquecer que Magón tem que sustentar polemicas acaloradas com jornais cuja tática consiste em esfriar o entusiasmo dos emigrados ou dos Americanos favoráveis à Revolução, afirmando-lhes que ela não existe mais.

[...]

Dito isto, convém proclamar bem alto que Ricardo Magon é um dos lutadores mais sinceros, mais viris e mais honestos da nossa época. Seu irmão, Jesus Magon, que aceitou as ofertas de Madero, é um dos ministros do gabinete do México. Si Ricardo tivesse querido fazer outro tanto – tive provas de oferecimentos feitos neste sentido por Madero – seria a esta hora primeiro ministro ou vice-presidente da Republica. Preferio ficar fiel aos seus princípios libertários e continuar a luta no meio de privações sem conta e de dificuldades incalculáveis. É preciso que a boa fé do correspondente dos <<Temps Nouveaux (I) nos Estados Unidos tenha sido ilaqueada, para que acreditasse dever atar, como fez, o indomável lutador mexicano. ²⁶⁴

²⁶³ Uma boa amostra do conteúdo democrático dos discursos de Francisco Madero pode ser conferido no livro *Palavra de Presidente*, de Claudia Wasserman. Nessa obra, a autora realiza um diálogo comparativo entre os discursos de campanha de Francisco Madero, Getúlio Vargas e Hipolito Yrigoyen, apontando as suas similitudes e diferenças. Ver: WASSERMAN, Claudia. *Palavra de Presidente*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2002.

²⁶⁴ *A Guerra Social*, “A REVOLUÇÃO MEXICANA”. nº 16. 13/03/1912, pág.02.

O artigo de Mármol possui alguns pontos cuja análise torna-se relevante de ser realizada. Na afirmação de que “Magón tem que sustentar polêmicas acaloradas”, o escritor anarquista cubano defendeu essa prática do líder do PLM como fundamental para propagar a Revolução e combater as informações que alguns jornais, como o *Imparcial* e o *Paiz*, publicavam em suas páginas. Essa defesa foi ao encontro de algumas informações desatualizadas que foram publicadas no *Regeneración*, circuladas nos grupos anarquistas. Em julho de 1911, Ricardo Flores Magón publicou um texto no *Regeneración*, intitulado “La Bandera Roja no se Rinde”, que foi traduzido por *A Guerra Social*:

Em vão demos a conhecer todas as semanas os detalhes do grandioso movimento do Partido Liberal Mexicano. Mentira! – diziam os incrédulos e os malvados. Não há movimento liberal, isto é, econômico, no México. A Revolução Social só existe na quente imaginação dos redatores da *Regeneración*.

[...]

O Partido Liberal ganha terreno, segundo a própria confissão da imprensa americana.

[...] Não lutamos pelos ricos, mas sim pelos pobres, e, naturalmente, os ricos hão declarado guerra de morte ao Partido Liberal Mexicano: mas toda a perseguição é inútil.²⁶⁵

Chama atenção a data de publicação dessa matéria, que saiu originalmente em julho de 1911, no *Regeneración*, e foi reproduzido em setembro do mesmo ano, em *A Guerra Social*. Como já esclarecido anteriormente, em junho o PLM sofreu sua maior perda, quando suas forças revolucionárias foram derrotadas na campanha da região da Baixa Califórnia. Apesar disso, na parte destacada acima, fica evidente o esforço de Flores Magón em defender um PLM atuante, vivo e que “ganhava terreno” a cada momento. Nesse caso, seria até oportuno e simplista afirmar que o *Regeneración* estava publicando falsas informações em suas páginas. Contudo, ao invés de tecermos tal acusação, devemos levar em conta que essa folha era mais voltada à propaganda libertária do que propriamente à publicação de informações imparciais sobre a Revolução que estava acontecendo naquele momento no México. Com essa característica, a de ser um periódico de combate, com práticas panfletárias e objetivos claramente políticos, compreendemos que, nesse momento

²⁶⁵ *A Guerra Social*, “A Revolução Social no México”. nº 6. 27/09/1911, pág.02.

de crise do PLM, o *Regeneración* foi usado para enaltecer o moral dos combatentes e simpatizantes magonistas. Ou seja, ele não apenas informava, mas também criava realidades em suas páginas.

Com outras palavras, Mármol percebeu essa tática jornalística e militante do *Regeneración*, que pela sua orientação política de porta-voz do PLM, em certas ocasiões, foi mais utilizado como um veículo de propaganda do que de informação sobre o desenrolar da Revolução Mexicana. Contudo, o autor cubano relatou a derrota dos liberais na Baixa Califórnia e, com palavras empolgantes, afirmou que a continuação dos verdadeiros anseios da Revolução do México estava no Sul, sob o comando de Emiliano Zapata. Nesse caso, o autor da matéria realizou a mesma prática da escrita de Flores Magón, ou seja, defender uma postura libertária e social para o processo revolucionário mexicano. Se o PLM estava enfraquecido e praticamente derrotado, Emiliano Zapata tornou-se o símbolo da tendência libertária da Revolução Mexicana.

No período em que Mármol escreveu esse artigo, Ricardo Flores Magón foi alvo de diversas críticas elaboradas por anarquistas na Europa, como informado nas últimas linhas de sua matéria ²⁶⁶. Os questionamentos empreendidos pelos libertários europeus estavam baseados na liderança que constantemente o *Regeneración* afirmava do PLM nos rumos da Revolução do México e na capacidade de Ricardo Flores Magón em executar tal tarefa. Em mais uma reprodução, traduzida do periódico libertário mexicano, *A Guerra Social* divulgou em suas páginas um pedido de ajuda de Flores Magón:

[...] O ditador e todo o rejimen que o sustenta devem ser levados pela tempestade social atual, por pouco que os revolucionários de todos os países venham em auxílio dos heróicos Mexicanos. É esta a ocasião de afirmar a sua solidariedade internacional e a sua fé na Revolução!>> ²⁶⁷.

²⁶⁶ A Guerra Social, “A REVOLUÇÃO MEXICANA”. n° 16. 13/03/1912, pág.02.

²⁶⁷ A Guerra Social, “A Revolução no México”. n° 12. 10/02/1912, pág.03.

Quase a totalidade dos últimos números do *Regeneración* publicados no final de 1911 continha um apelo de ajuda financeira. Todavia, no trecho selecionado acima, Ricardo Flores Magón solicitou “que os revolucionários de todos os países venham em auxílio dos heróicos Mexicanos. É esta a ocasião de afirmar a sua solidariedade internacional e a sua fé na Revolução!”. Estaria ele incentivando uma intervenção internacional de guerrilheiros anarquistas no seio da Revolução do México? Essa interpretação foi realizada por parte de militantes franceses, como nos revela Diego Abad de Santillán:

Um grupo de camaradas franceses solicitou informações para ir ao México com o propósito de lutar pela Revolução. A essa demanda respondeu um camarada do *Regeneración*, Manuel G. Garza [...], agradecendo as boas intenções; mas advertindo que o Partido Liberal não dispunha de fundos para equipar, transportar e sustentar os camaradas que desejavam oferecer seu concurso à Revolução mexicana. E, efetivamente, há que se ter em conta as condições do México e os momentos de luta e de incerteza de então para pensar o que teria significado uma dúzia de anarquistas desconhecedores do terreno, do idioma etc., no campo da luta em que se debatiam federais, maderistas, liberais, zapatista e outros; seriam mais uma carga que um benefício.²⁶⁸

Se o PLM não tinha condições logísticas de assegurar a entrada de militantes libertários no México revolucionário, por que então Flores Magón solicitava uma intervenção? Essa suposta ambiguidade fica mais clara quando percebemos que o auxílio aos militantes foi solicitado por Ricardo Flores Magón e o rechaço aos anarquistas franceses foi feito por Manuel G. Garza, membro do PLM, que eventualmente escrevia no *Regeneración*. Se não houve então uma ambiguidade, ficou evidente, pelo menos entre os anarquistas franceses, uma desarticulação de ação do PLM em relação à Revolução Mexicana. Esse episódio rendeu uma discussão nas páginas do jornal *Les Temps Nouveaux*, pelo ex-sapateiro e propagandista libertário Jean Grave. Grave enfaticamente afirmou que a Revolução Mexicana não possuía nenhum objetivo social e libertário em sua contenda e que essas características motivadoras de sua insurgência não passaram de uma “fantasia” dos redatores do *Regeneración*²⁶⁹.

²⁶⁸ SANTILLÁN, Diego Abad de. *Ricardo Flores Magón. O apóstolo da Revolução Mexicana...* p.104.

²⁶⁹ *Ibidem.* p.104.

Tomando grandes proporções, essa polêmica despertou inclusive o interesse do lendário anarquista russo Piotr Kropotkin, que escreveu um texto defendendo Ricardo Flores Magón, o PLM e a atuação de ambos na Revolução Mexicana, publicado no *Les Temps Nouveaux* em abril de 1912. Em sua análise, Kropotkin criticou os militantes anarquistas que concebiam os processos revolucionários num modelo específico, denominado por ele como “campanhas garibaldinas”, e, em razão disso, ficaram impossibilitados de perceber a especificidade da Revolução que estava ocorrendo no México. Em suas palavras: “Desgraçadamente as nove décimas partes (talvez 90%) dos anarquistas não concebem a ‘revolução’ de outro modo que sob a forma de combates sobre as barricadas, ou de expedições garibaldinas triunfantes”²⁷⁰. Depois de publicado, esse texto de Kropotkin resultou em uma retratação de Grave sobre suas críticas a Flores Magón.

Kropotkin refutou, em sua análise, os modelos específicos de revoluções propostas pelos detratores libertários de Flores Magón, como as barricadas da Comuna de Paris ou as campanhas garibaldinas, referência empregada pelo anarquista russo à unificação italiana, o *Risorgimento*, liderada por Giuseppe Garibaldi. As campanhas garibaldinas consistiram de uma expedição de cerca de mil soldados e voluntários, que ficaram conhecidos como “Camisas-Vermelhas” e que marcharam até as Duas Sicílias, e conquistaram esse território em 1860.

No interior de toda essa discussão estava em disputa o modelo adequado de uma Revolução anarquista: para Kropotkin, os exemplos anteriores – e devemos levar em conta que o *Risorgimento* foi um evento de sentimento nacionalista – não deveriam ser tratados como modelos a serem seguidos milimetricamente nos processos revolucionários; enquanto os anarquistas franceses em torno de Jean Grave discordavam das práxis que, em suas leituras, não se enquadrassem nas doutrinas ácratas. Grave também criticou o fato do PLM ser designado como partido, o que seria algo contraditório para qualquer indivíduo que se considerasse anarquista. Contudo, como defendido por Mármol, o sentido de partido do PLM estava em sua organização e não em seus objetivos, o que este autor destaca ao

²⁷⁰ *Ibidem.* p.106.

afirmar que Ricardo Flores Magón, como seu irmão, poderia ter se beneficiado politicamente no governo de Madero, mas se negou a usufruir de tal possibilidade.

Os jornais operários do Brasil, especialmente *A Guerra Social*, não transportaram esse debate para suas páginas, e deram destaque apenas ao texto de Mármol. Não podemos afirmar se eles estavam cientes ou não dos ataques de Grave ao PLM, contudo, como demonstrado no segundo capítulo, os operários tiveram contato nesse período pela rede de circulação postal intercontinental, com os títulos libertários franceses, como o *Libertarie* e *Les Temps Nouveaux*, sendo que este último publicou o debate em questão. Concomitantemente a esses fatos, podemos supor que os militantes operários do Brasil foram partidários de Flores Magón nessa discussão, pois compartilhavam da leitura de que o PLM, por sua estrutura e logística, estava comandando, de Los Angeles, a Revolução em curso no México ²⁷¹.

Quando o movimento operário brasileiro se organizou com mais intensidade, a partir do Segundo Congresso Operário de 1913, as matérias sobre a Revolução Mexicana desapareceram dos jornais de tendência libertária. Em nossa hipótese, esse refluxo de informações sobre o México revolucionário foi causado por dois fatores: de ordem externa, em 1913 o *Regeneración* estava passando por dificuldades em sua distribuição internacional, entre diversos fatores, devido à crise financeira que se abateu sobre o PLM ²⁷²; de ordem interna, a preocupação internacional do movimento operário voltou-se para a tensão européia que resultaria na Primeira Grande Guerra. Em 1914, foi realizada uma conferência Libertária em São Paulo com o objetivo de mandar representantes do Brasil

²⁷¹ Manuel González Ramirez crítica enfaticamente essa estratégia do PLM ao afirmar que Ricardo Flores Magón tentou realizar uma Revolução à distância, por “controle remoto”, que o iludiu e evitou que percebesse os diversos caminhos que a Revolução do México havia tomado. In: GONZÁLEZ RAMIREZ, Manuel. *La Revolución Social de México I. Las ideas – La Violencia*. México, Fondo de Cultura Económica, 1960. p.434-446.

²⁷² Reforça essa nossa hipótese quando consultamos a *Voz do Trabalhador*. A última nota publicada referente à Revolução do México encontra-se no nº 36, de 01 de agosto de 1913. Em contraste com as outras publicações operárias brasileiras analisadas, em algumas edições, a folha oficial da COB publicou uma seção intitulada “Jornais, revistas, etc” em que informava aos seus leitores as publicações que eram recebidas pelo seu grupo editorial, como, por exemplo, o *El Obrero Pandero*, de Buenos Aires, e o *Voluntá*, da Itália. Não encontramos nenhuma referência ao *Regeneración* nessa seção depois do mês de agosto, o que reforça a nossa hipótese de que a folha libertária mexicana não foi recebida pelo periódico oficial da COB do final de 1913 até meados de 1915, quando foi publicado o seu último número, o que explicaria a razão da ausência de informações nesse jornal operário brasileiro sobre momentos bastante significativos da História da Revolução Mexicana.

para o Congresso Anarquista Internacional que seria realizado em Londres, o qual não ocorreu, em virtude da eclosão da guerra. Todavia, nesse período, o anarquismo na Primeira República estava no auge de sua adesão entre o movimento operário e, mesmo com o cancelamento do evento ácrata internacional, foi realizado na capital federal, em janeiro de 1915, um congresso anarquista onde foram discutidos vários temas, entre eles, os efeitos do conflito mundial, como demonstra Edgard Leuenroth:

O temário do certame constou do exame e pronunciamento sobre os princípios fundamentais do anarquismo; o movimento em prol da paz e contra a guerra e o militarismo; ação contra as leis de execução; divulgação do verdadeiro significado do 1º de Maio; desenvolvimento da imprensa anarquista, além de deliberações sobre assuntos do momento.²⁷³

Colocando-se a favor da paz e contra o militarismo, os anarquistas da Primeira República interpretaram a Primeira Grande Guerra como um acontecimento impulsionado pelo imperialismo das nações e que serviria apenas para atender aos desígnios do sistema capitalista. Com ênfase nesse posicionamento político, nos dias 14, 15 e 16 de outubro do mesmo ano, foi realizado o Congresso Internacional da Paz, também na capital federal, com a participação de delegados do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Pernambuco, e dois representantes do movimento anarquista da Argentina. Novamente, Edgar Leuenroth fornece alguns dados sobre as resoluções desse encontro:

Chegou-se à conclusão de que uma ação decisiva contra guerra somente poderá partir do proletariado, visto ser ele que fornece os elementos necessários para as lutas guerreiras, fabricando todos os instrumentos de destruição e de morte e fornecendo o elemento humano que serve de carne para canhão.

[...]

Foram igualmente aprovadas resoluções sobre a propaganda sistemática em favor da paz e, conseqüentemente, contra toda e qualquer tentativa de guerra, bem como contra o nacionalismo alimentador de prevenções entre os povos, contra o militarismo, como instrumento guerreiro e ainda contra o capitalismo, cujo regime é o principal causador das guerras. Foram ainda denunciados, como elementos alimentadores de sentimentos guerreiros, os movimentos de

²⁷³ LEUENROTH, Edgar. *Anarquismo. Roteiro da Libertação Social...* p.120.

discriminação racial e os preconceitos disseminados pelas seitas religiosas, provocando prevenções entre os agrupamentos humanos.

O Congresso aconselhou uma ativa obra de educação pacifista e de solidariedade social, sendo para esse fim usados todos os recursos apropriados.²⁷⁴

Em meio a essa conjuntura, as notícias sobre o México revolucionário voltaram às folhas anarquistas do Brasil em agosto de 1915, em quatro matérias publicadas em *Na Barricada*.

Os artigos publicados nesse jornal operário do Rio de Janeiro se concentraram no Pacto ABC, firmado entre Argentina, Brasil e Chile, e formado para intermediar a desocupação das tropas estadunidenses do território mexicano, que ocuparam Vera Cruz de abril a novembro de 1914. A definição diplomática para esse incidente foi realizada em Niagara Falls, no Canadá, com a mediação do Pacto ABC.

Pela cronologia apresentada, o primeiro ponto a se destacar foi o distanciamento de tempo em que a imprensa operária se atentou a esse fato, pois, em agosto de 1915, a Revolução Mexicana estava dividida entre os Constitucionalistas, sob o comando de Venustiano Carranza e os Convencionalistas, representados pelas tropas de “Pancho” Villa e Emiliano Zapata. Em 11 de agosto, o presidente estadunidense, Woodrow Wilson, incentivado pelo “sucesso” das conferências do Pacto ABC, tentou resolver o conflito mexicano pela via diplomática, na Conferência Pan-Americana, realizada em Washington, com representantes dos EUA e, novamente, com os países da tríade do Pacto ABC, além de representantes da Bolívia, Guatemala e Uruguai. O sucesso dessa iniciativa não foi concretizado devido à relutância dos Constitucionalistas em participar desse encontro²⁷⁵. Ignorados, tais eventos ficaram de fora das páginas operárias.

Com o título de “A Intervenção no México”, essa matéria anônima de *Na Barricada* traz um breve resumo da sua compreensão acerca da história da Revolução Mexicana. Reproduzimos abaixo alguns trechos desse artigo:

²⁷⁴ *Ibidem.* p.121.

²⁷⁵ WOMACK JR. John. A Revolução Mexicana, 1910 - 1920. In: BETHELL, Leslie (Org). *História da América Latina: de 1870 a 1930*. Trad. Geraldo Gerson de Souza. São Paulo/Brasília: Edusp/Imesp/Funag. Vol V. 2002.p.150.

O que se passa actualmente no México não é uma revolução qualquer de quartéis, para depor chefes de estado. É uma revolução de carácter económico, profundamente social. E por isso é que o governo dos Estados Unidos, vendo os interesses dos capitalistas norte-americanos em perigo, resolveu appellar de novo para os governos do A.B.C. que assistirão, quaes lacaios, á conclusão de seus planos de imperialismo antes já iniciados com a conquista da Califórnia, da Florida, do Texas, etc., tendo o governo de Washington se aproveitado como agora de uma revolução existente, que, como a de hoje, era alimentada pela livre passagem de armamentos através das fronteiras.

Os nossos primitivos que clamam contra o imperialismo germânico applaudem agora a cumplicidade do A.B.C. neste acto de pirataria que o governo norte-americano pretende commetter.²⁷⁶

Nos trechos acima, o Pacto ABC foi interpretado pelo jornal operário como uma manobra de expansão da influência dos EUA para a América Latina. Reforçando esse argumento, o autor desse artigo cita a perda do território do Texas como o primeiro passo imperialista dessa política internacional estadunidense. No último parágrafo, chama atenção a menção de que, enquanto a Alemanha era criticada por uma suposta postura imperialista, os mesmos detratores não percebiam essas mesmas características na política do ABC. Na primeira página dessa mesma edição, o *Na Barricada* publicou um artigo intitulado “Viva, pois, A Allemanha”. Na leitura de alguns trechos dessa matéria, a Alemanha despertou uma espécie de simpatia nos operários responsáveis dessa folha de combate, que interpretavam que o país germânico estava se configurando em um contraponto ao imperialismo estadunidense. Tal interpretação dessa folha operária encontrou ressonâncias nas posições políticas de Manuel Ugarte, que, segundo Pablo Yankelevich, também considerou o Pacto ABC como um produto do imperialismo estadunidense e saudou a campanha da Alemanha no conflito mundial europeu: “[...] porque una Alemania victoriosa haría contrapeso al imperialismo del Norte, mientras que el triunfo de los aliados, significará un protectorado estadunidense”²⁷⁷.

O segundo artigo, assinado apenas por Myer e publicado nessa mesma edição de *Na Barricada*, reforça tal posicionamento da folha operária:

²⁷⁶ Na Barricada, “A Intervenção no México”. nº 11. 19/08/1915, pág.02.

²⁷⁷ YANKELEVICH, Pablo. *La revolución mexicana en América Latina. Intereses políticos e itinerarios intelectuales...* p.40.

Diplomacia habilíssima esta do sr. Wilson! Os governos dos três países convidados, inchados com a prova de confiança que lhes dera o chefe da grande nação do Norte, deixar-se-iam levar pela vaidade, aceitando o convite e comparecendo á conferencia, em que se limitariam a representar os papeis de figuras decorativas, porque os únicos interesses em jogo são os dos Estados Unidos, e não os do A.B.C., nem tampouco os do povo mexicano, que luta erhoicamente há cinco annos pela liberdade e o verdadeiro bem-estar. Assim, não só teriam os americanos occasião de tratar dos seus interesses, como também afastariam a probabilidade de desagradar a América Latina, porque os três países que a deviam representar por serem os mais importantes, estiveram presentes e de tudo tomaram conhecimento.

Depois, esperto como é, o sr. Wilson sabe que não há nada como aproveitar as occasiões.

Estando actualmente a Europa inteira conflagrada, nenhum dos países belligerantes que, em condições normaes, talvez protestasse contra esse papel dos Estados Unidos de <<garantidor da zona>> da América, poderá siquer tratar do assumpto, preocupado como deve estar com a empreza de matança em que se envolveu.

Convença-se de uma cousa o A.B.C.: a revolução mexicana é um movimento puramente econômico, e não pôde de maneira alguma ser resolvida por uma acção política. Prova-o o facto de, tendo havido nestes últimos tempos mudanças constantes de governo, continuar a revolução ininterruptamente há cinco annos. O povo mexicano bate-se pelas terras que lhe foram roubadas e que estão hoje, na sua grande maioria, nas mãos de numerosos capitalistas americanos, que o escravizam.²⁷⁸

No artigo de Myer, os países que formam o Pacto ABC são tratados como peões pela política imperialista do presidente Wilson, que estaria se aproveitando do caos bélico europeu para expandir a influência dos EUA na América Latina, começando pelo México. Contudo, mesmo com essa manipulação, o autor do texto publicado na folha anarquista defende o que seria o verdadeiro objetivo da Revolução Mexicana, que, em sua leitura, estaria em seu caráter econômico e na grande participação popular do povo, apesar das mudanças de governo – Madero, Huerta e Carranza. As críticas ao papel de atuação do Brasil no Pacto ABC se acentuaram na edição seguinte, que se destaca pelo ataque pessoal ao ministro Cardoso de Oliveira:

²⁷⁸ Na Barricada, “MEXICO”. n.º 11. 19/08/1915, pág.02.

A respeito da situação do Brasil em face do México, o governo brasileiro tem procurado occultar a verdade.

O que é sabido é que o México está em estado de guerra com o Brasil, como bem demonstram os fatos.

O sr. Cardoso de Oliveira nosso ministro naquella republica, foi realmente expulso do território mexicano e a bandeira brasileira foi rasgada nas ruas da capital do México.

O governo mexicano protestou energicamente perante os governos do Chile e da Argentina contra a intervenção destas duas republicas nos negócios internos daquelle paiz, a convite dos Estados Unidos. Igual protesto deveria ter recebido o governo brasileiro, mas não o recebeu, porque o governo mexicano considera rotas as relações do México com o Brazil.

É claro que uma guerra entre o México o Brazil é uma cousa profundamente ridícula; nem nós vamos lá, nem os mexicanos virão até cá. Entretanto, essa situação creada pela ineptia dos nossos governantes, facilitará extraordinariamente os planos do governo dos Estados Unidos de intervenção e domínio no México.

Accresce ainda a circumstancia favorável aos Estados Unidos de que o nosso embaixador em Washington, o sr. Domicio da Gama, é hoje quase um cidadão americano, casado como está com uma millionaria daquelle paiz.

A substituição do sr. Domicio na embaixada brasileira deveria ter sido feita logo após o seu casamento, conforme é praxe em todos os paizes; Assim, porém, não entendeu o governo brasileiro e hoje temos em Washington, a serviço do governo dos Estados Unidos, o sr. Domicio da Gama e o sr. Cardoso de Oliveira, aquelle marido de uma millionaria americana e este ex-encarregado da legação americana México.

Quanto ridículo! ²⁷⁹

Anônimo, esse artigo possui alguns trechos interessantes: Cardoso de Oliveira e Domicio da Gama são tratados como pessoas subordinadas aos interesses dos EUA na questão da Revolução do México, tanto que o primeiro é descrito como marido de uma milionária estadunidense e o segundo como ex-encarregado de uma delegação dos EUA em terras mexicanas. Destoa, no texto, a afirmação de atrito entre o país da Revolução e a República brasileira, a ponto de a folha operária afirmar que a bandeira do Brasil foi rasgada nas ruas da cidade do México, que Cardoso de Oliveira havia sido expulso – o que não aconteceu, todavia, ressaltamos que o ministro brasileiro foi considerado *persona non grata* por Carranza –, que havia um clima crescente de hostilidade, e que um embate bélico entre a República brasileira e o México só não se tornaria realidade pela distância geográfica entre os dois países. Em comparação com as matérias anteriores, que trataram de eventos passados, essa matéria estava sintonizada com o clima de hostilidade diplomática entre o governo Constitucionalista de Carranza e as ações do ministro

²⁷⁹ Na Barricada. nº 12. 26/08/1915, pág.02.

brasileiro, na intermediação durante o caos vivido no México após a retirada das tropas estadunidenses de Vera Cruz. Segundo Guillermo Palacios: “Entre janeiro e julho de 1915, a Cidade do México foi ocupada, evacuada, invadida, abandonada, transferida e ocupada novamente por tropas carranzistas, zapatistas e villistas, em um carrossel que parecia não ter fim”²⁸⁰. Chamado para mediar o conflito de interesses dessas facções revolucionárias, Cardoso de Oliveira recusou a função. Na primeira quinzena do mês de agosto de 1915, Carranza enviou uma carta ao presidente Hermes da Fonseca, na qual criticou acidamente o ministro brasileiro. Chama atenção que, em vários pontos, a carta do chefe do exército constitucionalista encontra pontos de convergência com o artigo publicado no jornal operário. Abaixo, seguem alguns trechos da carta, reproduzida por Palacios:

[...] Em nome do povo mexicano e como primeiro chefe do Exército Constitucionalista, encarregado do Poder Executivo na nação agradeço ao senhor por este ato de justiça e de simpatia, *sentindo ao mesmo tempo manifestar ao senhor que o senhor Cardoso de Oliveira foi uma das pessoas que maiores males causou à República mexicana e que é, de certo modo, responsável pelo estado atual de suas relações com a vizinha República do Norte...*²⁸¹

Não podemos afirmar se os operários do jornal operário tiveram algum acesso ou se tomaram conhecimento dessa carta. Contudo, fica claro que o *Na Barricada* assumiu uma postura semelhante de Carranza em sua avaliação da Revolução do México. Autorizado pelo Itamaraty, Cardoso de Oliveira retirou-se do México em outubro de 1915 em decorrência das pressões exercidas por Carranza.

Diferentemente das outras matérias analisadas nos capítulos anteriores, os operários de *Na Barricada* não utilizaram e não se basearam em leituras do *Regeneración* na descrição de suas matérias sobre a Revolução Mexicana. A análise dos escritores dessa folha operária sobre o México revolucionário foi realizada pelo prisma de uma postura anti-imperialista do movimento operário do Brasil, que, em muitos casos, se confundiu com um

²⁸⁰ PALACIOS, Guillermo. *Intimidades, Conflitos e Reconciliações. México e Brasil, 1822 – 1993*. Trad. Gênese Andrade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Secretaría de Relaciones Exteriores, México, 2008. p.173. – Grifo do autor.

²⁸¹ *Ibidem*. p.175 – Grifo nosso.

sentimento anti-estadunidense. Por esse posicionamento político, em alguns artigos, esse jornal operário tomou uma posição germanófila e, indiretamente, foi partidário das análises de Carranza sobre a participação do Pacto ABC, em especial do Brasil, no período mais caótico da Revolução Mexicana.

O acirramento da Primeira Grande Guerra resultou em um grande crescimento industrial, pois, com a queda da importação de produtos europeus, as fábricas no Brasil foram obrigadas a aumentar a sua demanda de mão-de-obra. Contudo, esse crescimento industrial não repercutiu no campo social, uma vez que o nível salarial dos operários se manteve no mesmo nível anterior ao conflito mundial ²⁸². Nesse cenário, eclodiram dois fatos importantes para o movimento operário da República brasileira, que praticamente eclipsaram a Revolução Mexicana das páginas dos jornais de orientação ácrata: a greve geral de 1917 e a Revolução Russa.

A greve geral de 1917 pode ser considerada o maior evento orquestrado pelo movimento operário de orientação anarquista do Brasil. Iniciada no mês de julho na indústria têxtil de Cotonifício Rodolpho Crespi, a paralisação se espalhou para toda a cidade e praticamente parou as atividades industriais de São Paulo. Com adesão de um número de 50.000 pessoas, foi organizado o Comitê de Defesa Proletária, CDP, orientado por Edgar Leuenroth. Com diversos choques violentos entre os grevistas e os policiais, incluindo a emblemática morte do sapateiro Antonio Martinez, que se tornou um símbolo do evento, foi firmado um acordo com o patronato industrial, mediante o comprometimento de revisão salarial, entre outras reivindicações. Tal acordo logo se mostrou uma farsa, pois não foi posto em prática ²⁸³. Os eventos da greve geral elevaram o movimento operário ao nível de uma ameaça real à ordem republicana, ao mesmo tempo em que insuflaram os ânimos dos militantes anarquistas, que, em 1918, articularam um levante na capital federal com o objetivo de ocupar o senado, a câmara, o palácio presidencial e os arsenais do

²⁸² BATALHA, Cláudio. *O movimento operário na Primeira República...* p.49.

²⁸³ Um histórico desse evento pode ser consultado em: LOPREATO, Christina da Silva Roquette. *A Semana Trágica. A greve geral anarquista de 1917*. São Paulo: Museu da Imigração, 1997.

exército. Detidos por policiais e pela cavalaria, os objetivos dos anarquistas não foram alcançados, e dezenas deles foram presos, com destaque para Astrojildo Pereira²⁸⁴.

No cenário internacional, a Revolução Russa trouxe um novo paradigma para o movimento operário do Brasil. Contrastando com o México revolucionário, que sofreu uma variedade de leituras pela imprensa operária, os eventos de Moscou repercutiram sob uma imagem vitoriosa do proletariado mundial. Inflamados por essa representação de triunfo em seus primeiros momentos, diversos anarquistas saudaram a Rússia comunista de 1917. Ricardo Flores Magón praticamente deixou de escrever sobre a situação mexicana nas páginas do *Regeneración* e desviou sua atenção para os acontecimentos na Rússia, que foram tratados, em seus textos, por meio do termo Revolução Mundial²⁸⁵. Torna-se relevante citar que, de 1911 a 15, Flores Magón também utilizou essa denominação em suas análises sobre o processo revolucionário mexicano.

Para Boris Koval, essa adesão de Flores Magón e de diversas agremiações operárias à Revolução Russa deveu-se a uma alteração na tradução da “Carta aos operários norte-americanos”, escrita por Lênin. Em seus estudos, Koval afirma que um imigrante ligado a Flores Magón teve acesso ao documento original de Lênin nos EUA e traduziu o mesmo para o espanhol, suprimindo alguns trechos e modificando outros para uma perspectiva anarquista: “Ficou evidente que dos cinquenta parágrafos do texto leninista, os nove primeiros, além de compreendidos entre o 17 e o 21, haviam sido inteiramente suprimidos, e muitos outros haviam sido falseados pela tradução”²⁸⁶.

Esse documento alterado recebeu o título de “Carta de Lênin a los trabajadores de la región mexicana” e foi lida para diversos operários em 13 de outubro de 1919, no teatro León Contreras, em Yucatán²⁸⁷. O documento de Lênin também circulou entre as organizações operárias da Primeira República brasileira, porém sem as alterações ocorridas na tradução para o espanhol. A tendência de apoio dos anarquistas à Revolução Soviética

²⁸⁴ BATALHA, Claudio H. M. *Dicionário do movimento operário. Rio de Janeiro do século XIX aos anos 1920. militantes e organizações*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009. p.125.

²⁸⁵ BARTRA, Armando. (Prólogo, recopilación y notas). *Regeneración (1900-1918)*... p. 53.

²⁸⁶ LEUENROTH *Apud*. KOVAL, Boris. *A Grande Revolução de Outubro e a América Latina*. Trad. Leda Rita Cintra Ferraz. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1980.p.105.

²⁸⁷ *Ibidem*.

em seus anos iniciais também foi partilhada pelos militantes brasileiros, como demonstra Kovak, na recordação de Leuenroth:

Edgar Leuenroth, um dos mais destacados líderes dos sindicalistas de esquerda, disse em suas memórias que no princípio “sabíamos que havia diversas tendências entre os revolucionários russos. Porém, não sabíamos o que os distinguiu. De qualquer maneira, a orientação dos revolucionários não tinha importância naquele tempo. Bastava que lutassem pelo mesmo ideal socialista, isto é, que fossem revolucionários... Logo, não fazíamos distinção alguma entre os líderes da revolução. Tratávamos a todos igualmente. Eram revolucionários”.²⁸⁸

As duas últimas matérias sobre a Revolução Mexicana na imprensa operária do Brasil foram publicadas nesse ambiente de efervescência da Revolução Russa e de questionamentos sobre o próprio potencial da tendência anarquista nas organizações fabris. Como já referenciado no segundo capítulo, tais matérias foram publicadas em *O Cosmopolita*, por meio da tradução dos textos do periódico libertário uruguaio *La Batalla*:

Quem pode duvidar que *Regeneración*, órgão moral da revolução mexicana, tenha infuido poderosamente no animo dos chefes da revolução, para que estes formulem cada vez um programa mais avançado?

[...]

Recebem os valentes revolucionários mexicanos a nossa voz de alento e estejam seguros de que, da maneira por que marcham os acontecimentos mundiais, breve estaremos juntos e mutua será a nossa influencia para que o programa de luta seja completa e praticamente *Terra e Liberdade*.

Não dezanimemos. A Rússia nos alenta.²⁸⁹

O artigo retoma o *Regeneración* como o difusor da Revolução do México, denominado como o órgão moral do processo revolucionário, que teria influenciado os chefes revolucionários. Contudo, o texto não entra em detalhes sobre essa afirmação e não

²⁸⁸ *Ibidem*. p.113.

Para mais detalhes sobre esse evento, consultar: JOSEPH, Gilbert M. *Revolución desde afuera. Yucatán, México y los Estados Unidos, 1880 – 1924*. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

²⁸⁹ O *Cosmopolita*, “A revolução no México”. n.º 25. 15/01/1918, pág. 02.

comenta quais seriam esses chefes e qual teria sido o grau de influência propagado pela publicação oficial do PLM. Nos dois últimos parágrafos, a Revolução Russa surge como um evento que guiaria os insurgentes mexicanos e termina na afirmação de que o desânimo não deveria se abater sobre os revolucionários, afinal, a Rússia alenta. Fica evidente o contraste de interpretação entre as duas revoluções: no México, a sua revolução aparece na folha operária como um acontecimento desgastado, que se perdeu ao longo de tantos anos de batalhas e sem um vislumbre de triunfo; enquanto que na Rússia a sua revolução é tratada como um evento eficiente, vitorioso e que deveria servir de guia para os revolucionários mexicanos perdidos. Na página de *O Cosmopolita* essa importância elevada da Rússia em detrimento do México torna-se mais claro pela disposição das matérias: a nota sobre a Revolução Mexicana está localizada quase que no final da página, enquanto que, no topo central, encontra-se um artigo extenso sobre a Revolução Russa, intitulado “Breves Aspectos Sociais da Rússia”.

No derradeiro artigo, publicado em *O Cosmopolita*, essa percepção muda um pouco. A matéria sobre o México revolucionário, em destaque, localiza-se à direita da segunda página da sua 37^a edição. Contudo, assim como no texto anterior, o conteúdo foi retirado do *La Batalla*, e a análise da Revolução do México aparece junto com o exemplo russo, com a declaração, supostamente feita por Emiliano Zapata, sobre os dois processos revolucionários:

[...] <<Muito ganharíamos, nós outros, muito ganharia a justiça humana, si todos os povos da nossa América e de todas as nações da velha Europa, compreendessem que a cauza do México revolucionario e a cauza a Rússia, a redentora, são e representam a cauza da humanidade, o interesse supremo de todos os povos oprimidos.

[...]

Logo não é de estranhar que o operariado mundial aplauda e admire a Revolução Russa, do mesmo modo que outorgará toda sua afeição, apoio e simpatia, a esta revolução mexicana, uma vez cientificado dos seus fins>>.²⁹⁰

²⁹⁰ O Cosmopolita, “AINDA A REVOLUÇÃO SOCIAL NO MÉXICO. Oito anos de luta!”. n° 37. 27/07/1918, pág. 02.

Nesse escrito, atribuído a Zapata, o autor aproxima os objetivos da Revolução do México com o exemplo russo e afirma que quem admira e aplaude os eventos de Moscou também estenderá o seu auxílio assim que tiver contato com os objetivos da explosão revolucionária mexicana iniciada em 1910. Tal esforço fica mais evidente com a atribuição do termo redentor à Revolução Russa.

Essa foi a última matéria publicada sobre a Revolução Mexicana na imprensa operária do Brasil. Desdobramentos importantes posteriores sobre esse evento foram ignorados, como a prisão de Ricardo Flores Magón em 1918 e a morte de Zapata em 1919. Do lado nacional, a cisão da orientação anarquista no movimento operário brasileiro se acentuou continuamente com o exemplo da Rússia revolucionária, que parecia trazer um exemplo vitorioso de como o operariado deveria se portar nos processos revolucionários.

Embora as especificidades e complexidades da Revolução Mexicana não tenham sido percebidas em sua totalidade pelo movimento operário da Primeira República, que realizou a sua leitura guiada pelas perspectivas anarquista e, posteriormente, anti-imperialista, ela utilizou os acontecimentos em terras aztecas para refletir e discutir temas importantes para os operários brasileiros. Contudo, essas leituras não foram exclusivas dos ácratas do Brasil. Yankelevich aponta essa mesma interpretação pelos anarquistas argentinos, em torno da publicação *La Protesta*, os quais também não perceberam toda a complexidade ideológica do evento revolucionário mexicano: “Una es la Revolución política de Carranza, outra la Revolución agraria a la que aspira Zapata, y muy diferente de ambas, la Revolución social que pueden realizar los anarquistas, y que em parte realizan dentro de una y de outra”²⁹¹.

Nesse final de década de transformações mundiais, o som das carabinas da Revolução Mexicana deixou de ecoar nas páginas dos jornais operários da Primeira República brasileira.

²⁹¹ YANKELEVICH, Pablo. Los magonistas en La Protesta... p.59.

Considerações finais

*Falar de revoluções, imaginar revoluções,
situar-se mentalmente no seio de uma revolução
é se tornar um pouco dono do mundo.
Os que falam de revoluções,
são levados a fazê-la*
(Alejo Carpentier, O Século das Luzes)

No início do século XX, a imprensa se tornou o principal canal informativo de massas. Conscientes do enorme poder desse instrumento, os operários escreveram e imprimiram os seus próprios jornais de críticas sociais, dos quais fizeram um espaço de defesa de seus posicionamentos políticos e culturais. Nessas páginas, eles criaram uma identidade de contraponto à sociedade capitalista. O movimento operário do Brasil, por meio de sua fonte de propaganda libertária, acompanhou com interesse uma Revolução que, apesar de seus desdobramentos serem em um país distante, representou os anseios vivenciados pelos setores populares do regime oligárquico que substituiu a monarquia de Dom Pedro II. Foi por meio do estudo desses jornais que tentamos entender como, há quase cem anos, a Revolução do México foi lida, interpretada e representada por esses operários militantes.

Como pesquisado ao longo desse trabalho, o decênio de 1910 a 20 representou o auge do anarquismo na orientação política dos operários da Primeira República. Esses trabalhadores críticos encontraram na corrente do sindicalismo revolucionário, presente na orientação organizacional de diversos sindicatos, um ambiente propício para a propagação das teorias de resistência do anarco-sindicalismo. Foi a partir de tal perspectiva que as notícias da Revolução Mexicana foram publicadas nos jornais produzidos por esse segmento social, que registrou tal acontecimento como uma insurgência liderada por operários libertários que, nas terras do México, estavam empunhando a bandeira rubro-negra da Anarquia. Essa leitura ideológica, radical e romântica da Revolução do México foi realizada por meio de traduções livres ou diretas, de trechos ou de textos integrais do

periódico mexicano *Regeneración*, publicação oficial do Partido Liberal Mexicano que teve no intelectual anarquista Ricardo Flores Magón o seu principal redator.

Tal leitura libertária não ficou centrada apenas no movimento operário do Brasil. Por meio de uma rede de contatos “invisível” que uniu indivíduos e organizações libertárias das Américas e da Europa, que compartilharam de uma Cultura Política em comum, o *Regeneración* circulou uma campanha de apoio à Revolução Mexicana e afirmou insistentemente que esse evento era uma insurgência liderada pelo PLM e protagonizada por operários libertários e camponeses de consciência comunais, caracterizando-a como o primeiro passo de uma revolução mundial contra o sistema capitalista. Organizações, comitês de solidariedade e jornais operários da França, Espanha, Portugal, Argentina, Uruguai e Cuba estabeleceram uma rede de informações e solidariedade ao PLM, por meio da circulação do *Regeneración* e de sua cobertura sobre o processo revolucionário mexicano.

Essa interpretação encontrou respaldo nos operários dos jornais libertários do Brasil republicano, tanto que o uso de outros jornais como fonte de informações sobre o México revolucionário só foi realizado quando os conteúdos jornalísticos dos mesmos estavam em sintonia com o discurso impresso da publicação oficial do PLM. Destacamos também a insistente e repetitiva afirmação na imprensa operária brasileira de que o *Regeneración* representava o órgão oficial e orientador da Revolução Mexicana.

Tendo como incentivo as informações publicadas nesse periódico estrangeiro que chegava aos portos e cidades da nação brasileira, o movimento operário de São Paulo realizou uma intensa campanha de arrecadação de apoio aos revolucionários mexicanos, enquanto os militantes fabris da capital federal se dedicaram principalmente à publicação de matérias e realizaram uma campanha de divulgação da Revolução em curso no México. No entanto, para os escritores libertários e anônimos das folhas de contestação social da República do Brasil, não houve uma preocupação em descrever os desdobramentos da Revolução Mexicana. Tanto que muitos fatores importantes do México revolucionário, como o Plano de Ayala das forças zapatistas, a formação dos Batallones Rojos, Francisco “Pancho” Villa e a morte de Emiliano Zapata, não receberam nenhuma menção nos jornais

operários pesquisados. O principal objetivo desses impressos foi, a cada instante, transformar o México da Revolução em um exemplo de ação a ser seguido pelos explorados da política oligárquica brasileira.

Com o propósito de seduzir seus leitores por meio de uma propaganda política de orientação anarquista, os jornais operários realizaram um intenso jogo de representações, no qual Francisco Madero foi apresentado com a imagem e as características da oligarquia latifundiária republicana; e os revolucionários insurgentes, como o modelo de organização e de ímpeto revolucionário que deveria ser seguido.

Tal tática esteve presente em diversos textos e charges que circularam pelos indivíduos e organizações ácratas da Primeira República brasileira. Vale ressaltar que essa imagem de Madero foi construída pela interpretação que o movimento operário fez do ambiente político no qual este estava inserido. Desde a proclamação da República, a participação popular na construção da vida política e econômica do Brasil foi praticamente excluída. Quando as primeiras notícias sobre a Revolução Mexicana foram impressas nos jornais operários, a democracia já não encontrava respaldo entre esses militantes das fábricas, que também não acreditavam mais na suposta igualdade do voto.

Entretanto, não é de se estranhar que houve essa descrença, pois, nas primeiras décadas do século XX, a política brasileira esteve a cargo da bipolaridade do regime dos governadores, com o controle de São Paulo e Minas-Gerais. Mesmo quando essa política foi interrompida, no governo de Hermes da Fonseca, o “voto de cabresto”, que já existia, tornou-se uma prática largamente utilizada pelos fazendeiros poderosos. Francisco Madero representou essa política para os operários dos jornais libertários, que não se limitaram em atacá-lo constantemente em suas páginas.

O fervor destinado à Revolução Mexicana foi mais intenso no período de 1911 a 12, quando foram publicadas 50 matérias sobre esse tema nos periódicos *La Battaglia*, *A Guerra Social*, *A Lanterna* e *A Vanguarda*. De 1913 em diante, houve uma diminuição na presença impressa da Revolução do México nas folhas operárias, totalizando 14 matérias que foram publicadas em *A Voz do Trabalhador*, *Germinal!*, *Na Barricada* e *O Cosmopolita*. O refluxo dessas matérias foi resultado da diminuição de circulação do

Regeneración, a qual coincidiu com as mudanças na orientação política do movimento operário, a partir do 2º Congresso Operário, realizado em 1913, e com a extinção de alguns títulos operários que mais deram destaque ao México revolucionário, como *A Guerra Social*, que teve sua publicação interrompida em 1912.

Esses títulos operários possuíram leves diferenças discursivas entre si. Como exemplo, o *La Battaglia* tinha uma tendência anarco-comunista, *A Lanterna* era um periódico de orientação anticlerical, *A Voz do Trabalhador* foi a folha oficial da COB, e *O Cosmopolita* foi o órgão informativo do Centro Cosmopolita. Apesar dessas diferenças, no que concerne à Revolução Mexicana, a postura dos periódicos consultados seguiu uma mesma linha discursiva. Não houve um debate aprofundado sobre a realidade mexicana, e a maior diferença que localizamos foi quanto ao nível de organização solidária ao México revolucionário, que foi mais intenso em São Paulo através do periódico *A Lanterna*, enquanto no Rio de Janeiro prevaleceu uma divulgação em maior escala da Revolução por meio de *A Guerra Social*.

Outros eventos de importância mundial alteraram esse quadro. A Primeira Grande Guerra atraiu e concentrou a preocupação internacional dos operários militantes, e a Revolução Russa trouxe um novo paradigma de orientação política e de tática revolucionária. Ambos os eventos foram prioridades nas seções dedicadas a assuntos internacionais dos jornais operários e ofuscaram o México que estava em armas desde 1910.

Nesse universo libertário dos operários industriais da Primeira República brasileira, que paralisaram a cidade mais produtiva da nação, e que tentaram, por meio de uma propaganda política e de inúmeros escritos, transformar o ideal de uma sociedade planejada pelo anarquismo em realidade, a Revolução Mexicana trazida nas páginas do *Regeneración*, pelo lápis de Ricardo Flores Magón e pelas carabinas dos camponeses de Emiliano Zapata, representou um exemplo que acabou não sendo seguido.

Fontes

A Guerra Social

A Lanterna

A Vanguarda

A Voz do Trabalhador

Germinal!

Na Barricada

La Battaglia

O Cosmopolita

Regeneración

Regeneración “sezione italiana”

Referências Bibliográficas

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANTLIFF, Allan. *Anarchist Modernism: art, politics and the first American avant-grade*. Chicago: The University of Chicago Press, 2001.

ARENDDT, Hannah. *Da Revolução*. Trad. Fernando Dídimo Vieira. São Paulo/Brasília: Editora Ática/UNB, 1988.

AURAS, Marli. *A Guerra do Contestado: a organização da irmandade cabocla*. Florianópolis: Cortez, 1984.

AZEVEDO, Raquel de. *A Resistência Anarquista. Uma questão de identidade (1927 – 1937)*. São Paulo: Arquivo do Estado/Imprensa Oficial do Estado, 2002.

AZUELA, Mariano. *Los de Abajo. Novela de la Revolución Mexicana*. México: Fondo de Cultura Econômica, 1989.

BAKUNIN, Mikhail (et al.). *Os anarquistas e as eleições*. Trad. Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Editora Imaginário, 2000.

BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio. A repercussão da Revolução Mexicana na Imprensa Brasileira. In: *Patrimônio e Memória - Cedap*, v.2, n.1, 2006a. Disponível em <<http://www.cedap.assis.unesp.br/patrimonio_e_memoria/patrimonio_e_memoria_v2.n1/carlos%20alberto%20sampaio%20barbosa.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2009.

_____. *A fotografia a serviço de Clio: uma interpretação da História Visual da Revolução Mexicana (1900 – 1940)*. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

BARTRA, Armando. (Prólogo, recopilación y notas). *Regeneración (1900-1918). La corriente más radical de la Revolución de 1910 a través de su periódico de combate*. México: Ediciones Era S.A., 1977.

BATALHA, Cláudio. *O movimento operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

_____. A Historiografia da Classe Operária no Brasil: Trajetória e Tendências. In: FREITAS, Marcos Cezar (Org.). *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2001. p.148-157.

_____. Formação da classe operária e projetos de identidade coletiva. In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Orgs.). *O tempo do liberalismo excludente: da proclamação da República à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 1, 2003. p.163-189.

_____. (et al.). *Culturas de Classe. Identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

_____. *Dicionário do movimento operário. Rio de Janeiro do século XIX aos anos 1920. militantes e organizações*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

BECKER, Jean-Jacques. A Opinião Pública. In: REMOND, René (Org). *Por uma História Política*. Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996. p.185-211.

BEIRED, José Luis Bendicho. *Movimento operário argentino. Das origens ao peronismo (1890-1946)*. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 1984.

BENJAMIN, Walter. *Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política*. Trad. Maria Luz Moita (et al.). Lisboa: Relógio d'Água, 1992.

BERSTEIN, Serge. A Cultura Política. In: RIOUX, Jean-Pierre & SIRINELLI, Jean-François. *Para uma História Cultural*. Trad. Ana Moura. Lisboa: Editorial Estampa, 1998. p.349-363.

BIONDI, Luigi. Na construção de uma biografia anarquista: os anos de Gigi Damiani no Brasil. In: DEMINICIS, Rafael Borges & REIS FILHO, Daniel Aarão (Org). *História do Anarquismo no Brasil (Volume 1)*. Niterói: EdUFF: Rio de Janeiro: MAUAD, 2006. p.159-179.

BLOCH, Marc. *Apologia da História, ou, O ofício de historiador*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BOBBIO, Norberto (et al.). *Dicionário de Política*. Trad. Carmen C. Varriale (et al.). 3ª ed. Brasília: Editora de Brasília. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1991. Vol. 1 (A – K) & Vol. 2 (L – Z).

BOUTIER, Jean & JULIA, Dominique (Org). *Passados recompostos: campos e canteiros da história*. Trad. Marcella Montana e Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Editora UFRJ: Editora FGV, 1998.

BRAGA, José Luiz. Questões metodológicas na leitura de um jornal. In: PORTO, Sérgio Dayrell (Org). *O Jornal: da forma ao sentido*. Trad. Sérgio Grossi Porto. 2ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002. p.321-333.

BRENNER, Anita. *El Viento que barrió a México. História de la Revolución Mexicana, 1910 -1942*. Trad. María Dolores de la Peña. 3ª ed. México: Gobierno del Estado de Aguascalientes (et al.), 2009

BUENO, Clodoaldo. *Política Externa da Primeira República: os anos de apogeu (1902 a 1918)*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

CAMARGO, Daisy de. *O teatro do medo: a encenação de um pesadelo nas imagens do periódico anarquista A Plebe*. Dissertação (Mestrado em História). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 1998.

CAMÍN, Héctor Aguilar & MEYER, Lorenzo. *À Sombra da Revolução Mexicana: História Mexicana Contemporânea. 1910-1989*. Trad. Celso Mauro Paciornik São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

CAMPOS, Cristina Hebling. *O Sonhar Libertário. (Movimento Operário nos Anos de 1917 a 1921)*. Campinas: Pontes/Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1988.

CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*. Trad. Valerie Runjanek. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.

CAPELATO, Maria Helena & PRADO, Maria Ligia. *O Bravo Matutino (imprensa e ideologia no jornal “O Estado de S. Paulo”)*. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1980.

_____. O Controle da Opinião e os Limites da Liberdade: Imprensa Paulista (1920 – 1945). In: *Revista Brasileira de História*, São Paulo: ANPUH/Marco Zero, vol 12, nº 23/24, setembro 91 / agosto 92. p.55-75.

_____. *Multidões em Cena. Propaganda Política no Vargasismo e no Peronismo*. 2ª ed. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. O lugar do impresso revolucionário: dos porões aos arquivos policiais. In: DUTRA, Eliana de Freitas & MOLLIER, Jean-Yves (Org). *Política, Nação e Edição: o lugar dos impressos na construção da vida política no Brasil, Europa e Américas nos Séculos XVIII – XX*. São Paulo: Annablume, 2006.p.153-179.

CARONE, Edgard. *Movimento Operário no Brasil (1877-1944)*. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1979.

CARPENTIER, Alejo. *O Século das Luzes*. Trad. Stella Leonardes. 2ª ed. São Paulo: Global, 1985.

CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. *A construção da Ordem e Teatro das Sombras*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Relume-Dumará, 1996.

CATÁLOGO DE RESUMOS: *teses e dissertações: pesquisas no acervo do Arquivo Edgard Leuenroth*. 3ª.ed. rev. aum. Campinas/SP: UNICAMP/IFCH, 2007.

CERTEAU, Michel de. A Operação Historiográfica. In: _____. *A Escrita da História*. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p.65-119.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre prática e representações*. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1988.

_____. Textos, Impressão e Leitura. In: HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. Trad. Jefferson Luís Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p.211-238.

_____. (Org). *Práticas da Leitura*. Trad. Cristiane Nascimento. 2ª ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos. Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Trad. Vera Costa e Silva (et al.). 24ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

CLARK, Marjorie Ruth. *La organización obrera en México*. México: Ediciones ERA, S.A. 1979.

CLARK, Toby. *Arte y propaganda en el siglo XX. La imagen política en la era de la cultura de masas*. Trad. Isabel Balsinde. Madrid/España: Ediciones AKAL S.A., 2000.

COCKCROFT, James D. *Precursores intelectuales de la Revolución Mexicana (1900-1913)*. México: Siglo Veintiuno editores S.A., 1971.

- COLSON, Daniel. *Petit Lexique Philosophique de L'Anarchisme. De Proudhon à Deleuze*. Paris: Librairie Générale Française, 2001.
- COSTA, Ângela Marquez da & SCHWARCZ, Lilia Mortiz. *1890-1914: no tempo das certezas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia a República. momentos decisivos*. 8ª. ed. ver. Ampl. São Paulo: Editora Unesp, 2007.
- COSTA, Sílvio. *Comuna de Paris: o proletariado toma o céu de assalto*. São Paulo: Anita Garibaldi; Goiânia : Editora UCG, 1998.
- COVO, Jacqueline. La prensa en La Historiografía Mexicana. *In: Historia Mexicana*. México: El Colegio de Mexico, Vol. XLII, nº 03, Enero-Marzo 1993.p.689-710.
- CURZIO, Leonardo. O México no século XX: da revolução à democratização. *In: AGGIO, Alberto & LAHUERTA, Milton (Org). Pensar o Século XX: Problemas políticos e história nacional na América Latina*. São Paulo: Editora Unesp, 2003. p.291-315.
- DARNTON, Robert. *Edição e sedição. O universo da literatura clandestina no século XVIII*. Trad. Myriam Campello. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- DENGRÁ, Joaquín Beltrán. La opinión sobre la Revolución mexicana (1911-1917) en la prensa anarquista española. *In: Espiral, Estudios sobre Estado y Sociedad*. Vol. XIV nº41. Universidad de Guadalajara: Centro Universitario de Ciencias Sociales y Humanidad. Enero/Abril de 2008. p.169-202.
- DIAS, Natally Vieira. *O MÉXICO COMO "LIÇÃO". A Revolução Mexicana nos grandes jornais brasileiros e argentinos (1910-1915)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2009.
- DRINNON, Richard. *Rebel in Paradise. A Biography of Emma Goldman*. Chicago: University of Chicago Press, 1961.
- DULLES, John W. Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil (1900-1935)*. Trad. César Parreiras Horta. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.
- ESENWEIN, George Richard. *Anarchist ideology and the working-class movements in Spain. 1868-1898*. Berkeley and Los Angeles, California: University of California Press, Ltda. 1989.
- ESPARZA VALDIVIA, Ricardo Cuauhtémoc. *El fenómeno magonista en México y Estados Unidos: 1905-1908*. Zacatecas: Universidad Autónoma de Zacatecas, 2000.
- FERREIRA, Maria Nazareth. *A Imprensa Operária no Brasil. 1880 – 1920*. Petrópolis: Vozes, 1978.

FREITAS, Décio. *A Miserável Revolução das Classes Infames*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2005.

GALLO, Ivone Cecília D`Ávila. *O Contestado – O sonho do milênio igualitário*. Campinas: Editora Unicamp, 1999.

GINZBURG, Carlo. *Relações de força: história, retórica, prova*. Trad. Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GOMES, Ângela de Castro. *A Invenção do Trabalhismo*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

GONÇALVES, Adelaide. & SILVA, Jorge E. *A imprensa libertária no Ceará, 1908-1922*. São Paulo: Imaginário, 2000.

GONZALES, Horácio. *A Comuna de Paris*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

GONZÁLEZ CASANOVA, Pablo. México: la dinámica de una revolución agrária y “semicapitalista”. In.: PETRAS, James & ZEITLIN, Maurice. *América Latina: ¿reforma o revolución?*. Buenos Aires: Editorial Tiempo Contemporáneo, 1970.p.415-430.

GONZÁLEZ RAMIREZ, Manuel. *La Revolución Social de México I. Las ideas – La Violencia*. México, Fondo de Cultura Económica, 1960.

GROSSMAN, Hadassa. A imagem da mulher na imprensa de esquerda no Brasil, 1889 – 1922: uma exposição sumária. In: *Cadernos AEL. Anarquismo e Anarquistas*. Campinas: UNICAMP/IFCH, v. 8/9, 1998.p.69-86.

HARDMAN, Francisco Foot. *Nem Pátria, Nem Patrão! Memória operária, cultura e literatura no Brasil*. 3ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

HOBSBAWM, Eric J. *A Era dos Impérios. 1875-1914*. Trad. Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914 – 1991*. Trad. Marcos Santarrita, 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *O novo século: entrevista a Antonio Polito*. Trad. Allan Cameron & Cláudio Marcondes. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. Introdução: A invenção das tradições. In: _____. & RANGER, Terence (Org). *A invenção das tradições*. Trad. Celina Cardim Cavalcante. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. p.9-23.

_____. *Revolucionários: ensaios contemporâneos*. Trad. João Carlos Vítor Garcia e Adelângela Saggiolo Garcia. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

HOLLOWAY, Thomas H. *Imigrantes para o café: café e sociedade em São Paulo, 1886-1934*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

JOLL, James. *Anarquistas e Anarquismos*. Trad. Manuel Vitorino Dias Duarte. Lisboa: Publicações Don Quixote (Universidade Moderna), 1969.

JOSEPH, Gilbert M. *Revolución desde afuera. Yucatán, México y los Estados Unidos, 1880 – 1924*. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

KHOURY, Yara Maria Aun. *Edgard Leuenroth: uma voz libertária – imprensa, memória e militância anarco-sindicalistas*. Tese (Doutorado em História Social). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1989.

KNIGHT, Alan. *La Revolución Mexicana. Del porfiriato al nuevo régimen constitucional. Volumen I. Porfiristas, liberales y campesinos*. Trad. Luis Cortez Bargalló. México: Editorial Grijalbo, S.A. de C.V., 1996.

KOVAL, Boris. *A Grande Revolução de Outubro e a América Latina*. Trad. Leda Rita Cintra Ferraz. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1980.

LEUENROTH, Edgar. *Anarquismo. Roteiro da Libertação Social. Antologia de Doutrina. Crítica-História-Informações*. 2ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro: CCS/Achiamé, 2007.

LONGMAN. *Dictionary of Contemporary English*. 3ª ed. Essex, England: Longman Dictionaries, 1995.

LOPREATO, Christina da Silva Roquette. *A Semana Trágica. A greve geral anarquista de 1917*. São Paulo: Museu da Imigração, 1997.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2003. p.111-153.

_____. A Grande Imprensa na Primeira Metade do Século XX. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de (Org). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p.149-175.

MALATESTA, Errico. *Escritos Revolucionários*. Trad. Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Imaginário, 1989.

MARIANI, Bethania Sampaio Corrêa. Os primórdios da imprensa no Brasil (ou: de como o discurso jornalístico constrói memória). In: ORLANDI, Eni Puccinelli (Org). *Discurso Fundador: A formação do país e a construção da identidade nacional*. 2ª ed. Campinas: Pontes, 2001. p.31-42.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. Manifesto do Partido Comunista. In: _____/ COUTINHO, Carlos Nelson (et al.) REIS FILHO, Daniel Aarão (Org). *O Manifesto do Partido Comunista. 150 anos depois*. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998.p.7-41.

MELLO NETO, Candido de. *O anarquismo experimental de Giovanni Rossi (de pogio al mare a Colônia Cecília)*. Ponta Grossa: Editora da UEPG, 1997.

MEYER, Jean. Los obreros en la Revolucion Mexicana: Los “Batallones Rojos”. In: *Historia Mexicana*. México: El Colegio de Mexico, Vol. XXI, nº 01, julio-septiembre 1971. p.1-37.

MORAES FILHO, Evaristo de. *O socialismo brasileiro*. Brasília: Câmara dos Deputados/UNB, 1981.

MOUILLAUD, Maurice. Posturas do Leitor. In: PORTO, Sérgio Dayrell (Org). *O Jornal: da forma ao sentido*. Trad. Sérgio Grossi Porto. 2ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002. p.173-190.

NORTE, Sergio Augusto Queiroz. *Bakunin. Sangue, suor e barricadas*. Campinas: Papirus, 1988.

_____. *Contra Leviatã, Contra a História. A travessia do deserto: mitos, literatura e imprensa anarquista no Brasil – 1945-1968*. Tese (Doutorado em História). Universidade de São Paulo: São Paulo, 1994.

ORDUÑA, Miguel & DE LA TORRE, Alejandro. *Cultura política de los trabajadores (siglos XIX y XX). Prácticas y Representaciones. Trabajo y lucha de clases*. México: Universidad Autónoma de México, 2008.

ORWELL, George. 1984. Trad. Wilson Velloso. 18ª ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1984.

PADILHA, Salvador Hernández. *El magonismo: historia de una pasión libertaria 1900-1922*. México: Ediciones Era S.A., 1984.

PINHEIRO, Paulo Sérgio & HALL, Michael M. *A Classe Operária no Brasil. 1889-1930. Documentos Vol.II. Condições de vida e de trabalho, relações com os Empresários e o Estado*. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 1981.

_____. Transição Política e Não-Estado de Direito na República. In: SACHS, Ignacy; WILHEN, Jorge & PINHEIRO, Paulo Sérgio (Org). *Brasil: um século de transformações*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p.260-305.

PRADO, Antonio Arnoni & HARDMAN, Francisco Foot (Org). *Contos Anarquistas. Antologia da prosa libertária no Brasil (1901-1935)*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____ (Org). *Libertários no Brasil. Memória, Lutas, Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao lar. A Utopia da Cidade Disciplinar. Brasil: 1890 – 1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

_____. *Entre a história e a liberdade*. Luce Fabbri e o anarquismo contemporâneo. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

RAMA, Carlos M. La Revolución Mexicana en el Uruguay. *In: Historia Mexicana*. México: El Colegio de Mexico, Vol. VII, nº 02, Octubre-Diciembre 1957, p.161-186.

REIS FILHO, Daniel Aarão. *Uma Revolução Perdida: a história do socialismo soviético*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1997.

RÉMOND, René. *O Século XX: de 1914 aos nossos dias*. Trad. Octavio Mendes Cajado. 15ª ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

RODRIGUES, Edgar. *Socialismo e Sindicalismo no Brasil. 1675-1913*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1969.

_____. *Os Libertários*. Rio de Janeiro: VJR – Editores Associados, 1993.

_____. *Pequena História da Imprensa Social no Brasil*. Florianópolis: Insular, 1997.

_____. *Universo Ácrata. Volume 2*. Florianópolis: Insular, 1999.

_____. Neno Vasco, Emma Goldman, a Revolução Mexicana de 1910 e a tese de Pietro Ferrua. *In: VERVE: Revista Semestral do NU-SOL*. PUC-SP. nº11 (abril de 2007). São Paulo: o Programa, 2007. p.132-155.

SAMIS, Alexandre. *Clevelândia: Anarquismo, sindicalismo e repressão política no Brasil*. São Paulo: Imaginário, 2002.

_____. Pavilhão Negro sobre Pátria Oliva: Sindicalismo e Anarquismo no Brasil. *In: COLOMBO, Eduardo (et al.). História do movimento operário revolucionário*. Trad. Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Imaginário; São Caetano do Sul: IMES, Observatório de Políticas Sociais, 2004. p.125-189.

SANTILLÁN, Diego Abad de. *Ricardo Flores Magón. O apóstolo da Revolução Mexicana*. Trad. Jaguanharõ. São Paulo/Rio de Janeiro: Achiamé/Faísca/FARJ, 2006.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão. Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SILVA, Rodrigo Rosa da. *Imprimindo a Resistência: A Imprensa Anarquista e a Repressão Política em São Paulo (1930-1940)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP): Campinas, 2005.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Maud, 1999.

SOLER, Rosario Sevilha. *La Revolución Mexicana y La Opinión Pública Española. La prensa sevillana frente al proceso de insurrección*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2005.

SOUZA, Wlaumir Doniseti de. *Anarquismo, Estado e Pastoral do imigrante: Das disputas ideológicas pelo imigrante aos limites da ordem: o caso Idalina*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

STOLCKE, Verena. *Cafeicultura: homens, mulheres e capital (1850-1980)*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

THOMPSON, E. P. *A Formação da Classe Operária Inglesa. I – A árvore da liberdade*. Trad. Denise Bottmann. 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

TOLEDO, Edilene. *Anarquismo e sindicalismo revolucionário. Trabalhadores e militantes em São Paulo na Primeira República*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

TRINDADE, Francisco. *O Essencial Proudhon*. São Paulo: Imaginário, 2001.

VASCONCELOS, Camilo de Mello. *Imagens da Revolução Mexicana. O Museu Nacional de História do México (1940-1982)*. São Paulo: Alameda, 2007.

VILLA, Marco Antonio. *A Revolução Mexicana (1910-1940)*. São Paulo: Editora Ática S.A, 1993.

VITORINO, Arthur José Renda. *Máquinas e operários. Mudança técnica e sindicalismo gráfico (São Paulo e Rio de Janeiro, 1858-1912)*. São Paulo: Annablume: FAPESP, 2000.

WASSERMAN, Claudia. *Palavra de Presidente*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2002.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura e Sociedade (1780-1950)*. Trad. Leônidas H. B. Hegenberg (et al.). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

WOODCOCK, George. *Os Grandes Escritos Anarquistas*. Trad. Júlia Tettamanzi e Betina Becker. Porto Alegre: L&PM, 1981.

_____. *História das Idéias e Movimentos Anarquistas. Vol.2. O Movimento*. Trad. Júlia Tettamanzi (et al.). Porto Alegre: L&PM, 1984.

WOMACK JR. John. *Zapata y La Revolución Mexicana*. México: Siglo XXI Editores. S.A., 1969.

_____. A Revolução Mexicana, 1910 - 1920. In: BETHELL, Leslie (org). *História da América Latina: de 1870 a 1930*. Trad. Geraldo Gerson de Souza. São Paulo/Brasília: Edusp/Imesp/Funag. Vol V. 2002.p.105-191.

YANKELEVICH, Pablo. Los magonistas en La Protesta. Lecturas rioplatenses del anarquismo en México, 1906-1929. In: *Estudios de Historia Moderna y Contemporánea de Mexico*. México: Instituto de Investigaciones Históricas/Universidad Nacional Autónoma de México, Volumen 19, 1999. p.53-83.

_____. *La revolución mexicana en América Latina. Intereses políticos e itinerarios intelectuales*. México: Instituto Mora, 2003.

ZICMAN, René Barata. História através da imprensa – algumas considerações metodológicas. In: *Projeto História*, nº 4 (História e Historiografia). São Paulo: PUC, 1981.p.89-102.

ANEXOS

Anexo 1: “Os rostos por trás das páginas”

Seguem, abaixo, duas imagens daqueles que estiveram por trás dos jornais estudados ao longo desse trabalho. A primeira foto é da reunião do 1º Congresso da COB, de 1906. Entre esses rostos anônimos, encontram-se alguns indivíduos que escreveram e publicaram diversos jornais operários na Primeira República do Brasil. Na foto a seguir, temos a imagem de Ricardo e Enrique Flores Magón, datada de 1912, quando ambos editavam o *Regeneración* em Los Angeles, Califórnia.



Anexo 2: Imagens da Revolução Mexicana nas páginas operárias

Nas imagens abaixo, encontram-se duas matérias de capa com destaque para a Revolução Mexicana, em *A Guerra Social* e *La Battaglia*.



Abaixo, selecionamos uma parte da capa do *Germinal!*, com uma coluna dedicada ao México revolucionário e, a seguir, um trecho de um artigo de *A Lanterna*.



enguará.
Thomas da Fonseca.

A revolução mexicana

Apesar do quasi absoluto alheísmo dos grandes rotativos a seu respeito, a revolução iniciada em 1906 pelo povo mexicano para a conquista do sua emancipação econômica continúa a sua marcha vigorosa, estendendo-se cada vez mais por todo o território do México.

O Partido Liberal Mexicano, que tem por lema este preceptivo: *Paz, terra e liberdade para todos!*, protege os seus obres extraordinários, aumentando incessantemente as suas fileiras de novos combatentes.

Regeneração, que é o orgulho desse partido, está agora lutando com um preado *deixar* devido á necessidade de fazer enermes tiragens para serem distribuídas pelo povo do México.

Atendendo a um apello recebido do Comité do Partido, o companheiro Feliciano Chana resolveu abrir uma subscrição em favor do citado jornal, iniciando-a com a quantia de 25000.

Todas as pessoas que queiram prestar o seu auxilio á grande causa dos revolucionarios mexicanos, podem dirigir-se ao mencionado companheiro, no largo de S. Bento, no automovel 418, ou na rua Oriente, 113 e tambem á nossa redação.

em: o governo jamais disseram terem sido caças operarios os promotores conscientes duma contra-revolução moarquista!

Por mais embotados que estejamos para as sensações fortes e imprevisas, embora tudo esperemos dos meios jornalisticos e da moral dos politicantes — estas pressões, ainda que sabidas, fazem sempre cair os braços de surpresa e de desânimo. E de nojo tambem, Como! Não se fala o mais fantástico cheque de 30 contos? Não afirmas o governo a existência de «ramificações», não deu como prova o «luxo» das instalações sindicais, o automovel a serviço dos grevistas? Não se fantasiaram violências? Não foi colocada a Casa Sindical — que o governo permite em manter fechada, afirmando que não a restituí, a despeito de tantas e tantas desastrosas liberdades? Não foram presos os militantes sindicallistas e mais de mil grevistas? E a famosa «roca officiosa» afixada pela cidade? E as palavras do governo no parlamento? E as leis de excepção?

Tão desastroso recuo, tão official embora, só serve para marcar melhor o descalabro miseravel do castelo de insinuações e torpezas.

Dize que o governo não quer mais «desfazer-se» da greve por meio duma autmanha — arremessando sobre ella a suspeição, ainda tão eficaz, de maneio contra-revolucionario. Se assim foi, conseqüência a seu fim imediato, en-

roquia.

Apresentava-se o julgamento dos assassinos e a acabar o tempo do serviço, do acasador. b' então que surge o bom casejo ambicionado para a vingança e para a inutilização do tempo.

Entre soldados deu-se uma rixa, a que estalou casualmente Roussel, chegando a intervir para apaziguar. Do conflito talu ferido com uma facada o soldado Benicoll, que veio a morrer no hospital. E Roussel, apesar do seu bom comportamento anterior como soldado, foi dado como suspeito do assassinio e como homem violento e de maas custumas. Acusaram-no companheiros conhecidos pelo seu servelismo e os superiores, pelos hábitos de exploração e delação, um dilico pedicasta, ladro e assassino, cujo o proprio esquecedor de Benicoll!

Em vão o ferido afirmou: não ser Roussel o agressor, em vão o julgamento correu confuso, contradizendo-se as testemunhas entre si em cada portomo, em vão o advogado pôs a na a fábula arquitectada? Roussel foi condenado: e vinte anos de trabalhos forçados e a outros vinte de interdito de residência.

E' contra esta inequidade que se levam o operariado organizado e consciente da França. Os elementos sindicalistas, socialistas e socialistas democraticos desenvolveram um admiravel esforço. Com eles cooperam alguns intellectuais do dretystiano, os desinteressados, os que não vivem

de família, a vendida do seu Deus e de Deus só; mas o animo é apagado, e a resposta dentro da acullita sua alitima para o castigo? Aquella obediência? Como podés tu na assim? E como castigos ainda? Mas que mudar de lado por todas as me degraçado aos e ao caso de elle pílulas, liza alvarar? Fuzgo azules e ao abandono do le, mas via depois Deus, portuculo, ligo bondosamente, sericiss, Dupont, in lo, contraria-lo, solo com uma con familia, occupado estado. São elle nutido contraria-lo pólido pelos ser-palio filio, ano impo. E a desas propriu subreção e oia? quans são que jarnes la T. podés tu viver o a assim? a assim? que tens contraria-lo, o vendelido puelias respelitar as tuas forças e do O mundo é de Deus, não é de lo ta a Deus nada. Ora, minha filha, a segunda luga-filho a filha, pifil e as tuas filhas? E deve iracuna-

Anexo 3: Imagens do Regeneración

Capa da 32ª edição do *Regeneración*, de 08 de abril de 1911, com a primeira matéria sobre a Revolução Mexicana lida pelos operários do Brasil: “MANIFIESTO A los Trabajadores de Todo el Mundo”.



